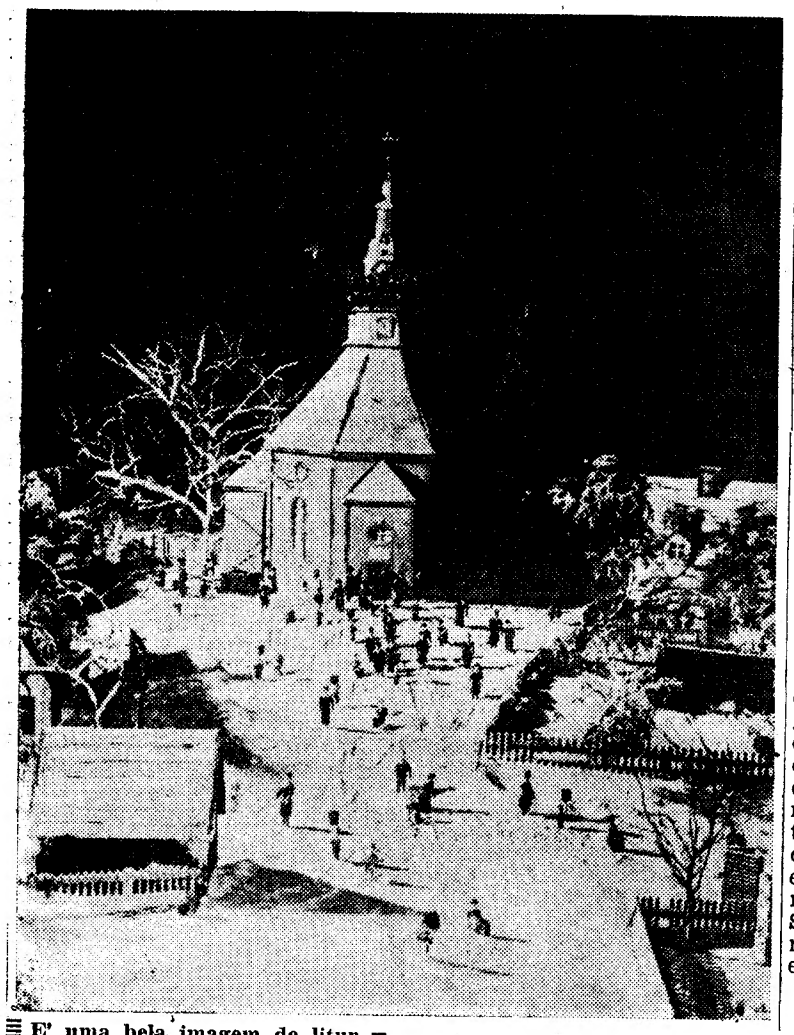
ANO 35.º — SÁBADO, 24 DE DEZEMBRO DE 1955 — N.º 11.873

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS



E' uma bela imagem de liturgia, de graça e de pitoresco, esta do Natal, em qualquer parte do Mundo, onde floresce uma crença e se ajoelha e ora: o templo, a neve, as árvores descarnadas e a estrelinha do Norte, na noite escura do tempo e das almas. Balada triste e fria, uma vez em cada ano o povo sabe revivê-la na doçura do seu amor e na esperança tenra que desponta na forma etérea de um corpo de criança...

Um apelo do Papa

a favor da proibição das armas nucleares e da fiscalização dos armamentos

CIDADE DO VATICANO, 24. — Um apelo a favor da proibição das armas nucleares e da fiscalização dos armamentos, uma nova condenação do Comunismo e uma recomendação instante á Humanidade para que não dê crédito á «superstição» que a leva a basear a sua segurança nos progressos da Ciência e da Técnica — são os principais pontos da mensagem de Natal que o Padre Santo dirigiu ao Mundo.

Falando do problema da paz, «ainda agudo», Pio XII, depois de fazer uma exposição apocalíptica das destruições irreparáveis qua causaria a utilização das armas nucleares, alude ás recentes propostas que tendem a impedir as experiências com as armas nucleares, o emprego destas armas, e a instaurar uma fiscalização dos armamentos. E acrescenta:

«Não hesitamos em afirmar que estas três medidas em conjunto, sendo objecto de um acordo internacional, constituem um dever de consciência dos povos e dos seus governantes. Nós dissemos «estas medidas em conjunto» porque a finalidade da sua obrigação moral é, também, o estabelecimento de uma segurança igual para todos os povos. Se apenas se executasse o primeiro ponto, chegar-se-ia a um estado de coisas que não realiza-

(Continua na 13.ª página)

«Diário de Lisboa»
publica hoje
56 páginas
16 das quais contêm uma novela de
Aquilino Ribeiro
e são paginadas de modo que poderão ser dobradas pelo leitor para com elas se formar um pequeno volume do formato de livro

*

Amanhã, feriado nacional, estão encerrados todos os nossos serviços, não se publicando o «Diário de Lisboa»

*

A todos os nossos leitores, colaboradores e anunciantes endereçamos votos de felizes festas

Nota do dia

Natal

No passado, no presente, e também, igualmente, no futuro, a Humanidade afirma e afirmará que, por maior que seja a sua inquietação, resta-lhe sempre uma esperança a realizar, um ideal a florir e um mundo novo a construir.

O Natal representa uma obra que os avós transmitem aos netos e que, nos maiores triunfos ou nas maiores provações, resta viva e palpitante como um bem que nos alenta e a que nós sacrificamos as nossas maiores ansiedades.

Nós encontramo-nos na Terra como a fonte cuja água limpida tem necessidade de uma renovação permanente: Cristo deu forma, movimento e grandeza ao que, no coração de cada um de nós, era sómente um alvor matutino ou a claridade de um relampago. Desceu do Ceu á Terra, instalou-se nela, tornando claro e palpável o que cada um de nós trazia no seu próprio ser, como pensamento fundamental da sua existência.

Do seu nascimento, brotou, por assim dizer, o nascimento de quantos lhe são fieis. Nele resplandece a luz e o amor que nos guiam e nos indicam o caminho do Bem e da Verdade. No seu berço, uma Mãe—a mãe de todas as mães—embalou as suplicas de todos os que vêm ao Mundo. Em todas as revoluções, nos traabalhos e febres ardentes em que se queima a Humanidade, em busca da perfeição e da idade do ouro, está o Natal perpetuo e divino. Todos nós perdemos o Eden e, para o reencontrar, voltamos ao Natal, como Jesus o concebeu, o realizou e no-lo ensinou. Os povos invocam-no, celebram-no e buscam nele a sua redenção. Quer num segundo, quer, em mil anos, Jesus é o nosso mestre, o nosso guia e a nossa certesa suprema.

DE ALGURES PARA ALGUÉM

Graças a Trás-os-Montes

por JAIME CORTESÃO

Passa-se do Minho a Trás-os-Montes: muda a face da terra e a alma do homem. Tudo se torna adusto e sério. Paira sobre as coisas e os seres uma severa melancolia.

Trás-os-Montes, ao contrário do Minho, está de costas para o Atlantico. Isolada e alta, como uma torre de menagem, tudo em torno é grandeza: dão-lhe a volta o Marão e a serra das Alturas, o Douro e a Espanha.

Um clima violento e de ásperos contrastes reparte-a em Terra Fria *e* Terra Quente. *Nos altos o vento gelado açoita; nos vales fundos um hálito de fogo abrasa. Foi-se o pinheiro bravo, que se amamenta com as brumas do mar. Na* Terra Fria *o carvalho negral, árvore da montanha, domina e atinge porte gigantesco; na* Terra Quente *medram o sobreiro e a amendoeira, próprios das planícies ou das colinas cálidas do Alentejo e Algarve. Pelas encostas, velhos castanheiros torcem-se e esbracejam, soltando frutos eriçados de espinhos. Mas aqui o castanheiro não emerge a custo dos maciços verdes das demais essências, como no Minho. Senhor do espaço, alarga a copa livremente. Tem corpo e vida própria. Há indivíduos castanheiros, nada mais.*

O que vemos agora em frente é uma paisagem grave e sóbria de planalto, que as torrentes rasparam durante milénios de invernadas, em barrancos dramáticos, no coração da penedia. O Cabril, o Corgo, o Tua, o Sabor, são as feridas abertas desse corpo sangrento.

(Continua na 14.ª página)

O Natal impõe tréguas

na batalha diplomática em que o Mundo está empenhado

JERUSALEM, 24 — O Natal dá ensejo a tréguas na batalha diplomática que se trava no Mundo inteiro. E' natural que haja a maior calmaria nas esferas diplomáticas durante estes dias festivos. Acontece que o ponto mais nevrálgico da estabilidade internacional se situa, precisamente, agora, na Terra Santa, que tem sido teatro de incidentes graves, de efusões de sangue e até de operações militares em miniatura. Ora, hoje, Israel e a Jordania esquecem momentaneamente as suas desinteligências para que os peregrinos cumpram os seus deveres com segurança. Em Belém, a hora de recolher foi suprimida e a tradicional Missa do

(Continua na 10.ª página)

VISADO PELA CENSURA

A Espanha na O. N. U.

MADRID, 24 — Em Conselho de Ministros presidido pelo generalíssimo Franco foi nomeado delegado da Espanha na O. N. U. o antigo embaixador em Washington sr. L. Lequerica, passando o observador sr. Price a embaixador em Viena de Austria. — (Efe).

LISBOA—GOA E VOLTA — (6)

A envolvente sedução da India Portuguesa

— do nosso enviado especial
Urbano Tavares Rodrigues

GOA, Dezembro — Não é em três dias que se fica a conhecer esta India Portuguesa fascinadora e complexa, multímoda, lenta, verde, melodiosa...

Não tenho a pretensão de lhe esmerilhar a alma, mas amei-a fisicamente desde o primeiro contacto e talvez nesse abraço espontaneo haja entendido alguma coisa dos seus naturais e do sentimento dos Portugueses metropolitanos que aqui vivem há longo tempo.

A presença portuguesa em Goa, no passado e no presnte, fez-me vibrar, irresistível, emocional, instintivamente. Ao lado dos nossos soldados, que aqui velam pela continuidade de Portugal em Goa, eu sentir-me-ia honrado, feliz, por dar a este solo ardente, se preciso fosse, o sangue que me corre nas veias. Aqui redescobri, não com a mente, que de há muito o sabia,

(Continua na página seguinte)

Foi pedida no Egipto a substituição dos dirigentes do futebol...

CAIRO, 24. — Após a derrota da selecção de futebol egípcia, os clubes «Nacional», «Zamalek» e «Arsenal» pediram ao ministério dos Negócios Sociais que orienta as questões desportivas, a dissolução da Federação Egípcia de Futebol e a substituição dos dirigentes desta, por pessoas competentes.

Todos os jornais egípcios censuram severamente a formação da selecção do Egipto e a insuficiência dos próprios jogadores, no terreno. O jornal oficioso do Governo, o «Al Gumuria» traz na primeira página, uma grande fotografia que mostra os jogadores egípcios protegidos pela Polícia contra a cólera do publico. — (F. P.).

16 mortes em inundações

SAN FRANCISCO (Califórnia), 24.—O balanço das inundações que devastaram o Norte da Califórnia, desde a baía de Monterey até ao Oregon, era, ontem á noite, de 16 mortos, e prejuizos que se elevam a muitas centenas de milhões de dólares. Marysville, cidade de 12.500 habitantes, foi completamente evacuada, com receio de que a cheia dos rios que a cercam possa rebentar com os diques que ainda a contêm. Em Olivehurst e em Linda, mais ao Sul, foram evacuadas 9.000 pessoas. Os rios Eel e Sacramento começaram a baixar, mas no Estado de Nevada, o rio Truckee, que atravessa Reno—a capital do divórcio—subiu rápidamente e inundou os bairros da cidade.—(F. P.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A envolvente sedução da India Portuguesa

(Continuação da pagina anterior)

mas com os nervos, que Portugal não é na verdade europeu, senão verdadeiramente universal.

Outra impressão, em nada discordante, mas diferente, menos aguda, mais extensa, que comigo levarei, é a do encanto envolvente desta terra e desta gente. Terra ubere, agora penetrada de água, após a monção, nos baixios dos arrozais e das salinas, nas ervosas várzeas que se abrem por entre o delírio do verde humido, sensual, em que se entrelaçam as bananeiras, como que pintadas em seda, e as rendadas acácias, e onde, sob o ardor do Sol, junto ás casas revestidas de esteiras, os primários «malxis» cultivam o milho painço e o machinim, as carnes tapadas apenas com o langatim, que lhes passa entre as nádegas e, ás vezes, com um manto de lã ás costas.

Já estive em Margão e em Mormugão e em Goa-a-Velha, de que vos falarei mais tarde. Goa-a-Velha sobranceira e tumular, onde todo o português que o pudesse fazer deveria vir em romagem reconhecer-se ante as portas por onde duas vezes entraram os exércitos de ferro dos conquistadores; ver aquele povo silente de igrejas jesuíticas e barrocas que hoje repousam dos fastos heróicos á sombra das árvores sagradas.

Já percorri os espinhaços dos montes onde a terra é seca e ferruginosa, candente, esgardunhada por um Sol cruel — clareiras quase peladas, em que rebenta a demoníaca figueira. Enfeitiçou-me esta terra de Goa, onde esvoaçam por todo o lado auritrémulas borboletas que se vão poisar nos cruzeiros, desde as montanhas das Novas Conquistas, povoadas de árvores da teca de recortadas folhas e de ramalhudos cajueiros, importados do Brasil, até aos plainos vermelhos de laterite, em que se amodorram casas de taipa cobertas de palha. Mergulhei as minhas mãos no Mandovi e no Zvari. Na espessidão dos bosques, onde ronda ainda o tigre, ouvi o cacarejo da galinhola indiana; vi cruzarem os ares a narceja e a garça real. Serpentes é que não vi. Apontaram-me, ao longe, as serranias de onde descem, raros, os ursos, e em cujas gargantas, nos ribeirões, vivem séculos os fétidos crocodilos.

Uma camponesa do território de Goa

Goa não oferece, tanto quanto pude observar, espectáculos impressionantes de miséria, ainda que o viver de muitos dos seus habitantes, como as bonguinas e os pescadores ou as bailadeiras dos «coqueiros», seja primitivo.

Os cristãos, descendentes ou conversos, que representam 40% da população, são portugueses de todo o coração e amiude, como é timbre de neófitos e de elites ultramarinas, excedem os próprios continentais em zelo patriótico e devoção religiosa.

A minha simpatia por esta doce, emoliente terra de Goa abraça, porém, todos os outros: os afgãs e os mouros trigueiros, vindos do Golfo Pérsico, de olhar imprescrutável, os véus a baterem-lhes a nuca, numa expressão de ousio, outrora inimigos, agora ao nosso lado; os próprios indus, que ascendem aos mais altos cargos e que em geral, mas nem sempre, nos são afectos. Por estas ruas de Goa, nas praças e no mercado, nas lojas, os tenho cruzado e com eles cheguei á fala. Tal como os cristãos, muitos indus, funcionários, andam de fato branco, á europeia, e de capacete colonial, outros ainda com o seu «topi» na cabeça, apertados nas casaquetas e nos «puvdens», que lhes emprestam uma vaga sugestão de sabedoria contemplativa e de gozoza abdicação. São, no entanto, persistentes e muitos deles, apaixonados pelas coisas do espírito, repartem os seus lazeres entre os ultimos frutos da cultura ocidental e a velha poesia marata. Com frequencia, falam correntemente o português, o inglês e o concanim. E' uma gente fascinante, tarda, secreta, amável, melíflua, ás vezes um pouco dubia. As mulheres bramanes saem menos que os homens e as casadas práticamente nunca. Tenho-as visto apenas nos alpendres destas casas de Nova-Goa, de colunas de madeira lavrada, enroladas nos seus pitambares de seda e brocado ou nos chandracalás carmesins que lhes moldam as formas ondulosas, o longo cabelo oleoso enfeitado com grinaldas de mogarim, caricioso e honesto o olhar, humido como o das vacas que veneram — ainda que o agnosticismo se vá entranhando no meio — na testa a pinta de beleza escarlate ou negra que só as viuvas não podem ostentar. Enclausuradas em casa, estas mulheres bramanes cantam, bailam, pintam para os maridos que lhes são impostos logo aos dezassete ou dezoito anos. A sua religião, voltada para as coisas terrenas, considera o prazer, dentro da mesura, como um objectivo. Da harmonia, do equilibrio, da vida terrestre, decorre a recompensa eterna. Há muito de imoral e revoltante, que fere a nossa sensibilidade ocidental, no conceito aristocrático das castas, que subsiste, para além da acção portuguesa, no mundo inviolável das relações desta gente entre si. Uma poesia de clã, antiga, delicada, erótica, desprende-se, todavia, do seu viver. Em muitas lojas de Pangim, apreçando «saris» e gargantilhas, vi expostas, em pequenas prateleiras, torneados, hieráticos, ídolos de marfim: a deusa Siva dançante, e a reflexiva Sarasvasti, a Minerva indu, deusa da sabedoria, que é representada com quatro braços, símbolo do Poder, e tangendo o «sarangui», uma espécie de viola, de longo colo preguiçoso.

As mulheres sudras, essas, andam pelas ruas, de bilhas e cestos á cabeça, envoltas nos seus «saris» cor de turquesa, de violeta e de heliotrópico, mais escuras que as bramanes, mas pisando com tanta graça como as gregas de Alexandria. Algumas, assim como as cristãs, que ás vezes vestem tabaias, empunham enormes guarda-chuvas, ou os seus típicos «satlis», para se abrigarem do Sol.

Que nem toda esta gente nos seja afeiçoada, ainda que a grande, a esmagadora maioria esteja connosco, é possível. Tal não me parece razão para odiarmos os que menos nos entendem. Que deles nos defendamos e defendamos os nossos amigos leais, que muitos são, isso sim, é que é diferente. Por isso também me alegrou verificar o aprumo dos soldados portugueses, que tenho visto, sorridentes e ordeiros, nas ruas e nas estradas. Visitei uma força aquartelada no convento de Santa Mónica, de maravilhosos frescos delidos pelo tempo. Tanto quanto pude ajuizar, não surgem incidentes de nenhuma natureza entre as nossas tropas disciplinadas e a população goesa. Nem os herculeos landins, naturalmente mais frustes, ocasionam conflitos ou disturbios. Rapagões azambrados de Trás-os-Montes, toscos e viris como a rocha e a torga das suas serras, grossos e entroncados pegureiros beirões, minhotos humildes e galhofeiros, lépidos estremenhos maliciosos, esveltos e aquilinos alentejanos meditativos, todos eles, soldados de Portugal, aqui estão, na brecha, dispostos a lutar ao Sol pela Pátria e a morrer, se lhes couber em sorte, no caminho da honra. E não levam na boca o ódio nem o insulto, incompatíveis com o verdadeiro valor.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Farinhas

A Mariazinha vende as farinhas de:

	c/ quilo
Alimento — Com açucar...	16$00
Amido, de Milho	12$00
de Arroz	10$00
de Aveia	16$00
Aveiacau Fernandita—Com açucar	20$00
de Cevada, torrada	8$00
Duas Pombas — Com açucar	18$00
de Fava, torrada	8$00
Favacau	12$00
de Fécula de Batata, Especial	12$00
de Flocos de Aveia, do Canadá	11$00
de Milho, torrada	8$00
de Tapioca, Especial, fina...	14$00
de Trigo, torrada...	8$80

Só as farinhas recentes e bem preparadas possuem, intactas, as suas boas qualidades.

Das farinhas em pacotes, espalhadas por toda a parte, nunca se sabe a idade e o estado.

A Mariazinha

LISBOA — Rua Barros Queirós, 28

PORTO — Rua de Santo Ildefonso, 415

HAVAS

Ter naturalidade é uma verdadeira arte

Porque o homem acima da média distingue nitidamente a beleza «artificial» do encanto natural, uma mulher que preza o seu aspecto nunca se contentará com um simples «make-up» exterior. O rejuvenescimento interno da pele tem de completar o uso do pó de arroz e do carmim. As mulheres que conhecem esta necessidade e apreciam o valor do rejuvenescimento interno da pele, e pretendem uma garantia para o efeito duradoiro do seu tratamento de beleza pedem VITAMOL porque a Vitamina F contida no Creme VITAMOL reanima a pele cansada, lenta mas progressivamente.

Vitamol

O TRATAMENTO DE BELEZA GARANTIDO PELA CIÊNCIA

CREME NUTRITIVO
(Tubo azul) excelente aderente para o pó de arroz
(Tubo verde) rejuvenesce a pele durante a noite

Distribuidores exclusivos em Portugal e Ultramar:
JULES DELIGANT, LDA.
Rua da Assunção, 88-2.º - LISBOA

PORTO DA SILVA
O PORTO... DOS ENTENDIDOS
REPRESENTANTES ADELINO & LOPES, L.da 8, LARGO DA TRINDADE, 9 - Tel. 21260 LISBOA

FERROS ARTÍSTICOS
Serralharia Artistica
Vicente Joaquim Esteves
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO
João Luís Esteves

86—R. das Amoreiras—96
T. 42340
(Novas instalações em construção na R. de Campolide, 181-181-A-181-B)
LISBOA PORTUGAL

LAGOSTAS

A PARISIENSE E AO NATURAL E OUTRAS VARIEDADES DE MARISCOS

Marta

Encomendas pelo Telef. 53448 e P. B. X. 41583

O JOGO DE ONTEM NO CAIRO

Uma grande exibição da equipa lusitana

Crónica de TAVARES DA SILVA

CAIRO, 23.—A vitória sobre o Egipto não foi obtida por sorte. Ainda que comparassemos a acção da turma nacional com a de outra equipa de futebol mais evoluido, teriamos de atingir a mesma conclusão que se extrai da partida de hoje. O «team» realizou uma grande, uma primorosa, exibição de conjunto, evidenciando ainda, algumas das suas peças, nível técnico de boa bitola.

Relativamente ao jogo de Istambul, houve no Cairo um pormenor importante, que importa salientar: o estado do terreno. O campo da capital egipcia tem pouca relva, mas apresentava-se seco, permitindo, assim, uma movimentação mais ligeira e rápida de todo o grupo.

A opinião geral acerca do jogo, no sector egipcio, situa-nos numa posição que, devendo ser considerada exagerada, reflecte a soberba impressão que o nosso onze deixou no Cairo. Evidentemente que ao dizer-se que mostramos mais perfeição do que os Hungaros e Russos, há muito exagero, a traduzir, afinal, e no fundo, a má opinião formulada acerca da turma local.

Não há duvida, pois, de que este triunfo, tendo chegado em boa altura, repôs a verdade do nosso futebol, para muitos abalada pelo revés da Turquia...

Jogou-se ao ataque

Orientamos o «team» no sentido do ataque, conjugando todos os sectores, de modo que dele se extraisse o mais completo rendimento. Não retiramos nenhuma pedra da linha avançada e, no entanto, tudo saiu perfeito, espontaneo e certo.

No primeiro tempo, exceptuando um breve período de reacção dos adversários, dominamos abertamente, claramente, numa manobra global que perturbou a defensiva contrária. Tendo-se alcançado o dominio do centro do terreno, os lances de ataque desenvolviam-se indistintamente pelas duas alas, ora descendo pela direita, ora pela esquerda, lançando a confusão nos Egipcios. Estes, que pareciam não ter duvidas sobre a vitória—que só a eles devia sorrir...—viam, afinal, que as coisas se passavam de maneira totalmente oposta. O jogo, tal como estava a decorrer, representava o reverso da medalha por eles idealizado...

O «team» luso, em constante movimento, atacava em massa, em sucessivas avalanches, dava, todavia, a noção de um harmónio. Tão depressa havia sete homens na defesa como logo apareciam sete homens no ataque. A equipa, deste modo, abria-se e fechava-se em lances sincronizados, que saíam envolventes e perturbadores.

Sentindo a defesa impenetrável, o ataque desenvolveu-se com gosto e interesse dos jogadores, que pareciam recrear-se com as trocas de bola, embora procurando sempre tornar-se incisivos, assim criando belas oportunidades de golo. Duas ou três situações foram perdidas por um Águas algo nervoso em frente das balizas, como não é seu hábito. Por isso resolvemos a troca dele com Martins e desde logo a linha avançada nacional ganhou mais poder de penetração, mais sentido ofensivo. A permuta, proveitosa como foi, tornou ainda possível jogo mais ligado dos Portugueses, ao mesmo tempo que proporcionava aos elementos mais hábeis patentearem a sua valia. Matateu, no seu estilo característico, dava invulgar força ao ataque lusitano, actuando todo este com simplicidade, caminhando fácilmente para as balizas egipcias.

Os golos eram inevitáveis...

Adivinhava-se que os golos tinham de aparecer, eram inevitáveis, como reflexo da nossa evidente supremacia. Irresistívelmente duas bolas chegaram. Águas marcou a primeira aos trinta e três minutos e Matateu a segunda aos trinta e sete. Os Egipcios ficaram perturbados, confusos, e aos quarenta e três minutos Matateu elevou o «score» para 3-0, com um chuto que parecia um «tiro», batendo a bola na barriga de um adversário e tomando o rumo das redes.

A partir deste momento, o jogo ganhou ainda maior capacidade por parte dos Portugueses. A manobra dos defesas, integrando-se na função ofensiva, conjugava-se com a manobra dos avançados, especialmente dos interiores, colaborando na ofensiva. A equipa era um bloco homonegeo, integrando-se no sistema de W M dos egipcios, revelando excelente harmonia de movimentos. Não se verificava uma falha no conjunto e as reacções dos Egipcios eram prontamente sufocadas pela colocação e actuação rápida dos Portugueses. Aos cortes de jogo sucediam-se imediatamente lances atacantes e não seria exagero que na primeira parte o resultado fosse ainda mais expressivo.

O publico, surpreendido, manifestou-se hostilmente contra a sua própria equipa, arremessando garrafas para o campo e vaiando o seleccionador. Um espectáculo a que nunca haviamos assistido e que nos revelou como os Egipcios acreditavam cegamente no seu triunfo... A reacção, porém, não ficou por ali. A assistência aplaudiu calorosamente o «team» português!

As razões das substituições

Para a segunda parte, os Egipcios substituiram o defesa-direito e o interior-esquerdo. Na selecção lusa, saiu Passos, por se ressentir de um ataque de gripe—e só por isso!—, derivando Graça para defesa-central e entrando Angelo para o lugar deste.

Neste segundo período, os Egipcios tiveram ensejo de demonstrar que são adversários muito perigosos em casa. Entraram a jogar com extraordinário ímpeto, numa troca de passes que obrigava a defesa de Portugal a aturado trabalho. Nesta difícil emergência valeu-nos a acção gigantesca de Costa Pereira e, porque o não dizer?, um pedaço de sorte... A sorte que se nos negou na Turquia, em boa verdade.

Não obstante o ataque maciço dos Egipcios, a equipa lusitana nunca se desorganizou. Moralizada por uma diferença de golos apreciável e dificilmente anulável, a defesa, bem apoiada pelos outros jogadores, cobria muito bem o terreno, forjando contra-ataques que voltaram a sobressaltar e afligir os Egipcios. O grupo local teve, não há que o negar, algumas fases de dominio territorial, mas obrigados a correr mercê da nossa táctica de movimentação, os jogadores Egipcios acabaram por ceder, exaustos e desiludidos.

Tal como já se verificara na primeira parte, a troca Águas-Martins deu mais flexibilidade á linha avançada lusitana, tornando-a mais directa e desenvolta. Entretanto, o nosso grupo entrou, inteligentemente, numa toada de retenção da bola, endossando-a de unidade para unidade, com vagar, mas simultaneamente num ritmo que mais extenuava os adversários. Os esforços desesperados destes não davam, agora, a menor sensação de perigo, muito embora o nosso sector atacante facilitasse a acção contrária. Acusando fadiga, os dianteiros lusos não perseguiam devidamente os Egipcios e o peso do jogo tombou todo sobre a nossa defesa. Mas, no ultimo minuto, um passe luminoso em profundidade de Germano a Águas, facultou a este um galope para as redes e um pontapé que fixou a resultado e vingou expressivamente a derrota de Amesterdão, há vinte e sete anos, nos Jogos Olimpicos de 1928.

Preparação insuficiente

O 4-0 obtido no campo do adversário exprimiu bem a nossa superioridade sobre o conjunto do Egipto. Mas anotemos que, na segunda parte, o «team» português decaiu, o que já se observara em Istambul. Isto é, evidentemente, indicio de falta de preparação, de preparação insuficiente para hora e meia de jogo vivo.

Os Egipcios, reafirmemos, não são maus jogadores. Talvez o excesso de confiança, bem reflectido na lamentável atitude do publico, os haja a certa altura inferiorizado. Mas o que, acima de tudo, ficou a prevalecer foi a ideia de melhor organização da nossa equipa e a existência, nela, de valores individuais que suplantava o dos Egipcios.

O médio-direiro Hamza, o extremo Gelim e o interior-direito Dizwi, evidenciaram-se no conjunto do Egipto.

Costa Pereira, o melhor de todos

A vitória de Portugal não oferece a menor contestação. O resultado exprime bem, repetimos, uma supremacia que nunca foi contrariada pelos nossos adversários, mesmo quando o Egipto conseguiu alguns momentos de ataque.

Se em conjunto o «team» luso fez juz a elogios, individualmente houve um jogador que se elevou ao mais alto nível. Foi Costa Pereira, o guarda-redes, que realizou a sua melhor exibição no plano internacional. Realizou grandes defesas, tapando todos os angulos com audácia e valentia, saindo com decisão e oportunidade.

Virgilio também esteve excelente, antecipando-se bem aos adversários, com energia, não perdendo um lance sequer. Passos jogou com segurança, impondo a sua presença. O seu gesto, ao intervalo, denunciando que não estava em condições de continuar, merece realce, é de enaltecer realmente. Graça

Costa Pereira, cuja exibição unanimemente foi classificada como a mais brilhante dos 22 homens em campo

revelou a sua boa forma actual nos dois lugares em que jogou, podendo dizer-se, sem exagero, que foi um óptimo elemento. Angelo realizou esplendidos cortes.

Caiado e Pedroto, ágeis, resolutos, muito activos, constituiram a «es-

(Continua na 14.ª página)

PROVAS DA A. F. L.

O campeonato de juniores da 1.ª Divisão prossegue amanhã

A A. F. L. suspende quase totalmente a sua actividade no dia de Natal. Das várias provas que estão em curso, só o campeonato de juniores da 1.ª Divisão não sofre interrupção, pois estão marcados os dois jogos da terceira jornada da 2.ª fase, terminando assim a primeira volta.

O Benfica recebe o Belenenses, no seu estádio da Luz, e o Cascalheira joga contra o Vialonga, no seu campo da Aliança, sendo os dois desafios, ás 10 e 30 horas.

O resto da actividade limita-se a dois jogos em atraso: o Belenenses-1.º de Dezembro, em aspirantes, nas Salésias, ás 9 horas e o Águia Vilaf-Futebol Benfica, do campeonato da 1.ª Divisão, em Vila Franca, ás 15 horas.

O Tirsense-Boavista disputa-se amanhã

O unico jogo em atraso do grupo Norte do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão—o Tirsense-Boavista, que não se efectuou no ultimo domingo, por o jogador Barbosa, do Boavista, ter sido seleccionado para a equipa B de Portugal—disputa-se amanhã, ás 15 horas, no campo «Abel Figueiredo» e será dirigido pelo árbitro J. Correia da Costa.

LAPPALAINEN

Campeão de Ginástica da Escandinávia

Em Copenhague, realizou-se o Campeonato Nórdico de Ginástica, que agrupou a Dinamarca, Noruega, Finlandia e Suécia.

A classificação dos cinco primeiros, após magnífica luta e excelente espectáculo, ficou assim elaborada:

1.º, Lappalainen (Finl.), 57,60; 2.º, Leimuvirta (Finl.), 56,80; 3.º, Cromsted (Suécia), 56,75; 4.º, Toikka (Finl.), 56; 5.º, Groenne (Din.), 55,90.

Por equipas, superioridade nítida da Finlandia.

FUTEBOL

Kubala demitido de capitão do Barcelona

BARCELONA, 24—A direcção do Barcelona demitiu Kubala do cargo de capitão da equipa por ter abandonado o local da concentração antes do encontro com o Atlético de Bilbau e ter estado em «cabarets» da cidade até altas horas da madrugada.—(Efe).

CEIA
DO
FIM DO ANO
EM
OFIR
com uma boa orquestra
Marcações pelo telefone 89323 Ofir ou na Agência de Viagens Intercontinental, Rua Ramalho Ortigão, 8—Porto—Tel. 20235.
TRAJE Á VONTADE

Uma figura de Saxe
é um presente que permanece na lembrança, se for adquirido nas
ARTES DECORATIVAS
RUA DO OURO, 280-284
Av. Guerra Junqueiro, 23-B.

GILBERT BÉCAUD
O MAIOR NOME DA CANÇÃO FRANCESA
no CASINO ESTORIL
nos dias 30 e 31 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro
4 UNICOS ESPECTACULOS

Grande Feira de Inverno
Prosseguindo na sua campanha de sim patia, que tão gentilmente tem sido correspondida pelos seus estimados Clientes, apresenta as ultimas novidades do seu fabrico em: malha a metro com 1,20 a 45$00, 50$00, 60$00 e 65$00; casacos, blusas, «kimones», tunicas, «echarpes», combinações, camisas, pijamas, gravatas, gabardines, meias, peugas, etc., a preços de fábrica.
Brindes: oferecemos interessantes brindes a todos os clientes durante as festas.
GRANDE FEIRA DE INVERNO
Rua da Trindade 1 (ao Largo do Carmo) — Telef. 21311

PARA OFERECER
Encontra graciosa colecção de novidades de Confeitaria Portuguesa, Suíça, Holandesa, Francesa e Inglesa na
Smarta
Telef. 41583-45775-53448

BICO DOURADO
SALÃO DE CHA—BOITE DE NUIT
(Adultos)
Um êxito
NATI SIMAL
A canconetista que o público aplaude com entusiasmo

Associação dos Inquilinos Lisbonenses
Largo do Intendente Pina Manique, n.º 52, 1.º-Dt.—Lisboa
Telefone 41.020
A Direcção desta Cooperativa apresenta a todos os inquilinos de Portugal e, em especial, aos seus numerosos associados os seus melhores cumprimentos de Boas-Festas e votos de próspero e feliz Ano Novo.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A companhia brasileira dos artistas Gilda de Abreu e Vicente Celestino pretende realizar uma digressão a Portugal no próximo ano.

—A peça musicada, ainda sem título original de Amadeu do Vale e Anibal Nazaré, deve entrar em ensaios, no Teatro Maria Vitória a 15 de Janeiro.

—Vindo do Rio de Janeiro, chegou ontem a Lisboa, no paquete «Vera Cruz», o empresário Joaquim Lino.

—Por o actor João Villaret não se encontrar melhor do acidente sofrido anteontem no Teatro Variedades, não se pôde realizar ontem o espectáculo naquele teatro.

—As figuras de «Boletineiro», «Xico», «Zé do centenário», «Natal do pião», «D. Juan» e «Jacinto», do «show» «Haja csaude», que vai ser estreado no Teatro ABC, vão ser desempenhadas pelo actor Emílio Correia.

—Em fins da próxima semana, segue para Madrid o ensaiador Paulo José, que vai orientar a parte coregráfica da opereta «O Passarinho da Ribeira», em ensaios no Teatro Fuencarral.

—Encontra-se já entre nós o empresário do Circo Price, de Madrid, D. Juan Carcellé.

—Continua a experimentar melhoras o actor José Gamboa.

—A companhia de revistas dirigida pelo actor Carlos Coelho deve realizar os últimos espectáculos da sua digressão por Angola no dia 1 de Janeiro.

—Há negociações em curso, para que a actriz Mirita Casimiro possa continuar no elenco da companhia feminina de revistas, na sua digressão á Província.

— No «Angola», chegou a cantadeira Maria Pereira, que regressou da sua digressão por Africa.

O «Reveillon»

no São Luiz

Pela primeira vez, o São Luiz vai comemorar a passagem de ano. Verdadeiro acontecimento artistico e mundano, cujo interesse se pode medir pela afluência de publico á bilheteira do elegante cinema do Chiado. O programa foi organizado a primor. Na tela, teremos «Nana» o deslumbrante filme francês com Martine Carol, Charles Boyer e Walter Chiari, esplendorosa realização a cores de Christian Jaque. E de madrugada será exibido o filme «Fácil de Amar», com Esther Williams e Van Johnson, e que foi, o ano passado, o maior êxito musisal da M. G. M. Dançar-se-á, durante toda a noite, até de madrugada no Salão de Festas e no *Foyer*, ao som das orquestras de Julio Cassagne e «Os Rapazes do Ritmo». No palco, o São Luiz apresentará Simone Deby, vedeta belga da canção. Em resumo: um grande e magnifico programa, organizado com o cuidado e o bom gosto de todas as realizações do São Luiz.

Vespera de Natal

no Coliseu. Ao apoteótico espectáculo podem assistir esta noite as crianças. As estranhas maravilhas do Mundo, na grande Companhia do Natal. Amanhã duas «matinées»

Hoje, véspera do Natal, as crianças dos 6 anos em diante podem ir á noite ao Coliseu. E' o melhor espectáculo de alegria que lhes podem dar! Verão a nova gigantesca

(Continua na 6.ª página)

Mariemma

no Monumental

Mariemma apresenta esta noite, no Monumental, pela primeira vez em Portugal, o seu «Ballet España», Prémio de Coregrafia em 1955, com peças de Albéniz, Falla, Granados, Turina e Guridi, sob a direcção musical de Enrique Luzuriaga

AVENIDA

A's 21,30 (13 anos)
(Em ultimas representações)
O GRANDE
ACONTECIMENTO TEATRAL
JOANA D'ARC
com EUNICE, ALVES DA CUNHA, MADALENA, GAMBOA e BENAMOR
Amanhã, espectáculo ás 15 h.

Café Ribatejano
«REVEILLON»
RUA DOS ANJOS, 13-C
TELEF. 41706

A SEVERA
RESTAURANTE TÍPICO
DE GRANDE AMBIENTE
RUA DAS GAVEAS — TEL. 34006
LISBOA
Reservam-se mesas
para hoje e amanhã
e para a noite
do Fim do Ano
Fados por:
ISAURA GONÇALVES
A castiça cantadeira da geração moderna
QUINITA GOMES
A consagrada intérprete do fado antigo
BEATRIZ FRAGOSO
Uma jovem que se impôs no fado canção
GABINO FERREIRA
Apreciado intérprete do tango «Mano-a-mano»
JOSÉ BORGES
A voz romantica do fado
Acompanhados pelos distintos artistas
ACÁCIO GOMES
e ORLANDO SILVA
BOA COZINHA A' PORTUGUESA dirigida por MARIA JOSE' (rainha do paladar)
(ADULTOS)

Amanhã Amanhã
TEATRO VARIEDADES
TRÊS GRANDES ESPECTACULOS DE NATAL: ás 16 horas, 20,45 e 22,45 (adultos)
Ultimas e irrevogáveis representações da super-fantasia
Melodias de Lisboa
Alegre! Dinamica! Luxuosa! Lindas raparigas em desfile!
Um grande elenco com: LAURA ALVES, JOÃO VILLARET, ASSIS PACHECO, MIMI GASPAR, CARLOS ALVES, CAMILO DE OLIVEIRA, RAUL SOLNADO, MARIA LUIZETTE, CARMO CANAS e muitos outros artistas
N. B. — A realização destes três espectáculos só é possivel devido ao brio profissional de João Villaret, o qual, tendo melhorado do acidente sofrido há dias, se prontificou imediatamente a reaparecr. O empresário Vasco Morgado testemunha-lhe, publicamente, o seu agradecimento.

ESTREIA Ás 21.45 (MAIORES DE 13 ANOS)
TEATRO MONUMENTAL
DEZ UNICOS DIAS
IV ANIVERSÁRIO
VASCO MORGADO
TEM A HONRA DE APRESENTAR
MARIEMMA
e o seu «BALLET DE ESPAÑA»
COM
JUAN MORILLA
PEPITA REYES, MARIA GLORIA, INÉS DE JUAN, JUAN MARIA ASTIGARRAGA, PACO FERNANDEZ, MANUEL POZO, Mercedes Ruiz, Carmen Sevil, Eulalia Vargas, Pedro Fernandez, Juanele de Vargas, Angel Peralta e Luís Palacios
«CANTAOR»: MANOLO VARGAS — GUITARRISTA: PACO DE LA ISLA — CONTRALTO: MARIA TERESA ESTREMERA
DIRECÇÃO MUSICAL E DE ORQUESTRA
ENRIQUE LUZURIAGA
AMANHÃ:
Dois grandes espectáculos de NATAL
À TARDE às 16 horas
À NOITE às 21,45
— Às 18,30 —
A lindissima fantasia infantil
AÍ VÊM OS PALHAÇOS
Um alegre Natal para as crianças

«REVEILLON» 1955-56
RESTAURANTE
SOLAR DAS CABANAS
Estrada do Desvio, 2—Lumiar
Telef. 779525
A Direcção desta casa pede o favor á sua Ex.ma clientela, reservar mesas quanto antes, dada a sua afluencia de pedidos.
DIA DE NATAL
Serviços especiais de almoços e jantares.
A gerência
AUGUSTO GUERREIRO

CASINO ESTORIL
HOJE — NOITE DA MODA
A GRANDE ORQUESTRA SUL-AMERICANA DE LORENZO GONZALEZ
e os conjuntos musicais MARIO SIMÕES e OLIVER
No SALÃO RESTAURANTE: desde as 20,30
Serviço de jantares Esc. 45$00
AMANHÃ — DOMINGO
«Chá-Dançante» e Jantar do Natal com menú especial
(ADULTOS)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Hoje, ás 21.30 e amanhã, ás 22 (13 anos)
A tão discutida peça de Joaquim Calvo Sotelo, tradução de Francisco Marques dos Santos
A MURALHA
Amanhã, domingo, ás 3 e ás 5 horas da tarde
ESPECTACULOS COM TEATRO DE BONIFRATES

Alice Magina

LUSO
T. da Queimada 8-A — Tel. 32889
(Para adultos)
Hoje (até de madrugada) Fados e Canções por Alice Magina, Joaquim Silveirinha, Isaura A. de Carvalho, Fausto Ribeiro, Natalina Proença e o campeão da alegria Manuel Fogalho.
Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. E ainda a estreia da Desgarrada «Natal Português».—ATENÇÃO: Amanhã, Grandiosa «Matinée» com entrada permitida a menores, autorizada pela Ex.ma Inspecção dos Espectáculos.

MARCIA CONDESSA
PRAÇA DA ALEGRIA, 38 — Telef. 367093
HOJE: Noite de Consoada — AMANHÃ: jantar do Natal
FIM DO ANO — GRANDE REVEILLON
Marcam-se mesas ADULTOS

Monte Carlo
«REVEILLON»
Av. Fontes Pereira de Melo, 41-C Tele one 44789

VIELA
O restaurante mais típico da capital
RUA DAS TAIPAS, 14—Tel. 27256
TODAS AS NOITES
Bons fados, boas comidas e bons vinhos.
A gerencia deseja a todos os estimados clientes BOAS FESTAS e um ANO NOVO FELIZ.
Marque a sua mesa para o REVEILLON de 1956.
NOVA GERENCIA (Adultos)

Oiça amanhã

EM

Rádio Clube Português ás 16,45 horas; Rádio Graça, ás 21,25; Rádio Porto, ás 19,15; e Rádio Ribatejo ás 11

O PROGRAMA ESPECIAL DO **NATAL** APRESENTADO PELA

ROBBIALAC PORTUGUESA

●

«A GRUTA DE BELEM»

Episódio histórico sobre o nascimento do Redentor

Interpretação de: **Manuel Correia, António Palma, Mário Sargedas, Manuel Lereno, Dulce de Oliveira, Jaime Santos e António Sarmento**

●

«FELIZ NATAL»

UM FADO POR

MARIA PEREIRA

Empresa «Azinhal Abelho» subsidiada pelo Fundo do Teatro

HOJE, ÀS 21 e 30 HORAS

As Três Irmãs de TCHEKOV

UMA PEÇA QUE EXIGE AO ESPECTADOR SENSIBILIDADE E INTELIGENCIA!

Preços: de 3$50 a 35$00

AMANHÃ, ás 15 e 30 e ás 21 e 30 h.

Adultos Trindade—Telef. 20000

As peles em cena são da MARTINHO, LD.ª e o guarda-roupa executado na CASA PIEMONTE

Com: **Maria Lalande, Cecilia Guimarães, Fernanda Montemor, Josefina Silva, Constança Navarro, Samwell Dinis, Jacinto Ramos, Joaquim Rosa, Salles Ribeiro, Alves da Costa, Augusto de Figueiredo, Carlos Duarte, Maria Albergaria, Luis Cerqueira e Beja Filipe.**

(ordem de entrada em cena).

*

Os temas do drama: Diz uma personagem: «Daqui a 20 ou 25 anos, todos os homens hão de trabalhar. Todos os homens sem excepção».

FILMITALUS

CENTRO DO CINEMA ITALIANO EM PORTUGAL

APRESENTA

O GRANDE FILME

DA

EPOCA

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

com

CHARLES BOYER

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

com

MARTINE CAROL

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

com

WALTER CHIARI

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

com

ELISA CEGANI

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

EXTRAIDO DO AFAMADO ROMANCE DE

EMILIO ZOLA

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

A HISTÓRIA DRAMÁTICA DIVERTIDA E PICANTE DA SEDUTORA PARISIENSE

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

SOBERBAMENTE INTERPRETADA POR

MARTINE CAROL

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

Uma grande realização de

CRISTIAN JAQUE

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

UMA SUPER-PRODUÇÃO FRANCO-ITALIANA EASTMANCOLOR

ROITFELD-VALLE

NANA

Paraiso e Inferno dos homens

O maior êxito da época

grandiosa estreia

SÃO LUIZ

ALVALADE

(ADULTOS)

PALLADIUM

AV. DA LIBERDADE, I - TEL. 28395

SENSACIONAL NOITE DO FIM DO ANO

"REVEILLON"

BAILE ATE' DE MADRUGADA COM UMA NOTAVEL ORQUESTRA

CEIA ESPECIAL

LEIAM «O SEMPRE FIXE»

GRANDE REVEILLON NAS BELAS ARTES com ATRACÇÕES

nacionais
Alberto Ribeiro
Maria Amélia Marques
Carlos Fernando
Maria Adelaide
António Alvarinho
Lilia Martins
Alberto Ramos
Maria Alice
Rogério Piçarra

e

estrangeiras
Nico Ferry
o grande fantasista americano
Angelines Raso
bailarina
Melita Martin
crooner
Hermanos Heredia
bailarinos
Ballet Maruja Herrero
Trio Cliper
bailarinos-acrobatas

3 — ORQUESTRAS — 3

musica até de manhã — milhares de brindes

ELEIÇÃO DA RAINHA DA NOITE

Organização da Festa da Rádio

marque a sua mesa pelo telefone

72 79 77

O MELHOR BRINDE DO NATAL

É IR AO

MARIA VITÓRIA

ONDE

SALVADOR

APRESENTA

Em 2 sessões: ás 20,30 e 22,45 e amanhã, á tarde, ás 16 horas, a alegre revista popular

FESTA E' FESTA!

(ADULTOS)

Empresas «Eugénio Salvador e Rui Martins» e «Giuseppe Bastos»

Ceias toda a noite no salão rustico com uma orquestra típica

●

ATENÇÃO

Marque hoje mesmo pelo Tel. 25140 a sua mesa para o tradicional

REVEILLON

A maior festa de Lisboa

RITZ CLUB

R. da Glória, 57—Tel. 25140 (Adultos)

GRANDIOSO ÊXITO DAS 2 ESTREIAS

Lolita Sanchez — Pilarim Pardo

Encantadoras vedetas de music-hall

Num formidável programa com

FREGOLIM

O rei dos ventriloquos com suas «marionetes» e a «partenaire» **MISS MAREO**

A' FRENTE DE UM COLOSSAL ELENCO DE OURO COM A

Orquestra Almeida Cruz

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27172 — (13 anos)
15,15-18,15-21,30 — O grande filme do Natal
O Sapatinho de Cristal
Musica, canções e bailados com a vedeta LESLIE CARON

EDEN — TEL. 20768 — (Para 13 anos) — COLORIDO
15,15 e 21 horas em ponto — **Em 2.ª semana**
O mais faustoso, imponente e vibrante filme.
NAPOLEÃO

IMPERIO — PLATEIA 55134 — BALCÕES 55135
A's 18,15 e 21,30: **2.ª semana** da colossal produção em **Cinemascope**
TERRA DOS FARAÓS
com **Joan Collins, Jack Hawkins e Sidney Chaplin**
e (13 anos)

MONUMENTAL — TEL. 55131
A's 18,15 e 21,30: A ultima maravilha de WALT DISNEY
A DAMA E O VAGABUNDO
Falado em Português — CINEMASCOPE — Technicolor
A' tarde: MAIORES DE 6 ANOS. A' noite: 13 ANOS.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 64153 — (13 anos)
A's 21 horas
VENENO DE COBRA
c/ **Humphrey Bogart - Aldo Ray e Peter Ustinov**
em VISTAVISION

RESTELO — Tel. 610375
As 21,15 (13 anos) A emocionante superprodução em cinemascope
Estes homens são perigosos
com **Kirk Douglas, Bella Darvi e Gilbert Roland**

ROYAL — T. 845037
A's 21,15 (18 anos) **O notável e vibrante filme passional**
CINCO ROSTOS DE MULHER
com **Arturo de Cordova**
Em compl.: **UMA NOITE NO RIO**

L I 2 — TEL. 48560
A's 21,15 (13 anos) **Marcelino pão e vinho**
O drama duma paixão

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (Adultos)
O CAPITÃO SCARLETT
c/ **Richard Green**

TIVOLI — TEL. 50595
Fred Astaire e Leslie Caron no famoso filme em **Cinemascope**
As 3 e 6,15 da tarde (a pr. red.) e 9,30 da noite
O papá das pernas altas
com «ballets» de **Roland Petit**
(Para 13 anos)

POLITEAMA — TEL. 26305
15,15-18,15-21,15 **2.ª semana dum êxito sensacional**
DUELO DE AMBIÇÕES
com **Clark Gable, Jane Russel e Robert Ryan** em **cinemascópio e cor De Luxe**
(Maiores de 13 anos)
AVISO: O espectáculo nocturno começa ás 21,15 e termina antes da meia-noite.

CONDES — TEL. 22523 — (Adultos)
15.15-18.15-21,30 **3.ª semana**
O sensacional e empolgante drama
ANJO BRANCO
com **Amedeo Nazari e Yvonne Sanson**

ALVALADE — (13 anos)
A's 21,30 A encantadora história de Cinderela num delicioso filme que vos fará sonhar
O SAPATINHO DE CRISTAL
com a vedeta LESLIE CARON

CAPITÓLIO — TEL. 27493 — (13 anos) — Colorido
A's 21,30: Um grandioso espectáculo
A ÚLTIMA ORDEM
Allan Ladd, Marisa Pavan, Audrey Dalton
A's 18,15: TARDE INFANTIL

PALÁCIO — T. 47163
A's 21,30 um grandioso espectáculo cheio de ternura
HISTÓRIAS DA RÁDIO
com **Francisco Rabal, Margarita Andrey e José Isbert** (13 anos)

ODEON — T. 26283
15,15-18,15-21,15 **Grande êxito do filme passional**
CINCO ROSTOS DE MULHER
(18 anos) com **Arturo de Cordova**
AVISO: O espectáculo nocturno começa ás 21,15 e termina antes da meia-noite.

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21,15 (Adultos) **Enquanto dura a tormenta** em Cinemascope

CINEMA IDEAL
A's 21 (13 anos) **Terras da morte branca**
Rivais no amor

BAR RIBATEJANO—3 1/2 da manhã — Uma pega 6$50

Leiam o jornal humorístico sempre fixe

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

companhia de circo, a companhia do Natal—organizada especialmente para esta época festiva, com as maiores atracções do Mundo. Cavalos, ursos, acrobatas, aramistas, equilibristas, «troupe» japonesa, «troupe» alemã, duas parelhas de palhaços. O artista mais pequeno do Mundo. Fantasistas, contorcionistas. Boris Borsuks, o rei dos detectives, e muitos outros numeros, num colossal programa, animado de alegria, vibrante de emoção, que deslumbra, porque atinge a apoteose e nos leva ao país das maravilhas.

Natal no circo

Amanhã, no Coliseu, duas grandiosas «matinées» para as crianças, com a deslumbrante companhia do Natal

Amanhã, dia de Natal, realizam-se no Coliseu duas «matinées», a primeira ás 14 e 30, a segunda ás 17 e 15, com todas as atracções da esplendorosa companhia do Natal, nova companhia de circo, a melhor do ano. Todas as crianças, até aos 10 anos, quando acompanhadas, têm entrada gratuita.

O PORTO pelo telefone

A Feira Popular

PORTO, 24—Há já alguns anos que, por iniciativa do dr. Braga da Cruz, governador do distrito, se realiza nos jardins do Palácio de Cristal a Feira Popular, cujo produto líquido reverte em benefício do Albergue Distrital de Assistência, magnífica obra a que o chefe do distrito vota especial carinho. Os resultados financeiros da Feira foram agora dados ao publico, mais uma vez demonstrando que a Camara Muncipal, detentora do Palácio de Cristal, é a maior beneficiária desta iniciativa, a favor dos pobres da cidade.

De facto, o rendimento bruto da Feira subiu a 2.260.879$70, incluindo o subsídio pelo Fundo do Desemprego, 149.999$50.

Deduzidas as despesas, couberam aos pobres 392.427$70 — atingindo as percentagens, a favor da Camara, nada menos do que 504.810$00, sem contar com 173.012$50 de água e luz.

Falecimento

Na sua residência, na Rua da Conceição, 50, 3.º, faleceu hoje o conhecido bilheteiro do Teatro Sá da Bandeira, sr. José Marques, que contava 70 anos e há 34 prestava serviço naquela casa de espectáculos. O funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, para o cemitério de Agramonte.

Curiosidades de Lisboa

* Dê há muito que se estuda local para a instalação da Emissora Nacional. Posta de parte a zona da Junqueira, projectou-se a sua construção nas faixas marginais da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco. Será, de facto, nesta nova zona, que nos irá surgir o edifício que tanto carece de novas, amplas e adequadas instalações?

* Também, há quanto tempo se fala em novas instalações para a Biblioteca nacional! Como está feito o estudo dos arruamentos envolventes do projectado edifício destinado áquele importante departamento na zona da Cidade Universitária, confiamos em que a nossa primeira biblioteca seja brevemente um facto, em local mais apropriado e com maior desafogo e condições de segurança.

* Depois das obras e do arranjo executado sob a direcção de Duarte Pacheco na Assembleia Nacional, estagnou o plano aprovado da zona de protecção ao palácio de S. Bento. As expropriações respectivas estão a ser feitas com uma lentidão de pasmar. Custa-nos mesmo a crer que seja ainda nos nossos dias que esta obra, no seu conjunto, venha a ficar concluída, dada a lentidão destes trabalhos, que ainda são preparativos para ser atingido o desafogo projectado.

* Um roteiro oficial da cidade e uma planta topográfica de Lisboa, são dois elementos de consulta, cuja falta há muito se faz sentir. Há anos que o Instituto Geográfico e Cadastral entrega na Camara Municipal de Lisboa folhas relativas ao levantamento da Planta da Cidade. Trabalho moroso e que possivelmente ainda não será concluído no corrente ano, porquanto faltam 63 folhas, quantidade muito àquem das que, em média, têm sido entregues nos anos transactos.

* O Parque Eduardo VII tem sido enriquecido de ano para ano. A sua Estufa Fria, já tão diferente da primitiva, depois do grande arranjo por que passou, ampliada com uma interessante e curiosa estrutura abobadada sob a alameda central, está ajardinada e iluminada a rigor e tem merecido o carinho do alfacinha. Agora, na zona Nordeste, está a ser executado uma série de projectos integrados no plano do conjunto, ou seja na zona do denominado Roseiral, onde já hoje podem ser admirados alguns grupos escultóricos e onde serão colocados outros já encomendados a D. Stela de Albuquerque, Soares Branco e outros artistas.

* Muito há ainda a construir na zona do Parque Eduardo VII, como o Palácio da Cidade e outros edifícios para ele projectados. Fazemos votos para que o plinto que se destina á figura de Nuno Alvares não esteja tanto tempo desocupado, como esteve a cadeira do monumento da Guerra Peninsular.

* Vai ser inaugurado mais um mercado definitivo no Forno de Tijolo, a substituir o provisório de Heliodoro Salgado. Aquele que existe na Rua Gualdim Pais vai desaparecer, para dar lugar ao de Xabregas, com seis lojas, 18 lugares para criação, 24 para peixe, 62 para hortaliça, 2 para flores, 10 para fruta e 2 para embalagem.

O Mercado 31 de Janeiro, de há muito condenado, tem os seus dias contados, tanto mais que o Matadouro, que existia na mesma zona, está a ser desmantelado e há necessidade de dar livre e desembaraçado todo o terreno ocupado pelas construções municipais.

Sabe-se que vários locais indicados para o substituto do 31 de Janeiro estão a ser postos de parte, por vários motivos. Onde se fará o novo mercado? Na zona do Conde Redondo ou já está, também, posta de parte?

Fala-se agora no terreno ocupado pela Escola de Guerra que vai abandonar aquelas instalações para outras a construir em nova zona da cidade.

* E que há quanto ao Mercado Geral de Gados, que, não sendo municipal e já sem movimento está a ocupar tão grande área e com construção tão imprópria do local. Sempre dará lugar á grande Estação de Camionagem? Ou o projecto já está de parte, com prejuizo para o transito da parte central da cidade?

TRIBUNAIS

Condenado por agressão

EVORA, 23. — Acusado de há tempos ter agredido á navalhada o empregado de mesa, Fernando Petra Lara, foi julgado Manuel António Grave, motorista, aqui residente. O tribunal condenou-o na pena de 5 meses de prisão, 25 dias de multa a 15$00, 500$00 de imposto de justiça, e 3.500$00 de indemnização ao ofendido.

Contra o analfabetismo

Visitas aos cursos do concelho de Viana

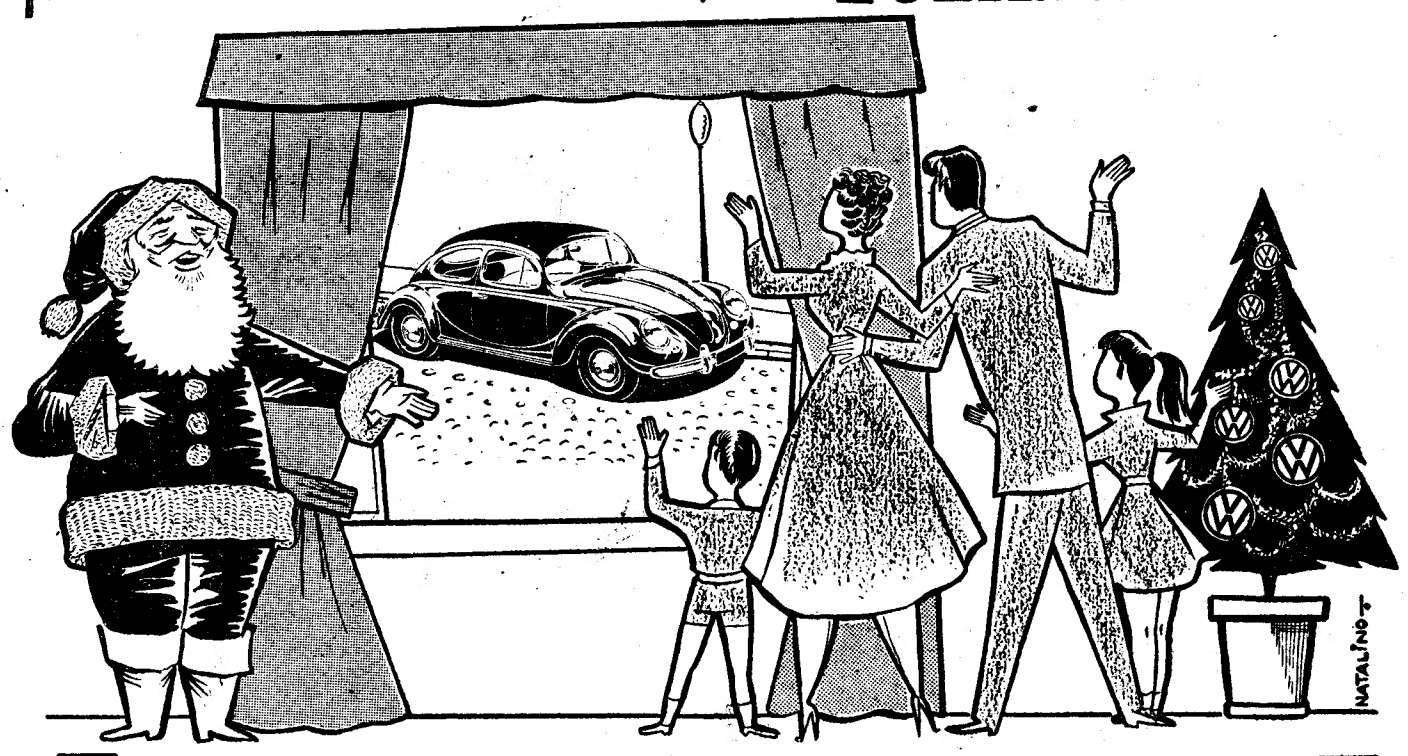
MONÇÃO, 23.—Prosseguiu na sua missão de inspeccionar os cursos da Campanha Nacional de Educação de Adultos, a funcionar no distrito de Viana do Castelo, encontra-se nesta vila o sr. António Pinho, chefe da missão cultural que actuou já nos concelhos de Caminha, Cerveira e Valença.

VIDA MUSICAL

Cursos especiais do Conservatório Nacional

Encontra-se aberta, na secretaria do Conservatório Nacional, a inscrição para os cursos especiais de Clavicórdio e de Interpretação de Musica Antiga e de Viola (guitarra hispanica).

Chegou a sua vez!...
Proporcione á sua familia a grande oportunidade de possuir o melhor brinde de Natal · VOLKSWAGEN



SERVIÇO POR TODA A PARTE
Sociedade Comercial Guérin S. A. R. L. Praça dos Restauradores, 74 - T 366751 (5 LINHAS)
ENTREGAS IMEDIATAS

ROMEX

A conhecida marca que revolucionou a industria de camisaria, com o seu colarinho imutável, apresenta as ultimas criações em malhas e camisaria, a preços que são já do domínio publico.
Brindes: Oferecemos graciosamente a todos os nossos Ex.mos Clientes interessantes e uteis brindes para senhora, cavalheiro e criança.
ROMEX
Av. de Roma, 12-D e 12-E — Telef. 726977

Restaurante-Bar
PORTO DE ABRIGO
RUA DOS REMOLARES, 18 — (ao Cais do Sodré)
Com o melhor serviço de cozinha á Portuguesa por pessoal habilitado.
Os seus proprietários desejam um Natal Feliz ao seus clientes e amigos.

Park das Malhas

Tem o gosto de participar aos seus Ex.mos Clientes de que continua a receber diáriamente as ultimas novidades em camisas, pijamas, gravatas, gabardines, peugas, coletes, «pullovers», casacos, blusas, «kimones», tunicas, «echarpes», meias, combinações, plásticos, etc., cujos preços têm constituído enorme êxito.
O maior sortido em malha a metro com 1,20, a 45$, 50$, 60$ e 65$00.
IMPORTANTE: durante as festas temos para oferecer a todos os clientes interessantes brindes, seja qual for o valor das suas compras.
Oiça no Clube Radiofónico de Portugal, ás segundas, ás 19 e 55, e ás terças-feiras, ás 14 horas, o nosso passatempo e habilite-se ao interessante concurso.
PARK DAS MALHAS
Largo Martim Moniz, Pavilhão 4 — Tel. 20998

GILBERT BÉCAUD
O MAIOR NOME DA CANÇÃO FRANCESA
no CASINO ESTORIL
nos dias 30 e 31 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro
UNICOS ESPECTACULOS

A rescisão do arrendamento do Teatro Apolo

importa em dois mil contos

Por motivo do Plano de Urbanização da cidade, continua a Camara Municipal a adquirir numerosos imóveis, em várias zonas de Lisboa, a fim de poder executar o traçado de novos arruamentos, em benefício do transito, e de permitir mais construções urbanas nos terrenos sobrantes e provenientes das expropriações.

Assim, acabam de entrar no património municipal: o prédio n.º 52 a 54 da Rua do Arco do Cego, pela quantia de 163.500$00; na Azinhaga da Cera, aos Olivais, a quinta do mesmo nome, por 1.650.000$; na Rua do Alto da Cova da Moura, o imóvel n.º 33, por 250.000$00; na zona da Quintinha mais o prédio n.º 17 da Rua Particular, por 30.000$00; em Belem, o imóvel n.ºs 6, 7 e 8 da Travessa dos Algarves, por 275.000$00; em Chelas, as moradias da Vila Maria Cristina, no sítio do Alto de Santa Catarina, por 550.000$00; na Charneca, o prédio A da Azinhaga de Santa Luzia, por 60.000$00; na Rua Maria Pia, o prédio n.º 435, por 26.000$00; na zona da Mouraria, o prédio n.º 17 da Rua Fernandes da Fonseca, por 4.500$00; e ainda próximo do mesmo bairro, na Rua de S. Lázaro, o prédio n.ºs 119 a 125, por 475.000$00 e mais 40.000$00 ao inquilino comercial.

Na zona de Campo de Ourique, o Plano de Urbanização vai fazer grandes estragos, para nos dar um novo conjunto, fazendo desaparecer «gargantas» de transito, permitindo desafogadas faixas de rodagem e modernas construções, no estilo da arquitectura em voga. Assim, por 755 contos, acaba de ser adquirido o prédio n.ºs 122 a 136 da Rua de Campo de Ourique.

O conhecido escritor teatral e empresário Alberto Barbosa, como representante da firma Ruas, Ld.ª, assinou, na Camara Municipal, a escritura de rescisão de arrendamento do Teatro Apolo no prédio n.ºs 178 a 192 da Rua da Palma pelo que o Município terá de entregar o total de 2.000.000$00 (dois milhões de escudos) tendo já pago a primeira prestação. As restantes vão suceder-se, de harmonia com as cláusulas da escritura. Uma vez que o imóvel entrou na posse do património do Município e o teatro nele instalado é, também, pertença da Camara Municipal, enquanto esta não procede ao apeamento da edificação para integrar o respectivo terreno no plano de urbanização local, sob arrendamento precário, foi ainda autorizada a exploração da referida casa de espectáculos. Eis o motivo por que está sendo anunciado de novo, a reabertura do velho teatro do Principe Real, eSja a comédia «*Toiros de Morte*», ou o «*Bairro Novo*», a peça a trazer a publico no palco do Apolo, o que é certo é que o seu «canto de cisne» estará próximo.

A colónia portuguesa

no Estado de S. Paulo

S. PAULO, 24 — Os Portugueses formam o mais numeroso grupo de estrangeiros existente no Estado de S. Paulo, pois totalizam 222.593 pessoas (das quais 141.496 na capital do Estado e as restantes nos diversos municípios do interior). A seguir vêm a colónias italiana (208.272 pessoas), japonesa (146.342), espanhola (109.264), alemã (37.458), lituana (22.584), romena (14.329), síria (13.929), libanesa (11.916) e argentina (10.954). Há no Estado de S. Paulo 10.148 apátridas e limitam-se a um representante as colónias tunisina, sudanesa, croata e coreana. — (A. N. I.).

O dr. Wilhelm Pieck

teve mais uma apoplexia

BERLIM, 24 — O dr. Wilhelm Pieck, presidente da Republica Democrática Alemã, teve mais um ataque de apoplexia. O jornal «Telegraf», orgão de Berlim-Oeste de inspiração social-democrata, cita como origem desta sua informação «as esferas informadas de Berlim-Leste». O dr. Wilhelm Pieck deve completar 80 anos em 3 de Janeiro. — (F. P.).

As bodas de ouro

sacerdotais

do núncio apostólico mons. Fernando Cento

Passa hoje as «bodas de ouro» da primeira missa que celebrou monsenhor Fernando Cento, nuncio apostólico em Portugal. Como a cerimónia se efectuou numa igreja franciscana, dedicada a Santo António na sua cidade natal, Pollenza, quis, passados cinquenta anos, comemorar o facto também em igreja franciscana, cujo orago fosse Santo António. A circunstancia de se encontrar entre nós permitiu-lhe celebrar tão faustosa cerimónia na casa onde o taumaturgo nasceu. Foi com o maior regozijo que os franciscanos portugueses aceitaram tão honrosa escolha.

Assim, pelas 9 horas, o nuncio apostólico chegou á igreja de Santo António, á Sé, onde foi recebido á entrada pelo padre provincial da referida Ordem frei Fernando Félix Lopes, padres franciscanos e religiosos de ambos os sexos.

Depois de paramentado na capela-mor, cujo altar estava profusamente iluminado e decorado com flores e ornamentado aos lados com grandes vasos com plantas, o sr. D. Fernando Cento deu começo á missa, no que foi assistido pelo padre frei Diogo Crespo. Durante a cerimónia, que foi acompanhada a cantícos, o celebrante procedeu á distribuição da sagrada partícula a muitas dezenas de fiéis.

Na altura própria, o rev.º frei Fernando Félix Lopes proferiu uma alocução em que se referiu ao significado das festas comemorativas das «bodas de ouro» sacerdotais de mons. Fernando Cento, destacando a grande alegria e satisfação que representou para a Ordem Franciscana o poder ter dado contributo para tão alegre festa.

Seguiu-se um «Te-Deum» entoado pelo coro do Seminário Franciscano da Luz e presidido pelo nuncio apostólico, que teve a assistí-lo os revs. padres franciscanos Henrique Pinto Rema e Francisco Marques Junior.

No fim da solene cerimónia, mons. Fernando Cento, de mitra e báculo, sentou-se no faldistório e dali proferiu uma notável alocução em que disse da íntima e profunda emoção que sentiu celebrando o divino sacrifício depois de cinquenta anos do primeiro. Não podia haver — para ele — mais doce e consoladora coisa — que poder celebrar hoje em Lisboa missa na igreja de Santo António, pois no templo onde celebrou a sua primeira missa se venera aquele santo. Prosseguindo — disse — que brotava do fundo da sua alma o agradecimento a todos que naquele momento lhe faziam uma tão bela coroa, citando a presença do sr. bispo de Limira, D. Rafael Maria da Assunção, padre provincial frei Fernando Félix Lopes, dos padres franciscanos, religiosos e fiéis em tão elevado numero. E afirmou: «Este dia é memorável para mim, nunca esquecerei esta igreja e dou graças a Deus pelo acolhimento que aqui tive. Estou muito grato á Venerável Ordem Franciscana por tão grande carinho, á qual tenho a honra altíssima de ser seu filiado».

Terminada a alocução, mons. Fernando Cento deu a bênção apostólica com 200 dias de indulgência após o que pediu para a Província Franciscana de Portugal a bênção de Deus.

Estiveram também presentes aos actos religiosos todos os franciscanos das várias comunidades de Lisboa, os irmãos terceiros das diferentes fraternidades na capital, além dos fiéis que enchiam o templo.

TEMAS CULTURAIS

Jornalismo e Cultura

por AMORIM DE CARVALHO

Tenho estado a fazer jornalismo? Em que medida o jornal é um órgão de cultura? Quantos leitores têm estes meus temas e os temas análogos que outros publicam em jornais?

Estas perguntas põem-me em face dum delicado problema — o próprio problema do jornalismo — e levam-me a formular nova pergunta: em que condições se pode fazer cultura através da Imprensa? Separar estas duas coisas — imprensa e cultura —, parece-me absurdo. Mesmo no simples «noticiário», o jornal não há-de deixar de ser um órgão de cultura, no que ele contribua para disciplinar e orientar a própria afectividade das massas.

No entanto, sabemo-lo todos, o jornal está condicionado, em grande parte, pelas circunstancias da vida social — e circunstancias, por vezes, anticulturais

Emílio Zola formulou, um dia, esta interrogação: «Onde é possível que um homem, vivendo a nossa vida agitada, disponha de um quarto de hora para ler um artigo sério?». Em torno desta interrogação do grande romancista, o sr. J. Piatier, em «Le Monde», escreveu, há pouco, interessantes reflexões sobre as condições politicas e sociais do jornalismo. O que, de momento, me prendeu a atenção foi a frase que citou e que eu acima transcrevi. Não porque a frase contenha alguma afirmação imprevista, mas exactamente porque põe o dedo numa ferida que já sangra há quase uma centena de anos. E cada vez sangra mais. A frase de Zola tem cada vez mais verdade.

Quantos são os leitores que, hoje, podem perder um quarto de hora, ou até cinco minutos, a ler um artigo sério?

Um artigo sério entende-se pela substancia do seu conteudo. Será possível, ao menos, dar essa substancia num artigo comprimido — como qualquer comprimido de aspirina — que se digira em cinco minutos, se o jornalista não quiser escrever apenas para raros leitores que não constituem publico? E não haverá, também, um publico-escol a considerar?

Eu suponho que o jornalismo comporta uma certa altitude dos temas, e deve mesmo comportá-la. O jornal — e é Karl Jaspers que o afirma com a sua filosófica autoridade — «abrange toda a realidade espiritual, desde a mais afastada e esotérica especialização até á mais sublime criação pessoal. Como que recria ao trazer á consciencia da época, numa nova dimensão, o que, de outra maneira e carecente de efectividade, seria património de uns poucos.

Torna as coisas compreensíveis, ao adaptar o que é próprio do perito, no nivel em que é assimilado por todos» (*O Ambiente Espiritual do Nosso Tempo*).

Ao transcrever estas palavras de Jaspers, eu penso se o jornalismo cultural dos meus «Temas» terá conseguido aquela *adaptação* e aquele *trazer á consciencia de muito, numa dimensão nova*, os assuntos mais ou menos especializados ou difíceis. Além do problema da extensão dos artigos (que exige mais de um quarto de hora de leitura e atenção), temos, pois, o problema da natureza dos assuntos — e um e outro se fundem num só. Dizer tudo por enunciados, para poupar ao leitor o quarto de hora de Zola, não redunda numa traição á q u e l a «realidade espiritual», á q u e l a «efectividade», áquela «consciência» a que alude o autor do *Ambiente Espiritual do Nosso Tempo*, ao focar a missão cultural do jornalismo?

Sim, creio que é possível condensar num enunciado a substancia séria dum tema, para ficar um artigo-comprimido a ler em dois ou três minutos; mas isso é só o enunciado, e julgo que entre o enunciado e a coisa enunciada pode haver uma grande, infinita e decisiva distancia. O pensamento ocupa espaço, pelo menos no papel em que se escreve, — e fazer jornalismo de cultura com enunciados, isto é, a menos dum quarto de hora (na frase de Zola), leva-nos ao perigo dos *slogans*. Os *slogans* podem, com fórmulas de excitação mistica e alógica, fazer coisas terriveis. Desencadearam já duas tremendas guerras e podem desencadear, amanhã, a guerra nuclear.

E' certo que a época que decorre tem seguido nesse perigo. Por isso mesmo nos tem dado um tipo de *élite* que não é mais do que o homem-massa imperante (uso a expressão que Ortega y Gasset consagrou) tomando ares de *élite*. E' um tipo de homem, de vida agitada e pressurosa, que não tem tempo de ler artigos que não sejam mais ou menos notícias e banalidades. A

(Continua na 11.ª página)

Abastecimento do País

O «Terceirense» trouxe 500 bois dos Açores

O abastecimento de carne á população de Lisboa está por assim dizer normalizado, pelo menos, presentemente. Hoje, foram abatidos, no Matadouro, segundo nos comunica o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Carnes, 27 bovinos adultos — dez para entidades oficiais e os restantes para os talhos. Dos frigoríficos, saíram 111 rezes que, somadas ás 27 abatidas hoje, constituem o contingente para a venda de amanhã. Foram também abatidos bovinos adolescentes — 3 para entidades oficiais e 4 para os talhos; ovinos e caprinos, 505 (48 para entidades oficiais); suínos 75 (para entidades particulares, 1); e equídeos, 42.

No «Terceirense», chegaram 500 bois dos Açores, que estão a ser conduzidos para o Matadouro e começarão a ser abatidos na segunda-feira.

Comando da Polícia

do Estado da India

O capitão de cavalaria Joaquim Pinto Brás foi nomeado comandante da Polícia do Estado da India, em substituição do capitão de cavalaria Fernando da Costa Revés Romba, que foi exonerado a seu pedido.

GILBERT BÉCAUD
O MAIOR NOME DA CANÇÃO FRANCESA
no CASINO ESTORIL
nos dias 30 e 31 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro
4 UNICOS ESPECTACULOS

AUTO SANTA MARTA
Rua de Santa Marta, 51
Deseja a todos os seus estimados clientes e amigos BOAS FESTAS e um ANO NOVO muito feliz
Oficinas -- Reparações em todos os carros -- Estação de serviço

Leiam o jornal humoristico
Sempre fixe

De ontem para hoje

✱ TOCA O HINO... — No Cairo, ontem, ao começar do jogo, a banda postada no campo para tocar os hinos dos dois países, rompeu nem mais nem menos que com... o «Hino da Carta» — que leva bons 45 anos de página (musical), passa la á História. No Egipto, onde a noção do tempo se perde á vista das piramides, com o rasto da recordação de Faruk a passear entre as sombras de Naguib e de Nassar, o episódio passa — e sobre ele passa-se a esponja tranquilizadora do esquecimento sorridente, que deixará do jogo, ao menos, a recordação de uma anedota...

✱ SENTIDO HEROICO — Numa época confusa, em que o sentido da responsabilidade do «estar» no Mundo, se encontra tantas vezes subvertido, é heroico exemplo o deste rapaz americano, aviador, que nos Açores se consumiu nas chamas do seu «jacto» para evitar a queda sobre as povoações da Ilha Terceira. O nome do capitão Shirley Tubbs não ficará nas lápidas dos heróis guerreiros, mas o profundo sentido do seu acto — acto de um homem lucido e consciente que sacrifica a vida quando tem de escolher entre a dele e a do próximo — bem merece ficar vincado na memória de todos.

✱ CILADAS DO MAR — O mar tem destas coisas, ali nas Berlengas: manso como cordeiro nuns momentos e, de repente, agitado como fera. Quando Teodoro Gomes, popular figura dos meios piscatórios de Peniche, saiu ontem para o largo, á pesca junto das Estelas, a ondulação era branda. Subito, onda traiçoeira envolveu num repente o frágil batel. Lançam-lhe um cabo, de outra embarcação. Mas o seu destino estava escrito: o mar, que tanto tempo o sustentou, cobrou os seus juros, exigindo-lhe a vida. Quatro filhas menores e uma mulher ficam, desamparadas, a chorar a triste sorte que lhes roubou o pão para a boca.

✱ LAÇO INDESTRUTIVEL — Numa época em que o estudo da psicologia individual e colectiva atingiu desenvolvimento extraordinário, será perigoso falar-se na «voz do sangue». No lugar de Vimieira (Mealhada), caiu no poço (os fatais e criminosos poços sem resguardo!), uma pequenita de ano e meio. E, logo, ligado a ela pela fraternidade, se lança na bocarra negra um seu irmãozito de 11 anos, Joaquim Simões Mamede, para tentar o salvamento. O seu nobre, heroico e altruístico gesto custou-lhe a vida. E, tal como sempre, os dois irmãos, unidos num fatal abraço desesperado, encontraram a morte, no laço indestrutível da mesma carne.

✱ O ORÇAMENTO PARA 1956 — O Conselho de Ministros, ontem reunido, sob a presidência do chefe do Estado, examinou e aprovou o orçamento para 1956, estabelecido de acordo com a «lei de meios». A previsão estabelece 7.679.500 contos de receitas e 7.671.000 contos de despesas (ordinárias e extraordinárias), fechando assim o saldo positivo de 8.500 contos.

✱ JORNAL PEQUENO — O chefe do Estado recebeu no Palácio de Belem o ministro dos Negócios Estrangeiros. ✱ Com o chefe do Governo trabalhou o ministro da Presidência. ✱ Refere o «Diário de Notícias» que, em Odivelas, a viuva Maria Ludovina, com 103 anos alegres e aparentemente folgados, não se alheia dos acontecimento do tempo, frequentando bailes e futebois, de que é adepta calorosa com grande paixão pelo grupo da terra. ✱ Perto de Colares, surpreendidos pelo temporal, Joaquim Rosa Cosme e Carlos Roberto abrigaram-se da chuva sobre a cobertura de um poço. A cobertura abateu e os dois homens, preocupados da água que caia de cima, foram morrer na água que os esperava debaixo. ✱ Devido a desabamentos, causados pelo temporal, morreram D. Maria Bastião (sob os destruços de uma parede da própria casa, em Ligares, perto de Freixo de Espada-á-Cinta) e Augusto Fernandes, do Ourondo (Covilhã), sob os restos do próprio palheiro onde habitualmente se abrigava. Encontrado no dia seguinte, foi levado ainda com vida ao hospital, onde morreu.

Em toda a cidade, numerosos actos de soli

assinalaram hoje a quadra festi

A esposa do chefe do Estado procedeu à distribuição de socorros

nas freguesias de Belém, Ajuda e Alcântara

A esposa do chefe do Estado presidiu esta manhã á distribuição de bodos aos pobres nas freguesias de Belém, Ajuda e Alcantara. Em Belem, a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes foi recebida pelo sr. coronel Cardoso dos Santos, presidente da Comissão de freguesias da União Nacional e pelas sr.as D. Margarida Jenny Dordio de Carvalho Nazaré e D. Margarida de Carvalho Nazaré e D. Gertrudes Nogueira Rocha, Franquelim Teixeira, José Ribeiro Rocha e Manuel José da Silva, respectivamente presidente, secretário e tesoureiro da Junta de Freguesia. A esposa do chefe do Estado, depois de receber os cumprimentos das pessoas presentes, distribuiu fatos e brinquedos a 30 crianças e donativos de 50$00, a 100 pobres.

A mesma junta de freguesia, distribuiu ontem também, por sua vez, esmolas de 20$00 a 500 pobres e 680 pães, os ultimos dos quais foram oferecidos pelo comandante do Depósito de Tropas do Ultramar.

Após a distribuição a esposa do sr. Presidente da Republica dirigiu-se á freguesia de Ajuda, onde foi recebida pelo respectivo presidente, sr. António Viseu Pinheiro, e pelos srs. Edmundo de Jesus Costa, Saul Gamas Santos e José Clemente, estes dois ultimos da U. N., direcção da Escola 28 de Maio, professoras sr.ª D. Maria da Conceição Marçal Mineiro Paulo da Costa e D. Miguelina Ferreira Gomes, prior da freguesia rev. Pereira Botelho. Procedeu-se, em seguida, á distribuição de fatos a 30 crianças e brinquedos e 50$00 a 100 pobres. No próximo sábado a junta distribui um bodo a 300 pobres.

Na freguesia de Alcantara, foi a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes, recebida pelo presidente da Junta, sr. Mário Botelho Monis, Sequeira, capitão Joaquim Pedro Faria, da U. N., D. Maria Amélia Navarro e algumas senhoras das famílias dos membros da junta. Procedeu-se ali também á distribuição de fatos e brinquedos a 30 crianças e de um bodo de 50$00 a 100 pobres.

Nos hospitais, nos sanatórios e nas cadeias

Por iniciativa do nosso prezado colega «Diário de Notícias», e a exemplo do que tem acontecido em anos anteriores, estão a realizar-se, á hora a que fechamos o nosso jornal, festas em 15 hospitais, 2 sanatórios e 3 cadeias, com a colaboração de 824 artistas do teatro, da rádio e de variedades.

Os hospitais são: o de São José, o de Santa Maria, o Militar Principal, o da Marinha, o de Santa Marta, o de Arroios, o de D. Estefania, o do Desterro, o de Miguel Bombarda, o do Rego, o de Santo António dos Capuchos e o de Cascais, o Instituto de Oncologia e as Maternidade

Mulher morta

por uma automotora em circunstâncias trágicas

As numerosas pessoas que, esta manhã, aguardavam na estação ferroviária da Amadora transporte para Lisboa, foram desagradávelmente surpreendidas por um desastre mortal.

A automotora que passa naquela estação ás 9 horas colheu uma mulher que atravessava a via férrea, na passagem de nível existente a uns cem metros, junto do mercado local. O corpo da sinistrada, dada a violência com que foi colhida, veio, pelo ar, cair junto do cais de embarque já cadáver e completamente despedaçada.

Mais tarde, as autoridades locais identificaram a vítima. Trata-se de Isaura da Conçeição Trindade, viuva, de 68 anos, natural de Lisboa e residente naquela vila, na Estrada da Falagueira, Vila Andrade, porta 5.

A desditosa mulher era mãe de numerosa prole e vivia pobremente.

Dr. Joaquim Manso

Numa referência feita em termos penhorantes para o nosso querido director e para o «Diário de Lisboa», a revista «Portugal Ilustrado» registou a homenagem há pouco prestada ao sr. dr. Joaquim Manso, no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Ao anotarmos a iniciativa da interessante revista, que continua a publicar-se com excelente aspecto gráfico e boa colaboração, endereçamos os nossos agradecimentos ao seu director e a todos que com ele colaboram.

HIPOTECAS
Fazemos s/ prédios em 24 horas
e s/ automóveis em 2 horas
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3 — Telef. 21391

Aos Ex.mos Clientes e Amigos FESTAS FELIZES, ANO NOVO PRÓSPERO.
São os desejos sinceros da
Meia de Vidro
R. Augusta, 158 LISBOA

A Grande Ourivesaria Barateiro de S. Domingos
Cumprimenta e deseja Boas Festas aos seus estimados clientes e amigos, e um Novo Ano cheio de prosperidades.
RUA BARROS QUEIRÓS, 56

Barbosa, Esteves & C.ª
OURIVES — JOALHEIROS
293 — RUA DA PRATA — 295
Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

GAZCIDLA

A Cidla garante uma rápida e eficiente distribuição do Gazcidla, ao domicílio. Com um simples postal ou telefonema, todo o consumidor de Lisboa e arredores (concelhos de Cascais, Oeiras, Loures e Sintra) poderá, **sem quaisquer outros incómodos ou despesas,** receber no seu domicílio o Gazcidla, requisitado até às 16 horas de cada dia útil, dentro de 48 horas.

A partir de 1 de Janeiro de 1956, **apenas por êste meio,** serão satisfeitas as necessidades dos Ex.mos Consumidores do Gazcidla, pelo que a Cidla registará com todo o cuidado as requisições chegadas verbalmente, ou por escrito, à Rua do Alecrim ou pelo telef. 30332 (PPC 7 linhas), das 9 às 19 horas dos dias úteis.

ECONOMIZE, utilizando o postal-requisição, entregue com as garrafas e que não carece de sêlo.

Uma chama viva onde quer que viva!

dariedade

va do Natal

s Alfredo da Costa e Magalhães
utinho.
Os sanatórios são o de D. Carlos
em Lisboa, e o do dr. José de
meida, em Carcavelos.
As cadeias são: o Limoeiro, a Pe-
nciária e as Mónicas.
Durante algumas horas, doentes
presos vão sentir algum alívio
a os seus sofrimentos, não só
r poderem apreciar a arte de al-
ns dos nossos mais apreciados
mentos, mas pela sensação de
lidariedade humana que a sua
esença generosa e espôntanea
es dará.

(Ler mais noticiário na página seguinte)

oi aberto concurso

para o Pavilhão de Portugal
n Exposição de Bruxelas

Está já assegurada uma representação
ndigna de Portugal na Exposição Uni-
rsal e Internacional de Bruxelas de
58. Depois de ter procedido aos pri-
eiros trabalhos de organização e elabo-
do o plano geral da nossa representa-
o, o Comissariado Geral de Portugal
u concurso entre arquitectos portu-
s para o anteprojecto do nosso pavi-
ão, a construir na capital belga.
Prevê-se a construção de um pavilhão
, com os seus anexos, abrangerá uma
erfície de 2.800 metros quadrados,
m local maravilhoso, rodeado de fron-
as árvores, onde Portugal reservou
4.000 metros quadrados de terreno
a a sua representação.
O programa do concurso, que foi cui-
osamente estudado, é de molde a as-
urar um perfeito anonimato de todos
concorrentes e insere elementos muito
menorizados que facilitam o traba-
o dos arquitectos que queiram apro-
ar esta oportunidade de realizarem
a obra de larga projecção internacio-
.
A entrega dos anteprojectos está mar-
da para o dia 28 de Fevereiro próxi-
, na Avenida da Liberdade n.º 242,
de podem ser requisitados todos os
mentos para o concurso.
Embora o concurso tenha sido aberto
mas há poucos dias, muitos arquitec-
solicitaram já ao Comissariado-Ge-
de Portugal o programa e os res-
tes elementos para efeito da elabora-
o do citado anteprojecto.

desastres de viação

nos Estados Unidos

NOVA YORK, 24 — A' meia-noite,
im de semana do Natal, nos Estados
idos, tinha provocado já 20 mortos,
quais, 19 em acidentes de estrada.
Pineville, no Estdao de Kentucky,
rreram 8 pessoas e ficaram 2 grave-
nte feridas, num choque entre um au-
móvel e um camião. — (F. P.).

FÉRIAS TRÁGICAS

ABILENE (Kansas), 24. — Um
omóvel em que viajavam um
, mãe e três filhos, que iam pas-
r as férias do Natal a casa de
rentes, foi colhido por um com-
io numa passagem de nivel. As
co pessoas tiveram morte ime-
ata. — (F. P.).

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas regista-
s hoje em Lisboa, até ás 15 ho-
s: *máxima, 18°,8; mínima, 14°,6.*
o mesmo dia do ano passado:
xima, 17°,5; mínima, 6°,3.

A sr.ª de Craveiro Lopes procedendo á distribuição na Junta de Belém

Almoço

dos dirigentes da CIDLA

Reuniram-se num almoço, que teve lugar na «Tágide», os membros da mesa da Assembleia Geral, Administradores, membros do Conselho Fiscal e Directores da CIDLA. Estiveram presentes os Senhores Drs. José Espírito Santo e João Botto de Carvalho, Eng.º Santos Pedroso, Aristide Sain, Visconde de Soveral, Drs. João Salgado e Henrique Viana, prof. Doutor Armando Gonçalves Pereira, Conde das Galveias, Frederico Abranches, Francisco do Cazal Ribeiro, Drs. Henrique Martins de Carvalho e Henrique de Verday Burnay, Nuno de Brito e Cunha e Carlos Tavares Bastos.

Aos brindes, o presidente do Conselho de Administração, Sr. Eng.º António Santos Pedroso, saudou os corpos gerentes e os directores da Sociedade, agradecendo a colaboração de todos e do pessoal da empresa, e congratulou-se com o desenvolvimento da CIDLA, salientando que, durante 1955, o numero de clientes aumentou em 20.000 e que só em Dezembro corrente o volume de Gazcidla distribuído, cerca de 700 toneladas, excedeu em muito o volume de vendas em todo o ano de 1951 o que constitui índice seguro da progressiva expansão daquele gás. Referiu-se ao início da produção portugusa deste combustível, na Refinaria da SACOR, em Cabo Ruivo, o que permitiu baixar o preço de forma a torná-lo acessível ás classes populares. Por ultimo fez uma referência especial á compreensão sempre encontrada pela CIDLA nos seus dois maiores accionistas: a SACOR e o Banco Espírito Santo.

O Sr. Dr. José Espírito Santo, presidente da Assembleia Geral da Sociedade, agradeceu as palavras do Sr. Eng.º Santos Pedroso, congratulou-se com os excelentes resultados obtidos e fez votos pelo rápido restabelecimento do Sr. Martin Sain, ilustre Administrador da SACOR.

O Sr. Visconde de Soveral aludiu por ultimo ao bom trabalho produzido pelos empregados e operários da CIDLA, salientando o alto valor da colaboração prestada aos corpos gerentes pelo Director Geral, Sr. Francisco do Cazal Ribeiro e pelos dois directores, Srs. Nuno de Brito e Cunha e Carlos Tavares Bastos.

A subscrição

para Maria do Rosário

a jovem heroina

da Marinha Grande

Maria do Rosário Miguel Henriques, a jovem rapariguinha, que sem olhar a sacrifícios, perdeu a função da mão direita e ficou em graves riscos de perder a vista, por ter ficado com o globo ocular em parte destruído pelo fogo de que salvou duas crianças na Marinha Grande, vai ter o melhor prémio para o seu sacrifício. E este só é possível, em primeiro lugar, graças á generosa colaboração da distinta equipa de especialistas que a vai operar. E, também, graças á compreensão de todos os leitores — os mais modestos que modestamente têm contribuído para esta jornada, ou todos os outros, com referência especial para a Companhia de Diamantes de Angola, ao trazer-nos a valiosa e decisiva contribuição que o seu ilustre presidente, sr. comandante Ernesto de Vilhena, quis ter a cativante gentileza de pessoalmente nos comunicar, em termos muito penhorantes.

Não queremos, porém, deixar de recordar a colaboração do Hospital de Jesus que, com a sua eficiente montagem de serviços e as suas magníficas instalações operatórias, vai garantir-nos não apenas internamento gratuito mas, também, o melhor ambiente para a cura de Maria do Rosário. Em fins de Janeiro próximo, começará o seu tratamento. Tudo faz prever que será eficiente. Entretanto, continuamos a receber, para a jovem heroína as melhores provas de carinho dos nossos leitores: Transporte, 34.445$20; de um grupo de funcionários publicos, 93$00; de um anónimo, «para ajuda da cura de Maria do Rosário», 50$00; de um anónimo de S. João da Madeira, 100$00; de Maria Guilhermina, 40$00; «de um casal que dá graças a Deus, pelos benefícios que de Ele tem recebido», 20$00; de I. C. 20$00; de um funcionário publico, 20$; e de um leitor F. C. M., 50$00, que nos diz:

«Confrange um pouco notar como tem sido fraca, para não dizer nula, a solidariedade da mulher portuguesa para com uma mulher portuguesa que, pela sua coragem e abnegação, só as honra».

Nós acreditamos, entretanto, que sendo este o sentir de todas as mulheres, elas corresponderão com as suas posses, para que Maria do Rosário, além do mais, tenha o seu enxoval.

Os 34.052$20 que ontem registámos, somados aos 393$00 que hoje recebemos, perfazem um total de 34.445$20.

O Presidente da Itália

irá também ao Canadá

ROMA, 24 — Confirma-se nesta cidade que o presidente da Republica italiana fará uma visita ao Canadá quando da sua viagem aos Estados Unidos. O presidente Giovanni Gronchi, que chegará a Washington em 28 de Fevereiro, partirá para o Canadá depois de visitar Chicago e Detroit. — (F. P.).

Um nome...
Uma garantia de competência e probidade

Ourivesaria da Guia

Fundada em 1875
Martim Moniz, 2 a 10
T. 28336
Rua da Mouraria, 7 a 11
(Junto á Capela de N.ª Senhora da Saude)

Manhã na praça

Tudo «para casamento»...

Hoje, na Ribeira, a palavra sugestiva das vendedeiras (quando a não trocavam por aqueles mimosos vocábulos que elas soltavam desgarrados, praguejando como nunca...) era de que tudo, tudo era «para casamento»: O pato ganso, o peru, o linguado...

Mas o melhor é saber por que, sendo tudo tão bom, diziam elas ser para casamento: uns preços de enforcados...

Pescada a 40 e 34$00, se era grande, 16$00, se era marmota branca, por metade, se era marmota negra; lagosta a 78 e 80$00; camarão, a 100$00 (o negro, das enxurradas de Xabregas, estava a 20$00); linguado a 30, 38 e 47$00; salmonetes a 38 e 40$00; lagostim a 45$00; robalo a 21$60; pregado a 21$00; pargo a 16$00; tainha a 13$00; goraz a 18 e 22$00; faneca a 12$00 polvo a 14$40...

Havia, na verdade, poucas variedades, mas lá estava o peixe dos pobres sem Natal: carapau a 7$00, chicharro a 4$20, chocos a 4 e 8$00, cachucho a 3$50. O resto não era mais nada... Era o peru a 25$00 o quilo (mais 3$00 do que no ano passado) ou de 150 a 200$00, se era vivo; galinha pequena a 35$00 ou grande a 50$00; perdiz a 13 e 14$; coelho a 30$00, se era grande, 15$00 se era pequeno; pato ganso a 20$00 o quilo—ou 40$00 a «olho vivo»...

Os ovos pequenos vendiam-se a 15$60 (onde estarão os grandes que ninguém os vê depois que foram tabelados?) e nas bancas da hortaliça a alta era de pôr os cabelos em pé. Muitas donas de casa, destas que levaram um mês a fazer economias, para ter um Natal mais bem servido, passavam de olhos arregalados sem saber como nem onde se decidir...

Na verdade, que dizer de um médio molho de bróculos, por 10$00? Das pequenas couves brancas, para a bacalhoada a 2$50, 3$00 e mais, ou da couve-flor a 8$00, se tinha os seus 30 ou 40 centímetros de diametro?

E depois? E depois que mais? Talvez os molhos, médios, de grelos, a 7 e a 6$00, o feijão verde, a 12$00, a ervilha a 8, 9 e 10$00, ou o tomate a 8$00... Cenouras a 2$50 o quilo, beterrabas pequenas e rabanetes a 1$00, azeitonas a 4$20 ou batatas novas a 1$70, são preços de todos os dias tão habituado está o publico a pagar caro.

Nas bancas da fruta é impossível encontrar conforto para as algibeiras. Apareceu muito estrangeiro de alcofa. Paga, a sorrir. Como podem os Portugueses competir com o seu ar aflito?

Pagarão, entretanto, melão a 4$50, bananas entre 5$50 e 10$00, ananazes a 40$00, laranjas a 8, 13 e 15$00, peros a 10$00, maçã vermelha da Bemposta a 8$00, da de cozer a 12 e a 20$00, reineta grande a 30$00 e pequena a 18$00...

Para alegrar a mesa da consoada, uma senhora apreça uma pernadita de azinho: 10$00; um molhinho com bagas de zimbreiro, 1$50...

E um pinheirinho, porque não optar por um pinheiro?

Pode ser. Custará 5$00, se for pequeno — 80 se tiver o tamanho das nossas apreensões. E' que poderia perguntar-se: depois desta alta do Natal, que vai restar-nos, que descida será justo esperar?— DONA DE CASA.

Correio das leitoras

A. GUERREIRO — Leio sempre com muito interesse a secção «Manhã na Praça», de que V. é a autora. Vejo que nos mercados a que V. faz referencias os preços ainda são mais acessíveis do que os do mercado donde me abasteço. Realmente, os preços dos géneros vendáveis nas praças estão inacessíveis para as classes remediadas, já não falando das pobres. A maioria do peixe está deteriorado, é impróprio para consumo e o pouco que se pode aproveitar é caríssimo. A fiscalização de pouco serve porque as peixeiras, á vista do médico inspector, que já conhecem, escondem o peixe que está mais deteriorado, pondo só á vista o que pode ser aproveitado. Ainda assim, algum é rejeitado, mas, depois da inspecção efectuada, volta á bancada o peixe escondido completamente impróprio para consumo e que o publico mesmo assim compra! Também o publico é roubado no peso, porque as peixeiras têm na balança quase sempre um peso de 100 gr. no prato onde colocam o peixe a pesar.

Há excepções, já se vê, pois em todas as classes há pessoas sérias e não sérias. A Fiscalização manda que tirem os pesos depois da pesagem feita, o que muitas vezes não fazem, para se não ver que os dois pratos não estão nivelados.

Há, também, falta de carne nos talhos para venda ao publico, mas os talhantes mandam-na a casa dos fregueses, que a pagam por bom preço, uns por grande necessidade e outros por serem ricos e não se importarem de a pagar por qualquer preço.

Por isso, porque o negócio é mais do que compensador, mais de 1.000 licitantes apareceram para os lugares vagos na nova Praça do Forno do Tijolo; as ofertas foram elevadas e uma delas atingiu a importancia de 50 contos, como dizem os jornais. Vê-se, também, por outro lado, que há muitas pessoas que desejam ganhar a sua vida e que muitos ficarão sem lugar. Sendo assim, porque não deixar ficar a Praça da Penha de França, alugando as bancadas existentes por um preço mais baixo, para experimentar se alguem as quereria, de maneira a não dar prejuizo á Camara?

Serviria de abastecimento ás classes pobres que é a maioria dos habitantes dessa zona da cidade.

E' uma praça sem pretensões, mas tem esgotos, canalizações, melhor que muitas pequenas praças doutras capitais da Europa.

Sei que este meu alvitre irá ferir interesses e que será de realização impossível; no entanto, aqui deixo o meu parecer.

Mais donativos

para os três gémeos

nascidos na Maternidade

Felizmente, nunca apelamos em vão para os bons sentimentos dos nossos leitores. O facto prova-se, uma vez mais, com a oferta de vários donativos para os três gémeos que nasceram há cinco dias na maternidade Alfredo Costa e cujos pais, conforme então o «Diário de Lisboa» noticiou, vivem em precárias condições financeiras.

A' importancia em dinheiro, oferecida pelo proprietário e pelos clientes da casa «Paris Chiado», a qual já registámos, podemos hoje acrescentar mais as seguintes dádivas: da Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, um enxoval; de uma amiga dos pobres, três enxovais; e do nosso leitor que se identifica com as iniciais P. C., 20 escudos.

Em nome da pobre mãe, que assim vê minoradas as dificuldades que lhe criou o seu recente parto triplo, o nosso jornal agradece estes gestos beneméritos.

Restaurante Alvalade

TELEFONE 779151

A Gerência comunica aos seus Ex.mos Clientes de que a nossa reserva de mesas já está completa para o jantar do Natal e para a noite do «Reveillon».

As «matinées» nos dias de Natal e Ano Novo, terão inicio ás 16 e 30, e nestas serão distribuidas surpresas ás crianças e senhoras.

No próximo dia 30 a sala estará reservada ao jantar.

MANTEIGA

Vende a Despensa Ideal aos seus Ex.mos clientes sem restrições de quantidades

Casino Estoril

AVISO

Devido á solenidade do dia encontram-se AMANHÃ encerradas as Salas de Jogos.

«Ribatejano»

Salvaterra de Magos — Tel. 14
DIA DE NATAL
Almoço com ementa especial

Brilhantes Grandes

BOM EMPREGO DE CAPITAL
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telefone 24564

Natal 1955

LOJA DAS MALHAS

97 — Rua do Carmo — 99

Comunica a V. Ex.ª que no seu salão de vendas no 1.º andar (ascensor privativo) apresenta as ultimas novidades recebidas de França, Suiça, Itália, etc., ajudando V. Ex.ª a resolver o seu problema de

BRINDES DE NATAL

A todas as Ex.mas Clientes será oferecida uma recordação que será de grande utilidade, durante um ano.

Carta ao Pai Natal

Eu sou pequenino. Tenho oito anos. A minha mãe chama-me Migalha. Gosta muito de mim mas chama-me Migalha. Por mais que eu cresça ela chama-me sempre Migalha. Migalha, vai para a escola, Migalha, vai dormir. Migalha, está frio. O meu pai chama-se Migalha. A minha irmã chama-se Migalha. Na escola chamam-me Migalha. Todos me chamam Migalha.

Eu conheço dez ruas. Ruas grandes e pequenas. Conheço a minha rua e a da escola e a da igreja e a das lojas e outras que não têm nada. Têm janelas e mais nada. E têm outros miudos como eu a que ninguém chama Migalha. Eu chamo. Baixinho. Eh, vocês também são Migalhas! Eles não ouvem. Eu digo sem mal, a brincar. Na rua das lojas há Natal. Tem árvore, tem brinquedos, tem velas, tem Pai Natal, tem o Presépio com vaquinha e burrinho e um menino a que todos chamam Menino Jesus mas que é tão Migalha como eu. Nas outras ruas não há Natal. Só janelas.

Eu queria ter Natal. Com árvore e brinquedos e velas e Pai Natal e vaquinha e burrinho e o menino a que todos chamam Menino Jesus mas que é tão Migalha como eu. Para mim e para a minha mãe que trabalha na costura. O meu pai diz que não acredita em nada mas é muito bom e se tivesse Natal acreditava em tudo. A minha irmã ficava contente. E eu chamava as Migalhas das ruas sem lojas. E todas as Migalhas vinham. E seria muito bom.

Os senhores são do jornal. Um jornal grande que diz muitas coisas e sabe tudo. E tem máquinas grandes que eu já fui espreitar. E na rua gritam: Olha o jornal! E os senhores sabem tudo. Sabem onde está o Pai Natal. E eu pedia-lhes para o chamarem. Para ele vir com as barbas e o saco e o barrete. O barrete é engraçado. Se ele viesse o meu pai que não acredita em nada acreditava. E a minha mãe. E a minha irmã. E as outras migalhas. E seria lindo.

MENINO DA RUA

As tréguas do Natal
na batalha diplomática
que se trava no Mundo

(Continuação da 1.ª página)

Galo será celebrada, como de costume na igreja da Natividade.

Cerca de 1.600 peregrinos na maior parte católicos árabes atravessaram a fronteira de Israel para a Jordania, na cidade de Jerusalem, pela Porta de S. Paulo, muitos deles com camas á cabeça e a maior parte com cestos cheios de laranjas ou de peixe fresco, pois foi muito abundante a pesca na costa de Acre, nos ultimos dias.

A passagem foi combinada para ontem e não, como é habitual, para a véspera do Natal, por hoje ser o «sabbath» israelita. Os peregrinos, a maior parte dos quais deseja assistir á missa da meia-noite em Belém, têm autorização para permanecer na Jordania até terça-feira.

O corpo consular de Jerusalem seguirá esta noite cerimonialmente para Belém, ao longo da velha estrada que está situada, uma parte em território de Israel e outra na Jordania. A larga rede de arame farpado que marca a fronteira será levantada.

Deutro de uma semana, peregrinos da Igreja Ortodoxa Grega virão de Israel para celebrar o seu Natal no lado jordano e, uma semana depois, virão os peregrinos arménios.—(F. P. e R.).

Paz religiosa no Cairo

CAIRO, 24—Monsenhor Zoghby, vigário patriarcal dos gregos católicos do Egipto, foi restituído á liberdade. Tinha sido preso em 18 do corrente em consequência do protesto dos cristãos do país contra a supressão dos tribunais religiosos.

De fonte autorizada, indica-se que a libertação do prelado na véspera do Natal obedece a um desejo de apaziguamento dos animos. Entretanto, o internuncio apostólico prossegue, em nome da Santa Sé, as diligências para conseguir uma solução geral do conflito.

Só os gregos ortodoxos celebrarão as solenidades do Natal, no Egipto. O clero católico de todos os ritos mantém a supressão das missas nocturnas que ordenara como protesto no domingo passado. Quanto á comunidade copta ortodoxa—a mais importante das comunidades cristãs do país, que conta perto de 4 milhões de fieis—anunciou que, pela sua parte, não participaria nas festas da Natividade, que esta Igreja celebra tradicionalmente em 7 de Janeiro. Em sinal de luto, os sinos dobrarão a finados e os bispos coptas ortodoxos ordenaram um jejum de três dias.—(F. P.).

As festas em Paris

PARIS, 24.—Em todos os lares se fazem preparativos, em volta do pinheiro tradicional, para a «festa da família». Em Paris, foram batidos todos os «récords»» de venda de artigos para presentes e brinquedos e de chegada de víveres aos mercados, ao mesmo tempo que se organizaram 226 comboios suplementares para o transporte dos esquiadores a caminho dos campos nevados. A maior parte destes estarão de regresso em 2 de Janeiro e poderão, assim, cumprir o seu dever de eleitores.—(F. P.).

O Natal na Figueira

FIGUEIRA DA FOZ, 24.—A distribuição de numerosos bodos, constituidos por roupas e alimentos, a centenas de pobres, por parte de diversas instituições de caridade e assistencia, foi a nota mais saliente da quadra do Natal, nesta cidade.

O Hospital da Santa Casa da Misericórdia ofereceu hoje, a 1.000 crianças das escolas, uma sessão de cinema.

Novo dispensário
criado em Abrantes

ABRANTES, 24. — Foi criado o dispensário de higiene social desta cidade para tratamento de Dermatologia, Sifiligrafia e outras doenças venéreas. Foi nomeado director do mesmo dispensário, o sr. dr. Veiga Vieira, subdelegado de Saude. Esteve hoje nesta cidade a tratar da instalação o sr. dr. Manuel Duarte, delegado de Saude de Santarém que, com o presidente da Camara, major Manuel Machado, escolheram já as respectivas instalações, cujo funcionamento deve iniciar-se dentro de dias, com os respectivos serviços de enfermagem e visitadores.

Festividades de Natal

Distribuição de peixe e carne de porco no Bairro da Urmeira

O Governo Civil fez distribuir hoje, de manhã, no Bairro da Ulmeira, mais de 500 quilogramas de cabeça de porco e de chispe e mais de 250 quilos de cachucho fresco, pelos moradores das casas mais modestas. Cerca de 600 pessoas foram contempladas no meio da maior alegria. Orientou superiormente a distribuição, auxiliado por outros elementos, o sr. Eduardo Rodrigues Caldeira, secretário da Comissão Central das Juntas de Freguesia.

Enquanto se procedia á referida distribuição, cerca de 500 crianças recebiam a habitual refeição quente, fornecida diáriamente pelo Governo Civil.

No dia de Ano Novo, o Governo Civil distribui bacalhau e vestirá cerca de 250 crianças de ambos os sexos.

As Juntas de Freguesia distribuiram bodos a milhares de pobres da capital

Milhares de pobres da capital receberam hoje bodos, em dinheiro e em géneros, distribuidos pelas diversas Juntas de Freguesia, com a colaboração do Governo Civil, Camara Municipal e União Nacional. Algumas Juntas de Freguesia, além de géneros e de dinheiro, distribuiram também vestuário e calçado a grande numero de crianças.

Nos Centros da M. P.

Nos diferentes centros das Alas da Divisão da Estremadura, os filiados da Mocidade Portuguesa continuam a comemorar, com vários actos — almoços e outras reuniões de camaradagem — a quadra do Natal.

Também está a realizar-se, promovido pela Delegação Provincial, um Concurso Provincial de Presépios, em que já se encontram inscritas as Alas de Caldas da Rainha, Setubal, Mafra, Cascais, Almada, Sesimbra, Marinha Grande e Peniche, além da capital, que será representada pelo melhor presépio apresentado nos seus centros. Práticamente, em todos eles, mais modestos ou mais grandiosos, se ergue o presépio, tema central da Campanha de Reaportuguesamento do Natal, que a organização todos os anos empreende. Na próxima semana serão publicadas as classificações atribuidas.

No Hospital de Santa Maria

Hoje, á meia noite, na capela do Hospital de Santa Maria, celebra-se missa do galo para médicos, enfermeiras e doentes que possam e queiram assistir. Amanhã, ás 9 horas, haverá missa, acompanhada a canticos, pelo grupo coral das enfermeiras. O capelão e mais dois sacerdotes levarão a comunhão aos doentes que não possam levantar-se. Seguidamente, alunas e alunos da Faculdade de Medicina e enfermeiras percorrerão todos os Serviços para entregar aos doentes as suas ofertas.

Na Mundial

Organizada pelo Grupo Desportivo da Companhia de Seguros «A Mundial», realizou-se esta tarde, no jardim da sede daquela companhia, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados. Cerca de 130 crianças assistiram a um espectáculo, com palhaços e um ilusionista e receberam, depois, brinquedos e doces.

Chocolates Favorita

Oferecida pela respectiva gerencia, realizou-se esta tarde, na Sociedade A Voz do Operário, uma festa dedicada aos filhos dos empregados e operários da Fábrica de Chocolates Favorita. Cerca de 200 crianças foram contempladas com brinquedos e peças de vestuário. No final, foi-lhes também servida uma merenda.

No Ateneu da Madre de Deus

O Ateneu da Madre de Deus promoveu esta tarde uma festa de Natal dedicada a cerca de 300 crianças, que foram contempladas com brinquedos e uma merenda. Seguiu-se uma sessão de cinema infantil.

Amanhã, ás 16 horas, aquela colectividade oferecerá outra sessão de cinema infantil, com filmes cedidos pelo S. N. I.

Laboratórios Azevedos

Realizou-se esta tarde, nos salões da Casa de Trás-os-Montes, promovida pela administração da Sociedade Industrial Farmacêutica (Laboratórios Azevedos), uma festa dedicada aos filhos do pessoal daquela empresa, seguida de merenda oferecida a todo o pessoal e suas famílias.

As esposas dos administradores e a eng.ª D. Ana Maria Pereira da Gama procederam á distribuição de vestuário e brinquedos a cerca de 150 crianças.

Perfumarias Nally

A Sociedade de Perfumarias Nally ofereceu aos filhos dos seus operários, uma encantadora festa de Natal, que se realizou nas instalações da fábrica, ao Campo Grande.

Numa sala lindamente ornamentada, a petizada deliciou-se com a exibição de palhaços e, os maiores, ouviram cantar Alberto Ribeiro, acompanhado por Mário Simões.

Houve distribuição de brindes aos operários de ambos os sexos e, ás crianças, foram oferecidos brinquedos e guloseimas. Por fim, noutra sala, os proprietários da fábrica ofereceram uma merenda a cerca de uma centena de convidados.

Chocolates Regina

A gerencia da Fábrica de Chocolates Regina ofereceu esta tarde uma festa de Natal, na sede da empresa, aos filhos dos seus empregados e operários. Depois de assistirem a um agradável espectáculo, as crianças — cerca de 150 — receberam brinquedos, peças de vestuário e doces.

Na Ford Lusitana

Nas suas instalações, á Rua Castilho, a Ford Lusitana ofereceu uma encantadora festa de Natal ás esposas e filhos dos seus empregados. Servida uma magnífica merenda, enquanto as senhoras visitavam o edifício onde os seus maridos trabalham, as crianças deliciavam-se com a actuação de palhaços e recebiam brinquedos.

Assistiram á festa os srs. Guilherme Nadal, director-geral da Ford Lusitana; Pedro Blanch, P. L. Yriart e Henrique Marques, directores, respectivamente, de vendas, de finanças e técnico.

Outras comemorações

Amanhã, ás 15 horas, na sede do Clube de Campismo de Lisboa, efectua-se uma festa dedicada aos filhos dos associados, que constará de teatro infantil, palhaços e cinema. Haverá também, distribuição de brinquedos a todas as crianças presentes.

—O Grupo Onomástico «Os Josés» distribui amanhã, ás 11 horas, um bodo a pobres seus protegidos. A's 15 horas, promove uma festa dedicada aos filhos dos associados.

—O Nucleo de Beneficência do Grupo Desportivo da Fábrica Portugal, com a cooperação da empresa, leva a efeito, amanhã uma distribuição de vestuário, brinquedos e guloseimas a crianças filhos do seu pessoal.

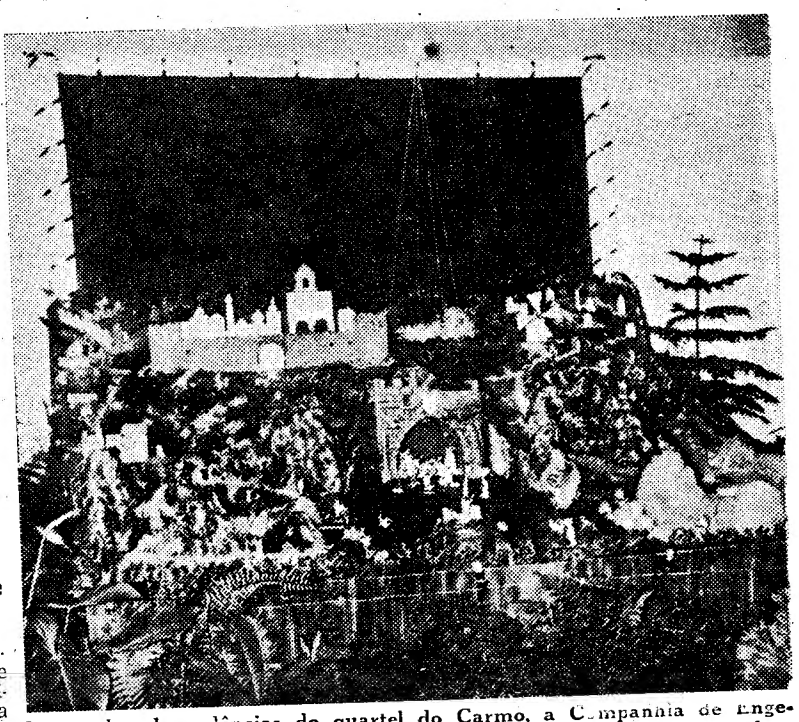
Na União Electrica Portuguesa

PORTO, 24. *(Pelo telefone)*. — O Coliseu registou ontem, á tarde, uma das suas maiores enchentes, pois dos seus três mil lugares nenhum ficou devoluto. A «família», U. E. P., incluindo o pessoal da Electra del Lima, assistiu ali ao espectáculo anual comemorativo do Natal, que a comissão de festas daquela importante empresa oferece a todos os seus companheiros de trabalho. Foi uma reunião alegre e ruidosa, que encantou não só a criançada, em numero talvez superior ao dos adultos, como estes. Todos deram largas ao seu contentamento, especialmente ao aplaudir os numeros teatrais da sua predilecção.

Actuaram na festa, pequenos e grandes, estes, artistas já consagrados e muito popularizados pelas emissoras. Os «miudos» lá se «desfizeram» da incumbencia, conforme juderam. O espectáculo teve a colaboração simpática dum grupo de rapazinhos do bairro da Sé, que nos numeros «Paulitciros» e «Vira da Nazaré» arrancaram muitos aplausos.

Para assistir a esta festa, tão encantadora, vieram ao Porto, funcionários e operários do Lindoso, Braga, Ruivães, Avanca, Mogofores, Soure, Coimbra e Condeixa, os quais se faziam acompanhar das famílias.

Em camarotes, assistiram ao espectáculo os srs. D. Manuel Salto, dr. Sousa Pinto, dr. Tavares Junior, engenheiros Mamede Fialho, Mac Lellan, José Brandão, Mário Costa, Licínio Cunha, António Miguens, José Bastos, Beires, Filho, Serafim Santos, Abel Barbosa, etc.



Numa das dependências do quartel do Carmo, a Companhia de Engenhos da G. N. R. ergueu um presépio com cerca de três metros de comprimento por dois de largura. Obra do comandante da companhia, sr. capitão Manuel Joaquim Macieira, com a colaboração dos alferes Silvestre e Marranzo, soldados 43, 74 e 2.º cabo 14, trabalho, de execução perfeita e com movimento, tem despertado grande curiosidade entre o publico, que o pode admirar até ao dia 6 de Janeiro

O PRESÉPIO EM CARNE E OSSO—Em agradecimento a Mick Micheyl pela sua canção «La legende des santons», que glorifica a Provença, os provençais de Paris organizaram uma cerimónia alusiva ao Natal, em que os artistas oriundos do Meio-Dia incarnaram as figuras tradicionais do presépio. Mick Micheyl aparece-nos ladeado por Colette Ripert, por Claude Vega, pelo «rei Mago» Leo Champion e por Claire Brietti

Em SETUBAL é o «Diário de Lisboa» vendido pelo Sr. Augusto Carlos.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

ATROPELAMENTOS — Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, a sr.ª D. Maria Rosa da Conceição, de 65 anos, residente na Rua Castelo Picão, que na Rua da Cintura foi atropelada por uma motocicleta e sofreu fractura grave numa perna.

—No Hospital de S. José deu entrada Domingos Esteves, de 52 anos, sem residência conhecida, que em Aveiras de Cima foi atropelado por uma bicicleta.

—Na Avenida Fontes Pereira de Melo, foi atropelada por um «eléctrico» Maria da Conceição, serviçal, de 30 anos, residente na Avenida João XXI, 13, 5.º. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

—Também ali deu entrada, por ter sido atropelada, na Rua de S. Bento, por um «eléctrico» Maria Augusta Gomes, de 7 anos, residente na Travessa do Tarujo, 41, 1.º, que ficou muito ferida na cabeça.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Amanhã, dia de Natal, realizam-se «matinées»-dançantes, na Casa de Trás-os-Montes, Academia 1.º de Setembro de 1867, Casa do Algarve e nos Bombeiros Voluntários Lisbonenses.

SORTEIO ADIADO

O grande sorteio que a Associação Académica da Amadora está a promover e se encontrava marcado para 31 do corrente, foi transferido para 30 de Junho próximo. Os bilhetes para este sorteio, podem pois continuar a ser pedidos á Associação Académica da Amadora, Rua António Correia, 7, Amadora.

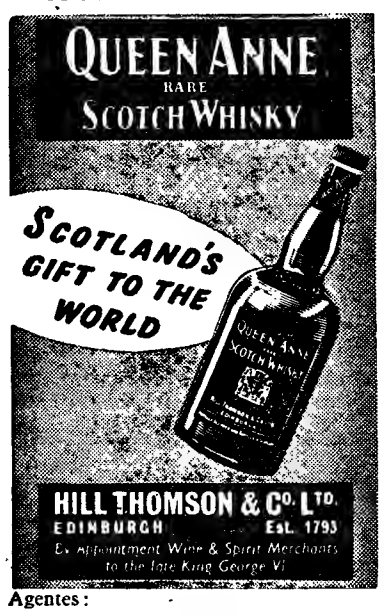
CONCERTO DE CANÁRIOS

Rádio Clube Português emitirá hoje, em Parede, pelas 21 e 45, e amanhã á mesma hora, pelo Emissor de Miramar-Porto, na banda dos 383,6 metros, mais dois concertos do já famoso «Orfeão» de canários do conceituado canaricultor Francisco Rodrigues Junqueiro, de Cascais, dedicados á Festa da Familia.

QUEM PERDEU?

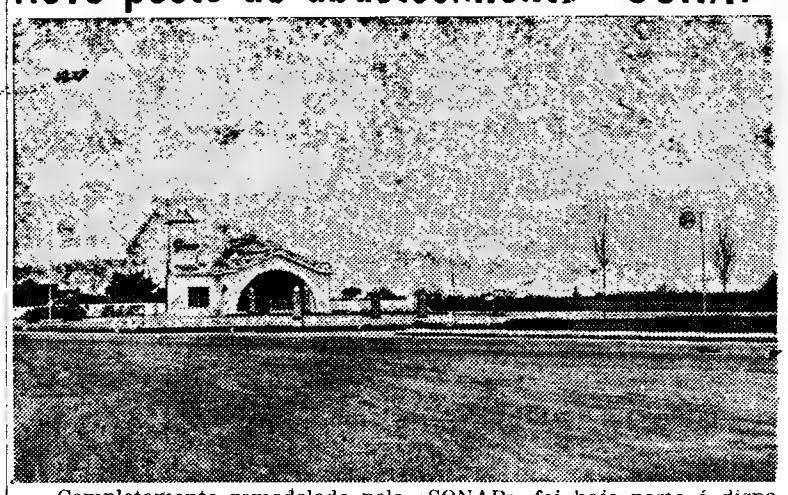
Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): três pares de luvas de senhora, uma quantia em dinheiro, duas combinações de criança, dois pares de óculos graduados, uma bomba de motocicleta, um cartão e estatutos de um sindicato em nome de Américo Valente de Figueiredo, um porta-moedas com dinheiro e jogo da lotaria, um lenço de seda, uma capa de plástico, duas luvas de senhora desirmanadas, o bilhete de identidade de Natália Gonçalves Rocha, três luvas de homem desirmadas, um alfinete de ouro de senhora, diversas argolas com chaves, um casaco de malha de senhora, uma malinha de criança, um rosário com crucifixo, uma pulseira de ouro, uma bota de criança, um porta-moedas com dinheiro e pedras de isqueiro, um porta-moedas com um relógio de senhora, uma sombrinha de senhora, um relógio de pulso de homem, um par de luvas de homem, um cachecol, três velas de cera, um sapato de criança, um gancho de veículo atrelado e uma pequena carteira com fotografias.

A ESCOCIA OFERECE AO MUNDO A RAINHA DAS BEBIDAS



Agentes:
José M. de Sousa & Filho, Lda.
Rua Victor Cordon, 15 e 17
Telefone 28974 — Lisboa

Novo posto de abastecimento «SONAP»



Completamente remodelado pela «SONAP», foi hoje posto á disposição do publico o POSTO DE ABASTECIMENTO DE ST.º IZIDRO, situado em PORTO ALTO (estrada do Cabo), no cruzamento das estradas VILA FRANCA DE XIRA/EVORA e MONTIJO/SAMORA-CORREIA. O novo posto de abastecimento oferece todas as comodidades aos estradistas, impondo-se pela sua excelente localização e facilidade de acesso e manobra pela vastidão da sua área.

A agitação em Chipre

assume aspectos inquietantes

entre a mocidade das escolas

NICOSIA, 24. — Os alunos de escolas secundárias gregas, em Chipre, tanto rapazes como raparigas, intensificaram nas ultimas semanas a sua desobediência ás autoridades, com faltas ás aulas, manifestações anti-britanicas nas ruas e recontros com forças de segurança. Isto deu-se apesar de penalidades cada vez mais pesadas de prisão e flagelação que os tribunais têm agora poderes para pronunciar, nos termos dos regulamentos de emergência recentemente postos em vigor.

Em muitas escolas, a indisciplina tem sido tão grande este Outono que, virtualmente, se perdeu todo o periodo. As autoridades escolares confessam-se impotentes para impedir os desacatos.

As violentas demonstrações contra o dominio britanico, que se iniciaram expontaneamente há um ano, ao ser rejeitado o primeiro apelo grego ás Nações Unidas, tornaram-se recentemente um aspecto regular. Os alunos das escolas, que têm receio de ser detidos em disturbios nas ruas, têm ainda mais medo de ser classificados de cobardes ou traidores pelos seus companheiros mais intransigentes, se não tomarem parte nas manifestações.

Professores que têm tentado persuadir os alunos a abandonar as desordens e a regressar a casa, têm sido violentamente desobedecidos. Alguns reitores, que têm promovido reuniões com os pais para se conseguir restabelecer a ordem nas escolas, têm sido ameaçados de morte. O próprio arcebispo Makários, chefe reconhecido do movimento de autodeterminação foi recentemente desobedecido quando aconselhou os rapazes a regressarem ás aulas.

Não é dificil encontrar a razão por que os alunos dos 12 aos 19 anos têm estado tanto em destaque na luta que se trava. Há anos que nas suas escolas lhes têm sido realçadas as glórias dos herois gregos — as escolas são dirigidas pelos regulamentos do Ministério da Educação grego — assim como pelos pais e pelos sacerdotes, nas suas prédicas no pulpito. De Atenas vêm-lhes notícias de manifestações de estudantes de solidariedade pela sua causa e, de outras partes, sabem que estudantes universitários têm estado sempre na primeira linha de movimentos desta espécie. Além disso, tem amplo encorajamento da rádio de Atenas que os exorta a serem herois nas primeiras fileiras da luta. «A juventude de Chipre está resolutamente obstinada a enfrentar constante guerra de terrorismo, lançada diáriamente contra ela pela administração britanica da ilha» — afirmou um comentário. Contra este peso de propaganda e de incitamento não se ouve uma unica voz de condenação da vasta corrupção da juventude cipriota, que, seja qual for o futuro político da ilha, trará repercussões muito desagradáveis nos anos vindouros.

Mais ou menos um mês depois da organização terrorista «EOKA» ter iniciado as actividades, em Abril deste ano, vários alunos das escolas foram encontrados na posse de panfletos contendo «juramento» da «EOKA». Contra esse juramento nem sequer o chefe da Igreja de Chipre pronunciou uma palavra de condenação. Nestas circunstancias, a nova geração de cipriotas gregos tornou-se um joguete do terrorismo, distribuindo regularmente panfletos da «EOKA», fazendo manifestações com violência e fornecendo numero quase inesgotável de jovens graduados terroristas para o futuro.— (Reuter).

As carreiras aereas

entre Portugal e o Brasil

RIO DE JANEIRO, 24 — As carreiras semanais dos aviões portugueses entre Lisboa e o Rio de Janeiro devem ser inauguradas em princípios de Fevereiro, segundo afirmou o representante dos Transportes Aéreos Portugueses no Rio, sr. António Pedro Rodrigues.

Acrescentou que os aviões a empregar — os novos «Super-Constellations», adquiridos pelos T. A. P. — ampliarão, mais tarde, os seus percursos a outros países da América do Sul e que também o numero de viagens será progressivamente aumentado. — (A. N. I.).

Em REGUENGOS DE MONSARAZ o «Diário de Lisboa vende-se na casa A. C. Marques.

Temas culturais

(Continuação da 7.ª página)

unica diferença que faz do homem-massa que não está arvorado em *élite*, é que este só perde tempo a ler artigos que tratem mais ou menos da *bola*...

E', bem sei, a grande maioria do publico dos jornais. Mas o jornal não pode ignorar a existencia da minoria que também o lê e é capaz de consagrar mais de um quarto de hora a um artigo sério.

O sr. Piatier cita uma passagem de Zola, onde este diz que, sempre que alguém o procurava a pedir-lhe conselho por uma boa causa, compelia-o a arremessar-se na plena batalha do jornalismo — «*ce bain de force*». E o sr. Piatier comenta com acerto, quando Zola deplora o jornalismo a menos de um quarto de hora de leitura: «Porque se Zola se insurge, é porque crê na imprensa, na sua dignidade, no seu papel educador».

Ora uma das formas da missão da imprensa — em sua dignidade e em seu papel educador — num momento em que as condições da vida cultural do nosso país são cada vez mais precárias, é preencher precisamente, na medida do possível, os vazios dessas condições precárias. Um exemplo, entre muitos, é o aparecimento — e ainda bem — das páginas literárias e artísticas nos nossos diários, o que corresponde á pobreza das nossas revistas especializadas de cultura. Pobreza em qualidade e em quantidade, por motivos de vária ordem, entre os quais avultam os motivos de dificuldade na base económica.

Sei que em outros países, com mais fáceis condiões de vida espiritual, os diários consagram, na mesma, largo e larguissimo espaço aos assuntos de cultura; mas se, ali, se vai ao encontro duma aceitação espontanea geral, já aqui — e eis uma função providencial da imprensa — procura-se obviar á falta dessa aceitação espontanea geral.

Efeitos análogos com causas diferentes e — opostas.

O jornalismo que teima em fazer cultura a mais de um quarto de hora, bate-se, pois, e sem duvida, por um bom principio e em plena consciencia da sua missão social. Embora seja o bom principio do pequeno numero Mas não será deste pequeno numero — a restaurar como verdadeira *élite* dirigente — que hão-de vir, de novo, a dignificação da Vida e a segurança do Mundo em que vivemos?

AMORIM DE CARVALHO

MAIS E MELHORES FOTOGRAFIAS

COM O NOVO FILME GEVAPAN 36

IDEAL PARA INTERIORES

À VENDA NAS BOAS CASAS

REP.TES GARCEZ, L.DA LISBOA

DE LUTO

D. Laura Adelaide de Oliveira Madaleno

Faleceu, esta madrugada, a sr.ª D. Laura Adelaide de Oliveira Madaleno, de 59 anos, natural de Camarate, Loures, filha da sr.ª D. Maria Rosa de Oliveira Madaleno, já falecida, e do sr. José Ferreira Madaleno. A extinta era irmã da sr.ª D. Elvira do Carmo de Oliveira Madaleno e sobrinha da sr.ª D. Emília Adelaide de Oliveira e do sr. José Salgado de Oliveira.

O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde o corpo se encontra depositado, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres. Antes, porém, ás 9 horas, será rezada missa de corpo presente.

D. Amélia Augusta Ribeiro

Na sua residência, Rua Alexandre Herculano, 57, 3., faleceu a sr.ª D. Amélia Augusta Ribeiro, de 90 anos, natural de Chacim, Macedo de Cavaleiros. O funeral, a cargo da agência Magno, realizou-se hoje, ás 16 horas, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

Nasário Dantas Carneiro

SEIXAS DO MINHO, 2?—Em casa de seu irmão, o advogado sr. dr. Francisco Dantas Carneiro, presidente da Camara de Caminha, onde se encontrava acidentalmente, faleceu o sr. Nasário Dantas Carneiro, solteiro, de 65 anos, proprietário, natural e residente na vizinha freguesia de Lanholas. O seu funeral realizou-se, com grande assistência, para o cemitério daquela freguesia.

Emília da Conceição Teixeira

VILA REAL, 24—Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Emília da Conceição Teixeira, de 82 anos, viuva, mãe dos srs. Almor Augusto Cardoso e Augusto Cardoso.

Jacinto da Glória Morte

EVORA, 23. — Faleceu o sr. Marcos Augusto Morte, pai do sr. Jacinto da Glória Morte, funcionário da Filial da Caixa Geral de Depósitos de Evora. O extinto que trabalhava na Agência do Banco de Portugal, de modo a grangear as melhores simpatias, contava 85 anos, sendo o seu funeral muito concorrido.

ROMAGENS

José Maria Alvares

A memória de José Maria Alvares, grande figura da industria nacional que, durante longos anos presidiu aos destinos da Associação Industrial Portuguesa, conserva-se sempre viva, entre os que conheceram o seu espírito bom e empreendedor. Ao passar hoje mais um aniversário do seu desaparecimento, a família e um numeroso grupo de amigos lá foram mais uma vez ao cemitério dos Prazeres, em piedosa romagem até junto do jazigo onde repousam os seus restos mortais. Entre os seus amigos fieis compareceram os srs. dr. Francisco Cortês Pinto e engenheiro Carlos Garcia Alves, presidente e vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa, de que estavam presentes ainda outros directores e respectivo pessoal.

SUFRAGIOS

Dr. Rodolfo Xavier da Silva

Assinalando a passagem de mais um aniversário da morte do dr. Rodolfo Xavier da Silva, que foi médico distinto e ministro do Trabalho, sua familia manda celebrar missa de sufrágio no próximo dia 27, ás 10 horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira.

†

Ana de Gonta Colaço

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua Familia participa que no dia 26 pelas 11 horas, na Igreja de Santos-o-Velho se reza missa por sua alma agradecendo desde já a todos que se dignem assistir a este piedoso acto.

PRODUTOS SIMCA DISTRIBUIDOS PELA FORD LUSITANA E SEUS CONCESSIONÁRIOS VEDETTE

DISTRIBUIDORES VEDETTE PARA O SUL DO PAÍS

STAND MODERNO (F. NUNES DE CARVALHO)

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 5-A — LISBOA

EXCURSÕES CAPRISTANOS

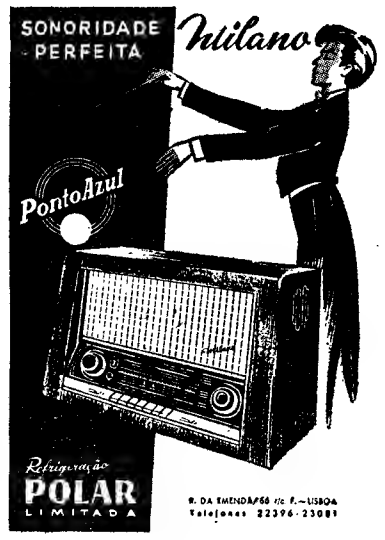
A MADRID
FIM DO ANO
Partida de Lisboa a 29 de Dezembro
Chegada a Lisboa a 5 de Janeiro

A SEVILHA
DIA DE REIS
Partida de Lisboa a 5 de Janeiro
Chegada a Lisboa a 8 de Janeiro

A FATIMA
TODOS OS DOMINGOS

INFORMAÇÕES:
CAPRISTANOS
Avenida da Liberdade, 72-A
Tel. 35505

SONORIDADE PERFEITA — Milano — Ponto Azul



Refrigeração POLAR LIMITADA
R. DA EMENDA, 68 r/c. P.—LISBOA
Telefones 22396-23081

SUPER ALTA FIDELIDADE
SÉRIE FONOPLÁSTICA

João Camilo Alves, L.da

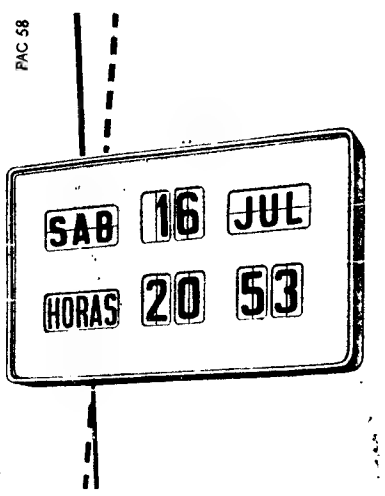
VITI-VINICULTORES

Escritório e Armazém
R. Fernão Lopes, 5-7 — LISBOA
Telefs. 4 5066 e 4 0261

Adegas BUCELAS Telefone 1

Aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos desejam Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

PAC 58



RELÓGIO CALENDÁRIO PERPÉTUO PARA DAR HORAS E DATAS CERTAS EM TODOS OS MOMENTOS
RESERVA DE MARCHA: 18 HORAS! MESMO NOS MESES DE 28 29 E 31 DIAS E EM ANOS BISSEXTOS O AUTOMATISMO É ABSOLUTO

solari

REPRESENTANTE
URBANO C. MIRANDA
R. AUGUSTA, 280-4.º • TELEF. 29574

A. da Cunha Rosa

FOLHA, ESTANHO, CHUMBO, COBRE, ARAME E ARCO PARA EMBALAGENS

RUA DA PRATA, 56 — Telegramas: ROSAFOLHA. Telef.: 2 6744 LISBOA

LUSOMAX

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Natal e prosperidades no Ano Novo.

R. DOS CORREEIROS, 123, 3.º, D.—Telefone 30874—LISBOA

RESTAURANTE PALMEIRA

RUA DO CRUCIFIXO, 69 A 73
Telefone 28372

A Gerência e empregados cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

TELEFONE 29688 — End. Teleg. SANLUAR

Pereira, Limitada

Armazém de Mercearia — Cereais — Legumes — Conservas — Comércio Geral — IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LARGO DO TERREIRO DO TRIGO, 15 — LISBOA

Sauda os seus prezados Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Fume com boquilha Sprint

Elegante, eficaz e de grande duração.
A BOQUILHA SPRINT é inquebrável, toda desmontável para limpeza e com prático injector.
A' venda nas boas Tabacarias.
Representante
CASA CAIÓS
Rua Chã 111 — Porto

Relógios a 200$00

Para homem e senhora. Uma linda colecção de relógios suíços ao preço unico de 200$00.
Relojoaria BARATEIRO DE S. DOMINGOS. Rua Barros Queirós, 56.

Empresa dos Tabacos de Angola

Sede: LUANDA

Agência em LISBOA — PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º, Dt.º
TELEFONE 20232 — Telegramas AMENDOENSE

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas, e um Ano Novo muito feliz.

MAGINA

Restaurante, Cervejaria e Tabacaria

Esmerado serviço — Vinhos especiais—Aperitivos escolhidos
Largo do Regedor, 17
Rua Eugénio dos Santos, 9

Deseja aos seus estimados clientes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

HIPOTECAS
FAZ S/ AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS — RAPIDO — SIGILO
A FINANCIADORA
TELEF. 24446 — LISBOA

AUTOMOVEL

CRIANÇA

Torpedo de pedais, vende-se. Rua Filipe da Mata, 102.

PASTELARIA E RESTAURANTE
«COLOMBO»

10-H, AVENIDA DA REPUBLICA, 10-J — Telefones 49225 e 55228

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e bom Ano Novo.

A GINJINHA

de J. Manuel Lourenço Lima

Aguardentes, Vinhos e Licores
Rua Eugénio dos Santos, 7

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um ano novo muito próspero.

RECORD BATIDO

Em facilidades. Não desequilibre o orçamento.
Compre a prestações desde 25$00 semanais na
ALFAIATARIA PENINSULAR, LDA.
Poço do Borratém, n.º 31, 1.º
Direcção técnica — J. C. Moura
Alfaiate diplomado

Mobílias tipográficas

Os que mais barato fabricam
Antiga casa Soares & Coelho
R. do Norte, 61 (ao Camões). Tel. 26550

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

Restaurante "LA GONDOLA"

AVENIDA DE BERNE, 60 — LISBOA

Deseja Festas Felizes aos seus Ex.mos Clientes.

Casa Confiança

J. SIMÕES TRAVASSOS
Praça da Figueira, 15-B 15-C

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e o máximo de venturas no Novo Ano.

MAPLES

Os mais baratos e cómodos
Antiga casa Soares & Coelho
Rua do Norte, 61 (ao Camões)
Tele 26550

Esta é «Fedra» (Emma Penella) que provoca grandes disturbios entre as hostes masculinas no filmes espanhol que tem o seu nome. Convenhamos que não é caso para menos...

A mensagem do Papa

(Continuação da 1.ª página)

ria essa condição, tanto mais que haveria todas as razões para duvidar de que se desejava chegar realmente á conclusão das outras duas convenções. Falamos tão abertamente, porque o perigo de propostas insuficientes na questão da paz depende, em grande parte, da suspeita recíproca que tantas vezes perturba as relações das potências interessadas que se acusam mutuamente, embora em graus diversos, de pura táctica, se não de falta de lealdade numa causa fundamental para a sorte de todo o género humano».

O Padre Santo continua declarando que os esforços tendentes a garantir a paz devem tender igualmente a evitar e a eliminar os conflitos entre os povos. Chama a atenção dos estadistas para esta necessidade e refere-se, em especial, aos focos de discórdia existentes nas relações entre os povos europeus e os povos doutros continentes que aspiram a realizar a sua independência. Entende que agravar estes conflitos, apenas seria proveitoso para «um terceiro que nem um nem outro dos dois grupos, quer ou pode querer».

«Seja como for, não se negue a esses povos uma liberdade política justa e progressiva, prossegue o Papa. No entanto, os mesmos povos reconhecerão á Europa o mérito dos seus progressos, á Europa sem a influencia da qual poderiam ser arrastados por um nacionalismo cego para o caos e a escravidão».

A expansão dos principios da Europa Ocidental

«Por outro lado, os povos do Ocidente e, sobretudo da Europa, não deveriam ficar indiferentes numa saudade inutil do passado ou fazendo censuras mutuas de colonialismo. Deveriam pôr mãos á obra de maneira construtiva, a fim de se incutirem, onde se não fez ainda, os valores sinceros da Europa e do Ocidente, que tantos frutos deram noutros continentes. Quanto mais se tiverem empenhado em realizar estes fins, mais terão contribuido para a realização das justas liberdades dos povos novos que assim serão preservados das seduções do falso nacionalismo. Este é, na realidade, o seu verdadeiro inimigo que os levantaria, um dia, uns contra outros em proveito de terceiros».

Falando, a seguir, da tendência da sociedade moderna para procurar a segurança própria nos progressos da Ciência e da Técnica, Pio XII afirma: «Os que, nesta época industrial, acusam e com razão o Comunismo de ter privado da sua liberdade os povos que domina, não deveriam omitir de notar que mesmo do outro lado do Mundo a liberdade será uma possessão muito duvidosa, se a segurança do homem não decorrer de estruturas correspondentes á sua verdadeira natureza».

Depois de condenar a «superstição», que faz assentar a salvação da Humanidade no processo crescente da produção social, acrescenta: «Esta superstição nem sequer é capaz de erguer um baluarte sólido contra o Comunismo, porque tanto é partilhada pelos comunistas como por muitos não-comunistas.

«Igualmente rejeitamos a opinião de que os cristãos devem hoje considerar o Comunismo como um fenómeno ou uma etapa no curso da História, como um «momento» necessário da evolução desta e aceitá-lo, consequentemente, quase como um decreto da Divina Providência».

O Sumo Pontifice passa a expôr os deveres dos cristãos: «Exortamos os cristãos da era industrial a não se contentarem com um anticomunismo baseado na divisa e na defesa de uma liberdade inteiramente despida de conteudo, mas exortamo-los preferentemente a edificarem uma sociedade em que a segurança do homem assente na ordem moral de que repetidas vezes expusemos a necessidade, reflectindo a verdadeira natureza humana».

O Santo Padre insiste no dever para os cristãos de procederem de modo a que a sociedade moderna regresse, nas suas estruturas, ás fontes consagradas pelo Verbo de Deus. Descurar esta tarefa, seria praticar uma traição para com o Homem-Deus. Uma acção cristã no Mundo, inspirada nesta preocupação, deveria, afirma o Papa, dissipar todas as suspeitas de pretensas ambições de potência terrestre da parte da Igreja.

O papel dos agrupamentos católicos no bem comum

«Assim, acrescenta Pio XII, os cristãos, ao juntarem-se em diferentes organizações, outras finalidades não têm além do serviço que Deus quis para o bem do Mundo. E' por esta razão, e não por fraqueza, que os cristãos se agrupam. Mas continuam acessiveis a toda a empresa sã e a todo o progresso sincero e não se metem num recinto fechado, como para se preservarem do Mundo. Votados ao bem comum, não desprezam os outros, que se forem acessiveis á luz da razão, poderiam e deveriam aceitar da doutrina do Cristianismo, pelo menos, o que assenta no direito natural».

«Precavenham-se, exclama o Papa, contra os que desprezam este serviço cristão no Mundo e lhe opõem um suposto «puro e espiritual» Cristianismo. Não compreenderam esta divina instituição, a começar pelo seu fundamento: o Cristo, verdadeiro Deus, mas também verdadeiro homem».

Depois de insistir demoradamente nos limites do poder humano e no alto valor moral do trabalho, «instrumento verdadeiro da santificação do homem», conclui a sua mensagem:

«As experiências falhadas dos povos, dos sistemas, dos seres humanos, que não quiseram pedir a Cristo o caminho, a verdade, a vida, deveriam ser consideradas e meditadas a fundo por quem julga poder tudo fazer pelos seus próprios meios. A Humanidade de hoje, culta, poderosa, dinamica, talvez possua mais titulos á felicidade na Terra com segurança e com paz, mas esta não poderá ser realidade enquanto a mesma Humanidade não tiver introduzido nos seus cálculos, nos seus designios e em discussões o factor mais elevado e mais eficaz, Deus e o seu Cristo. Que o Deus-Homem regresse entre os homens. Rei reconhecido e obedecido, como espiritualmente regressa em cada Natal no berço para se oferecer a todos. Este, o voto que nós exprimimos hoje á grande familia humana na certeza de lhe indicarmos o caminho da sua salvação, e da sua felicidade». — (France Presse).

A recepção em Jerusalém ao patriarca Latino

BELEM, 24. — O patriarca Latino de Jerusalem entrou solenemente em Belem, escoltado por Polícia montada, para celebrar as Festas da Natividade. Foi recebido junto da Basílica da Natividade pelas autoridades civis e militares da cidade, na presença duma multidão enorme de peregrinos de todas as nacionalidades, que se juntaram, apesar do Céu escuro e de nuvens baixas, ameaçando chuva.—(F. P.).

O terrorismo na Argélia

Como se deu a rendição

de um importante chefe rebelde

BATNA, 24. — Kerbadu Ali Ben Makki, chefe rebelde da zona de Djebel Chebar, entre o Aurès e os Nementchas, e que comandava toda a zona Sul, entre Dejellal e Khanga Sidi Nadji, a 100 kms. ao Sul de Kenchela, rendeu-se ás forças da ordem, com receio de ser executado por ordem dos seus superiores. Kerbadu, que tem 20 anos de idade, fez a sua rendição no posto de Djellal, na quarta-feira de manhã, em companhia de quatro companheiros. Hoje, pedirá oficialmente asilo ao general Parlange, que comanda a zona dos Aurès-Nementcha.

Há mais de um mês que Kerbadu sentia que a desconfiança se cerrava á sua volta. A notícia de que o cheik Si Ali Bachir, aliás Si Messaud, um dos maiores nomes do terrorismo em Constantina, tinha sido executado, aumentou ainda mais o seu receio. Por outro lado, pôde verificar que os seus superiores, nomeadamente o seu chefe directo, Laghrun Abbes, ia afastando de ele os seus adeptos, e de tal forma, que em breve aqueles eram apenas quatro: um irmão, um primo e mais dois homens, que foram os que se renderam com ele.

A seguir, Laghrun Abbes deu-lhe ordem de sair do teatro de operações, o que, para ele, que ainda nessa altura comandava 150 homens, era uma condenação á morte. Aceitou, pois, partir com uma escolta de 15 homens. Mas durante o trajecto, com auxilio dos quatro adeptos e com a vantagem que lhe conferia estar de posse de uma espingarda-metralhadora, atacou a sua própria escolta, que fugiu em direcção de Djellal. Na escolta, encontravam-se, segundo declarou, o dr. Lamrani, bastonário em Batna, e Maurice Laban, professor também em Batna, ambos membros do Partido Comunista argelino. «Vi-os cair sob as nossas balas — declarou — bem como um alemão, desertor da Legião, que se chamava Messaud». Desfeita a escolta, Kerbadu, prosseguindo na sua viagem, de noite, chegou ás primeiras horas da manhã do dia 20 de Dezembro á rgião de Djellal, onde destacou um dos seus quatro adeptos, portador de um bilhete, ao posto militar. Hoje fará a sua rendição oficial ao general Parlange, na presença de várias populações das montanhas dos Nementches.

Esta rendição permitiu conhecer certos aspectos do terrorismo, no departamento de Constantina, e a verdade quanto á personalidade de alguns chefes rebeldes. Kerbadu deu, com efeito, a quando do seu interrogatório no posto militar, várias informações sobre o terrorismo da região em que operava. «Além do alemão que eu abati quando fugia da minha escolta — declarou — posso afirmar que outros alemães desertores estão com os felagas. Um de entre eles foi fuzilado porque as bombas de cujo fabrico estava encarregado não explodiam».

Kerbadu, alto, práticamente analfabeto, tinha conseguido um certo dominio sobre os 150 homens que, até há poucas semanas, estavam sob o seu comando. O cheik Si Ali Bachir cuja execução foi práticamente a origem da rendição de Kerbadu, era também um jovem de 26 anos. Tinha, no entanto, feito os seus estudos no liceu de Constantina. De caracter arisco, tinha tomado parte nos incidentes que se deram em 1945. Depois de se ter refugiado no Cairo, regressou a Batna e aderiu ao M. T. L. D. O dr. Lamrani, nascido em Batna, em 1914, foi, até ao ano passado bastonário em exercício, tendo saido de Batna para Argel onde foi atingido por uma ordem de expulsão, o mesmo acontecendo a Maurice Laban, professor, membro também do Partido Comunista da Argélia. Ambos decidiram ligar-se aos bandos terroristas do Leste do maciço do Aurès. O advogado, dr. Lamrani, foi candidato em quase todas as eleições que se realizaram em Batna e ainda ultimamente se apresentou contra o dr. Cadi Ali ás eleições legislativas.

Um pormenor do interrogatório de Kerbadu mostra bem as divergências que existem entre os diversos chefes dos rebeldes. Ao perguntarem-lhe se conhecia a identidade de dois cadáveres que foram encontrados perto de El Guelaa, respondeu que se tratava de vitimas de uma «depuração» de rebeldes que tinha feito, não dois mortos, mas quase cem. — (F. P.).

A agitação prossegue

ARGEL, 24. — Nas ultimas 24 horas, em operações nas regiões de El Arrouch, Conde Smendou, El Milia e Robertville, bem como em toda a zona Leste do departamento, foram presos 98 suspeitos, entre os quais, 7 rebeldes, sendo apreendido vário armamento. Nas áreas de El Aria e El Matheur deram-se várias tentativas rebeldes, mas a resposta das forças da ordem não se fez esperar, pondo em fuga os terroristas. Foram cometidos uns 10 assassinios. Há, também, a assinalar vários incêndios e actos de sabotagem, mas o seu numero foi menos elevado do que o dos dias precedentes. — (F. P.).

Atentados em Marrocos

RABAT, 24. — Registaram-se novos atentados em Marrocos. Na cidade europeia de Rabat, um gendarme francês foi atingido a noite passada, por um tiro de revólver, nas costas, disparado por um Marroquino que fugiu.

Ontem pela tarde, em Marraquexe, verificou-se uma barragem de pedregulhos na estrada para Uarzazate.

Em Port-Lyautey, esta manhã, um merceeiro francês da medina foi atingido por balas de revólver, num braço e no ventre.

Por ultimo, encontrou-se o cadáver de um cozinheiro marroquino, perto da base americana de Sidi Slimane. A vitima estava golpeada na cabeça e tinha vestígios de estrangulamento. — (F. P.).

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ALMADA na Tabacaria Arcada.

EM 3 LINHAS

A direcção das termas das Caldas de Vizela, deliberou conceder o desconto de 50 por cento nas inscrições e banhos termais daquela empresa a todos os combatentes sócios da Liga.

///

O dr. Fernando Leal foi aprovado no concurso para assistente de tisiologia dos Hospitais Civis de Lisboa.

///

O «Diário do Governo» publicou hoje a lista provisória dos candidatos admitidos provisóriamente ao concurso para prenchimento de vagas de terceiros oficiais do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

///

A Camara Municipal de Abrantes aprovou o anteprojecto do novo edifício da Caixa Geral de Depósitos a construir naquela cidade. As obras principiarão em Janeiro próximo.

///

Na base aérea n.º 2, na Ota, vão ser construídos dois edifícios: um para alojamento de oficiais, e o outro para armagem de turbinas.

///

O Subsecretariado de Estado da Aeronáutica vai construir, na serra de Monsanto, edifícios para camarata e sala de sargentos e a casa da caldeira.

///

Foram abertos créditos especiais, a favor das provincias de Angola, Timor, Cabo Verde e S. Tomé e Principe, para reforçar verbas insuficientemente dotadas.

///

Para a reparação do navio «D. Aleixo», foi aberto um crédito especial de 1.000 contos, na provincia de Timor.

Que é de'a

— a culpa...

Não sabe bem porque foi preso e teve de passar uma tarde, uma noite e parte do dia seguinte na prisão este empregado de um café dos arredores de Lisboa, detido a pedido de um fiscal do horário de trabalho. No auto de notícia, era acusado de desobediência e resistência á ordem de prisão do tal fiscal a quem chamara... pirata. Mas ao chegar á presença do juiz, sr. dr. Julio Cabral, do Tribunal de Polícia, o acusado nega a acusação. Não senhor, não chamou nada pirata. O que ele fez, ao receber ordem de prisão, foi pedir ao sr. fiscal que esperasse um bocadinho, enquanto ele ia telefonar ao patrão. Tinha de o prevénir, pedir-lhe que tomasse conta da loja, e entregar-lhe o dinheirinho da «caixa».

E aqui se cala o acusado, para falar o seu acusador. Repete mais ou menos os termos das declarações do arguido, ao que o magistrado observa:

—Mas, então, nesse caso, não houve nem resistência nem desobediência. Pedir que o deixasse avisar o patrão não é um crime, a prova é que o senhor assim...

—Sim, lá isso é verdade. Mas o patrão demorou-se ainda uns três quartos de hora...

—E chama a isso uma culpa? Aqui a responsabilidade é do patrão. A não ser que o senhor se recusasse a esperá-lo e o reu se negasse a obedecer-lhe...

—Pois é, mas o acusado disse-me que, na sua qualidade de gerente, era sua a responsabilidade da casa e do dinheiro em caixa...

—E é verdade — acrescenta o magistrado — mas ainda aqui não há desobediência.

Vem a seguir o soldado da G. N. R., aquele que o fiscal chamou, para defer o reu. E' o juiz quem pergunta:

—Então, o reu desobedeceu-lhe?

—Disse-me que esperasse um bocadinho, que o patrão estava a chegar para tomar conta do estabelecimento...

—O fiscal tinha anuído, que havia eu de fazer, embora tivesse pressa, porque tinha outro serviço...

—Ouviu do arguido alguma ofensa contra o fiscal?

—Não, sr. dr. juiz. Nem mesmo sei o que se passara antes. Eu passava por ali, acidentalmente, quando o sr. fiscal me chamou...

—O caso por si próprio parece esclarecido. Afinal não se prova a desobediência—concluiu o magistrado, que acrescenta:

—Sempre que aqui aparece um caso de desobediência, sou rigoroso no cumprimento da lei. Neste caso, porém, não se prova nem a injuria nem a desobediência. Não há, sequer, resistência, pelo que o reu se vai embora, absolvido.

Quem o compensa, porém, daquela tarde, uma noite e parte do dia seguinte que foi passar á cadeia?

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Sede — Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro das obrigações de 3 1/2 %, relativo ao 2.º semestre de 1955

São avisados os portadoes de obrigações de 3 1/2 %, da emissão de 1946, de que o pagamento do cupão n.º 18, ilquido de impostos, será efectuado a partir de 1 de Janeiro de 1956, aos preços de:

Esc. 14$05—para títulos ao portador
Esc. 13$85—para títulos nominativos

O pagamento efectuar-se-á:

Em Lisboa
Sede da Companhia
Banco Fonsecas, Santos & Vianna.

No Porto:
Filial do Banco Lisboa & Açores.

O pagamento na sede da Companhia efectua-se todos os dias uteis desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas e, aos sábados, desde as 10 ás 12 horas.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1955.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

COCKBURNS PORT

DESDE 1815... SEMPRE OS PRIMEIROS... EM QUALIDADE

Agentes: **INALDA, LDA.** — R. Sousa Martins, 9 B

Cartas de algures

(Continuação da 1.ª página)

Rara veiga, lá por Chaves, Mirandela ou Bragança, abre oasis na planura ondulada e ressequida, rasgada em largos horizontes.

O povoado rarefez-se também. Homens e serras têm um ar distante. De quem ainda não parou. De quem está para largar, com fome de mais espaço.

Ainda que em menor grau de que no Minho, os castros marcaram na pre e na proto-história a terra transmontana. Panoias, Ribeira de Pena, Abobeleira são outros tantos mistérios das idades longínquas, a desafiar a penetração dos arqueólogos. E ainda hoje, como nas Terras de Barroco, os homens conservam os costumes das primitivas comunidades agro-pastoris.

Mas dir-se-ia que esse habitante dos castros, ao descer dos cimos, não se fez, ao contrário do minhoto, lavrador. Os homens guardam porcos ou cabras, mas têm o ar de pastores guardando o Mundo. Podem habitar solares apalaçados, como o de Mateus, ou luras troglodíticas como as de Barroso. Não importa. Trazem todos na cara a inata senhoria.

Os transmontanos alimentam-se das coisas rudes e sádias da terra: o centeio, a batata saborosa de altitude, a castanha farinhada. Fiéis ao bicho que lhes dá o presunto, o salpicão e a alheira, esculpem-no em berrões, e erguem na praça pública, como totem da tribo, a porca de Murça.

Uma rusticidade arcaica e uma hombridade, que atinge por vezes a soberba ibérica, marca os homens e os costumes. Nas terras de Barroso, porventura o desvão mais arcaico da província, os homens vivem em casas baixas de pedras soltas, e cobertas de colmo. O pastor barrosão usa crossa e uma espécie de capa grossa e curta, de capuz. As mulheres, a capucha comprida, saias de serguilha ou de burel; nos tornozelos, as piucas; *e uns e outros, homens e mulheres, calçam os pés com socos duros e cardados ou nas estações menos duras,* rompem da mãe, *que é como quem diz, andam descalços. Já em Miranda, frente a frente da Espanha, envergam, com orgulho, a* capa de honras; *e a sua dança típica, a* dança dos paulitos, *é antes uma luta gímnica de atletas, adestrando-se á paulada.*

O trasmontano é áspero, violento e assomadiço. «Enquanto — dizia Junqueiro — o trasmontano mata um homem, o minhoto quebra um prato». Indomável é sempre pronto para a luta, é apto em grau extremo a comandar ou empreender aventuras em que se joga tudo. Antigregário por excelência, cada trasmontano é um mundo: conta acima de tudo consigo próprio, E' um mundo prestes a lançar-se nu-ma órbita imensa. Com ser o mais ibérico dos portugueses, possui ainda em mais alta dose a inquietação semita, acréscimo filtrado pelos cristãos-novos na grei de Trás-os-Montes, quando, perseguidos, se acolheram ao seu isolamento.

Graças a Trás-os-Montes, quando Portugal necessitou dum esforço, a que o brio desse temeridade e permanência, encontrou os trasmontanos.

Quando, em 1680, se fundou em frente a Buenos Aires e logo por duas vezes se perdeu em mãos dos espanhóis a colónia do Sacramento, que se propunha disputar á Espanha o domínio do Rio da Prata e o comércio com a América espanhola, teimou o Governo português, nos começos do século seguinte, em restabelecer a praça, dando-lhe, desta vez, inabaláveis alicerces humanos. Foi a Trás-os-Montes. Muitas dezenas de casais trasmontanos, acompanhados das famílias, embarcaram com materiais, instrumentos e sementes, para erguer casas, construir moinhos e alargar culturas, á volta da colónia. Já no estuário do Prata naufragou e perdeu-se o navio que conduzia a maior parte daqueles suprimentos. Dir-se-ia que Deus, o Deus de Job, quis provar na desgraça aqueles homens. Pois, apesar do desastre inicial, que abateria outros menos animosos, eles construiram as vivendas; repararam as defesas da praça, semearam cereais e plantaram vinhas, por muitas léguas de extensão, organizaram-se em Camara e em companhias de ordenança, para defender, como defenderam, a cidadela contra o assalto de exércitos de espanhóis e índios.

Mais que tudo, alargaram pelas campanhias do actual Uruguai, nas célebres Vacarias do Mar, as industrias da pecuária e ajudaram a criar, da mistura com espanhóis e índios, o tipo do gaúcho, género e estilo de vida, que estão na base da formação económica e social da Argentina, do Uruguai e do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul. E assim, graças á permanência trasmontana da colónia do Sacramento, o estadista luso-brasileiro Alexandre de Gusmão pôde, por troca, delinear e dar sanção jurídica aos limites do Brasil.

Graças a Trás-os-Montes, as viagens oceanicas em torno dos continentes e da Terra, começam em Diogo Cão e terminam em Fernão de Magalhães, padrões humanos dos grandes descobrimentos.

Graças a Trás-os-Montes, um Carvalho Araujo repetiu em nossos dias o feito heróico de D. Lourenço de Almeida, que morreu, desafiando a morte, «atado ao mastro grande, a comandar».

Graças a Trás-os-Montes, Camilo, génio ibérico, fez soar no romance e na polémica as cordas mais violentas da paixão e do sarcasmo português; Junqueiro cantou, como os profetas bíblicos, as dores da Pátria no desterro; e Miguel Torga continua a molhar na mesma tinta a pena máscula de poeta e contista.

Graças a Trás-os-Montes, Portugal mede o valor pela giro dos mares e a grandeza do Mundo.

JAIME CORTESÃO

DESPORTOS

(Continuação da 3.ª página)

pinha dorsal» do grupo, atacando e defendendo com segurança patenteando bom toque de bola e domínio de jogo.

Matateu foi o avançado mais perigoso, terrível rematador, executando jogadas de bom recorte. Travaços foi, porém, o orientador, comandando a acção ofensiva, através de lances admiráveis, extraordinário de visão. Martins mostrou-se muito mexido e activo, trabalhador esforçado, no seu estilo habitual. Aguas marcou um grande golo, melhor em terreno livre, quando a extremo, do que no centro do campo, onde ficava sujeito a marcação mais apertada. Germano não alcançou brilho, mas manteve-se em plano util.

Finalmente, digamos que o italiano Pieri fez excelente arbitragem, verdadeiramente modelar. O fiscal de linha egipcio teve intervenções em nosso prejuizo, mas o juiz de campo rectificou-as sempre com uma seriedade digna das melhores referências.

TAVARES DA SILVA

*

Assistiram ao desafio 15.000 pessoas. As equipas alinharam:

PORTUGAL—Costa Pereira; Virgilio e Graça (depois Angelo); Caiado, Passos (depois Graça) e Pedroto; Matateu, Germano, Aguas (depois Martins), Travaços e Martins (depois Aguas).

EGIPTO—Paraskos; Daly (depois Halim) e Zaki; Hakza, Bastan e Raafat; Bahig, Dizwi, El Diba, El Hamouli (depois Elfar) e Ahmed Selmi.

Arbitro— Pieri (italiano).

As entidades oficiais e o ministro de Portugal assistiram ao encontro

Na tribuna oficial encontravam-se quatro membros do Conselho da Revolução: o major Kamal Elddine Hussein, ministro da Educação, que representava o primeiro ministro Gamal Abdel Nasser; o tenente-coronel Zakaria Mohioddine, ministro do Interior; o ministro dos Negócios Sociais, coronel Hussein el Chafei; e o comandante de aviação Hassan Ibrahim, ministro do Estado. Perto deles, notava-se a presença do ministro de Portugal, dr. António de Seves, e vários elementos de relevo da colónia portuguesa.

Algumas opiniões àcerca do encontro

No final do jogo do Cairo vários dirigentes manifestaram a sua opinião sobre o trabalho das duas equipas.

O tenente-coronel Angelo Ferrari, *presidente da F. P. F. falou assim: «Estou radiante pela vitória, que é a maior de uma equipa nacional, no Cairo».*

O presidente da Federação Egipcia, *disse: «O jogo foi muito bom e correcto. O resultado está certo. Impressionou-me, particularmente, o guarda-redes Costa Pereira, que impediu que os Egipcios marcassem.*

O ministro de Portugal, dr. António de Seves, *manifestou-se deste modo: «Estou encantado com o jogo, pois não faltou ao grupo português correcção, valor e valentia».*

Riccardo Pieri *confessou: «Portugal manifestou nitida superioridade sobre o Egipto, em todos os capítulos. Os melhores foram Travaços, Matateu, Costa Pereira e Caiado».*

O treinador da equipa portuguesa, Augusto Silva, *disse: «Esperávamos vencer, mas por margem menos folgada».*

Travaços, *capitão do onze português afirmou: G«anhamos muito bem, num terreno que não nos prejudicou como na Turquia».*

O treinador egipcio, Fawzi, *desolado, confessou: «Apreciamos mal os Portugueses, pois julgavamos que eles fossem mais fracos».*

FOX - TERRIER
pelo de arame
Vendem-se, filhos de campeões, importados de Inglaterra, de 2 meses.
canil de Mathelei Estoril
060619 ou 662065

ELECTRO-AUTOMOBILISTA
(Vulgo Casa Lucas)
Rua da Glória, 55-59
Telefone 2 5447
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano cheio de Felicidades.

Casa das Utilidades
Sortido completo e ARTIGOS DE MENAGE. Louças, Vidros, Talheres de todas as qualidades. Fogões de aquecimento, etc.
52, RUA IVENS, 54 (Chiado) — Telefone 2 8612 — LISBOA
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

Luís Baptista, Suc.res, L.da
Fabricantes de escovas de todas as espécies em cabelo e em arame para máquinas, tubos, garrafas, estradas, etc.
Casa Fundada em 1883

ARAME O'AÇO

Para tubos

PARA MOAGEM
Telefone 2 8807
49 — Rua da Fé — 49 LISBOA
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo próspero.

Quer passar o Natal e Ano Novo num ambiente familiar, castiço e distinto? Então procure a
Casa da Cesária
na Rua Gilberto Rola, 20 (Antiga Rua Velha), em Alcantara, com o T. 665745, onde encontrará
o **«PATIO DAS CANTIGAS»** e a **«CASA DA MARIQUINHAS»** e onde lhe apresentarão um primoroso serviço de cozinha portuguesa e uma garrafeira monumental. E não se esqueça que na «Casa da Cesária»
...passa a sombra dela da mulher de Alcantara que cantava o Fado!

MARTINS CABELEIREIRO
E SEUS COLABORADORES manifestam às suas Ex.mas Clientes a sua gratidão pela deferência com que os têm distinguido e votos para um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.
Salão Avila
Av. Duque de Avila, 65, 1.° — Telef. 48933

Engenheiro
António Rodrigo Pinto
Sua Família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que por qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

Laura Adelaide d'Oliveira Madaleno

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

José Ferreira Madaleno, Elvira do Carmo d'Oliveira Madaleno, Joaquim Ferreira Madaleno, Emília Adelaide d'Oliveira, José Salgado d'Oliveira, sua mulher e demais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade que foi Deus servido chamar á Sua divina Presença, sua muito querida filha, irmã, sobrinha, prima e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, saindo da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde o seu corpo se encontra depositado, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

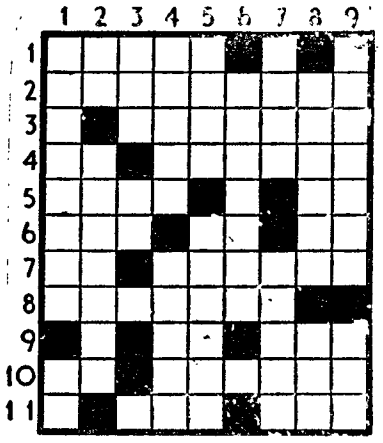
Às 9 horas será celebrada missa de corpo presente.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVERBIO)
Problema n.º 394



HORIZONTAIS: 1 — Praia. 2 — Imortalizar. 3—Parteira (fam.). 4 —Em a. Após. 5—Seguindo. Antes de Cristo. 6—O qual. Laço. Símbolo químico do neóbio. 7—Interjeição de dor. Fendeu. 8—Comprimi o bagaço das uvas para lhe extrair o vinho. 9—Símbolo químico do escandio. Fluido aeriforme. 10—Pertences. Criança do sexo masculino. 11 — Cacete. Preposição e artigo (pl.).

VERTICAIS: 1—Agasalhe. A minha pessoa. 2—Popa. Acedemos. 3—Julga (inv.). Preposição. 4—Comparação ridícula. Quinhentas folhas de papel. 5—Governo. Brotou. 6—Fécula da raiz da mandioca. 7 — Todas as coisas. Deusa grega da saude, filha de Esculápio. 8—Língua que serviu de base imediata e comum ao sanscrito e ao persa. Espaço de tempo. 9—Desenvolveu-se. Apenas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 393

HORIZONTAIS: 1—DESCANSA. 2—Memoriais. 3—As. Lis. Ui. 4—Sinta. Eta. 5—Mão. EM. 6—Pó. Dupla. 7—Vê. Nu. Eis. 8—Ida. Ror. 9 — DEZEMBRO. 10 — Émula. Ara. 11—Lastrar.

VERTICAIS: 1—MAS. Vides. 2—Desimpedem. 3—Em. NÃO. Azul. 4 —Solto. Ela. 5—Cria. DURMAS. 6 —Ais. Eu. Ob. 7 — Na. Emperrar. 8—Siut. Li. Ora. 9—Ásia. Asa. Ar. (Provérbio: DESCANSA EM DEZEMBRO, MAS NÃO DURMAS).

ENCICLOPÉDIA

Muito antes da nossa era, já os Gregos empregavam o sinal › para marcar um novo parágrafo. Mais tarde, as pausas na leitura passaram a indicar-se por meio de um espaço em branco, um ponto e, algumas vezes, um apóstrofe ou uma pequena linha obliqua. O ponto final aparece primeiro nos manuscitos latinos, umas vezes colocado abaixo, outras a meio e ainda outras na parte alta da linha das letras.

A invenção da pontuação moderna atribui-se a Christofanes, gramático de Alexandria. Só em fins do século XV, porém, um pouco depois do invento da Imprensa, o impressor veneziano Manucio tomou verdadeiramente a sério o papel da pontuação. Hoje, esta é tão importante que a simples alteração de uma vírgula pode causar prejuizos ou vantagens, danos ou benesses, morais e materiais sem conto.

OS «AMIGOS»

Frachetti não foi apenas um grande compositor, mas, também, um bom repentista. Conseguiu fazer fortuna, o que os «amigos» não lhe levaram a bem, chegando a comprometer a sua obra de compositor. De tal modo que, um dia, desabafou com um amigo:

—Os meus milhões são os meus maiores inimigos!

—Pois eu de muito boa vontade trocava todos os amigos, por um só desses inimigos!—replicou-lhe o interlocutor.

A NOVA ESTAÇÃO
dos telefones de Cascais

Está pronta a ser inaugurada, o que acontecerá brevemente, a nova estação telefónica de Cascais, que fica situada dentro daquela vila, na estrada que liga com a Malveira.

A nova estação será visitada pelos representantes da Imprensa na próxima quinta-feira, a convite da Companhia dos Telefones, que para o acto convidou, também, várias outras individualidades.

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

FILATELIA
Novos selos de Moçambique e da India

O Ministério do Uutramar acaba de emitir uma nova série de Moçambique, comemorativa do centenário de Mouzinho de Albuquerque. São dois selos das taxas de 1$00 e 2$50, com a tiragem de 250.000 exemplares cada, execução da Casa da Moeda.

Por um lado, assinalamos que esta série comemorativa do centenário de Mouzinho de Albuquerque, cujo ciclo comemorativo já findou, saia antes da série de selos do Continente, que há bastante tempo se aguarda, e se não sabe ainda quando sairá. Por outro lado, e com a mesma sinceridade com que temos elogiado tantas outras emissões postais do Ministério do Ultramar, temos de reconhecer que esta de que falamos é das menos felizes. Os desenhos e, principalmente, as cores sépia, azuis e verde-bronze (?), são totalmente inexpressivos. Selos sem beleza. Numa palavra, insignificantes.

O facto é tanto mais lamentável, quanto é certo que os Serviços Postais do Ultramar criaram responsabilidades honrosas que têm agora de manter, e estdmos certos que saberão manter, de maneira a fazer olvidar séries como esta e como a de Monsenhor Dalgado, da India Portuguesa, a respeito da qual recebemos vários comentários acerbos, e infelizmente certos, como os do sr. Luildo.M. de Noronha, de Ucassaim, Bardez, na India Portuguesa.

Ao contrário do desejo dos comentadores, a falta de espaço, com que lutamos há algumas semanas, não nos permite reproduzir esses comentários. Mas aqui lhes deixamos, com um abraço amigo, a nossa inteira concordancia. — V. C.

Mundo dos selos

Saiu uma lista de ofertas de A. Molder, com cerca de dois mil lotes. O próximo leilão Molder efectua-se em 10 ou 12 de Janeiro próximo.

— Recebemos sobrescritos de 1.º dia, sendo sete da India Portuguesa, todos diferentes, com a série e o carimbo comemorativos do centenário de Mons. Dalgado, oferta da L. M. de Noronha; dois da India portuguesa, iguais aos anteriores, remetidos pelo distinto advogado dr. Querobino Martins, de Lisboa; e um da Casa Alfil, de Barcelona, com o carimbo comemorativo da Exposición Prensa Ibero-Americana, Barcelona, 12-12-955.

— O próximo numero do Boletim do Clube Filatélico de Portugal, a sair este mês, inserirá artigos dos srs. dr. Oliveira Marques, Henrique Mantero, dr. Vasconcelos Carvalho, eng.º Marcos Pereira, etc., além das secções habituais.

— De J. Gomes de Sousa, recebemos um sobrescrito com carimbo de censura portuguesa.

— Do jornalista e poeta João Alves das Neves, recebemos vários recortes de artigos filatélicos da Imprensa brasileira.

— Na cidade da Beira, Moçambique, a emissora «Rádio Pax» iniciou uma secção filatélica, elaborada pelo delegado, naquela cidade, do Clube Filatélico de Moçambique.

— Foi desenhado por Rogério de Oliveira o belo diploma destinado aos sócios honorários do Clube Filatélico de Portugal, e cuja entrega será efectuada muito brevemente, numa festa que será o fecho da actividade da direcção de 1955.

— Leiria, Barreiro e Santarém estão a preparar as próximas exposições filatélicas portuguesas.

— O Clube Filatélico de Portugal editará um sobrescrito comemorativo do 1.º vôo Lisboa-Rio de Janeiro, pelos T. A. P., no caso de, como é de esperar, haver carimbo de 1.º dia.

—Encontram-se já á venda, na Agência Geral do Ultramar, as três novas séries da India, vendidas apenas em séries completas. A propósito: Na India não será possível fazer melhores sobrescritos de 1.º dia, embora com menos edições e menos variedades?...

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos: *Edgar Mohrmann*, «88. Auktion», 17 e 18 de Janeiro de 1956, em Dusseldorf, Speersort 6, Hamburgo 1; *Edgar Mohrmann*, «89. Auktion», 20 de Janeiro, Speersort 6, Hamburg, 1; *H. R. Harmer Ltd.*, catálogo do leilão de 30 e 31 de Janeiro de 1956, com Inglaterra, India, Austrália, Canadá, etc., 41, New Bond Street, London, W. 1.; *João Alves das Neves*, «Dia Automático», poemas, Maralto, Lisboa, 1955; *H. R. Harmer, Ltd.*, «Thirtieth Anual Résume», 41, New Bond Street, London, W. 1.; *Norwex*, boletim n.º 3, com uma reportagem completissima da Exposição Internacional do Selo da Noruega, Postboks, 875, Oslo, Noruega.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Em Portugal continental o tempo é influenciado por um nucleo de altas pressões centrado a 200 milhas a Sudoeste de Lisboa.

PREVISÃO ATE' A'S 24 HORAS (T. M. G.), de AMANHÃ: — Céu nublado. Periodos de chuva. Vento Noroeste moderado. Temperatura sem alteração.

Restaurante Clementina
Casa que V. Ex.ª deve preferir
Comida muito sã. Preços acessiveis
Rua Jardim do Regedor, 37-1.º
Telefone 24669

CARTAZ DO DIA
TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«A muralha».
TRINDADE—Ás 21 e 30—«As três irmãs».
AVENIDA—As 21 e 30 — «Joana d'Arc»
MONUMENTAL—Às 21 e 45—Mariemma e o seu «Ballet de España».
MARIA VITORIA—As 20.30 e 22.45 —«Festa é festa!».
APOLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 45— «De bota abaixo!».
COLISEU—As 21 e 30—Companhia de circo.

CINEMAS

TIVOLI—«O papá das pernas altas».
S. LUIZ—«O sapatinho de cristal».
SÃO JORGE—«Veneno de cobra».
EDEN—«Napoleão».
POLITEAMA—«Duelo de ambições»
MONUMENTAL—«A dama e o vagabundo».
IMPÉRIO—«Terra dos faraós».
CONDES—«Anjo branco».
ALVALADE—«O sapatinho de cristal».
ODEON e ROYAL—«Cinco rostos de mulher».
PALACIO—«Histórias da rádio»
CAPITOLIO—«A ultima ordem».
OLIMPIA—«O grande Tobor».
TERRASSE — «Enquanto dura a tormenta».
LYS—«Marcelino pão e vinho».
PROMOTORA—«Lili».
IDEAL—«Terras da morte branca».
JARDIM — «Padre Brown detective».
RESTELO—«Estes homens são perigosos».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Danças; 18 e 45, Cançonetas; 19, Noticiário; 19 e 5, Nota de abertura do programa de Natal; 19 e 10, Noite Silenciosa; 19 e 30, Emissão infantil; 20, A Mensagem de S. S. o Papa Pio XII; 20 e 30, Recital de órgão; 21, Noticiário; 21 e 15, Canções de Natal; 21 e 30, Um programa de Natal, pela Orquestra Ligeira; 22, Tempo de Poesia; 22 e 15, Concerto pelo Orfeão do Porto; 22 e 35, Rosa dos Ventos; 23, Concerto pelo coro da Faculdade de Letras de Coimbra; 23 e 20, Evocação do Natal; 23 e 50, Noticiário; 0, Missa do Galo, transmitida do Mosteiro de Singeverga, e encerramento.

RÁDIO CLUBE—Ás 18 e 40, Trechos recreativos; 19, Era uma vez...; 19 e 15, Natal branco; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Canções do Natal; 20 e 30, Produção Sonarte; 21, Programa dos lavradores; 21 e 15, Melodias; 21 e 30, Língua Portuguesa; 21 e 45, Suave Natal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Noite Santa; 0 e 30, Noticiário; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

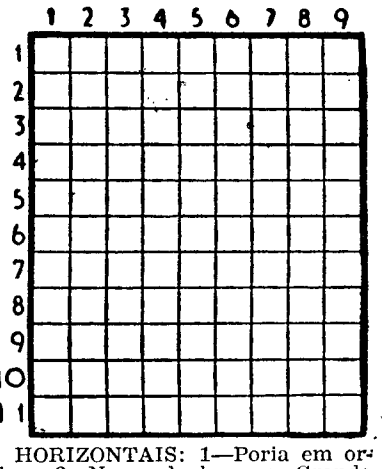
—Então tu apareces-me assim todo molhado? Que fizeste tu do guarda-chuva?
—Olha, está aqui...

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 24 de Dezembro de 1925: «François Marsal, antigo ministro das Finanças, que recentemente veio a Lisboa tomar posse do seu lugar de vice-presidente do Banco Burnay, numa entrevista com o ministro das Finanças, sr. dr. Torres Garcia, teve a seguinte frase:

—Deve sentir-se feliz por ser ministro das Finanças de um país como Portugal, em que a situação financeira e económica, contràriamente ao que sucede em outros países da Europa, está inegàvelmente melhorando de dia para dia, como se vê pela prova patente da subida constante do escudo, cuja estabilidade pode ser invejada por outros países de moeda desvalorizada».

PALAVRAS CRUZADAS
NOVA MODALIDADE
Problema n.º 1407



HORIZONTAIS: 1—Poria em ordem. 2—Nome de homem. Grande cão de fila. 3—Preposição. Ices. 4—Simbolo químico da prata. Artigo definido (ant.º). 5—Catedrais. Apre. 6—Auxiliara. 7—Estavam. Estima. 8—Sombolo do gálio (quím.). Antes de Cristo. 9—Lingua vernácula da India. Popa. 10—Içam. Tenho conhecimento. 11—Defenderias com arame.

VERTICAIS: 1—Espaço. Ceifa. 2—Alcool de melaço. Bebida usada no Peru. Ceu. 3—Gracejei. Cidade santa da Arábia. Olé; 4—Adicionaram. 5—Doença. Cume. 6—Citara. 7—Batráquios. Move os remos. Nota musical. 8—Satélite de Jupiter. Vagueia. Mãe de Rómulo. 9—Renque de árvores. Numero digito.

Solução do problema n.º 1406

HORIZONTAIS: 1—Amos. Amor. 2—Lês. Rs. Cê. 3—És. Rias. 4—Tarsos. 5—Pata. Não. 6—Rapa. Adro- 7—Ela. Arão. 8—Adoras. 9—Aços. Li. 10—Em. As. Mus. 11—Umas. Reza.

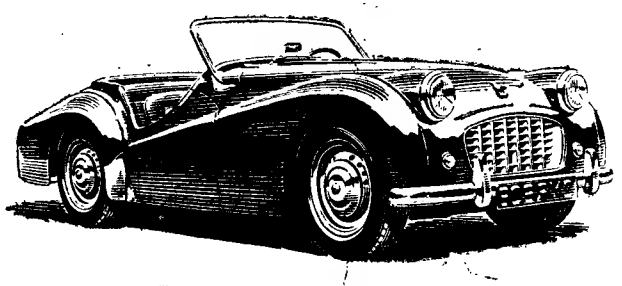
VERTICAIS: 1—Além. Ré. Teu. 2—Mês. Pala. M M. 3—Os. Tapada. 4—Rata. Ocas. 5—Rira. Aros. 6—Asas. Aras. 7—Sondas. Me. 8—Oc. Saro. Luz. 9—Rei. Oó. Sisa.

Peugas inglesas de lã
com nylon
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

LOTARIA DO NATAL

FIGUEIRÓ DO VINHOS, 24 — Nesta vila foram vendidas quatro cautelas com o numero 1871, ao qual coube o primeiro prémio da recente lotaria de Natal. Todavia, só se conhece ainda um dos contemplados, o africanista sr. Adelino José, que aqui se encontra a passar férias.

STANDARD TRIUMPH
T.R.3
o novo
TRIUMPH
Sports



2 TIPOS DE CAPOTA
● 175 K. P. H
● 95 H. P.
● 1991 CM3
● 4 CILINDROS
● 2 CARBURADORES

● MAIS FORÇA
● MAIOR VELOCIDADE
● MELHOR ACELERAÇÃO

Conde Barão Lda
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL
AVENIDA 24 DE JULHO 62 — LISBOA

O naufrágio
da chalupa britânica «Prince Charles»

OSLO, 24.—Comunicam de Hammerfest que cerca de 25 sobreviventes da chalupa britanica «Prince Charles», de Hull, que se afundou ontem ao largo de Hammerfest, chegaram a noite passada a este ultimo porto. Cinco ou seis homens da tripulação encontrar-se-iam ainda refugiados num dos recifes perto dos quais o barco se afundou. Alguns marinheiros da «Prince Charles» teriam morrido. Estas notícias não concordam inteiramente com as que foram recebidas de Tromsoe, onde se calculava que a chalupa vinha de Grimsby com uma tripulação de 23 homens e 2 pilotos noruegueses a bordo. Estes dois pilotos encontram-se entre os sobreviventes.—(F. P.).

Há oito mortos

LONDRES, 24. — Sabe-se já que morreram oito das pessoas que estavam a bordo da traineira «Prince Charles», batida pelo temporal de encontro aos recifes ao largo da costa da Noruega. O capitão figuraria entre as vítimas. O barco contava 21 tripulantes. — (F. P.).

Restos de um naufrágio

ESTOCOLMO, 24. — Um avião Catalina localizou esta noite uma baleeira que pertenceu ao navio de cargo sueco «Hoeken», que desapareceu no Báltico com 15 homens a bordo. Há a impressão de que esta baleeira não chegou a ser utilizada no naufrágio. As esferas marítimas perderam as esperanças de encontrar o «Hoeken» ou sobreviventes. — (F. P.).

Intelectuais católicos
publicaram um manifesto
sobre as eleições em França

PARIS, 24. — Um grupo de intelectuais católicos entregou á Imprensa um documento relativo aos problemas que as próximas eleições legislativas levantam aos cristãos.

«Em resultado de manobras, pelo menos contestáveis — lê-se nomeadamente no documento —, os partidos da direita conduzem, com o concurso de certos homens da esquerda que reagem como homens do princípio do século XX, a uma prova de força entre cristãos e laicos. Não podemos consentir, por mais tempo, que se aprisionem os cristãos deste país na equação simplista: direita igual a catolicismo, esquerda igual a laicismo».

Depois de afirmarem que a Igreja não pode ser açambarcada por qualquer partido, os signatários declaram-se opostos a «toda a operação política tendente a utilizar a Igreja». Entendem que o problema da Escola, se é certo que os não deixa indiferentes, «é, de qualquer modo, um problema secundário numa altura em que está em causa a situação da comunidade nacional.

«E, se dizemos aos homens da esquerda que o problema do laicismo é um falso e mau problema — acrescentam os signatários —, denunciamos vigorosamente a manobra dos homens da direita que o revigoraram e utilizam para chamar a si os seus eleitores, sem se preocuparem com as consequências.

«Devem os católicos saber que podem «votar á esquerda», porque, do seu voto de amanhã, dependem a paz internacional, a paz na União Francesa, a paz na Argélia, a ordem e o progresso no interior. E' isto que está em causa, e não o futuro da escola livre, pretexto hábilmente utilizado para mascarar os problemas vitais.

«Aos católicos, pedimos que não se deixem iludir pela atitude dos homens da direita que os condenam ao alinhamento reaccionário. Aos nossos amigos da esquerda, pedimos com franqueza igual áquela com que nos desolidariaremos da direita, que não acirrem a batalha do laicismo, como alguns dão a impressão de pretender. Acima de tudo, queremos ser o grão de areia que trava a engrenagem da violencia preparada pelos fanáticos, os inconscientes e os míopes em benefício dos hábeis». — (F. P.).

As «tréguas do Natal»

PARIS, 24. — As «tréguas do Natal» suspendem até segunda-feira, a batalha eleitoral. Durante 48 horas, não haverá discursos dos candidatos nas escolas, nos cafés, pela rádio e a televisão. A ultima semana da campanha eleitoral será, de certo, a mais activa.

O prazo deixado aos partidos para denunciarem os seus aparentamentos expirou a noite passada. Dos 111 aparentamentos concluídos em 10 do corrente, apenas 5 foram anulados. — (F. P.).

Fugiu e deixou
um passivo de 100 milhões de francos

LYON, 24. — Um director de um importante escritório de negócios, da praça de Lyon, fugiu, deixando um passivo de mais de 100 milhões de francos. Raymond Gaité, tal é o seu nome, tinha tomado o lugar, há já alguns anos, de Pierre Giroy, condenado a 5 anos de prisão devido a várias queixas apresentadas por Neyron de Champollon, aliás dr. Rasurel. Raymond Gaité, que se ocupava especialmente de operações imobiliárias, conseguia obter somas importantes dos seus clientes, mas nunca concluia nenhuma transacção. As queixas foram-se aglomerando até que o decano dos juizes de instrução de Lyon mandou abrir um inquérito. Nesta altura, o «escroc» procurou reembolsar as vítimas, mas o dinheiro que pretendia dar por conta foi julgado insuficiente e o escritório foi declarado em falencia. O juiz mandou passar contra ele mandado de captura. — (F. P.).

O cardeal Spellman
chegou a Seoul

SEOUL, 24. — O cardeal Francis Spellman, arcebispo de Nova York, chegou a Seoul, onde celebrará a missa da meia-noite para as tropas das Nações Unidas, na Coreia. E' o quinto ano que o cardeal Spellman passa o Natal na Coreia. — (F. P.).

Os acidentes
de caminhos de ferro na Grã-Bretanha

LONDRES, 24. — A série de acidentes de caminhos de ferro que tem ocorrido, na Inglaterra, nas ultimas 48 horas, inquieta sériamente as esferas oficiais. Depois do choque de ontem, em Woking, perto de Londres, que causou 10 feridos, o ministro dos Transportes, Harold Watkinson, convocou para hóje, no seu gabinete, os peritos e dirigentes dos caminhos de ferro britanicos. Um relatório será apresentado ao primeiro-ministro, sir Anthony Eden, quanto ás circunstancias em que se deram os cinco acidentes ocorridos em diversos pontos da Grã-Bretanha. No mesmo momento em que o Ministério dos Transportes anunciava que se ia proceder a um inquérito, chegava a notícia de que um comboio de mercadorias tinha descarrilado perto de Sheffield, bloqueando a via. — (F. P.).

Uma reunião extraordinária

LONDRES, 24. — Efectua-se hoje uma reunião extraordinária de altos funcionários dos caminhos de ferro e membros da Comissão para os Transportes Britanicos, sob a presidência de Harold Watkinson, novo ministro dos Transportes, convocada urgentemente a fim de estudar as condições em que se deram três acidentes ferroviários nas ultimas 40 horas.

Antes de abrir a conferencia, o ministro indicou que se redigiria um relatório especial para ser apresentado a sir Anthony Eden. — (F. P.).

A Turquia
ao lado da Jordânia em caso de ataque não-provocado

ANKARA, 24.—A declaração feita, no mês passado, em Jerusalém, pelo presidente da Republica turca, a quando da sua viagem na Jordania, foi ontem evocada na Assembleia Nacional da Turquia. «Se um dia—declarou então o presidente Djelal Bayar—o exército da Jordania for objecto de um ataque não-provocado, não seria de admirar ver o exército turco colocar-se ao seu lado».

Respondendo a uma interpelação de um deputado populista que perguntou se tal declaração significava que a Turquia tinha tomado compromissos bem definidos, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Fouad Keuprulu, declarou que essas palavras do Presidente, sem terem o valor de uma aliança, no sentido clássico e jurídico da letra, significavam, no entanto, possibilidades resultantes das obrigações actuais. E acrescentou: «A Turquia, ao aderir á carta da O. N. U., comprometeu-se a reforçar a paz do Mundo. Nos termos de certos tratados de defesa mutua, contraiu obrigações relativamente a certas regiões pelas quais tem um interesse especial. Quanto á questão de saber se a declaração do presidente da Republica teria sido oportuna, pode dizer-se que as circunstancias eram não só favoráveis como impunham essa declaração».—(France Presse).

As relações greco-turcas

ATENAS, 24. — O Governo grego definiu ontem a sua posição a propósito da reunião anual dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Grécia, Turquia e Jugoslávia, prevista pelo Tratado de Bled. Numa nota entregue á Imprensa, o ministro dos Negócios Estrangeiros grego, Sprios Theotokis, refutou a interpretação turca acerca das intenções da Grécia e afirmou que a unica condição posta pelo Governo de Atenas para reatamento das relações normais com a Turquia, no ambito da aliança balcanica, diz respeito á indemnização ás vitimas dos disturbios que se deram em Setembro ultimo, em Istambul e em Smirna.—(F. P.).

A hostilidade contra os ocidentais

JERUSALÉM, 24 — As esferas políticas israelitas observam com grande atenção a evolução da situação na Jordania após a proposta do Egipto, Síria e Arábia Saudita para um acordo comum, á margem do Pacto de Bagdad e contra a política britanica no Médio-Oriente.

Segundo informações obtidas em esferas diplomáticas, a U. R. S. S., que até agora não tinha relações com a Jordania, teria proposto, por intermédio da sua embaixada no Cairo, «normalizar as suas relações diplomáticas com aquele país». Esta nova diligência soviética para manter relações com os países do Médio-Oriente susceptiveis de hostilizar o Pacto de Bagdad acentuará, ao que se calcula, o interesse que as outras grandes potências dispensam a esta região, onde há perigo de hostilidade contra os ocidentais.—(F. P.).

REVEILLON SEMPRE O MELHOR TODOS OS ANOS
"MAXIME" RESERVE A SUA MESA
O MAIOR ELENCO DE ATRACÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS ATÉ HOJE APRESENTADO EM LISBOA
com o extraordinário cantor português ALBERTO RIBEIRO
e ainda AURA RIBEIRO, MARIA AMELIA MARQUES, LILIA MARTINS, ALBERTO RAMOS e ANTÓNIO ALVARINHO
E OS GRANDES EXITOS:
BALLET MARUJA HERRERO — ANGELINES RASO — HERMANOS HEREDIA — NICO FERROY E «OS CLIPPERS»
LOCUÇÃO DE
LUIZ GONZAGA e do notável animador brasileiro
JOSÉ CÉLCIO
UM «REVEILLON» COM A MARCA «MAXIME» NUNCA DEIXOU DE SER SENSACIONAL
(Para Adultos)
AMANHÃ DAS 17.30 ÀS 20 H. CHÁ DANSANTE

«RIBATEJANO»
Salvaterra de Magos — Tel. 14
«RÉVEILLON»
(Noite de S. Silvestre)
2 conjuntos musicais
ALIANÇA com o vocalista José Martins
QUARTETO RIBATEJANO DE ACORDEONS com o vocalista Manuel Carlos
2 Ranchos folclóricos em danças e cantares da região
Inauguração do nosso Monumental Salão de Festas
Informações e marcações de mesas em Lisboa—Tel. 770320
Se não tem transporte, aproveite a Excursão da Empresa Boa Viagem L. Martim Moniz (Pavilhão dos Ourives) porta 3 — Tel. 31456

CRUZEIRO
PURÍSSIMA ÁGUA DE MESA. EXTRAORDINÁRIA LEVEZA E SABOR.
PEÇA-A EM TODA A PARTE

Winston
Os novos cigarros com filtro, produzidos pelos fabricantes dos Camel, são deliciosos.
Experimente e ficará surpreendido

Ensopado de enguias
Outro prato regional do «RIBATEJANO»—Salvaterra de Magos

CASINO ESTORIL H Jt-Noite da Moda
A Grande Orquestra Sul-Americana de
LORENZO GONZALEZ
Conjuntos MARIO SIMÕES e OLIVER
No Salão RESTAURANTE — desde as 20,30, SERVIÇO DE JANTARES — Esc. 45$00
AMANHÃ — DOMINGO
«CHÁ-DANÇANTE» e JANTAR DO NATAL, com menú especial (ADULTOS)

Café Caravela d'Ouro
ALGES Telef. 013516
«Grande REVEILLON»
na passagem do Ano

IMPERIUM
RUA DE SANTA JUSTA, 105
GRANDIOSA NOITE DE SÃO SILVESTRE
SENSACIONAL "REVEILLON"
CEIA ESPECIAL — TRAJO DE RIGOR
INSCRIÇÃO E MARCAÇÃO DE MESAS PELO TELEFONE 27527

RESTAURANTE
CHAVE D'OURO
DIA DE NATAL
JANTAR-ESPECIAL
COM CONCERTO
Reveillon 1955/56
SURPRESAS
ANIMAÇÃO
DANÇA-SE
TODA A NOITE
COM O CONJUNTO
FRED TRINSHER
MARCAM-SE AS RESTANTES MESAS

O CONTO DE DOMINGO

A banda já não toca

Texto de **Antunes da Silva** Ilust. de **Carlos Botelho**

ESTRE Agripino Cabecinha tirou o gorro da cabeça, abriu vagarosamente o armário de castanho e pôs-se a mirar com tristeza, todo aquele instrumental luzidio.

Era uma pena. Se não fosse ele, tudo estaria tinto de azebre... Vissem: lá estava o clarinete do amigo Zé Sampaio, um artista glorioso, diga-se de passagem, musico capaz de fazer um concerto sózinho, nos tempos em que se gabava quem disso era merecedor. Lá estava o saxofone do velho António Jacinto, o contra-baixo do Carlos, o oboé do Sebastião — e a *caixa* sarapintada de mestre Lucio Sapateiro, pessoa muito amante da pinga, mas com uma genuina vocação de tocador e com uma genica de todo o tamanho, não havendo notícia, até hoje, de alguém que lhe levasse a palma em oficio tão liberal. E diziam que o vinho relaxava as pessoas, hem? Então vissem o Lucio a tocar! O melro, antes das exibições, bebia três soberbos copos, limpava uma duzia de vezes os beiços ao lenço, arregaçava um pouco as mangas da farda e aí estava ele, cascabulho duma figa, pegando nas varinhas mágicas, os dedos tremendo numa fagulhice de entusiasmo, que tornavam homem de alma grande e um artista da célebre cepa dos Carvalhais — em frente de uma pauta de musica.

Ultimamente, coitado, usava óculos de graduação assustadora, que os anos não perdoam, nem aos malandros, nem aos artistas. Andava mais curvado e menos optimista. Mas, mesmo assim, não desistia. Da mesma forma carinhosa se agarrava á *caixa* e se ouvia o ribombar dos trovões, a acompanhar os portentosos concertos que a Banda dava ao povo, todos os domingos, no coreto do jardim. Grande Banda e grandes tempos! Ele havia fardas azuis para o Inverno e fardas cinzentas para as épocas de Verão. Os instrumentos traziam-se em estojos muito bem cuidados e um musico era criatura de respeito e passasse por onde passasse, fosse na vila, fosse no campo, toda a gente lhe tirava o chapeu. Hoje, o que se vê? A mocidade aperaltada, reina nos piqueniques e nos bailes e nem um, a não ser o filho de mestre Lucio, vem á Sociedade aprender solfejo. O sobrinho do Zé Sampaio, visto este ter filhos, ri-se da tradição: «Eu quero que isso se lixe!...» E abala gingão, a fazer pouco.

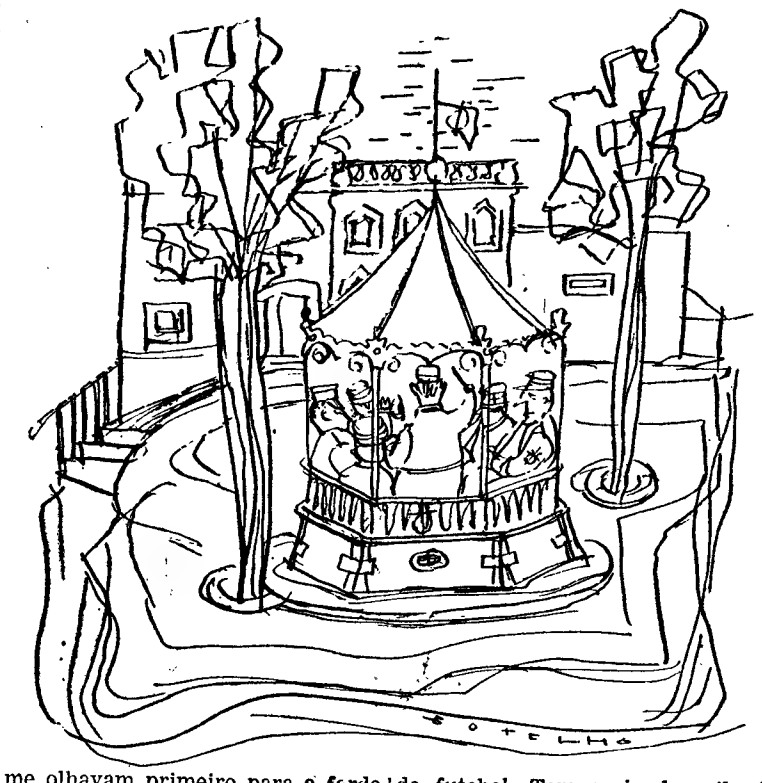
Antigamente ensinava-se obrigatóriamente aos filhos, as vocações que tinham dado fama aos pais. Um bom esquilador, tinha de ter um filho esquilador. Um honrado ferroviário, tinha de ter um filho ferroviário. E um bom musico, andasse o Mundo como andasse, houvesse revoluções, caísse chuva ou fizesse calor, tinha de ensinar ao filho a maravilhosa arte dos sons. Hoje, vieram as orquestras de sal e pimenta, com aparelhagem sonora, que é a forma de aparecerem vocalistas de colarinhos á rás-te-parta e gangantas rançosas que o microfone salva dos grandes fiascos da falta de talento. Vieram também as charangas dos jazes, de ritmos americanos, apalermados, sem nenhuma beleza — e as Bandas fanam-se numa morte sem história... Bolas para tanta incuria!

As valsas, as sinfonias, uma boa e frenética marcha tocada por uma Banda competente, são coisas que a mocidade deixou de apreciar, porque afinal tudo se faz para a distrair de tais preparos. E' assim mesmo! Um rapaz dos antigos, depois de largar o oficio, ia jantar. A seguir ao jantar dizia três palavras á namorada e dali ia direitinho para as salas de musica, como uma obrigação natural. Não infestava as tabernas a jogar aos «bonecos» ou á bisca lambida. Especializava-se na sua profissão e não andava a arremedar de paxá. Não delapidava grosseiramente a bolsa a pagar as quotas dos clubes desportivos e os bilhetes da bola, mas comprava o seu livro para se cultivar e ajuntava o seu peculio para o dia de amanhã. Quando pisasse o risco era chamado ás práticas do bom viver e se continuasse nas mesmas folias, cascavam-lhe no lombo os vigilantes dos bons costumes, que os havia em barda por esses concelhos fora.

E hoje, queridos amigos? Que me dizem? Que vê a gente hoje que mereça as palmas de um pobre cidadão, digam lá? Quem existe que tenha a coragem e a persistência de desviar a maltosa do vício da bola?

Anda o mundo roto, anda, para ruina, do nosso entendimento! As Bandas vivem abandonadas, caíram no sem-préstimo das coisas em desuso e algum perfeito sentimento que sobressaia da castiça e minoritária pleiade dos amigos da musica, fica condenado ao malogro, quando não vaiada pela gentalha.

Muito casamento, muito baptisado, muitas e largas honras se fizeram a reis e ministros, com o patrocinio das Bandas. Muito devoto musical arranjou conchego nas romarias de aldeia. Aqui está este Agripino Cabecinha, a matutar em toda essa choldra de otários que para aí vegetam, de proas alevantadas, com a sua indiferença e a sua pusilanimidade, a arruinar a vid das sociedades musicais. Aqui está mestre Agripino Cabecinha a falar sózinho, em frente do armário de castanho, gesticulando furiosamente para um interlocutor invisivel: «Deram cabo disto. Malandros! Deram cabo disto... Até eu, que sempre fui musico, caçador e amigo de água-pé, me fartei de namorar muita moça sécia, que



me olhavam primeiro para a farda com dragonas; depois para o instrumento bem areado e só então botavam olhos para a boa figura de um homem de bigode que era eu, quando tinha sangue novo. Um musico era considerado como um artista — e uma Banda tinha famas de instituição! Sim, senhores! Não se riam, seus bandalhos! Não admira portanto que um musico dos autênticos tivesse facilidades na vida e no casamento, como hoje têm os ases da bola e das touradas. E ás vezes caía no laço cada lavradora de herdades ensigueirada com o lustro das botoeiras, com os acordes perfeitos de um «solo» e sobretudo com a rica fama que vinha de longe, da vocação de um artista, que até mandava ventarolas!

Com quem casou o meu amigo Zé Sampaio? Com a filha de um conselheiro! Com quem casou o reinadio do António Jacinto? Com a sobrinha de um ministro! Com quem casou o Carlos Pato Real? Com a irmã de um padre! Com quem casou este honrado cidadão que vos está falando? Com a prima de um general! Até o mestre Lucio Sapateiro, no dia em que ganhou o Concurso do «melhor caixa» do distrito, teve quem se apaixonasse por ele. Foi, nada mais, nem nada menos, que a dona Genoveva, viuva de um dos maiores lavradores da nossa terra, pois só em cortiça, de dois em dois anos, tira a bagatela de quinhentos contos. Toda a gente sabe que mestre Lucio era um perfeito homem e um grande amigo e só não casou com ela, porque uma noite, depois de assistir ao aniversário do Carlos, perdido de bêbado, foi fazer tourada junto ao portão do palácio, em companhia de dois tunantes. «Era uma crença da minha parte, aquela serenata!» — dizia ele depois, chocarreiro. A mulher cismou na maroteira do caifaz, chorou baba e ranho, espernegou-se á vista das criadas — e fugiu para um convento.

A nossa Banda viajou de comboio para terras grandes, e abrilhar touradas. Até uma vez foi a Espanha a uma festa de Igreja. Aqui nesta sala onde se vêem todos estes retratos dos fundadores novo aprendeu a solfejaz e aqui se formaram artistas á custa de muito poder de vontade, de muita força de alma, de muito amor á nobre arte da musica. Da Banda saiam as grandes orquestras que foram a salões de nababos tocar toda a casta de melodias. Pelo ensino do solfejo se salvaram muitas crianças da ignorancia. Um homem que não sabia ler nem escrever, tinha a vaidade de proclamar aos quatro ventos: «Não sei ler nos livros, mas sei ler nas pautas!» E sabia mesmo! Mas hoje, as Bandas, já quase que não tocam... Algumas que por aí andam ao desamparo é mais pela força de meia duzia de carolas. As salas de aprendizagem estão vazias. Aqui em frente inaugurou-se há cinco anos um clube cios e uma sala com cinco bilhade futebol. Tem mais de mil sóres. A gaiatagem ama aquela doideira com entusiasmo. A' porta tem grandes lampadas e a nossa Sociedade, para poupar nos gastos, só possui uma lampada de quinze velas na escada. Os bêbados e os gandaios aproveitam-se da semi-obscuridade e vêm urinar no pátio, ás escondidas de quem cá vive. A' minha custa mando assear esta antiga casa. Farto-me de fazer propaganda a favor da renascença das Bandas e ainda se põem a rir. Toda esta mocidade de agora tem sangue de capilé! Os sócios não pagam as quotas e a Camara é que ainda comparticipa com trezentos escudos por mês, para pagar a renda. E' o que vale, senão nem já tinhamos sede. A' noite ainda se juntam aqui os velhos. Lembram-se casos passados, critica-se a podre sociedade actual e vive-se na certeza de que tudo há-de mudar um dia...

Calculem que há meses quiseram comprar os instrumentos. Mas nós nem resposta demos aos oficios. Isso nunca! O que aqui está é sagrado! Pelo menos enquanto eu, o Zé Sampaio e o Lucio formos vivos, não consentimos num crime de tal natureza. Este armário há-de guardar os instrumentos até á nossa morte e durante toda a eternidade, porque ainda não nos saiu da cabeça, a mim, a eles, e a muito anónimo que por aí anda sem forças para nos acompanhar, esta danada esperança de que a mocidade há-de voltar ás Bandas. E as Bandas hão-de voltar ás ruas!

A. S.

DIZ O MÉDICO...

Na fronteira do grande mistério

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

TODOS os que levianamente afirmam que a Medicina, ao contrário da Cirurgia, não tem feito progressos, cometem um erro, um erro filho de velhas e tontas teorias sem cabimento depois da entrada de Louis Pasteur na Academia Francesa.

Estamos a dois mil anos de Hipócrates, longe do «Canon» de Avicena, das célebres escolas de Bagdad, de Goundi-Sapour, de Alexandria, de Frascator que, em 1546, identificou e classificou a lues, de Harvey (1628) que, baseado em trabalhos portugueses e espanhois, descobriu a circulação do sangue, da magistral descrição do raquitismo feita, quase na mesma época por Glisson, de Morgagni de Pádua que. apesar de algumas opiniões contrárias, lançou as bases da anatomia patológica.

Muito longe. Muito se tem caminhado depois que Syndenham (1764) identificou a varíola, o sarampo e a escarlatina e que Janner (1798) realizou as primeiras vacinas contra a varíola, mal que dizimava cidades, países inteiros, mal que nos protegeu dos índios no Brasil.

Foi, porém, no século XIX que Pasteur e Claude Bérnard, mutilando para sempre a «grande noite gótica» e os parcos conhecimentos do renascimento, abriram caminho á medicina experimental e científica, enquanto Laennec, por seu lado, transformava genialmente a patologia clínica (Robert Kervran, «Laennec, medecin Breton», Paris, 1955).

Depois, amanheceu para sempre: a Medicina entrou no seu período aureo. Basta citar meia duzia de nomes, nomes ainda hoje vivos entre todos os trabalhadores médicos: Parrot, Charcot, Widal, Pierre Marie, Babinski, Barlow e Koplik, Virchow, Koch, Ehrlich e Wassermann, etc.

Louis (1829) identifica a febre tifoide. Eberth (1880) descobre o germe que provoca a enfermidade. Widal e Sicard (1896) fazem a sero-aglutinação. Em 1900, Schottmuller isola o bacilo do organismo vivo no caldo de sangue dos doentes tíficos. Wright confirma o perigo da água e Chantemesse e Widal (1896) vacinam pela primeira vez o homem contra o terrível flagelo.

Sucedem-se as descobertas. Há pouco mais de cinquenta anos, Babinsko, através do estudo meticuloso dos reflexos, examina o sistema nervoso e diagnostica, com precisão, as principais doenças do cérebro e do cerebelo.

A obra de Ehrlich jámais poderá ser esquecida. O investigador alemão ensaia no homem, após tê-lo feito nos animais, uma longa série de compostos, alguns deles altamente tóxicos.

Estávamos na presença de uma nova pista. Tentava-se, então, reproduzir nos animais, pequenos e grandes, as principais doenças que atormentavam o homem. Quando se consegue estabelecer um quadro clínico identico, ensaiam-se nesses animais as drogas em estudo.

Praticam-se em seguida implantações e enxertos de tecidos e a biopsia entra na rotina clínica.

O arsénio, o bismuto e o antimónio, os sais de ouro, as vacinas, as anatoxinas, as sulfamidas, os mais variados compostos químicos, criada e estabelecida a medicina experimental, são estudados e ensaiados nos animais de laboratório e no homem—no homem enfermo e no homem são.

Desde esse momento, a medicina fisiológica, sacudida todos os dias por novas descobertas, vive horas sem igual desde os recuados tempos de Hipócrates de Cós, o velho pai das ciências médicas.

Dá-se mais um passo cada dia. A descoberta das sulfamidas e dos antibióticos rasga novos horizontes.

Desenha-se a luta contra as viroses e riquetsioses. Os vírus são isolados e estudados, inoculados nos animais superiores. Cultivam-se vírus nos embriões e nos ovos fecundados. Na América do Norte e nos principais países da Europa estudam-se os vírus da gripe, da encefalite, da poliomielite e de muitas outras afecções.

Cuidam-se e vigiam-se os regimes dietéticos. As vitaminas aparecem, sensacionalmente, no arsenal terapeutico do médico. A diabete sofre um rude golpe com a insulina (Banting e Macleod).

* * *

Não é possível proceder, neste instante, a um rápido balanço, falar de todas as grandes descobertas realizadas nos ultimos cem anos, dos progressos incontestáveis da bioquímica, das descobertas das vitaminas, da vitamina A (Mouriquand, 1948), da vitamina B (Christian Eijman), da vitamina C (Szent-Gyorgi), da vitamina D, da vitamina K (Eduard Doiry) da vitamina PP, da vitamina B12 (Rickes e Lester Smith, 1948), e outras já em uso.

Que dizer dos vastos conhecimentos da composição da célula e do seu nucleo, das trocas intra e extracelulares, dos fenómeros íntimos da vida dos tecidos, do estudo do metabolismo, do emprego dos isótopos radioaetivos, da exacta determinação do funcionamento renal («clearance»)?

A química sintética forneceu-nos drogas maravilhosas, entre outras, a aureomicina, a terramicina, o ACTH (hormona hipofisária) e a cortisona (hormona supra-renal), esperança dos que sofrem de um grande mal—o reumatismo articular agudo.

Ao lado dos admiráveis progressos terapeuticos, a técnica forneceu ao investigador e ao médico aparelhos necessários e indispensáveis para a exploração e observação do corpo humano.

Talvez o mais sensacional e revolucionário de todos os aparelhos que o médico tem á sua disposição seja o electrocardiógrafo.

A electrocardiografia (registo das correntes eléctricas que emanam do musculo cardíaco) foi pela primeira vez ensaiada por Waller (1887). Entrou, porém, na prática clínica em 1903, quando Einthoven, professor de Fisiologia na Holanda, conseguiu, mercê de um galvanómetro muito sensível, que os traçados não saíssem deformados.

Com os modernos aparelhos todas as lesões do musculo cardíaco são registadas, facilitando, portanto, os respectivos diagnósticos.

A angiocardiografia, o cateterismo do coração, realizado a primeira vez por André Cournand (1941), nos Estados Unidos, e a velocidade de circulação do sangue são outros auxiliares preciosos.

A arteriografia (Reynaldo dos Santos) e a angiografia (Egas Moniz) permitiram o estudo da circulação cerebral, das arterites obliterantes, dos aneurismas arteriais e artério-venosos.

Sem o emprego diário da arteriografia seriam impossíveis determinados diagnósticos de orteomielites e de alguns tumores ósseos.

A flebografia (Cid dos Santos) é hoje mundialmente empregada: facilita o estudo das varizes dos membros.

A encefalografia, a arteriografia, a angiografia cerebral (Egas Moniz), permitiram o estudo da fisiologia e patologia do cérebro, rompendo o caminho para a neurocirurgia e psicocirurgia.

A electroencefalografia é parti-

(Continua na última página)

António Moreira Rato & Filhos, L.da

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
GRÉS — LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

—()—

Telefones: 60879/63708 —— Telegramas: «Ratofilhos»
AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

Banco Pinto & Sotto Mayor

S. A. R. L.

Capital e Reservas Esc. 59.100.000$00

SEDE — Rua Aurea, 18/30 — LISBOA

FILIAL=PORTO

SUCURSAIS: Coimbra — Viseu — Braga — Viana do Castelo — Chaves — Régua — Pombal — Campanhã — Póvoa de Varzim — Santo Tirso — Agueda — Fundão — Algés — Almada — Barcelos — Campo de Ourique (Lisboa) — Praça de Londres (Lisboa) — Santa Apolónia (Lisboa) — Santa Marta (Lisboa) — Antero do Quental (Porto) — Infante D. Henrique (Porto) — Oliveira de Azemeis — São Mamede (Lisboa) — Vila Nova de Gaia.

BANCO BORGES & IRMÃO

S. A. R. L.
Instituição fundada em 1884
Capital e Reservas — ESC. 106.500.000$00
SEDE no Porto
Dependências Urbanas

Rua do Bonjardim n.' 57
Rua do Infante D. Henrique n.° 5 a 7
Rua de Costa Cabral n.° 11
Rua Pinto Bessa n.° 61 a 65
Rua Sá da Bandeira, 5

Agências — Lisboa, Braga, Setubal, Ovar, Matosinhos, Amarante e Lourosa
Posto: em Vilar Formoso
Correspondente no Rio de Janeiro — BANCO BORGES

Todas as operações Bancárias
Agentes e Correspondentes em todo o País e Estrangeiro
Endereço telegráfico: BORGIRMÃO
Telefones) PORTO — 26665 a 26669 — 5 linhas
) LISBOA — 21012 a 21015 — 4 linhas

NO CONCELHO DE ALMADA

SE TEM ELECTRICIDADE EM CASA, PODE TER

ÁGUA QUENTE A QUALQUER HORA

GRAÇAS AO TERMO-ACUMULADOR QUE A **U E P** LHE PERMITE ADQUIRIR EM CONDIÇÕES EXCEPCIONALMENTE VANTAJOSAS

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

FACILIDADES ESPECIAIS PARA A INSTALAÇÃO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO E INFORMAÇÕES NO ESTABELECIMENTO DE VENDAS DA

U. E. P.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

ALMADA

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País
— em edifícios próprios —

Os melhores e mais ricos «auto-cars» fúnebres
Garages
— e oficinas próprias nos seus edifícios —

SEDE NA:
194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202
Telefone P. B. X. 661113 - 665027 PORTUGAL LISBOA

+ Página da MULHER +

O que se usa

As malas de mão usam-se amplas, principalmente para a vida profissional, desportiva ou, de qualquer, modo prática. Eis um modelo de cabedal claro onde cabem muitas coisas.

CULINARIA

CREME DE BANANAS GELADO

8 bananas grandes, 100 grs. de manteiga, 200 grs. de açucar, sumo de limão.

Escolher bananas bem maduras, descascá-las e esmagá-las, juntando 100 grs. de açucar e o sumo de limão, misturando tudo bem. Misturar depois o resto de açucar com a manteiga, batendo bem até formar um creme. Deitar numa taça primeiro o creme das bananas, depois o creme da manteiga e pôr a gelar numa vasilha cercada de gelo.

«SPAGHETTI» A' MILANESA

250 grs. de «spaghetti», 250 grs. de tomates, 60 grs. de manteiga, 60 grs. de queijo ralado.

Põe-se ao lume uma caçarola com bastante água e sal onde se deita a «spaghetti» mal a água ferva. Basta que ferva durante 15 minutos para a massa ficar cozida. Põem-se então os tomates noutra caçarola que se tapa e leva ao lume moderado, deixando-os abrir e cozer no próprio suco. Passam-se a seguir pela peneira e o polme obtido leva-se ao lume com a manteiga e o queijo durante uns momentos. Mal a manteiga esteja derretida, junta-se-lhe o «spaghetti», mexe-se bem e serve-se.

«COLADA» DE VITELA PANADA

500 grs. de «colada» de vitela, 1 cebola, 1 ovo, pão ralado, azeite ou banha.

Prepara-se um refogado com a cebola picada e um pouco de azeite, óleo ou banha. Entretanto, lava-se, escalda-se em água a ferver a «colada» e deixa-se escorrer. Quando o refogado estiver bem lourinho deita-se uma boa colherada de caldo, um golpe de vinagre, sal, pimenta em grão e um cravinho da India e dispõe-se a «colada» dentro da caçarola que se tapa e deixa sobre fogo brando para cozer lentamente. Adiciona-se-lhe aos poucos, mais um pouco de água de caldo, conforme for necessário, e logo que esteja a «colada» cozida deixa-se arrefecer, depois corta-se em filetes, passa-se por ovo e pão ralado. Fritam-se os filetes em bastante gordura para que não endureçam.

PÃO DE LEITE

500 grs. de farinha de trigo, 50 grs. de fermento de pão, 5 ovos, 250 grs. de açucar, o leite preciso para amassar, 50 grs. de manteiga.

Deita-se a farinha num pequeno alguidar, faz-se-lhe uma cova no meio onde se põe o fermento. Aos poucos vai-se-lhe deitando leite e quando o fermento estiver todo desfeito vai-se juntando á farinha que o rodeia, amassando bem, directamente com as mãos. Em seguida deitam-se-lhe os ovos, dos quais só 3 levam as claras, o açucar, a manteiga e uma pitadinha de sal muito fino.

Amassa-se tudo muito bem e, quando ao amassar a mistura começar a formar bolhas, cobre-se com um pano grosso e deixa-se repousar em sítio quente durante 4 a 6 horas, conforme seja Verão ou Inverno. Estando a massa lêveda, tendem-se os pãezinhos ou faz-se um só bolo grande que se leva a forno forte a cozer.

BOLOS DE QUEIJO FLAMENGO

250 grs. de açucar; 125 de água; 150 grs. de queijo; 8 gemas; 1 colher de manteiga; canela.

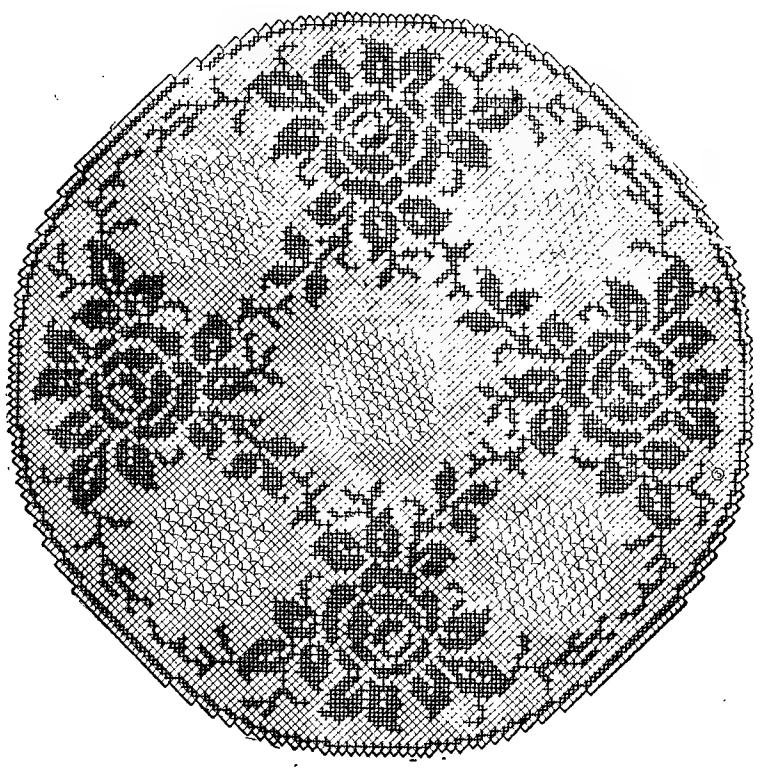
Junta-se a água com o açucar, leva-se ao lume até chegar ao ponto de espadana. Retira-se do fogo e junta-se-lhe o queijo ralado, as gemas e a canela. Volta ao lume, mexendo-se sempre, até levantar fervura e deita-se em forminhas pequenas, untadas com manteiga, onde vão a cozer a fogo brando.

FOFOS DE ABÓBORA MENINA

300 grs. de abóbora, 200 grs. de farinha, salsa, cebola, azeite para fritar, 2 claras de ovo.

Coze-se a abóbora, escorre-se e esprime-se num pano. Em seguida desfaz-se a farinha num decilitro de água tépida temperada com sal e pimenta; juntam-se-lhe as claras por bater, a abóbora bem desfeita, a salsa e a cebola, muito bem picadas e bate-se depois toda a mistura durante 10 minutos. Põe-se ao lume a caçarola com a gordura e quando ferver fortemente deitam-se-lhe algumas colheradas da massa feita, separadas umas das outras. Deixam-se fritar, retiram-se e deitam-se-lhe outras, até ficarem todos fritos.

CENTRO DE MESA



em

«CROCHET»

Cumprindo a promessa feita ás nossas leitoras, continuamos a publicar os diferentes modelos deste jogo de «napperons» que se destina aos móveis da sala de jantar.

Hoje apresenta-se o modelo redondo que deverá empregar-se como centro de mesa e tem, no diametro, 0,48 m. O seu desenho no tamanho natural é fornecido ás nossas leitoras na Folha de Desenhos para Bordados e Rendas n.º 28, que importa em 3$50 e contém muitos outros para roupas de cama e de mesa, «napperons», pontos de cruz e lindos «crochets» com motivos deste centro de mesa. Pode ser adquirida na nossa Administração ou pelo correio. Neste ultimo caso os pedidos com a sua importancia em selos de correio, devem dirigir-se á Página da Mulher. «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

A' cobrança, mais 2$00.

PROCURE ADAPTAR AO SEU ROSTO O PENTEADO QUE A TORNARÁ AINDA MAIS ATRAENTE!

TÉCNICA IMPECÁVEL EM TINTAS E PERMANENTES PELOS MAIS RECENTES PROCESSOS

Mme Campos

AV. DA LIBERDADE, 35 • TELEF. 21866 • LISBOA

meias Christian Dior

À VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS

Elegância e Beleza pelas Especies Vegetais

OBESYL 25$00 chá

Combate as gorduras

Regula o intestino, normalisa o figado, activa a função renal.

A venda nas bôas Farmácias

Evite V. Ex.ª os sapatos que se deformam, escolhendo o seu calçado só na

ORION

R. Garrett, 42 — Telf. 25943

BLUSAS e SAIAS

GRANDES NOVIDADES

Salão dos Plissados

Rua 1.º Dezembro, 64 e Calçada do Carmo, 10

TELEFONE 21724

MEIAS Opal PERLON

A FAMOSA

MEIA Opal PERLON

UM PRESENTE...

...que não esquece

A' VENDA NAS BOAS CASAS

MEIAS Opal PERLON

O encanto da minha pele está no uso diário do...

CREME NIVEA

Só ele contém Eucerit, que dá à pele a frescura da juventude

Creme NIVEA

Produto original de Beiersdorf - Hamburgo

N 55/5

Instituto de Corte Ilda Nunes

LARGO D. ESTEFANIA, 8, 2.º, DT. — Telefone 55903

Cursos de Corte, Alta Costura, Bordados á mão e á máquina, Plissados, Chapeus, Flores e Penas. Cursos por correspondência para a Provincia, Ilhas e Ultramar. Garante-se o ensino

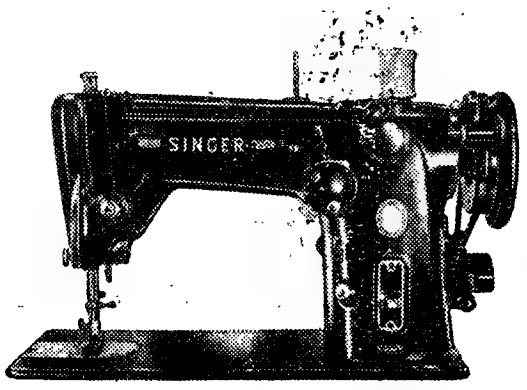
Uma inesquecível oferta de ***NATAL e ANO NOVO!***

A máquina de costura

SINGER ZIGUEZAGUE AUTOMATICA

com os 16 NOVOS DISCOS!

ACABAM DE CHEGAR 4 JOGOS DE 4 DISCOS DIFERENTES que, adicionados aos 14 iniciais, atingem a quantidade «record» de 30 DISCOS, o que permite ampliar, infinitamente, as possibilidades desta maravilhosa máquina, um triunfo da técnica moderna.



OS CEREAIS

Os CEREAIS semeados necessitam, depois das grandes chuvas que têm caído, duma adubação em cobertura, com **NITROCALCIAMON** que contém 20,5% de azoto — metade nítrico e metade amoniacal, e ainda apreciável quantidade de cal, e que está naturalmente indicado para a adubação em cobertura, no começo dum Inverno rigoroso.

A **SAPEC** tem à disposição da Lavoura, não só nas suas fábricas em SETÚBAL, como nos seus armazens em SACAVEM (Lisboa) e no PORTO, o **NITROCALCIAMON «COBELAZ»** embalado em sacos de 100 kos., de juta, e de 50 quilos, impermiáveis, bem como **SULFATO DE AMÓNIO do Amoníaco Português e de COBELAZ**, e os **SUPERFOSFATOS 15% e 18%**, em pó e granulados, e ainda as **CIANAMIDAS** e as **POTASSAS.**

SAPEC

Grandes fabricas em Setùbal

Delegação em Lisboa
R. dos Fanqueiros,
— 121, 1.º —
Teleg.:
SAPEC — Lisboa
Telef. 24121-24122-24123

SAPEC SETUBAL

Agência no Porto
SOC. DE DROGAS LUSITANIA, LDA.
Praça da Liberdade,
— 53, 1.º —
Teleg. SAPEC — Porto
Telef. 23727

Manuel J. Monteiro & C.ª, L.da

ARMAZEM DE MATERIAL ELECTRICO ◆ REPRESENTAÇÕES

Deseja Boas Festas e um Ano Próspero aos seus estimados clientes e amigos.

Telefs. 31574 e 34506 • Teleg. «Mongo» LISBOA Rua dos Correeiros, 140

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.

Capital realizado : Esc. 200.000.000$00
Reservas : Esc. 82.800.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

FILIAIS : Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

AGÊNCIAS : Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemór-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

DEPENDÊNCIAS URBANAS :

LISBOA

Alcantara, Almirante Reis, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO

Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

RÁDIO CONTROLE

(ARMANDO S. FERREIRA)

Rádio-Electrónica e Telecomunicações

TUDO SOBRE T. S. F.

EQUIPAMENTOS — CONSTRUÇÕES — REPARAÇÕES — MONTAGEM — SISTEMAS RADIOELÉCTRICOS — RECEPTORES — TRANSMISSORES — AUTO-RADIO — RADIOGONIÓMETROS — INTERCOMUNICADORES — AMPLIFICADORES — GRAVADORES — DETECTORES DE METAIS — ELECTROMEDICINA — GIRA-DISCOS AUTOMÁTICOS — FLASH ELECTRÓNICO

SERVIÇOS EM APARELHAGEM DE ALTA CATEGORIA

Estação Oficial Philips Rádio

(Serviço autorizado desde 1939)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA MÁXIMA EFICIÊNCIA

RUA DR. SOUSA MARTINS, 33-35 — TELEFONE 41752 — L I S B O A

Depart. Técnico R A D I O C O N T R O L E
Rua Dr. Sousa Martins, 22-B a 22-D

(Técnicos especializados em radiotecnia e electrotecnia desde 1927)

RÁDIOS RECEPTORES — GIRA-DISCOS SIMPLES E AUTOMÁTICOS DISCOS NORMAIS E MICROGRAVADOS — AMPLIFICADORES — ALTO-FALANTES—MICROFONES—AUTO-RÁDIOS—QUADRANTES SIMPLES E AUTOMÁTICOS — TODOS OS ACESSÓRIOS RADIOELECTRICOS

DESDE 1858

Servindo sempre...

a Companhia Nacional de Navegação

Fábricas TRIUNFO

S. A. R. L.

LISBOA — COIMBRA — PORTO

Cumprimentam e desejam aos seus Ex.mos Amigos e Clientes, um feliz Natal e um Novo Ano muito próspero.

CAMISARIA
GRAVATARIA
GABARDINES
PULOWERS
LANIFÍCIOS
PARA HOMEM
PEÚGAS
GUARDA CHUVAS

CASA CESAR

C. S. MATOS, L.da

6-C, AVENIDA ALMIRANTE REIS, 6-E — TELEFONE 40245

CUMPRIMENTA OS SEUS EX.mos CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS DESEJANDO-LHES UM ANO NOVO FELIZ.

FAZENDAS DE LÃ
SEDAS
ALGODÕES
MEIAS
MALHAS
MALAS
E ATOALHADOS

Reflexos da cidade

«Está muito doente»...

O descarregador Martins foi encontrado deitado no portal de pedra de um prédio da Calçada do Ferregial. Começaram a juntar-se pessoas que comentavam, com tristeza, a sua situação:

—Coitadinho, está doente! Se calhar é fome...

Outras, porém, opinavam

—Foi acometido de doença subita! Parece que está morto... O melhor é chamar a Polícia para o conduzir ao hospital.

Entretanto, algumas pessoas abeiraram-se para lhe perguntar:

—Está doente? Tem fome?

Ele nem se movia. Foi-se juntando gente em volta. Alguns dos presentes foram chamar o polícia que andava na Travessa do Cotovelo, tanto mais que ele na posição em que estava deitado impedia a entrada de pessoas para o prédio. Chega o guarda. Abanou-o. E ele sem se mover.

Os circunstantes exclamam:

—Está morto! Está morto!

O guarda inclina-se sobre o corpo do desconhecido, põe-lhe a palma da mão na testa, toma-lhe o pulso, conta-lhe as pulsações até 60 entre o mutismo dos assistentes, que impõem silêncio uns aos outros para não distrair o guarda na sua observação. No final, este diz:

—Tem as pulsações normais.

Há um alívio entre os assistentes.

—Isso deve ser doença, coitadinho...

Começam a surgir os médicos ocasionais, com receitas para reanimar o doente:

—Talvez uma fricção com álcool!

—E' melhor bagaceira, dizem outros. Molhem-lhe as fontes com aguardente! E' que ele deve estar gelado, sabe-se lá há quanto tempo ele aí está!

Não falta quem corra a ir buscar a recomendada bagaceira.

—Pronto, aqui está, sd. guarda. Este arregaça as calças ao doente até ao joelho e começa a friccioná-lo nas pernas, depois nos braços e na testa.

—Dê-lhe uma pinguinha a beber, que o deve aquecer interiormente — lembrou alguém. E' nesta altura que o doente começa a reanimar-se — a abrir os olhos e a mexer-se.

—Vê como lhe fez bem!—logo exclamam alguns assistentes.

—Vá, levante-se! — diz o guarda, que o segura pelo braço.

Alguns populares ajudam o homem a levantar-se. Mas ele mal se segura nas pernas. Volta a deitar-se. O guarda insiste e os populares ajudam-no de novo a levantar-se. Nesta altura, com verdadeiro espanto da assistência ele enfurece-se e fixando o guarda exclama:

—Oh! seu Nehru! Seu Nehru! Seu patife! O que me está você a fazer?

Começa então a esbracejar, pelo que o guarda, acompanhado por alguns colegas, o conduz á esquadra, onde acaba por se verificar que se trata, afinal, de uma tremenda bebedeira. No dia seguinte ao responder no Tribunal de Polícia, o juiz, sr. dr. Julio Cabral, pergunta-lhe se sabia de que era acusado.

—Não me lembro de coisa alguma, nem sei porque fui preso. Devia estar com uma pinguinha a mais...

—A embriaguez não desculpa. Devia estar reconhecido ao guarda pela forma carinhosa como o tratou e acabou por injuriá-lo. Vai condenado em 40 dias de prisão não remíveis, 13 dias de multa a 10$00 diários e no mínimo do imposto. Eu tive pena de si, pois na pena em que vai condenado, pelos ultrajes ao guarda, dei-lhe como provado também o estado de embriaguez.

Com uma receita destas o descarregador Martins não ficará com muita vontade de voltar a concorrer para alimentar um milhão de portugueses...

«Daqui não saio!»

O padeiro Mendes foi visitar umas pessoas das suas relações que residem na Rua do Norte, com mais dois amigos, mas como ia, ao que parece, entre as dez e as onze, os amigos ficaram e elef oi intimado a sair. Recusou-se, porém, a fazê-lo, mas, como próximo do prédio. andava um polícia de giro, chamaram-no da janela para ele comparecer imediatamente. Quando o guarda subia a escada já o Mendes descia. Do patamar do 1.º andar, alguém exclamou:

—E' esse sr. guarda! E' esse sr. guarda!

—Vá. Então vamos embora. — exclamou o guarda ao Mendes.

—Estou á espera de dois colegas.

—Espere lá em baixo, na rua, por eles.

—Daqui não saio! Daqui ninguém me tira!

E sentou-se nos degraus da escada. O guarda, pachorrentamente, pos-lhe a mão no ombro, dizendo

—Vamos lá embora... Não seja teimoso...

—Já disse. Daqui não saio. Estou em serviço secreto...

—Então identifique-se. — observou-lhe o guarda.

—Há ele é isso? Dê-me o seu numero que quero queixar-me de si.

—O meu numero está á vista na carcela do casaco.

O padeiro puxou por um papel e um lápis da algibeira e apontou o numero do guarda.

—Bom, já tem o meu numero, não é verdade, agora quero eu saber a sua identidade.

—Não tem que a saber. Digo-lhe sómente que sou da U. N. E estou aqui em serviço secreto.

—Pois vai já mas é secretamente para a esquadra, sob prisão.

E acabou, mesmo, por ir, não foi secreta, mas publicamente.

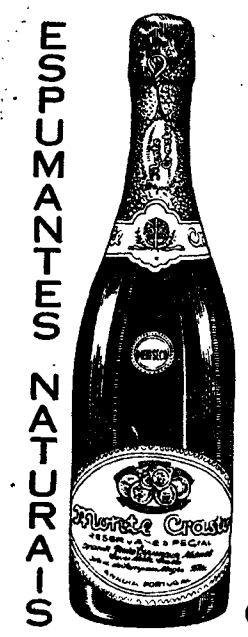
Na esquadra foi o bom e o bonito para lhe conseguirem a identificação, pois só evocava nomes de pessoas importantes para se dar ares de homem bem relacionado. Aguçava-se a curiosidade dos guardas perante este preso de tanta categoria e altamente relacionado. Por fim lá se identificou e no dia seguinte respondeu no Tribunal de Polícia, perante o juiz dr. Julio Cabral, acusado de desobediência e de recusa a identificar-se.

Declarou que estava com uma pinguinha a mais e as pessoas da casa que ia visitar declararam que ele era visita antiga, mas que, naquele dia, estava embriagado, pelo que não queriam recebê-lo. Todavia, sempre o tinham tido como boa pessoa.

O magistrado observa:

—Sim, as senhoras agora, pelo que vejo, não querem perder a visita dele. Compreendo... A bebedeira também é punida pela lei.

Em seguida lavrou a sentença: 20 dias de prisão correccional remíveis a 20$00 diários e 50$00 de imposto — acrescentando a recomendação de não voltar a fazer visitas em tal estado, pois que, de outra vez, a sentença não seria tão benévola.



Agentes em Lisboa:
GARRAFEIRA INTERNACIONAL, L.da
R. Escola Politécnica, 17
Telefone 31074

NATAL—ANO NOVO
COMPRE
A PREÇOS DE REVENDA
WHISKY — ESPUMANTES
VINHOS DO PORTO E DE MESA
BRANDES — CONHAQUES
CHAMPAGNE
Vilarinho & Sobrinho, L.da
Rua das Janelas Verdes, 60
Telef. 664433 — LISBOA

Chegou há dias á estação de Victoria, em Londres, num grupo de passageiros que, pelo seu aspecto pouco vulgar, despertou a curiosidade dos circunstantes. Tratava-se de uma famosa companhia de anões, que vai actuar no circo do Olímpia, na próxima época do Natal. Um dos porteiros da estação pegou amávelmente ao colo numa das figurantes, para facilitar-lhe a entrada na carruagem em miniatura que aguardava a companhia liliputiana para a conduzir ao seu destino, através das ruas movimentadas da capital britanica

AQUILINO
e a minha geração

Aquilino, perdão, Mestre Aquilino, fez 70 anos em Setembro, e isto é bastante grave para quem tem que comentar o facto. O tempo é o maior inimigo do Homem: persegue-o, não o larga e quando o deixa, — ai dele! — tudo se acabou. Ora, esta tarefa inglória, de contar pelos dedos a idade dos demais, obriga a reflectir e considerar, e é certo que após a reflexão e a consideração, é na nossa idade que pensamos.

Eu considerei sempre os nomens da geração de Aquilino Irmãos maiores *da minha geração. No tempo em que entrei na vida rabiscando linhas e palavras com a língua de fora como os garotos, todos nós respeitávamos e venerávamos os que já subscreviam rabiscos e se iam notabilizando, tantas vezes inglòriamente, e quando com alguma glória, quase inutilmente para as suas próprias vidas. Nas Artes e nas Letras, quem assentava praça começava por admirar e respeitar os que há muito haviam passado a soldados prontos.*

Hoje em dia não há recrutas: assentam todos praça em general, embora abichem escassas continencias, e só os compinchas bradem ás armas á sua passagem.

A geração anterior, talvez haja recebido Aquilino com desconfiança, tanto mais que o escritor gozava fama de revolucionário, mas a minha, por isso mesmo, recebeu-o de braços abertos, porque a masculinidade do seu estilo terso e tavanês, a sua rusticidade, a trasbordante sinceridade, e a variedade de tons da sua paleta de naturalista eximio o recomendavam a quem se fartara dos narizes de cera do romantismo decadente, que em literatura ali ficou as costurcirinhas éticas que se suicidavam com lumes prontos *dissolvidos em aguardente, e em pintura não ia além das vacas holandesas a pastar nos campos verdoengos. As jovens trazem o belicismo no sangue. Para nós, mais novos 10 anos, Aquilino era sobretudo o gladiador que ia fazer tremer toda a bonecada de ídolos da decadencia romantica. Os grandes tinham desaparecido, porque o Tempo largara mão deles. Ficaram aí os menores, alguns, ainda assim, com muito talento, sem duvida. Mas num país pequeno, que, para, mais, parturejara a notável pleiade de escritores contemporaneos de Eça, de Ramalho e Fialho, era difícil evitar que a seguir ás crias perfeitas não sucedesse verdadeira récua de terços. O genial Rafael Bordalo avisara, aliás, que tudo se acabara, com aquela página magistral de «A Paródia», em que, amargamente, festejava o fim do século XIX. A legenda, valendo por uma profecia, é estupenda: «Depois de ter iluminado o Mundo, apagou-se e cheira a morrão».*

Aquilino foi, portanto, para a minha geração, uma espécie de Messias, e não há duvida que cumpriu rigorosamente e excedeu, até as melhores expectativas.

Não valeria a pena lembrar os seus 70 anos, se o Mestre não estivesse aí são como um pero, em plena robustez física, moral e mental, a desmentir o Tempo nas suas próprias barbas.

Felizmente para nós todos, Aquilino terá ainda muitos anos de vida, e há-de continuar a cultivar aquela sua pessoalíssima prosa, que, tal como a de Camilo, s calcerca nos melhores fundamentos da nossa língua, pois é certo que a mesma terra, velha e revelha, de milénios, sempre vai dando novidades apreciáveis.

Como todos os homens sinceros e vibráteis, Aquilino, nos seus 40 anos de vida literária, tem várias fases.

Na primeira, pareceu-nos discípulo de Anatole France, mas logo o beirão rude e sensual se revelaria com trasbordante sinceridade. Depois de romancista e novelista, deparou-se-nos ensaista, erudito, crítico, se bem que, através de tudo, sempre artista, o que muito arreliou alguns professores literatos.

A crítica de Aquilino está feita, se bem que, como notou recentemente José Régio, a sua obra tivesse sido estudada, num ou noutro ensaio menos superficial e sectário, pois, no geral, foi abnegada consoante a miopia de cada um, com a frivolidade pretenciosa de grande parte da chamada crítica contemporanea, ou o sectarismo de certos compostos de sentimentos e opiniões a que chamam partidos.

Seja como for, Aquilino escreveu sobretudo, para a minha geração, e por isso me sinto, desde a primeira hora, no avultado numero dos seus admiradores.

OCTAVIO SÉRGIO

Publicações

«Portugal no Ultramar»

As nossas provincias de além-mar estão a despertar cada vez maior interesse entre a população e isso justifica a crescente frequência com que aparecem trabalhos que focam, sob os mais diversos aspectos, a vida desses territórios distantes. A relação dessas obras foi agora aumentada com um volume publicado pelas Edições Sotramel intitulado «Portugal no Ultramar», dedicado especialmente a Cabo Verde, S. Tomé e Principe e Angola.

Com uma valiosa introdução evocativa da acção dos Portugueses para dilatar o Mundo, o livro abre com uma série de estudos sobre a Agência Geral do Ultramar, a «Acção do Instituto de Medicina Tropical», da autoria do prof. Salazar Leite; «O Hospital do Ultramar», do dr. João Pedro de Faria, «Alguns aspectos da Arte negra», de Tomás Ribas; «Os Serviços de Marinha no Ultramar», do comandante Alberto de Campos, e «Do Conselho da Fazenda ao Ministério do Ultramar», de Raimundo Brites Moita.

Seguem-se estudos, metódicamente agrupados e bem documentados, sobre as quatro provincias citadas, em que colaboram, na parte de Cabo Verde, José Osório de Oliveira e Daniel Filipe; na de S. Tomé e Principe, o dr. Cordato de Noronha e o dr. Francisco Tenreiro, e na de Angola, o dr. Henrique Cabrita, Helder Pires, Rodrigues Matias e dr. José Maria Gaspar. Este capítulo dedicado á nossa grande provincia da África Ocidental é completado com estudos elucidativos sobre multiplos aspectos da vida angolana, principalmente no campo económico, acerca do qual se formam preciosos e actualizados elementos.

O volume, que é muito bem apresentado e ilustrado com numerosas gravuras, termina com um interessante estudo de Alfredo França intitulado «Portugal abriu ao Mundo o coração da África», e por outro de Suzanne Chantal dedicado aos «Portugueses no Congo».

«Revista do Ar»

O ultimo numero da «Revista do Ar», órgão do Aero-Clube de Portugal, subsidiado pelo Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, que é dirigido pelo coronel-aviador Pinheiro Correia, publica, na capa, uma fotografia, de Firmino dos Santos, que nos mostra o sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, ouvindo explicações de um oficial da R. A. F. sobre um avião «Hunter», de caça, na base de Benson. O sumário deste numero é o seguinte: «O primeiro subsecretário de Estado da Aeronáutica»; «A Aviação Civil na plano nacional»; «Revista do Ar»; «Exercícios aéreos Codorniz»; «Pela Aviação Militar»; «Novos horizontes para Aviação de Transportes»; «A influência da propulsão por jacto na concepção dos modernos aviões de combate»; «Talvez não saiba que...»; «Voo sem motor»; «Aeromodelismo»; «Aviação Comercial»; e «Voando».

Com este numero — o 204 — a revista entra no seu décimo nono ano de existência, pelo que lhe apresentamos felicitações; e anuncia que vai «remodelar os seus serviços, aumentar a sua expansão e melhorá-la, se for possível, em todos os aspectos, quer do ponto de vista gráfico, que do doutrinário».

«Revista Militar»

Acaba de ser publicado o fasciculo n.º 11 da «Revista Militar», referente ao mês de Novembro, cujo sumário é o seguinte: «Elementos para o estudo da guerra psicológica», pelo major do C. E. M. Serzedelo Coelho; «Noticias sobre a Artilharia Portuguesa», pelo coronel Sanches Ferreira; «A guerra dos blindados», pelo major do Exército suiço Eddy Bauer; «As manobras de 1955», pelo major do C. E. M., Nunes da Silva; «A IV sessão interafricana do Trabalho»; actualidades gráficas; crónicas militar e desportiva; bibliografia e boletim bibliográfico.

«Viagem»

Veio a lume mais um numero da interessante revista «Viagem», dirigida pelo nosso prezado colega Carlos d'Ornelas. No artigo de Fernando Campos acerca de Mouzinho, reproduz-se uma aguarela de mestre Roque Gameiro sobre o heroi de Chaimite, bela e varonil, e pouco conhecida. Quem será o seu possuidor? Crónicas, comentários críticos e outras secções preenchem o sumário de «Viagem».

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(D I A M A N G)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

COM O CAPITAL DE ESCUDOS 294.100.000$00

Pesquisas e extracção de diamantes na Província de Angola em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
E ADMINISTRADOR-DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

VICE-PRESIDENTE

Com. Alvaro Morna

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA

DIRECTOR-GERAL

José Tavares Paulo

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

REPRESENTANTE

Dr. Sílvio Guimarães

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

LOTARIA

EXTRAÇÕES SEMANAIS

Prémios maiores { 1.000 contos / 100 » / 50 »

a 30 de Dezembro — extracção da 3.ª Lotaria extraordinária do ano (Fim do Ano)

Prémios maiores { 3.000 contos / 300 » / 150 »

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições da assistência pública, nos termos da legislação em vigor.

COMPANHIA DE SEGUROS

SAGRES

SEDE EM LISBOA — RUA DO OURO, 181

(EDIFICIO PRÓPRIO)

Sinistros pagos até 31-12-954

Esc. 89.856.441$23

AGENTES EM TODO O PAÍS

Efectua seguros de «INCÊNDIO», «MARITIMOS e GUERRA», «AUTOMÓVEIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO», «ACIDENTES PESSOAIS» e de «VIDA» **em todas as modalidades**

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, **mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações**

Telefones P. B. X. 24171-24172

Aceitam-se agentes e angariadores que dêem referências

LAMPADAS **LUMIAR**

MOTORES **ENAE**

A Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica

deseja a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes muito Boas Festas e um Ano Novo muito feliz

Policlínica da Rua do Ouro

Rua do Carmo, 98-2.º ENTRADA

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões - As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia geral e operações - As 16 horas
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias - As 13 horas
Dr. Romão Lofi — Doenças nervosas, electroterapia - As 14 horas
Dr. Mário de Mattos — Doenças nos olhos - As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estômago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais - As 17 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia - As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações - As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças - As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese - As 10 horas
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — A's 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16,30 h.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos - As 16 horas
Prof. dr. Aleu Saldanha — Raios X - As 16 horas

Caminhos de Ferro

ZONA SUL

Serviço Especial do Natal
DIAS 21 A 24 DO CORRENTE

Comboio n.º 8011 (rápido do Algarve) —Efectua-se entre Lisboa-Terreiro do Paço e Vila Real de Santo António-Guadiana, com ligação de e para Aljustrel e para Lagos.

Automotoras n.º 9728 —Efectua-se diáriamente entre Faro e Lagos.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

A TIA DE VASCO

—E tu: onde passas o Verão?

—Em Lisboa! Onde demónio o hei-de passar?

—Vem daí comigo: olha que Ponte do Lima não é feia. Passam-se lá bem uns quinze dias. E depois, perto de Viana... Anda, homem!

—Não vou; estás doido! Ainda se a casa fosse tua...

—É o mesmo que se o fosse. Minha tia vive sózinha; não tem mais nenhum parente.

—Pois sim: mas isso não é uma razão para eu ir meter-me em casa dela...

—Olha, não a arruines! Ela tem mais de oitenta contos de réis.

—Oitenta contos? — disse Ricardo, arregalando os olhos.

—Para mais, para mais...

—Maganão! Por isso tu lhe vais fazer companhia... Sobrinho unico...

—Não! não é por isso... Costumo lá ir todos os anos...

—E ela é já muito velha?...

—Cinquenta anos! Feia como um bode, mas sã como um pero.

—Oh! demónio!

—Deixá-la viver, coitada! Sinceramente, sou amigo dela. Foi quem me criou, andou comigo ao colo...

—Olha: pois eu vou arranjar ali umas coisas e talvez ainda este Verão dê uma passeata até ao Minho. Se for, lá te irei fazer uma visita a casa da tia.

—Vai, vai, que eu, em lá te apanhando, apresento-te a ela, e verás que não te deixa saír de Ponte do Lima tão cedo.

E Vasco apertou a mão a Ricardo, que se afastou, pensando com os seus botões:

—Este diabo é que é feliz: sobrinho unico de uma tia com oitenta contos! Só eu não tenho tias dessas... É o que me fazia arranjo, agora: uns oitenta contos!...

* * *

Uma bela manhã, manhã de feira de gado na praça de Ponte do Lima, o Vasco vê, de repente, erguerem-se, entre o oceano enorme de hastes de bois que cobre as areias do formoso Lima, dois braços enormes que se abriam para ele em exagerada expansão de amizade.

—Ó Ricardo!

—Ó Vasco!

E caíram nos braços um do outro.

—Então sempre te resolveste, hem?

—Eu cá sou escravo da minha palavra. Prometi-te, se viesse ao Minho, vir bater-te no ferrolho: vim ao Minho, aqui estou em Ponte do Lima.

E depois, olhando para os bois, que os cercavam por todos os lados:

—É bonito isto, é pitoresco!

—É! Como vieste tu?

—Vim de trem. É bem bonita a estrada de Viana aqui...

—É... mas agora vai mandar embora o trem...

—Embora? Então como hei-de ir para baixo?...

—Tu não vais para baixo nem para cima. Tu agora não sais daqui tão cedo...

—Não, nada; isso é que não... Tenho ainda que ir á Galiza...

—Olha: aí vem minha tia. Vou apresentar-te — interrompeu Vasco, apontando para uma senhora direita como um I, encarquilhada como uma passa e lisa como uma tábua, que se aproximava com uma grande majestade provinciana e uma grande sombrinha verde.

—Minha tia: o meu amigo Ricardo, em quem lhe tenho falado tantas vezes, meu companheiro de colégio.

—Minha senhora: tenho imenso prazer em a conhecer pessoalmente. O Vasco tem-me falado tanto de V. Ex.ª, que isto agora não é fazer um conhecimento — é um reconhecimento.

—Então, é a vez primeira que vem á Ponte? — perguntou a tia, com uma voz muito seca, muito cor-

—Por tudo que há de mais sagrado!

—Pois bem: aqui tem a minha mão. Também o amo!

Não imaginas o que eu senti quando ela me disse «também o amo»! Só senti sensação igual uma vez, há três anos, quando o Silva da Rua do Ouro me contou, em cima do balcão, vinte libras que me tinham saído num décimo.

O demónio era o Vasco! Como receberia ele a coisa? Cheguei a recear que ele desse a tia por demente.

Andei quinze dias sem saber como lhe fazer a declaração, a ele. Por fim, uma manhã, que fomos passear a uma quinta afastada, ambos sózinhos, enchi-me de coragem e abordei o assunto.

Eu estava preparado para tudo, até para jogar

Texto integral do conto de Gervásio Lobato

á pancada. Imagina o meu espanto quando ele, depois de me ouvir, muito calado e cofiando a barba, me responde com um grande acento de sinceridade simpática:

—Queres que te diga a minha opinião? Acho que fazes muito bem!

—Hem?

—Fazes muito bem, e estimo esse casamento. Tu és um excelente rapaz, hás-de tratá-la muito bem.

—Oh! quanto a isso, juro-te!

—Ela é uma excelente senhora e há-de fazer-te feliz, não pelo amor, mas pela amizade, pela dedicação, pela virtude...

—Ela é um anjo, sei perfeitamente.

—É, e dou-te os meus parabens...

—Então, não tezangas comigo?

—Zangar-me? Que ideia! Até te agradeço a felicidade que me dás com essa noticia, meu caro tio! — respondeu ele, rindo e abraçando-me.

E depois começámos a falar a respeito do casamento. É daqui a três semanas, na capela da casa dela. Os banhos já estão correndo, e aqui tens como eu estou noivo e em vésperas de ser capitalista.

Não há nada como o Minho... É o jardim de Portugal, e para mim é mais que jardim, é a mina do País...

* * *

O casamento de Ricardo e D. Úrsula foi uma festa falada em todo o concelho de Viana do Castelo.

Oito dias depois desse casamento, Ricardo voltou com sua mulher, da viagem de nupcias que fizera até Vigo.

Vasco ficara em Ponte do Lima, esperando-os.

Depois do jantar, Ricardo e Vasco foram passear para um terraço, enquanto a D. Úrsula ia dar uma vista de olhos aos seus aposentos, arranjados de novo.

—É verdade, Vasco: dize-me cá uma coisa. Isto de amor é muito bom, eu gosto muito da tua tia, sou muito feliz com ela, mas ainda não me atrevi a falar-lhe numa coisa.

—Em quê? — perguntou Vasco, admirado.

—E tu é que me hás-de ajudar a isso.

—Estou ás tuas ordens!

—Ela ainda não me disse palavra acerca dos seus bens. Ora é necessário que eu, como marido, e, portanto, como administrador da casa, tome conta do que há...

—Do que há?...

—Sim: todas as propriedades e papeis de minha mulher.

—Quais propriedades?

—De tua tia!

—Ela não tem propriedades nenhumas.

—Hem?

—Era usufrutuária de bens no valor de oitenta e tantos contos, que lhe deixou meu avô, com a condição de, por sua morte ou por seu casamento, passarem para mim esses bens...

* * *

No dia imediato, o amigo íntimo de Ricardo recebia o seguinte bilhete postal:

Meu amigo:

Insta com Norberto por um lugar de amanuense... mas para o Ultramar. — RICARDO.

tada, que fazia o efeito de uma bengala correndo por varões de ferro.

—É! é a primeira vez. Isto é muito bonito, é muito pitoresco...

—Pois sim — atalhou o Vasco —, muito pitoresco, mas tu já o dás por visto; queres-te ir embora a correr.

—O quê? Embora já? Sem ver a minha quinta...

—Vês? — apoiou Vasco —. A tia Úrsula é que te há-de ensinar; não te podes ir embora sem veres a quinta...

—Minha senhora: V. Ex.ª manda; estou ás suas ordens...

—E há-de ver a quinta, e os moinhos, e o açude, e as fazendas da Mineira...

—Exacto, exacto; o meu sobrinho tem razão — aprovou D. Úrsula, amável —. Já que veio á Ponte, é melhor ver tudo isso.

—Mas, minha senhora, eu deixei as minhas malas no hotel, em Viana.

—Isso mandam-se lá buscar... Vou já mandar um criado. Vai escrevendo aí um bilhetinho. Eu bem te disse na Rua da Prata. És meu prisioneiro...

E Vasco partiu a correr, para ir dar as suas ordens.

* * *

Passados quinze dias, em Lisboa, um amigo íntimo de Ricardo recebia esta carta:

Meu velho:

Perguntas-me que demónio faço eu há tanto tempo em Ponte do Lima, e se isto por cá é muito divertido. Não é, mas o homem não vive só de divertimentos; não estou aqui para me recrear, estou para me empregar. Podes dizer ao Norberto que desista do lugar de amanuense que ele prometera arranjar-me. Tenho coisa melhor. Vou casar, vou ter ordenado superior ao de ministro de Estado; é verdade, porém, que com muito mais trabalho. Vou casar com a tia do Vasco. Tem oitenta contos e 50 anos. Eu gostava mais que fosse o contrário: que tivesse 80 anos, ainda mesmo que só tivesse 50 contos. Paciência, nem tudo pode ser á medida dos nossos desejos. Muito bem me tem corrido tudo, e até estou admirado disso!... Havia uma coisa que me assustava muito: era a maneira como o Vasco receberia a confidência do meu casamento. Ele coitado, é o unico parente da velhota e era o seu unico herdeiro. Mas tudo correu ás mil maravilhas. É um excelente rapaz, o Vasco, e eu era muito injusto para com ele.

Logo nos primeiros dias que cheguei aqui, comecei a fazer os meus rapapés á velha. Oitenta contos, imagina tu!

Um ideal! A sorte grande de Espanha, sem arriscar dez libras no bilhete. Ela caiu logo. Pudera! Aos cinquenta anos, uma coroa de flor de laranjeira deve custar a suportar como o demónio.

Uma tarde, enquanto o Vasco foi a Viana, eu fiquei só com ela na quinta e fiz-lhe a minha declaração com uma eloquência própria dos seus oitenta contos. Ela não é nada tola; assim não fosse tão feia ou fosse mais velha. Disse-me que agradecia muito as minhas palavras, mas que me pedia licença para não acreditar nelas: que eu era muito novo, que ela podia ser minha mãe — não disse avó, por um requinte de delicadeza.

—Oh! minha senhora! O amor não conhece idades; o amor é cego, etc., etc., etc.

—O senhor não se ofende com o que lhe vou perguntar?

—Oh! minha senhora...

—Se eu fosse pobre: se eu não tivesse nada de meu, o senhor amar-me-ia?

—Oh! juro-lho!...

—Por tudo o que há de mais sagrado?

MOTORES DIESEL
MERCEDES-BENZ
MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS DE MÉDIA ROTAÇÃO, DE 25 A 500 H. P. EFICIENTES. ECONÓMICOS. DURADOUROS
REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29, AV. DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
160, R. DE STA. CATARINA, 168 — PORTO

ARIPS-UNIPREÇO
Rua de St.ª Justa, 109 — R. do Carmo, 64
Av. Almirante Reis, 126 (à Praça do Chile)
Desejam a todos os seus clientes e a todos os seus fornecedores um Natal muito feliz e repleto de SAUDE, DINHEIRO e SORTE!

EMPRESA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PESCA

S. A. R. L.

(PESCAL)

FROTA

Arrastão «PÁDUA»	17.000 quintais
Arrastão «ÁGUAS SANTAS»	19.000 quintais
Lugre-motor MARIA DAS FLORES.	10.000 quintais
Navio-motor «LOUSADO»	18.000 quintais

ESCRITÓRIOS :
RUA DO COMÉRCIO, 8
LISBOA

SEDE E SECADOURO
ALCOCHETE
TELEFONE 125

TELEFONES : 20055 — 28840 — 23688

Empresa Industrial de Tintas, L.da

Rua da Cascalheira, 33—(ALCANTARA)—LISBOA—Telefone 3 8008

FÁBRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO TIPO-LITOGRÁFICAS, VERNIZES e MASSAS PARA ROLOS

COMPANHIA SINTRA ATLANTICO

S. A. R. L.

Concessionário do Caminho de Ferro de via reduzida Sintra-Azenhas do Mar

Concessionária da carreira de Autocarros entre Azenhas do Mar e Lisboa

Autocarros modernos para excursões no País e Estrangeiro

Sede – Avenida Miguel Bombarda – Sintra
TELEFONE 098381

Agencia em Lisboa — Rua da Glória, 43
TELEFONE 20267

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26.106, de 23 de Novembro de 1935, ao qual compete orientar a pesca e a secagem do bacalhau

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Pagamento do juro de obrigações relativo ao 2.º semestre de 1955

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao 2.º semestre de 1955, será efectuado a partir de 1 de Janeiro de 1956 aos preços abaixo indicados:

Emissão «C. P.» 4 1/2 % — 1954
Esc. 22$50 — para títulos ao portador ou nominativos;

Emissão «C. P.» 4 % — 1951
Esc. 20$00 — para títulos ao portador ou nominativos;

Emissão «Norte» 5 % — 1937
Esc. 2$50 — para títulos ao portador ou nominativos;

Emissão «Guimarães» 4 1/2 % — 1905
Esc. 1$60 — para títulos ao portador ou nominativos;

Emissão «Guimarães» 5 % — 1896
Esc. 1$80 — para títulos ao portador ou nominativos;

Emissão «Nacional» 9 % — 1928
Esc. 4$25 — para títulos ao portador ou nominativos;

Emissão «Mirandela a Bragança» 4 1/2% 1903
Esc. 1$60 — para títulos ao portador ou nominativos.

O pagamento efectuar-se-á todos os dias uteis, desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas e, aos sábados, desde as 10 ás 12 horas:

Em Lisboa, na sede da Companhia;
No Porto, na Tesouraria da Companhia, estação de S. Bento.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1955.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Caminhos de Ferro

ZONA SUL

Serviço especial por ocasião das festas de Ano Novo

Para assegurar o transporte dos Srs. Passageiros que por ocasião das festas de ANO NOVO se deslocam na Zona Sul do País, a C. P. estabelece o seguinte serviço especial:

Dias 31 do corrente e 2, 3, 7 e 8 de Janeiro de 1956—Comboio n.º 8.011 (rápido do Algarve).

Efectua-se entre Lisboa-Terreiro do Paço e Vila Real de Santo António-Guadiana, com ligação de e para Aljustrel e para Lagos.
Automotora n.º 9.728.

Efectua-se entre Faro e Lagos.
Automotora n.º 9.730.

Suspensa a sua circulação entre Faro e Lagos.

Dias 2 a 4, 8 e 9 de Janeiro de 1956—Comboio n.º 8.012 (rápido do Algarve).

Efectua-se entre Vila Real de Santo António-Guadiana e Lisboa-Terreiro do Paço, com ligação de Lagos e de e para Aljustrel.

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de passageiros e carga

Carreiras regulares para: AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL, AMÉRICA CENTRAL e AMÉRICA DO SUL e entre ANGOLA e o NORTE DA EUROPA

FROTA

Paquetes:	Deslocamento Toneladas	Deadweight Toneladas
«SANTA MARIA» (n. t.)	21.500	7.900
«VERA CRUZ» (n. t.) ...	21.500	7.900
«PÁTRIA» (n. t.)	19.173	10.743
«IMPÉRIO» (n. t.)	19.173	10.743
«UIGE»	14.480	8.226
Navios de carga:		
«LUANDA» (n. m.)	13.790	9.820
«GANDA» (n. m.)	13.114	9.419
«AMBOIM» (n. m.)	13.114	9.419
«BENGUELA» (n. m.) ...	12.303	9.347
«LUGELA»	12.250	8.340
«PUNGUE»	8.750	6.356
«PEBANE»	4.105	2.797
«QUIONGA»	4.105	2.770
«LUANDA»	4.105	2.778
«CHAIMITE»	3.597	2.129
«NAMPULA»...	3.080	2.062
«SENA»	2.458	1.700

ESCRITÓRIOS:

Lisboa — Rua de S. Julião, 63
Telefones n.os 30131 a 30138

Porto — Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 23342

Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio

LIMITADA

CONSTRUÇÕES CIVIS
CARPINTARIA MECANICA
ARQUITECTURA — ENGENHARIA

Direcção técnica

Engenheiros: J. BELARD DA FONSECA e MANUEL BRAVO — Construtores: AMADEU GAUDENCIO e HENRIQUE GASPAR

///

Escritórios e oficinas: **Rua Dr. Alexandre Braga — Telefone P. B. X. 43191-43192 — LISBOA**

TODOS OS PRODUTOS DA

Companhia Portuguesa de Tabacos

(Arrendatária das Fábricas e Marcas de Tabacos do Estado)

INVICTA, VERA CRUZ, SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, VIC, TIP-TOP, AVIS, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, etc., etc.

são fabricados, com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos para bem servir os fumadores

SEDE: — Avenida da Liberdade, 16 — LISBOA

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na COVILHÃ, na casa António Tarouca.

O «Diário de Lisboa» vende-se em PORTIMÃO, na casa Pedro Dias, Limitada.

AS ELEIÇÕES FRANCESAS

O eterno dilema

entre a esquerda e a direita

por GEORGES BIDAULT

Dizem-nos para escolher entre a esquerda e a direita. E' um «slogan» que não tem o mérito da novidade. Gambetta disse o mesmo, antes que a formula simplificadora jogasse contra ele no seu feudo eleitoral de Belleville. Mas, que eu saiba, não houve nunca um homem da esquerda que não acabasse por recorrer á direita, e vice-versa. Quando os politicos, rompendo a casca das injurias, se tornam humanos e nacionais, é dificil localizar na história francesa Poincaré e Briand, para não falar deoutros, mais recentes e menos ilustres.

Esses homens, quando pertencem á esquerda, têm sido muitas vezes afrontados por ela sem por isso se lembrarem de aderir á direita. Na natureza das coisas e mesmo (embora pensem o contrário os praticantes da formula sedutora) na natureza dos homens há, para além desta classificação polémica, qualquer coisa de grande que a invalida quando tentam aplicá-la aos acontecimentos do nosso tempo.

Dois exemplos concludentes

Estava mais ou menos assente que a resistencia, durante a ocupação — a qual tinha por objectivo libertar a pátria e acautelar o conjunto dos seus territórios ultramarinos — se orientava para a esquerda. Isso não impediu que os monarquicos franceses, na companhia dos tradicionalistas, dos padres e das freiras, arriscassem e algumas vezes perdessem a vida por colaborarem nela. Isto vem para explicar que o rotulo é parcial e mesmo abusivo.

Mas, como acontece com outros factos, aceitemo-lo. Sendo assim, como podem dizer-nos que se orienta no sentido da direita o movimento que visa conservar em nosso poder os territorios de além mar a cuja sorte está ligada a sorte da França, desde séculos? Lembro-me do dia em que o decano da Camara, professor Pinard, declarou que os Franceses deviam estar sempre á esquerda, porque é á esquerda que está o coração. Ao que Jean Guiraud, que era professor como ele (mas professor de história) respondeu simplesmente: «Os Franceses devem estar sempre á direita, porque é esse o lugar em que está a mão com que escrevemos e porque é á direita de Deus que se sentam os justos».

Um debate de há 30 anos

O debate, travado há trinta anos, merece mais alguma coisa do que uma caricatura. Os argumentos invocados pelos contendores não chegariam hoje para penetrar o nevoeiro de esquecimento. Para que me veio então á cabeça esta recordação, passado já tanto tempo depois do debate? Para mostrar que a Paixão, sobretudo o desejo ou a vontade de criar campos irredutíveis em volta de símbolos e não em volta de realidades, está depois da Revolução e talvez depois dos Caulezes, na origem das discussões em que os franceses, por sua desgraça, frequentemente se perdem.

Eu sei que há a questão religiosa. Mas se aferissemos apenas por ela, teriamos de colocar Filipe o Belo e Henrique IV á esquerda, e S. Luiz e Luiz XIII á direita. O que complica a questão religiosa é que a partida de que ela depende se joga em condições de manifesta desigualdade. Os elementos da esquerda, e até aqueles que apenas desejam fazer-se passar por isso, orgulham-se quando proclama a sua filiação. Na direita, salvo raras excepções, costumamos ouvir dizer, «não quero nada com a politica», formula que acaba por se tornar um atestado de valentia moral.

A velha Esquerda republicana

No ultimo Senado da Terceira Republica o grupo que se situava próximo dos monárquicos — sendo este o mais direitista que se concebia — usava uma etiqueta simbólica. Era a Esquerda republicana, a qual representava a tradição do velho agrupamento chefiado por Jules Ferry. Este evolucionara sensivelmente e mudara de ideias mas a sua designação oficial conservava-se imutável.

Estas recordações ocorrem-me ao espírito quando vejo renascer a tentação de criar blocos antagónicos, da esquerda e da direita, com a circunstancia agravante de haver agora em França um numeroso Partido Comunista, inteiramente subordinado ás directivas de uma grande potência estrangeira, precisamente aquela que está mais próximo da nossa fronteira e que denunciou o tratado de aliança que a ligava ao nosso país.

Não há frente popular ou frente republicana possível, desde que se prepare para ocupar o Poder, que não seja dominada por aquele Partido, o que equivale a dizer que todos os cálculos, feitos por orgulho ou cálculo, são falsos e que é indispensável tê-los por nulos, substituindo-os, depois da luta, por outros.

A variedade das testas

O estendal de excomunhões, de recriminações e de evocações afrontosas e recíprocas, não simplificará a realização dessa tarefa que o futuro nos reserva. Um exame, mesmo sumário, da carta eleitoral da França, a alguns dias da realização das eleições, mostra que reina uma desordem tremenda entre aqueles que têm por missão orientar a opinião publica.

Os que condenam os aparentamentos são os primeiros a realizá-los. Os que os aceitam, em geral não conseguem ir até o ponto de os realizar. Há listas, que se multiplicam sem qualquer probabilidade de êxito, apenas para dar satisfação a motivos de amor próprio ofendido e, em alguns casos, para evitar o descrédito de um regime que importa, acima de tudo, demonstrar que é incapaz de salvaguardar a liberdade e defender a nação.

Os eleitores encontram-se perante uma profusão de listas cuja variedade, resultante de motivos secundários, não contribui para os ajudar a escolher, com bom senso e coragem. Por isso, o que mais receio não é o conflito, apesar de perigoso, do bloco, é a narquia que pode resultar dele.

CASAMENTO

50 ESCUDOS POR PESSOA. Ianche, incluindo vinhos, branco, tinto, espumante, Porto e «kupa». Temos salão próprio, sem aumento de preço. Pastelaria S. João, Ld.ª — Avenida Paris. 5 A—Telef 725600

Pensão Belga

R. Actor Tasso, 11 — Tel. 40529 e 49671

Conforto moderno, telefones nos quartos, ambiente e serviço de bom hotel.

O presidente Café Filho, figura central dos ultimos acontecimentos no Brasil, segundo impressiva interpretação de Vilhena

A dança e a variedade

das classificações toponímicas:

avenidas, ruas, largos, praças, alamedas, becos, azinhagas, escadinhas, estradas e pracetas

De há muito que os moradores da Travessa das Baldracas, na freguesia da Penha de França, que começa na Rua Barão de Sabrosa e finda no Largo Mendonça e Costa, vêm, junto do Municipio, reclamando a «promoção», na categoria», daquela artéria citadina, alegando a sua moderna urbanização, representada não só pelos seus edificios, como ainda pelo seu novo pavimento. No entanto o «grande» problema está pendente de resolução da Comissão Toponimica da Cidade, e aguarda a revisão geral projectada, que irá abranger estes e outros casos que áquela têm sido presentes.

Não é caso virgem deixar-se de classificar de travessa, para passar á categoria de rua, um arruamento da cidade. Lembra-nos, recentemente, a Rua Nova de São Mamede. Mas esta teve a influência, o patrocinio de um antigo vereador que nela reside, porque, caso contrário, ainda hoje estaria a aguardar o «grande» estudo.

E já que voltamos a assuntos toponimicos da Cidade, não queremos deixar de frisar — entre outros casos espalhados por Lisboa — o que se passa, e está á vista de toda a gente, na zona Norte de Almirante Reis. Assim, vamos falar — sem comentários — na categoria dos arruamentos em que há a distinguir avenidas de largos, ruas de travessas, becos de azinhagas, escadinhas de estradas e recentemente, pracetas de alamedas, embora estas já tenham as chamadas «barbas» na toponimia lisboeta.

No conhecido Bairro dos Actores existe um grande largo onde a Camara Municipal construiu o celebre, o moderno e dizem que o primeiro mercado da Cidade: o de Arroios. Não há duvida que ali existe um grande largo, e bem largo, que deu lugar áquela bem larga construção. Pois na denominação toponimica não é um largo mas sim uma rua que recebeu o nome da grande e saudosa comediante da Cena portuguesa Angela Pinto, rua que contorna aquele mercado e onde vêm parar as ruas dos companheiros de Angela: José Ricardo, Lucinda Simões e Rosa Damasceno. Por que se denomina rua, e não largo? Não sabemos.

Ainda na freguesia de Arroios, se observarmos o que se passa na Alameda D. Afonso Henriques, que Duarte Pacheco mandou construir, com a sua fonte monumental, que da Rua Barão Sabrosa vem até junto ao Instituto Superior Técnico, com os seus grandes tapetes arrelvados e as suas grandiosas construções, veremos arruamentos atravessando-a, outros ali terminando, embora no sentido oposto se registe a sua continuação. Assim: Rua Carlos Mardel — começa ao lado da Rua Morais Soares e, depois de chegar á Alameda D. Afonso Henriques, encontrar grande faixa de relvado, continua no sentido oposto, para ir findar na Rua Actriz Virginia. Mas logo paralelos a esta, temos mais dois arruamentos em identica situação. Todavia, o primeiro está dividido em duas partes: de um lado a Rua Actor Isidoro, que começa na Alameda D. Afonso Henriques e finda na Rua Actriz Virginia; do lado oposto, passada a alameda, começa, ou antes, finda a Rua Rosa Damasceno que vai até á Rua Angela Pinto. Mais acima fica a Rua Carvalho Araujo. Esta que não atravessa a alameda — ironia do destino — pois que, começando na Rua Morais Soares, ao chegar áquela, encontra o caminho barrado com um muro que a nada se move — prossegue, em salto de trampolim, através de outro muro, para ir findar na Rua Alves Torgo. Será isto influência do bravo marinheiro que lhe deu o nome?

E, assim, temos artérias que seguindo a mesma direcção, atravessando a alameda citada, umas mantêm o mesmo nome, outras mudam de nomenclatura. Isto só falando nesta limitada zona da cidade, porque outras há ainda mais curiosas sob este aspecto. Mas uma vez que a respectiva Comissão tem em estudo uma revisão, é de esperar que estes e outros casos sejam objecto do seu estudo.

E se o leitor se der a uma visita ao bairro e observar o transito nestas artérias, o caso ainda causa mais admiração. E pasmará como é e não é mantida a mesma nomenclatura a ruas que atravessam esta alameda, — arruamento que pela sua extensão e pela sua conformação, com os seus vastos passeios e tapetes arrelvados, deveria sómente dar inicio aos arruamentos que foram traçados nos seus lados.

Jogos de cálculo

e reflexão

(Correspondência a Costa Moreira)

DAMAS CLASSICAS NA F.N.A.T.

Adelino Ribeiro conduziu 44 simultaneas em Lisboa

Em 15-12-1955 realizou-se no amplo salão do Refeitório da R. Vitor Cordon a maior sessão de simultaneas, em Damas Clássicas, até hoje organizada no nosso País.

O simultaneador, sr. Adelino José Ribeiro, campeão do Porto, enfrentou o maior (e também o mais qualificado) conjunto de jogadores da especialidade que se tem reunido em certames desta natureza.

A sessão começou ás 22 e 35 e terminou ás 0 e 30, tendo portanto durado 1 hora e 55 minutos, pelo que a média de tempo gasto em cada partida (2 minutos e 37 segundos) constiui um «record».

Adelino Ribeiro perdeu 6 jogos, empatou 17 e ganhou 21, perfazendo o total de 29 1/2 pontos em 44 possíveis, ou seja, a média de 67 %, considerada muito boa mesmo contra um conjunto de categoria média inferior e com maior dispêndio de tempo.

A constituição do juri foi a seguinte: António Carmona e Costa (presidente); D. Jessa Helfman Moreira e José da Costa Moreira (vogais).

A direcção e arbitragem do certame estiveram a cargo de J. Costa Moreira.

O simultaneador foi apresentado pelo distinto jogador e teórico damista sr. dr. Orlando Augusto Lopes, que, numa brilhante alocução fez o elogio e descreveu a obra de Adelino Ribeiro nos campos desportivo e teórico.—J. C. M.

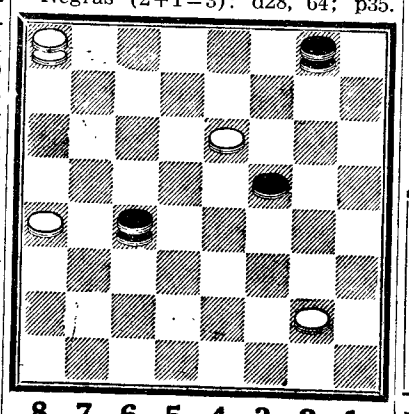
Problema 45—D (Inédito)

AMADEU MARTINS COELHO

(Boliqueime-Algarve)

Elementos temáticos — Lei da quantidade + D contra p.

Negras (2+1=3): d28, 64; p35.



8 7 6 5 4 3 2 1

Brancas (1+3=4): D88; P22, 46, 84.

As brancas jogam e ganham em três lances (3.1,0).

(Soluções no prazo de 6 dias)

PROBLEMA 42—D *(David Alves Ferreira* — Matosinhos), publicado em 17-9-55. — Negras (0+5=5): p22, 33, 46, 75, 84. Brancas (1++4=5): D15; P24, 26, 42, 66. As brancas jogam e ganham em cinco lances (5.1,0).

Solução: 1. P26-37 (auto-desobstrução da casa 26 á D 15), p33×51=D (judia); 2. D15-26 (Válvula á d51, abrindo-lhe a linha 15-51 e fechando-lhe a linha 15-48), d51×15; 3. D26-53 (Desintercepção á d15), d15×48; 4. D53×86 (auto-desobstrução passiva da casa 75 á d48, completando a judia), d48×75; 5. D86×31×13×57 (tripla captura no circuito médio) e ganham as brancas por D contra peão.

Solucionistas — Mário Mendonça Barata (Lisboa); José Tavares (Lisboa).

PROBLEMA 43—D *(Apelles D. S. Saude).* Negras (1+6=7): d15; p33, 37, 48, 66, 68, 86. Brancas (0+6=6): p31, 44, 51, 71, 82, 84. As brancas jogam e ganham em quatro lances (4.1,0).

Solução: 1. P31-22, p33×22=D (judia + auto desintercepção á d15); 2. P71-62 (preparação de armadilha rectangular á d15), d11×55; 3. P51-42 (completamento da armadilha rectangular á d15), d15×51×73; 4. P82×64×46×26 e ganham as brancas.

PROBLEMA 44—D *(José Tavares (Lisboa).* Negras (3+4=7): d42, 68, 77; p13, 15, 46, 86. Brancas (1+6=7): D71; P11, 33, 35, 51, 57, 84. As brancas jogam e ganham em cinco lances (5.1,0).

Solução: 1. P24, p×33; 2. P75, p×64; 3. P62, p×24; 4. D35, d×46; 5. D68×86×53×31 e ganham.

Solucionistas deste problema e de outros atrasados — José Tavares (Lisboa); Amadeu Martins Coelho (Boliqueime-Algarve); António N. Palmela (Estremoz); João de Jesus Antunes (Lisboa); Mário Mendonça Barata (Lisboa).

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos

JOIAS RELOGIOS CASA ANIBAL TAVARES R. DA PRATA 95-97 PRATAS ARTISTICAS

CHARUTOS CIGARRILHAS DE QUALIDADE PRINCEPS

Agentes: GASPAR CARMO & IRMAO, SUCRS.—PORTO

Há os meninos (e graudos) que aguardam o Natal com a mira nos ambicionados presentes. A arvorezinha, pejada de brinquedos, é um pequeno mundo de maravilhas que deslumbra os olhos e os sentidos. E os presentes de Natal ali estão, ao gosto de cada um. Por vezes, a imaginação vai ao ponto de, como vemos na imagem, também figurar na árvore a prenda para o cãozinho lá de casa. Uma prenda á medida do seu gosto: um belo osso para roer durante uns largos meses...

O anteprojecto do monumento

que vai erguer-se no Areeiro

aos Heróis da Ocupação

Está a ser apreciada nas repartições técnicas da Camara Municipal de Lisboa, e do Ministério das Obras Publicas, a memória descritiva do anteprojecto do monumento aos Herois da Ocupação do Ultramar Português, da autoria do arquitecto Luís Cristino da Silva, a erigir na Praça do Areeiro.

Trata-se de um trabalho de vulto, no qual o seu autor procurou traduzir em linhas simples, mas expressivas, a grandiosa obra levada a efeito por quantos fomentaram a ocupação do Ultramar português.

O elemento principal que domina toda a composição é constituído por um padrão monumental com 29 metros de altura e 4 de diametro, rematado superiormente por um grande escudo nacional e pela cruz, símbolo do Cristianismo, tão ligado aos destinos da colonização portuguesa.

Sobre o fuste ligeiramente cónico do referido padrão desenvolve-se, no sentido helicoidal, um friso com cerca de 65 metros de comprimento por 3 de altura, onde será representada, em expressivos baixos relevos, toda a epopeia dos Herois da Ocupação do Ultramar Português.

Esta marcha triunfal dos Herois da Ocupação partirá da base do monumento e, depois de se elevar até ao seu coroamento, esfumar-se-á numa teoria de vitórias aladas sob o majestoso volume do escudo nacional. Na base do fuste, será colocada uma grande coroa de louros, fundida em bronze, destinada a perpetuar a eterna homenagem da Pátria aos seus herois, e, no interior do padrão, desenvolver-se-á uma escada destinada a permitir o acesso á parte superior do monumento.

O motivo principal da composição, isto é, o padrão monumental, assenta sobre uma plataforma circular com 17 metros de diametro, a qual marcará o remate de uma vasta esplanada que se desenvolve no sentido Norte-Sul, ocupando a placa central da referida praça.

Toda a composição em planta é rodeada por um pequeno canal com 2,50 metros de largura, fazendo-se o acesso á referida esplanada apenas pelo lado Sul, segundo o eixo longitudinal da composição voltada francamente para o enfiamento da Avenida Almirante Reis.

Este acesso é ladeado, á direita e á esquerda, por dois pedestais suportando grandes leões, voltados para o Sul, em atitude arremetente, simbolizando a força e a nobreza. A rampa que conduz á plataforma circular, disposta na base do padrão, ocupa toda a zona central da esplanada, e é ladeada pelos escudos das oito provincias ultramarinas.

A construção do monumento será constituida por um nucleo estrutural de betão armado envolvido com alvenaria a qual será revestida totalmente com catnaria aparelhada.

Quanto á iluminação eléctrica, será estudada de forma a valorizar, o mais possível, as linhas arquitectónicas do monumento, procurando-se salientar, especialmente, todos os elementos escultóricos integrados no fuste do padrão.

CARTA DO BRASIL

O embaixador Macedo Soares

de novo à frente da chancelaria federal

RIO DE JANEIRO, Dezembro.— A diplomacia brasileira foi sempre, quer nos tempos do Império, quer nos da Republica, mesmo nos curtos períodos de regime ditatorial que surgiram sem grandeza e sem grandeza passaram, uma fonte de prestígio para o país, muitas vezes a garantia da sua sobrevivência. Há muito que o Mundo não se divide em compartimentos estanques e que a interdependência dos Estados é uma realidade indestrutível. E mal vai aos povos que, em épocas de crise, não guardam impolutas, imunes a todas as vicissitudes que degrada, inexpugnáveis ante a sublevação das almas e a inconsciência das lutas políticas, as forças da continuidade, talvez da eternidade da vida nacional. O baluarte dessas forças no Brasil tem sido, desde sempre, o Itamarati, o seu Ministério das Relações Exteriores.

Porque é assim, o Ministério das Relações Exteriores é uma realidade plena de prestígio dentro do Estado Federal, uma realidade quase independente, vivendo a sua vida sem os sobressaltos que dificultam por vezes a existência dos outros departamentos da Administração.

«Muita vez, no século passado e no presente século — diz um observador — a nossa política interna é dificil ou tortuosa, mas a nossa política externa é rectílinia e firme». Que é assim, sabem-no todos os Brasileiros e quantos, no estrangeiro, se interessam por aquele país; e, por isso, todos compreendem o orgulho que o Brasil sente pela sua diplomacia e o respeito que dedica aos seus diplomatas.

Valeria a pena referir, aqui, os nomes de alguns desses grandes diplomatas de ontem e de hoje? Repetir os nomes do visconde de Rio Branco, de Rui Barbosa, de todos os seus continuadores?

Vive o Brasil, presentemente, um período de crise, um daqueles períodos de crise que caracterizam, geralmente, a evolução dos países em pleno desenvolvimento, pujantes de energia e de possibilidades, inquietos perante a euforia de perspectivas que se abrem no seu caminhar para o futuro. A criação, seja qual for — de uma obra de Arte ou de um porvir, de um poema ou de uma pátria maior — poucas vezes surge da estagnação que cria o tédio, da quietude que conduz aos anseios de contemplação, da ordem sem significação que deturpa e é causa de desilusões infinitas. E da crise brasileira de hoje há-de nascer o Brasil de amanhã. Apenas, porque essa crise tem de ser «vivida» só no interior e porque as nações já não se comportam como camaras estanques, mais uma vez o Ministério das Relações Exteriores teve de apelar para o seu prestígio e de chamar para o dirigir o homem que melhor pudesse interpretá-lo e aumentá-lo com o acréscimo do seu prestígio próprio... E esse homem tinha de ser José Carlos de Macedo Soares, o embaixador Macedo Soares, uma das mais belas e mais nobres mentalidades do Brasil contemporaneo, que os seus compatriotas consideram uma garantia de que, por maiores que sejam as dificuldades presentes da política brasileira — dificuldades ás vezes pouco reais, mas perigosas, possivelmente, na apreciação dos estranhos — elas não terão a menor influência na elevação da política do Itamarati.

Se dificil seria dizer, neste caso, se é a função que honra o homem que a desempenha, ou se é este que dignifica a função, nenhuma duvida existe quanto ao significado do decreto presidencial que nomeou o embaixador Macedo Soares para a Chancelaria brasileira. Mais uma vez, assim, o estadista insigne foi chamado, em face grave da vida nacional, a dirigir as actividades diplomáticas, garantindo com um prestígio notável e inestimáveis serviços á pátria a continuação da obra realizada no triénio 1934-37, quando pela primeira vez ocupou a direcção do Itamarati.

Precisava o Brasil, no actual momento, de ter como chanceler um homem superior, dotado de qualidades invulgares, prestigioso e experiente. Sabia onde o encontrar, porque um homem havia que se tornou conhecido na realização de uma obra de grandeza surpreendente em muitos sectores da vida nacional. A sua existência delineou uma trajectória luminosa, por vezes resplandecente. Iniciou o seu surto numa hora já distante em que um estudante de São Paulo se fazia bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Em breve o bacharel José Carlos de Macedo Soares publicava um primeiro livro — «Psicologia e Pedagogia» — e surgia na direcção do Banco de São Paulo, de várias empresas industriais, da Associação Comercial daquela cidade, na vida política do Estado e, pouco depois, num primeiro exílio na Europa. Mas o desterro não diminuiu as suas qualidades de trabalho e, um após outro, os grandes problemas políticos, sociais e económicos do Brasil foram analisados em livros valiosos. Macedo Soares passou a ser uma figura proeminente da vida do seu país. E ingressou na diplomacia, uma das solicitações que há muito mais o perseguiam.

E' a sua carreira de diplomata que mais interessa neste momento. Soares embaixador na Bélgica, chefe da delegação do Brasil á Conferência do Desarmamento (1952), ministro das Relações Exteriores no primeiro Governo do presidente Getulio Vargas, «embaixador da Paz», como então o denominaram, na resolução da Guerra do Chaco, entre a Bolívia e o Paraguai, chefe da delegação brasileira á 16.ª Conferência Internacional do Trabalho, embaixador em Missão Especial junto do Governo italiano, membro da comissão brasileira para a Codificação do Direito Internacional, etc.

A par da actividade diplomática, por vezes exaustiva, como o foi a realizada junto dos beligerantes do Chaco, Macedo Soares exercia muitas outras: e vêmo-lo ministro da Justiça, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, membro e presidente da Academia Brasileira de Letras e da Academia Paulista de Letras, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade Brasileira de Geografia...

Simultaneamente, lançava iniciativas de carácter cultural que bastariam para consagrar uma personalidade, como a dos cursos especiais e de intercambio, em que se incluiram cursos de literatura

DR. MACEDO SOARES

contemporanea comparada, e a do curso consagrado a Camões, no qual notáveis intelectuais do Brasil foram chamados a comentar a obra do épico, apontando-lhe as características geniais de poeta, por excelência, da Raça e do Renascimento. Macedo Soares, desde então, manifestou-se sempre como paladino da ortografia simplificada, em harmonia com as bases do acordo subscrito pelas Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa.

Sobrava ainda o tempo... Aproveitava-o, para dar á Cultura brasileira obras de alto valor cientifico e literário. São admiráveis os seus livros «Fronteiras do Brasil no Regime Colonial» e «Santo António de Lisboa militar no Brasil». E, depois de preparar as «Fontes da História da Igreja Católica no Brasil», decide escrever esta história — «em proporções, diz um cronista brasileiro, que excedem a vida humana». Era nesta obra que trabalhava quando a pátria o chamou, de novo, para lhe entregar a direcção do Itamarati.

Em 19 de Novembro ultimo, ainda Macedo Soares apresentou uma comunicação na Academia Paulista de Letras. O escritor e o historiador surgiram mais uma vez. O seu trabalho traçou magistralmente os perfis dos seus antecessores na cadeira por ele ocupada naquele centro cultural.

Uma solução de continuidade terão agora as suas actividades puramente intelectuais. Mas o Brasil precisa deste sacrifício, precisa do nome de Macedo Soares, da sua inteligência, da sua experiência e do seu patriotismo. Com ele no Itamarati, poderá resolver serenamente a sua crise interna. A diplomacia brasileira continuará a dignificar o país, prestigiada pelo seu chanceler.

De que é assim foi uma prova a cerimónia da posse do grande homem publico, que nela viu a seu lado, a prestarem-lhe as suas homenagens de admiração incondicional, os maiores valores da vida intelectual, da diplomacia, da administração e das actividades económicas do Brasil.

Como os Brasileiros, também os Portugueses, sem duvida, se congratulam pelo regresso do embaixador Macedo Soares ao Itamarati.

Ourivesaria Portugal

Deseja boas festas aos seus Clientes e Amigos e um Novo Ano muito feliz.

ROSSIO, 122

LUZ FLUORESCENTE

Lampadas fluorescentes WESTINGHOUSE 10.000 horas de duração

Admirável colecção de candeeiros ultra modernos em CRISTAL DE VENEZA — EM PLASTICO — E EM METAL

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE GARANTIDA EFICIENCIA COM OS INIGUALAVEIS PRODUTOS AMERICANOS «WESTINGHOUSE»

E «ACME ELECTRIC» AOS MELHORES PREÇOS

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

Praça da Alegria, 44-1.º—Telef. 34774—LISBOA

SAPATARIA Capri

Deseja festas felizes aos seus estimados Clientes e Amigos

RUA DA MISERICORDIA, 51-53

Telefone 25640 — LISBOA

CRÓNICA CINEGÉTICA

Os mochos e as corujas (1)

A sua classificação

os seus hábitos e os seus instintos

As aves de rapina dividem-se em diurnas e nocturnas. As corujas estão incluidas no segundo destes grupos. Distinguem-se das diurnas, pelos olhos grandes, muito abertos, situados quase á superficie e dirigidos para diante, rodeados dum circulo de penas estreitas e desfiadas, chamado disco facial, saindo-lhes do centro o bico. Este é curto e adunco; os tarsos e os dedos são geralmente curtos e cobertos de penugem; o dedo externo tão movediço que podem dirigi-lo para trás ou para a frente; unhas robustas e lacerantes e cauda geralmente curta. A penugem espessa, abundante e sedosa, aumenta-lhes consideràvelmente o volume do corpo e da cabeça, sendo o tamanho desta superior ao das aves de rapina diurnas.

As penas destas aves, pela sua natureza especial, permitem-lhes voar sem ruido, podendo desta forma atacar a presa, sem que esta se aperceba da sua aproximação e possa escapar-se.

O que principalmente caracteriza estas aves é a sensibilidade extraordinária da vista, que, não lhes permitindo suportar a luz do dia, em compensação lhes dá a faculdade de ver de noite, faculdade resultante da grande dilatação da pupila. Ocultas durante o dia, tão depressa o Sol se esconde no horizonte, ei-las saindo dos seus lôbregos esconderijos, em busca de presa.

Destinadas a impedir a desmarcada multiplicação dos roedores que vivem sobre a Terra, e que, como elas, só nas trevas saem das habitações, a Natureza concedeu-lhes tudo quanto pudesse contribuir para as auxiliar nas suas caçadas nocturnas. Segundo o naturalista Buffon, têm o ouvido superior a todas as outras faculdades, e tal vez mesmo ao de todos os outros animais, pois que, guardadas as devidas proporções, nenhum possui a concha do ouvido tão desenvolvida. Podem mover as duas mandíbulas; engolem a presa fàcilmente duma só vez, sendo pequena, pois é considerável a abertura do bico; e no estomago se separam as partes não digeriveis, tais como ossos, pelos e penas, que vomitam reunidos num novêlo, igual faculdade possuindo as aves de rapina diurnas que se alimentam de presas vivas.

Nos trópicos e nos polos, estas aves vagueiam durante todo o dia. Segundo o método de Linneo e doutros celebres naturalistas, as aves de rapina nocturnas formam uma unica família («*Strix* — «*Les Strigiens*» dos franceses) do qual aqui daremos uma resenha de algumas espécies comuns no nosso País.

O mocho ordinário

«*Athene noctua*» de Gray, «*La chevêche commune, dos franceses* —A ave que nas gravuras vemos representada junto da deusa Minerva pertence ao género «*Athene*» de que faz parte esta espécie. E tão conhecida é entre nós que nos dispensamos de a descrever minuciosamente. Encontra-se em toda a Europa central, sendo uma variedade dela que habita o nosso País. Para descrever esta ave, bem conhecida entre nós, cujo piar faz estremecer e apavora mais dum espírito fraco, que liga áqueles gritos, que só têm de funebres a hora em que de ordinário os ouvimos, a ideia de prenuncios de morte e de ruína, vejamos o que o naturalista alemão A. Brehm diz:

O mocho ordinário foge das grandes florestas e prefere os lugares onde o arvoredo é menos cerrado. Por toda a parte onde as aldeias são cercadas de árvores vetustas e de pomares, é certo encontrá-lo. Acoita-se até mesmo no interior das povoações, estabelecendo a sua morada nas torres, nos telhados e nos tumulos; e aí se conserva oculto durante o dia. O homem não o assusta; pelo contrário, é a vizinhança do mocho que o homem ignorante detesta.

A sua actividade começa ao pôr do Sol; não foge da luz á maneira da maior parte das aves de rapina nocturnas, e a qualquer hora do dia o encontramos e se dedica ás suas ocupações. Nunca dorme tão profundamente que possa ser surpreendido, despertando ao mais leve ruído; e voa bem, mesmo em pleno dia. Quando voa, descreve curvas graciosas e passa sem custo por entre a floresta cerrada. Repousando, conserva-se encolhido, mas, ao ver objecto que se torne suspeito, endireita-se, inclinando sucessivamente o corpo da direita para a esquerda, para fixar bem o objecto que lhe atraiu a atenção. Tem no olhar alguma coisa de dissimulado e de astuto; mas nada nele indica maldade; e compreende-se que os gregos fizessem desta ave o favorito da deusa da sabedoria.

Não é das mais acanhadas a sua inteligência, podendo considerar-se, sob este ponto de vista, como sendo um dos mais bem dotados da família. Vive bem com os da sua espécie. No meio dia da Europa e no Norte de Africa, encontram-se muitas vezes bandos numerosos de mochos que parece viverem em óptimas relações. Acoitam-se em comum no mesmo esconderijo e juntos vão á caça, reinando entre eles a mais completa harmonia.

O seu alimento consiste principalmente em mamíferos, aves e insectos. Destroi os morcegos, os musaranhos, os ratos, as cotovias, os pardais os gafanhotos e os besouros; mas a sua caça predilecta são os pequenos roedores. São-lhe necessários cinco ou seis para o saciar, mas admitindo que, segundo a opinião de Lenz, só devora quatro diàriamente, chegamos ao resultado de que num ano destroi 1.460 roedores.

E não teremos nós interesse real em proteger ave tão util?

Afora os inimigos que o mocho tem em todas as pessoas crédulas e supersticiosas, existem outros muitos: o açôr e o gavião matam-no, a doninha destroi-lhe os ovos, as gralhas, as pegas, os gaios e todas as aves pequenas perseguem-no com os seus gritos.

O mocho habitua-se facilmente a estar em regime de cativeiro.

O bufo ou corujão

«*Strix bubo*», *de Linneo — (Le grand duc*» dos franceses. Esta espécie do género «Bubo» é das aves de rapina nocturnas a maior e a mais perfeita. Mede 66 cms. de comprimento por 1,50 m. de envergadura. A femea é maior que o macho.

Encontra-se em toda a Europa, sendo comum no nosso País. Vive nas matas, e principalmente nas vizinhanças das rochas escarpadas, onde estabelece a sua morada, sendo caso raro encontrar-se nas planicies desertas. De dia, o voo não lhe é fácil; mas de noite movimenta-se com grande destreza, voando próximo do solo, ou remontando a grande altura. Parece não estar suficientemente provado que ataque animais corpulentos, como o raposo, o veado, o vitelo e o carneiro, ou que defronte a águia; mas é certo, todavia, que devora lebres, coelhos, gansos e perdizes, não poupando os corvidios, e que até o ouriço, armado com a sua couraça de espinhos, não escapa aos seus ataques. Se não dispuserem de outro alimento, ou quando têm de prover ao sustento dos filhos, não desdenham as rãs e os pequenos répteis.

Aninha, segundo as circunstancias, na fenda duma rocha, numa toca, em alguma casa em ruínas, sobre uma árvore, ou até mesmo no chão. Se encontra um ninho abandonado, que lhe convenha, utiliza-o, fazendo-lhe os necessários reparos; mas, se tem de o construir de novo, fá-lo grosseiramente, de folhas e ervas secas. A fêmea põe 2 a 3 ovos, brancos, arredondados, que choca, enquanto durante esse período o macho se encarrega da sua manutenção.

O bufo tem grande afeição á sua progenie, e em volta do ninho abundam sempre os restos de diversos animais que para ali conduz, á semelhança das aves de rapina, para sustento dos filhos. O naturalista Figuier conta que, apanhado e preso distante do ninho, um animal novo é alimentado pelos pais durante a noite.

Não obstante o «bufo» ser naturalmente bravio e irascivel, sendo bem tratado, pode conservar-se cativo, e até mesmo á força de cuidados domesticar-se. Contam-se casos desta ave que, depois de domesticada, anda livremente pelo campo, volta regularmente a casa e responde á chamada do dono. Entretanto pode dizer-se que a educação tem escassa influência na sua natural braveza.

O bufo é empregado, embalsamado, para a caça ás aves de rapina, com óptimos resultados.

Entre as muitas espécies do género «Bufo», das quais a antecedente e outra, o «Bubo escalaplus», se encontra na Europa, existe uma que habita na América setentrional e meridional — o «bufo» da Virginia «bubo Virginianis», mais pequeno que o «bufo» e que se distingue pela disposição dos martinetes que nascem junto ao bico. Causa grandes estragos nos galináceos, parecendo que o peru é de todos o preferido.

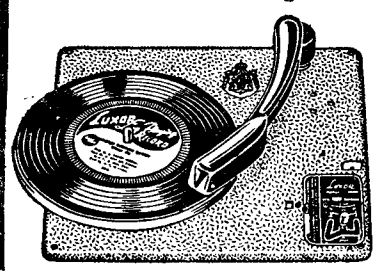
Continuaremos na próxima crónica a tratar deste assunto.

NABAIS DA CUNHA

ALBUM DE FAMILIA—Estes três simpáticos chimpanzés, Sonny, Peppe e Rudi, estão a contribuir para a felicidade da pequenada de Londres, no famoso Circo Olimpia, onde tomam parte nos espectáculos do Natal. Habituados á curiosidade do publico, papá chimpanzé e os dois meninos pousam gostosamente para a objectiva, que fixou esta imagem inesquecível, verdadeira folha de album de família

LUXOR // RÁDIO

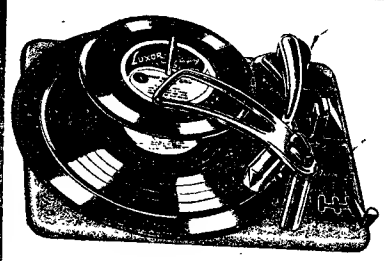
Na vanguarda da técnica em pick-ups com os mais sensacionais aperfeiçoamentos



TOCA DISCOS SIMPLES DE 3 VELOCIDADES **E 3 W**

Escolhe automàticamente a agulha adequada á velocidade seleccionada evitando a deterioração dos discos O seu pick-up com «rolete mágico» procura e encontra o primeiro sulco dos mesmos

Mod. E3W: Esc. 990$00
Mod. E3W4 com base metálica: Esc. 1.100$00



AUTOMÁTICO DE 3 VELOCIDADES **RT**

O mais perfeito e extraordinário mudador automático de discos da actualidade, preparado não só para os diametros dos actuais discos como para futuras dimensões

Mod. RTW, corrente alterna: Esc. 1.990$00
Mod RTL, corrente alterna e contínua: Esc. 2.990$00
Com base de madeira, mais: Esc. 180$00

A semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS:—Estão a pagamento, durante o corrente mês, com juros da mora:

Contribuição industrial — As terceiras e quartas prestações trimestrais;

Contribuição predial — As terceiras e quartas prestações trimestrais;

Imposto Profissional: Profissiões Liberais e Assalariados com imposto pago em nome individual. — As terceiras e quartas prestações trimestrais;

Imposto Complementar— As primeiras e segundas prestações das colectas iguais ou superiores a 2.000$00;

Taxa militar — As anunidades dos anos de 1954 e 1955 são pagas até ao fim de Dezembro corrente com taxa elevada ao dobro, posto o que serão enviadas a relaxe sendo então pagas com custas e selos do processo.

LICENÇAS — Solicitam-se e pagam-se este mês:

Acendedores e Isqueiros — São passadas nas secções de finanças da área da residência do contribuinte mediante cartão adquirido nas tesourarias da Fazenda Publica. O seu custo é de 48$00.

Venda ou Revenda de Tabacos — Sendo *por grosso*, custam, em Lisboa e Porto 2.000$00, nas outras cidades e capitais do distrito, 1.000$ e nas demais terras, 600$00 e são pagas mediante guias passadas pelas secções de finanças da área da sede do contribuinte. Sendo *a retalho são concedidas* mediante cartão comprado nas tesourarias da Fazenda Publica e custam, em Lisboa e Porto 120$00, nas outras cidades e capitais de distrito 100$ e nas demais terras 80$00.

Estabelecimento Comercial ou Industrial — A liquidação desta licença terá por base o lançamento da contribuição industrial e as declarações dos contribuintes, quando se trate de sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que sejam colectados por outro concelho.

As declarações que serão apresentadas na secretaria da Camara até ao dia 31 de Dezembro corrente, compreenderão o ramo de comércio ou industria, o rendimento iliquido da sociedade ou da empresa e o da sucursal, filial, agência, delegação, correspondência ou estabelecimento.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL — *Cessação da actividade tributavel no periodo que decorre de 25 de Novembro até 31 de Dezembro — Participações:* — Verificada a cessação das actividades tributáveis em referência, tendo-se participado o facto dentro do prazo legal — *quinze dias contados da cessação* —, durante aquele periodo e até 15 de Janeiro do ano seguinte, desde que, como se disse a cessação se dê em 31 de Dezembro do ano corrente, não é necessário reclamar sobre a anulação de colecta, competindo á respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento e proceder á sua anulação «ex-officio».

IMPOSTO SOBRE AS SUCESSÕES e DOAÇÕES — *Anuidades de usufruto:* — Estão a pagamento no primeiro dia util do próximo mês de Janeiro de 1956 — *dia dois* — sem juros da mora. Podem, porém, pagar-se ainda com juros da mora durante o prazo de sessenta dias contados do dia imediato ao primeiro dia util do mês de Janeiro, prazo que termina no dia 2 de Março seguinte.

Fátima

O proprietário do Café Restaurante Avé Maria deseja Boas Festas aos seus Amigos e Clientes, e comunica que os seus estabelecimentos se encontram encerrados até ao Dia de Reis, por motivo de remodelação dos mesmos.

OS NOSSOS DIÁLOGOS

por PEDRO M

VINHA de cinzento. Os traços do seu rosto dispunham-se de maneira que só uma palavra os traduzia: preocupação. Quando entrou no gabinete do médico, levou algum tempo a descobrir sítio para colocar o chapéu.

—Ponha-o onde quiser.

Foi o pior que o médico lhe podia ter dito. Se lhe indicasse concretamente um lugar disponível para esse fim, ele seguiria a indicação e não se debateria, como tantas vezes, entre a hesitação e o impulso. Todo ele era duvida. Não a duvida cartesiana que frutifica na certeza da existência pessoal como corolário do pensamento, mas duvida do homem que se move com insegurança no mundo das ideias por lhe faltar o terreno da lógica. Era isso que o levava a consultar o médico.

—Sr. dr.—começou ele—as minhas queixas são de carácter psíquico. Não tenho falta de saude: tenho falta de fé, embora reconheça que a ausência desse estímulo contribui para o meu mal-estar físico. Duvido, logo sofro...

O médico achou oportuno interromper o doente para lhe fazer notar desde já que a falta de fé a que ele se referia era uma maneira defeituosa de se exprimir, pois quem tem falta de fé não se preocupa com as questões da fé. Quando muito, poderia o seu espírito não aderir a certos princípios que a fé postula, mas isso então era apenas o aspecto parcial de um drama que se esboça, sem as angustias do drama todo.

—Como queira, sr. dr. A verdade é que o problema de Deus e do seu culto interessam-me deveras e precisava de ouvir alguém que soubesse compreender-me e convencer-me.

—Por que me escolheu a mim em vez de um padre?

—Receio que os padres não sejam as pessoas mais aconselhadas para nos explicarem os mistérios da religião. A disciplina do seu espírito acorrenta-os de tal maneira ao dogma que perdem a elasticidade mental para poderem admitir a perplexidade dos cristãos... Antes de mais nada: o sr. dr. acredita em Deus?

—Como toda a gente. Custa-me a aceitar que não exista uma entidade em que todos acreditam e tão precisa é para o consolo espiritual da vida. «Crer em Deus—escreveu Miguel Unamuno—é desejar a sua existência e, o que é mais, actuar como se existisse». O homem é um «peregrino do absoluto» a caminho de uma pátria mais alta.

—Mas se toda a gente crê, onde reside o drama da crença?

—*Em estarmos votados a acreditar numa entidade que não somos capazes de conceber.* Só se crê no que se desconhece. Ao contrário da credulidade, que é a adesão intelectual ao possível, *a crença é a adesão espiritual ao improvável.* Junte-se a isto o reconhecimento de *contradições* onde apenas existem *contrastes* e ter-se-á resumida a tragédia do homem condenado, como Santo Agostinho, a crer porque é absurdo.

—Acha que essa crença tem exercido influência benéfica no progresso moral do homem?

—Sem duvida. Através do tempo, e pela concepção de um Deus perfeito, vai-se cristalisando dentro de nós um factor de crítica e de censura que se chama supra—eu ou consciência.

—A consciência não será o medo á polícia?

—Talvez. Mas se o acto que eu vou praticar me faz temer a polícia é porque reconheço que é um acto mau e põe a minha responsabilidade em jogo. Todo o homem tem, portanto, a noção do Mal e do Bem, noção que só pode advir de um critério de justiça e de pureza que se polariza, na máxima perfeição, em alguém. Esse Alguém, é Deus.

—Vamos cair no dogma.

—Nem podia deixar de ser. A crença que se aplica ás verdades indemonstráveis começa onde acaba a possibilidade de verificação. O senhor tem com certeza ouvido dizer que duas rectas paralelas, situadas no mesmo plano, só se encontram no infinito. O seu espírito admite que assim seja?

—Perfeitamente.

—E, no entanto, o senhor não vai até o infinito para se confirmar na suà convicção. Muitas outras afirmações lhe fizeram na matemática e na geometria que o senhor considerou como certas, sem se dar ao trabalho, aliás infactível, de as provar a si próprio. Pois bem, as verdades que não se demonstram chamam-se, em ciência, axiomas e, na religião, dogmas.

—Então, o sr. dr. crê no dogma da hipostase, no dogma trinitário, no...

—Devo em primeiro lugar adverti-lo, e para definirmos quanto antes atitudes, que para não acreditar basta ser estupido. Evidentemente que para conceber que três pessoas façam uma e que Jesus seja uma encarnação humana de Deus é preciso ter uma figura de sentimento e de pensamento que os indivíduos ignaros não possuem...

—Mas o povo crê sem estar de posse dessas qualidades?

—O meu amigo não me deixou acabar. E' preciso ser muito inteligente ou muito simplório. Os meio-intelectuais são impermeáveis ás concepções profundas da vida religiosa.

—Julguei que, de alguma maneira, a razão fosse inimiga da fé.

—Engano. Mesmo quando a razão se insurge contra a fé, ainda é mercê da razão que se continua a ter fé.

—Como define o milagre?

—Milagre é um fenómeno que se explica e, quanto mais se explica, mais milagre é. A vida, a terra, os astros—por toda a parte, o milagre.

—O que pensa o dr. da oração?

—A oração expressa é a manifestação lálica da nossa humildade. Por meio dela, dirigimo-nos a Deus, ou num cantico de louvor, ou num poema de suplica. *Só ora quem adora.* Adorando ou suplicando, patenteamos a nossa filiação divina, ligados a um ser que nos é infinitamente superior. De quem dependemos. E «enchemo-nos de Deus na medida em que nos evaziamos de nós próprios».

—Mas eu posso rezar em casa? Por que me fazem ir á missa?

—Vamos á missa para que possamos render a Deus o culto social que se lhe deve. Para que, identificados na mesma emoção, nos sintamos mais irmãos uns dos outros. Finalmente, e acima dt tudo, para que não tenhamos vergonha de adorar a Deus. Um dos nossos piores males é a vergonha das boas acções. O senhor já reparou que não temos pejo de cometer certas irregularidades, mesmo publicamente (dizer grosserias á mulher que passa, dançar escandalosamente nas salas, usurpar brutalmente o lugar de outrem, cultivar a anedota torpe), e temos acanhamento de ir á missa, ajoelhar, rezar em voz alta no meio da colectividade? Porquê? Porque experimentamos mais vergonha dos nossos bons sentimentos do que das nossas boas acções.

—Há quem diga que a religião cristã sufoca um pouco a alegria e a dignidade pessoal, obrigando o cristão á prática frequente do sacrifício e da humilhação.

—A alegria nasce necessàriamente do sacrifício: só pode ser alegre quem é feliz e só é feliz quem viva bem com a sua consciência. Quem faz o que lhe apetece, pensando como vive e não vivendo como pensa, poderá ter prazer, mas não consegue ser feliz. Confunde o prazer com a felicidade, trocando o epicurismo pelo hedonismo. Quanto á humilhação a que se referiu, protesto. Deus quer-nos humildes, mas não humilháveis. Nós é que fazemos pontos de honra daquilo que os não contém. Invocamos o carácter para os nossos ressentimentos e não para a verticalidade dos nossos sentimentos. Julgamos que ser honesto, por exemplo, é não ficar a dever aos nossos credores, restituir o troco que nos dão a mais, ser liso nas nossas contas. Temos, assim, a noção monetária da honra, que faz naturalmente parte do código da nossa ética; mas, ao mesmo tempo, seduzimos a mulher alheia, maltratamos o inferior, difamamos o próximo, abusamos da autoridade que nos foi conferida. Não fazer isto também é ter carácter. E nós, que nos reputamos aviltados por nos obrigarem a dar a face indemne quando agredidos na outra, não pomos a mesma altivez na conduta social irrepreensível.

—Parece-me que o dr. mistura Moral com Religião.

—Como posso misturar laranjas com tangerinas, conhecendo embora as particularidades que as distinguem. *A moral e o respeito do homem pela criatura, ao passo que a Religião é o culto do homem pelo Criador.* Na primeira, está de algum modo implícito o culto de Deus, pois o respeito das suas obras representa um preito sagrado que a nossa alma lhe tributa. Mas não basta. Temos de nos prosternar perante Ele, comunicar directamente com Ele; e, para além da Moral, que regula as relações entre os humanos, temos de exercitar a Religião, que estabelece o convívio entre nós e Deus. Neste sentido, cada cristão deve ser um cristóvão — transportador de Cristo, irradiando-o, a maneira do halo luminoso que se vê circundar a cabeça dos eleitos, como uma verdade sempre viva. *A fé é militante.*

— Admite a confissão auricular?

— Admito.

— Mas por que não havemos de nos confessar a um amigo em vez de nos abrirmos com um estranho?

— Devemos sempre fazer aquilo que mais nos custa, vencendo a resistência interior do nosso orgulho. Se temos relutancia em confessar as nossas faltas ao padre, isso só prova que ainda não amadureceu dentro de nós o propósito de um arrependimento sincero. Pomos, acima do acto transcendente que nos há-de remir, considerações de ordem pessoal, demasiado terrenas na sua mesquinhez. Além disso, o padre não é um estranho. Quando nos curvamos diante dele, está investido da dignidade do seu mister, que o torna um representante de Deus, a quem confiamos contritamente as nossas culpas. Ainda Freud não tinha descoberto o mérito catártico da psicanálise vigil já a Igreja, na sua intuição genial, tinha visto na confissão o maior

Os perus

O peru é um manjar insubstituivel no Natal. As donas de casa, quando o podem, tentam as suas economiazinhas para não privar a família de saborear a tenra carne da ave de capoeira que — triste destino! — é bem tratada durante todo o ano para, na quadra que é de confraternização entre os homens, acabar os seus dias na panela... Para Lisboa os perus vêm dos arredores e é uma imagem típica dos dias que antecedem o Natal ver, em determinadas zonas da cidade, improvisadas capoeiras com anafados perus, junto ás quais se regateia o preço com alguns astutos vendedores. Camionetas passam, carregadas dos disputados galináceos, espreitando, tristes, como que adivinhando a sua sorte, a paisagem confusa da cidade, tão diferente das quintarolas da aldeia. Quando, finalmente, o peru é comprado, então é uma festa! Todos lhe tomam o peso, lhe levantam as penas para ver como estão as carnes e, durante dois ou três dias, a ave lá fica na varanda do terraço, triste e de monco caído. Chegado o dia da imolação, o peru aí vai, triunfal, em apoteose fumegante, no quadro colorido dos legumes de acompanhamento que bordam a travessa de cerimónia. A imagem repete-se, ano a ano, como se repete pelas diferentes latitudes por onde se dispersa a inquieta e ávida paisagem humana.

A defesa do chapeu

à luz da Higiene e da História

Não é admissível, por higiene e por outras razões deixar o homem de usar chapéu—foi a conclusão a que chegou a Sociedade Espanhola de Higiene na sua sessão de 9 de Junho de 1942, quando os chapeleiros andavam já alarmados. E os médicos acudiram em seu auxilio dizendo que não se deve sair para a rua sem chapéu, para evitar resfriamentos e consequentes doenças—catarros, rinites, anginas, otites, etc. E um investigador espanhol, A. Nuñez de la Fuente, contribui com argumentos históricos para a defesa do chapéu, que, de facto, já passou á história.

Na antiga Roma, quando se vendia um escravo sem chapéu, queria dizer que se não garantia a sua utilidade para o trabalho.

Depois, foi o chapéu (pileus) símbolo de independência e, tendo a forma de gorro frígio, de liberdade. Segundo Grimm, quando na velha França era alguém preso por dívidas, perdia o direito de usar chapéu. Ricardo Coração de Leão abdicou dos seus direitos entregando o seu chapéu como símbolo da coroa. O célebre chapéu de Gessler, colocado num poste na praça publica, devia ser saudado como se fora o rei. A influência oriental, após as Cruzadas, fez com que os senhores usassem na Europa como que um turbante que, caindo do chapéu, tombava sobre os ombros. E, a partir do século XIII, o chapéu masculino passou a ser adornado com plumas, tal como o das senhoras até há pouco tempo, significando o valor da cupula.

O chapéu dá personalidade, e representa até a nacionalidade, desde o tirolês até ao dos «cow-boys», desde o aba-larga cordovês até ao barrete verde ribatejano, e a sua ausência dá lugar á vulgaridade e á confusão de origens.

O ser mais impressionante do mundo social, a criança, nos seus desenhos iniciais, utiliza o chapéu para designar o sexo masculino dos seus bonecos, porque entende que o chapéu é um atributo do homem—facto verificado na psico-análise.

E, depois disto, após os conselhos dos higienistas, e os argumentos dos historiadores, cabe reconhecer que se exagerou a moda de não usar chapéu, cruel para os calvos que, se a quiserem adoptar, além de se constiparem, descobrem em plena rua a falta de cabelo. E já basta terem de o fazer no teatro e no cinema.

Lanalgo, Lda.

RUA DE SANTA JUSTA, 42

Telefone: 34256 e 26707

Cumprimenta os seus estimados Clientes, Fornecedores e Amigos, agradecendo-lhes a dedicação e simpatia com que nos têm distinguido, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

A PRIMEIRA PALAVRA

ONTEM GARÇÃO

auxilio que se pode prestar á humanidade pecadora, indo ao encontro da mais íntima necessidade da alma, que é a da expurgação oral dos seus erros.

—Já alguém disse que é da confissão, e não o padre, que nos vem a absolvição.

— Bem sei. Foi Oscar Wilde. «*It is the confession, not the priest, that give us absolution*». Se fosse assim, não precisavamos do sacerdote para esse objectivo. Bastava que proclamássemos em voz alta, no isolamento do nosso quarto, tudo o que nos amargura o coração. Como poderá verificar, esse processo não surte efeito algum. Impõe-se que transmitamos as nossas vivências mais reconditas ao padre, para receber o benefício da libertação.

— Não me falou da psicanálise? Ela podia fazer o mesmo.

— Na análise psíquica, explora-se o *subconsciente*, ou seja as camadas mais subterraneas do eu, onde as recordações penosas se estruturaram graças a um mecanismo que não tirou do livre arbítrio o segredo dinamico das suas peças. Na confissão religiosa, desoprime-se a *consciência* de tudo o que a responsabilidade moral efiou por sua unica e exclusiva vontade e de que sente, numa ansia de reabilitação, o grau de culpabilidade. A psicanálise é um método terapêutico adoptado nas psico-nevroses, com resultados por vezes surpreendentes. Mas curar não é redimir. Só a confissão é um acto sacramental que propicia a salvação da alma.

— No entanto, a cristandade foge um pouco do padre. Atribui-lhe importantes defeitos, recusando-se a ver nele um ministro de Deus.

— De facto, realizamos a aliança incongruente e não menos paradoxal de sermos a um tempo católicos e anticlericais. Temos contra o padre uma prevenção cruel, não vendo que a magnitude da sua missão justifica um ou outro desfalecimento. O padre tem tanta necessidade do pecador, como este, dele. Ao contacto das nossas fraquezas, retempera a sua doutrina na medida em que procura debelá-las; e tanto diligenciará melhorar-nos com a sua bondade que a fortificará em si mesmo.

— E' um homem como nós...

— Perdão. E' um homem diferente de nós. Basta dizer que não lhe é permitido constituir familia, pela simples razão de que a sua familia somos nós. Para se dar a toda a gente, não se pode prender a ninguém pelos laços carnais da familia, tal como nós a entendemos. Daí, a imposição clarividente do seu celibato. Exigindo do padre a repressão de certos instintos, a Igreja torna-o apto para todos os sacrifícios. Por isso, quando se reflecte na austeridade da vida que o padre voluntariamente abraçou, não se pode deixar de encará-lo como um homem diferente de nós — de nós, que não renunciamos á satisfação dos mais pequenos apetites.

— Apesar de tudo, há muitas pessoas que não concordam com o celibato do clero.

— São as mesmas que o desacreditam quando presumem que algum dos seus membros participa, clandestinamente, de opinião igual. Condenam no clero a derrogação daquilo que não compreendem que se lhe exija.

— Acha que está tudo certo no Catolicismo?

— Tudo. «Tudo na forma, nada na essência» — é o lema limitativo das suas transigências; e, ao longo dos séculos, tem resistido a todas as vicissitudes, pelo motivo singelo que faz da pregação de Deus o sustentáculo moral da sua existência. O próprio Hitler, que num acesso vesanico de mistagogia quis substituir Deus-Homem pelo homem-deus, afirmava... O senhor sabe alemão?

—*Gar nichts.*

— Cito-lhe então em português o que ele disse a Hermann Rauschning, num livro que fez época: «Até agora, nunca houve nada mais grandioso sobre a Terra do que a organização hierárquica da Igreja Católica».

— Reparo que o sr. dr. está a aliviar-me sem remédios.

— A nossa profissão é feita de 1 % de drogas e 99 % de palavras. Não pode o médico confinar-se ao diagnóstico e á receita, reduzindo a sua actuação a equações rígidas. E' pouco. Não há nada que mais envenene do que aquilo que não se expande. O senhor está melhor, porque tem conversado, discutido comigo, e eu tenho tentado trazê-lo para o meu campo — pelo seu pé, sem empurrá-lo com argumentos agressivos. De resto, mais que vencer a doença, o médico precisa de convencer o doente. Superior ao humorismo de Hipócrates é a maiêutica de Sócrates, isto é, o partejamento dos espíritos.

— Não fosse ele filho de uma parteira...

— Para isso, utilizava a ironia (apenas inoperante com Xantipa). Não sei se a ironia vem do grego ou tem parentesco com o vocábulo inglês *iron=ferro*. Se tem, há qualquer coisa de parecido com o material do fórcipe (a que erroneamente se chama forceps).

— Pelo que vejo, o dr. pondera muito o aspecto moral dos seus doentes.

— Sem duvida. Aquele que só sabe medicina, nem medicina sabe. O doente do corpo é sempre um doente do espírito, porque associa o conteudo das suas queixas á ideia de indisponibilidade prolongada, de invalidez definitiva, de morte — e ergue sobre o edifício da dor o zimbório do medo. Todo o sintoma patológico é coado pela personalidade. Este truismo, que já se conhecia na ilha de Cós há milhares de anos, tem agora um nome pomposo; e há quem veja na rinite dos alérgicos, que se cura com lenços de assoar, um caso subtil de psicossomatose. Convém, nesta hipótese especial, tranquilizar o mais possível — o nariz, nunca dizendo ao doente o que ele tem. Pode não ser verdade. Aliás, a verdade ninguém sabe o que é.

—Até mesmo Cristo, quando Pilatos lhe perguntou o que era a Verdade, se calou.

— E ser-lhe-ia tão fácil responder! No momento em que Pilatos o interrogou sobre a Verdade de que Cristo se dizia mensageiro, fê-lo nestes termos conhecidos: «*Quid est Veritas?*» (O que é a Verdade?). E Cristo, que era a Verdade personificada, poderia ter-lhe respondido, anagramaticamente: «*Est vir qui adest!*» (E' o Homem que aqui está!). Mas Cristo preferiu calar-se, para que pudesse impor-se, desta vez sem a claridade do seu verbo, aos olhos que soubessem vê-lo. Verdadeiramente, *Cristo não se impõe — expõe-se.*

— Entende, finalmente, que Deus não é um problema?

— «Deus só é um *problema* quando deixa de ser uma *presença*». (Gustavo Thibon ainda aqui se mostra lapidar). Cada um de nós tem de encontrá-lo por si mesmo e em si mesmo. Quando a crença balbucia, a primeira palavra é Deus.

Ora vejam os meninos as prendas que teve a Alicinha... A Alicinha é uma pequerrucha como vocês e que, por ser boa menina, amiga dos pais e de todos os colegas da escola, recebeu todos estes presentes! É um monte de bonequinhas todas vestidas á moda de vários países, que ela abraça, muito contente, pois agora pode brincar com todas ao mesmo tempo. Mas a Alicinha, como é muito bondosa, vai decerto repartir as suas bonecas pelas amigas que não têm nenhuma e, assim, ficará também muito satisfeita consigo própria por ver a alegria das outras meninas

Três aspectos
da mesma história
por CARMEN DE FIGUEIREDO

Na pequena aldeia perdida entre cordilheiras coroadas de neve, os míseros pardieiros de telha vã, sem conchego de forro, estão quase todos iluminados. Luz rubra que se filtra pelas nesgas das portas empenadas, que se espalha acima dos telhados, luz que dimana dos lumareus que crepitam nas lareiras rasas, do faulhame que voa das charamugas secas.

Numa das pocilgas mais humildes do triste povoado, há risos e lágrimas. E aí foi bater um forasteiro...

Pancadas tímidas... Ruidos breves e a portada a abrir-se toda. No limiar surge uma criança. É a imagem da pureza, da vida livre, qual gota de água brotando de fonte virgem.

—Venho de longe, trago nos ossos o gelo dos caminhos solitários...

A criança recua, arrepiada, sentindo nas carnes tenras a chicotada da guieira que circula.

—Mãe...

Lá do fundo do tugurio, alteia-se a voz parda de uma mulher:

—Criatura de Deus, entre e aqueça-se. Da broa que os mês filhos vão comer, molhada em mel, há um naco para vomecê... Entre, que a geada é vidro a cortar...

Fechou-se a porta empenada.

No catre, o homem daquela mulher, o pai das cinco crianças que riam ao redor do fogo, gemia, as pernas tolhidas, os ossos a quebrarem-se-lhe com dores. Mas nem por isso ficou sem lume, um pedaço de broa espoada e uma colher de mel, o mendigo gelado e famélico que, na Santa Noite de Natal, andava como que á deriva, pelos estreitos caminhos da serra cercada de lobos...

* * *

Parece uma lanterna misteriosa e colorida, suspensa do firmamento... Parece... Contudo, é uma quieta cidadezinha de provincia, toda iluminada. Jorros de luz artificial inundam as salas quentes. Talvez só as trágicas enfermarias dos hospitais estejam na semiobscuridade que precede o eterno enigma... Talvez... Estalam gargalhadas infantis junto de presépios e de cintilantes pinheiros carregados de brinquedos. Os adultos sorriem-se, preparam-se para a Missa do Galo, para a ceia abundante, rica. Não lembram os seus irmãos infelizes, perdidos e aflitos nos tremedais do vasto Mundo, e a criadagem dos mais abastados já sabe que as esmolas não se dão depois dos sinos terem repicado na Sé...

A lanterna mágica parece oscilar... Luzes que se apagam, que se acendem, aqui e acolá, ora de um lado, ora do outro... E aquela mãe envergonhada que tem o filho a morrer? Também na sua casa há luz. Vela, atormentada. De subito, compreende que o seu filho está muito mal. Corre para a noite, bate á porta de um médico conhecido. Mas o da ciência já está a meio da ceia, graceja com a filha e com os filhos, quer lá saber se há crianças doentes, quando os seus meninos, nédios e bem tratados, transpiram saude?! Não, ele não vai sair áquela hora tardia, na Santa Noite de Natal...

E a lanterna oscila, a mágica lanterna colorida, suspensa do infinito cerrado a todos os gritos, surdo a todos os humanos apelos... Uma cidade burguesa, onde o egoismo se estende nas almas, como tapete lustroso...

* * *

Musica, agitação, cartazes luminosos, jorros de luz escorrendo pelos passeios apinhados, onde as gentes se atropelam na inconsciência alvar do minuto que passa e é de alegria, deve ser de festa ruidosa, pois há quase dois mil anos que um Menino nasceu para dar paz ao Mundo. É preciso festejar essa data, é preciso esquecer a miséria da vida.

Casas sem luz? Não se dá por elas. E no entanto, na trepidante e grande cidade, há prisões, onde corpos enregelam e carnes se desfazem em podridão e dor.

Tinem cristais, o champanhe loiro borbulha nas taças preciosas, irisadas. Mulheres caprichosas ostentam joias de preço nos colos desnudos.

Além, está uma que espera um vestido... O vestido chega... É tarde. A pobre costureira que foi levá-lo á moradia elegante, receosa e acanhada, esperou em vão uma gorjeta, que seria para comprar, numa capelista qualquer, uma boneca barata para a sua filhinha sem pai. Mas a criada que recebera a encomenda, afogueada e risonha, dissera que a senhora já estava á espera há um ror de tempo e abalara para o interior, correndo... A costureira retirara-se a passos lerdos, com os olhos cansados, de expressão vidrada e fixa. Nem ela sabia em que pensava...

A noite avançava... Noite Santa de Natal. E na cidade imensa, de dramas ocultos, a musica é onda que rola, e se avoluma e se confunde com os soluços das canções que nascem da própria noite. Noite Santa de Natal, em que cada um, satisfeito consigo próprio afivela a máscara do riso e proclama o sentimento sagrado da amizade.

É Noite de Natal—na aldeia, na cidade pequenina e na grande urbe... Três aspectos da história do Amor entre os homens na branca Noite de Natal, esmaltada e purificada a luar e neve.

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador — R. Nova de Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

Quatro obras essenciais
para a história dos Açores
aguardam a hora da publicação

Foi com o merecido relevo que, comentando-a, nos referimos há dias á notícia de que vai finalmente, ser editado, pelo Instituto de Alta Cultura o códice de «Espelho cristalino em jardim de várias flores», de frei Diogo das Chagas, notável documento a acrescentar á história dos Açores, agora legado á Biblioteca Publica de Ponta Delgada, pelo visconde de Botelho. A propósito desse legado e dessa edição, recebemos uma interessante carta, assinada pelo sr. Carlos Brum da Terra. Transcrevemo-la, pelo que encerra de judicioso e oportuno:

«Sr. director:—*Publicou o jornal que V. dirige uma pequena notícia que muito me alegrou ler: de que (finalmente!) vai ser publicada uma edição integral da crónica açoriana «Espelho cristalino em jardim de várias flores», do franciscano seiscentista frei Diogo das Chagas. Não é demais louvar-se o gesto do sr. visconde de Botelho, adquirindo esse códice aos herdeiros do dr. Alberto Teles d'Utra Machado e entregando-o á Biblioteca Publica de Ponta Delgada. E o Instituto de Alta Cultura, publicando-o, presta revelante serviço aos Açores.*

Como açoriano, não devo deixar de louvar estas acções. Mas, além disso, o caso presta-se a umas breves considerações.

Como se sabe, aguardam conveniente publicação quatro obras essenciais da historiografia açoriana: «Saudades da Terra», do dr. Gaspar Frutuoso (séc. XVI), a crónica atrás referida (séc. XVII), a «Crónica da Provincia de São João Evangelista», de frei Agostinho de Montalverne (primórdios do séc. XVIII), e a «Fenix Angrense», do padre Manuel Luís Maldonado (desta mesma data). Todos os originais estão hoje em poder de entidades culturais publicas das ilhas, o que é óptimo—se zelarem pela sua conservação e procurarem editá-los...

Acresce que nos distritos açorianos há organismos culturais subsidiados pelas Juntas Gerais que, parece-me, deviam ter, como obrigação, tratar de publicar tudo que interessasse á história das ilhas. Têm-no feito? Não me parece.

Há pelo menos oito anos que as «Saudades da Terra», oferecido pelo sr. marquês da Praia, estão na Biblioteca Publica de Ponta Delgada, incumbindo ao Instituto Cultural da mesma cidade dar a publico essa obra de Gaspar Frutuoso. Até agora, nada foi feito nesse sentido, e temos que nos contentar com edições parciais feitas de cópias que não sabemos se são fieis. Menos sorte teve ainda frei Agostinho de Montalverne, cujo manuscrito há anos e anos jaz no mesmo sepulcro, totalmente inédito! *A «Fenix Angrense», depositada no Arquivo Distrital de Angra, não logrou melhor destino.* Também está totalmente inédito!

Ora, não há direito que os institutos açorianos vão subsidiando edições de ensaios sobre o diabo na literatura e variações sobre toponimia, deixando, entretanto, o publico privado destas importantes fontes da história insulana. Urge acordar esses senhores eruditos que por lá pontificam e apontar-lhes o seu dever.

Mas voltemos á obra de frei Diogo das Chagas. Desta crónica, estão publicados os capítulos que se referem ás ilhas do Pico, Faial, Flores e Corvo, com anotações de António Ferreira de Serpa e Carlos de Mesquita. Numa edição integral, que deve ser uma edição crítica, conviria não esquecer as anotações destes dois eruditos e juntar-lhe outras da autoria de quem seja capaz de o fazer com verdadeiro espírito de historiador consciente das suas responsabilidades. E porque não juntar, em apêndice, a memória do mesmo frade, sobre a aclamação de D. João IV nos Açores, publicada em 1850 na revista «Panorama»? Assim se poria a circular toda a obra histórica de frei Diogo das Chagas. E não falo da sua obra de místico, porque, essa, que esteve em poder do chantre da Sé de Évora, Severino de Faria, é muito possível que se tivesse perdido».—a) Carlos Brum da Terra.

Segurança acima de tudo

— deve ser o lema fundamental

dos que dirigem e executam

os trabalhos nos portos

O sr. dr. Raul Humberto de Lima Simões continua a ocupar-se, com muito interesse, no boletim da Administração-Geral do Porto de Lisboa, do problema da prevenção de acidentes de trabalho nos portos —onde, pela natureza de muitas tarefas, há perigos constantes, sobretudo se não forem tomadas as necessárias precauções.

Aponta como exemplar o que se passa no Brasil, onde as «Comissões Internas de Prevenção de Acidentes», instituições das próprias fábricas e empresas, que visam exclusivamente promover a prevenção de acidentes de trabalho, tendo como finalidade assegurar, dentro das máximas possibilidades, a integridade física dos trabalhadores durante as suas actividades, exercem uma utilíssima missão.

A sua origm legal está na seguinte disposição do decreto-lei n.º 7.036, de 10 de Novembro de 1944, que o autor diz que «deveria ser reproduzida em todas as legislações sociais do Mundo.»:

«Art. 82.º — «Os empregadores, cujo numero de empregados seja superior a 100, deverão providenciar a organização, em seus estabelecimentos, de comissões internas, com representantes dos empregados, para o fim de estimular o interesse pelas questões de prevenção de acidentes, apresentar sugestões quanto á orientação e fiscalização das medidas de protecção ao trabalho, realizar palestras instrutivas, propor a instituição de concursos e prémios e tomar outras providências, tendentes a educar o empregado na prática de prevenir acidentes».

Mas se o Brasil pode ser tomado como modelo, neste importante campo, é a Comissão Interna da Companhia Docas de Santos, que administra e dirige aquele importante porto, «uma das que melhor se tem integrado no espírito da disposição legal brasileira que criou tão uteis organismos».

A referida Comissão publica um pequeno boletim mensal, em que divulga, sugestivamente, os princípios e as normas que devem orientar a segurança no trabalho, dando a conhecer dados estatísticos interessantes e as medidas de protecção adoptadas nos mais variados casos do trabalho portuário. E não se cansa de repetir: «A segurança não tem preço»: «Preserve a sua vida e a vida dos que dependem do seu trabalho, prevenindo acidentes».

No ultimo numero do referido boletim—no qual se diz que «prevenir acidentes é dever de todos, mas aos encarregados, mestres e capatazes cabe a maior parcela de responsabilidade na prevenção de acidentes, visto que a prevenção é em primeiro lugar uma questão de organização e de educação»—vêm publicadas as seguintes «normas de segurança no trabalho»:

A distracção é sempre perigosa, principalmente nos ultimos momentos do 1.º turno de trabalho. Tome nota disso para o seu bem.

Poupe os olhos, conserve sua aptidão—use óculos protectores.

Não use anel durante o trabalho.

Não use escadas em mau estado.

Guindastes em movimento são sempre perigosos.

Levante pesos com as pernas, nunca com as costas.

Não use relógio-pulseira no trabalho.

Ensine o seu companheiro à trabalhar com segurança.

Use luvas nas cargas contundentes.

Aprenda onde estão os extintores de incêndios e como servir-se deles.

Sapatos apropriados podem evitar lesões nos pés. Use sapato de segurança, com biqueiras reforçadas para proteger os dedos dos pés.

Em ambientes com poeiras, use máscaras protectoras.

Empilhe a carga de modo que fique segura e não desabe.

Cuidado com os engates do material em manobras. O menor descuido será fatal.

O óleo derramado deve limpar-se imediatamente—pode causar uma queda ou um incêndio.

As pranchas são sempre perigosas. Verifique se estão seguras antes de usá-las.

Antes de pôr a sua máquina a funcionar verifique se todas as redes protectoras estão em seus devidos lugares.

Não se precipite em concluir um trabalho. Dois ou cinco minutos menos, não valem o risco de sofrer um acidente que poderá ter graves consequências.

A sugestão das velhas cotas de malha não deve ter estado ausente do espírito do criador deste modelo, posto agora em circulação por uma grande casa de modas europeia

Uma nova escola técnica

vai ser criada em Agualva-Cacém

centro geométrico de uma zona

de mais de 150 mil habitantes

Na ultima reunião ordinária da Camara Municipal de Sintra, o presidente, sr. dr. Cesar Henrique Moreira Baptista, disse que, na conferência que tivera com o sr. ministro das Obras Publicas fora informado de que é intenção do Governo melhorar, de forma decisiva, as vias rodoviárias que servem o concelho, estando previsto um dispêndio, no espaço de cerca de 6 anos, por parte do Estado, de 40.000.000$00, na realização de várias obras, entre as quais se salienta a conclusão da auto-estrada de Lisboa-Sintra, a ligação de Alcoitão a Chão de Meninos, a ligação á Praia das Maçãs, com um novo traçado, e ainda o alargamento e arranjo da Volta do Duche.

O Governo está na disposição de suportar todos os encargos com este alargamento, salvo no que respeita aos resultantes das expropriações a fazer, em que a Camara terá de comparticipar com 50 % do seu custo.

O sr. ministro, no que respeita ás expropriações, deseja que a Camara o informe da conveniência em que o alargamento, na parte junto ao Largo da Rainha D. Amélia, se efectue, sacrificando os prédios que se encontram á esquerda, ou a Casa dos Limoeiros e a Santa Casa da Misericórdia. Sobre este assunto solicitará á Camara para se pronunciar em próxima reunião.

No que se refere ao novo Matadouro, informou o sr. ministro que a comparticipação para a sua construção será incluida no plano do próximo ano. Manifestou o desejo de que, com urgência, se procure dar solução ao problema da instalação das repartições publicas, concordando inteiramente na adaptação do Palácio Valenças a Casino, e do actual Casino a Paços do Concelho.

Depois, o sr. presidente informou que foi já posta a concurso a construção de um bairro de casas económicas em Queluz, totalizando cerca de 600 casas, das quais 300 estão incluidas no concurso a que acima se refere. Para este efeito deverá a Camara pôr á disposição do Ministério das Obras Publicas os terrenos indispensáveis, os quais se encontram ainda na posse do Estado.

Em face da urgência manifestada pelo Ministério das Obras Publicas, avistou-se com o sr. ministro das Finanças, que parece estar na disposição de conceder á Camara as indispensáveis facilidades no sentido de lhe serem entregues os terrenos necessários, não só á instalação do bairro, mas também de outras obras de interesse publico.

Aproveitou a oportunidade para tratar do problema da cedência da Quinta da Nora, situada em Agualva, da freguesia de Agualva-Cacém, deste concelho, dado que as negociações para a sua cedência se arrastam já há alguns meses. O sr. ministro das Finanças, atendendo a várias circunstancias, declarou que iria ordenar uma rápida conclusão do processo.

Avistou-se também com o sr. ministro da Educação Nacional, com quem tratou da resolução do problema do ensino secundário e médio no concelho. No que se refere a um liceu, o problema teve de ser posto de parte, por estar suspensa a criação de novos liceus. No que se refere ao ensino técnico, não concordou com a criação de uma escola em Sintra (sede do concelho), dado que centros muito mais populosos aguardam, há muitos anos, a satisfação dessa necessidade. Sugeriu-lhe, então, a criação da escola em Agualva-Cacém, centro geométrico de uma zona que abrange mais de 150.000 habitantes, dado que a sua privilegiada situação a coloca no entroncamento ferroviário das linhas de Lisboa, Agualva, Cacém; Sintra, Agualva, Cacém, e ainda da linha do Oeste.

Com esta sugestão concordou o ministro e prometeu que ia promover o indispensável para que, com a possível urgência, ali entre em funcionamento uma escola técnica que sirva as populações de tão vasta região. A Camara, nos termos legais, terá de pôr á disposição do Governo uns 6 a 7.000 metros quadrados de terreno que sirvam para a construção.

Ora, em condições ideias, encontra-se precisamente a Quinta da Nora, e que, servindo simultaneamente para os fins a que a Camara em tempos a já destinou, serve também perfeitamente para a instalação da escola técnica. Assim, está em vias de solução um dos graves problemas que têm afligido as familias sintrenses, e até de outros concelhos circunvizinhos, que se viam privadas dos meios necessários para poderem dar a seus filhos a cultura indispensável a fim de ser cidadãos uteis, com os conhecimentos técnicos que hoje já se não dispensam.

SERVIDORES HUMILDES MAS VALIOSOS

Os serviços e obrigações

dos cantoneiros das estradas

«Onde houver estrada, na serra ou na planície, há sempre um homem solícito e de bem — o cantoneiro — que permanentemente cuida dela, de forma a que ofereça ao transito as melhores condições de comodidade e segurança, e com quem podem contar todos os que precisarem de socorros» — lemos, no «Manual do Cantoneiro», ao folheá-lo, a propósito da recente homenagem anual, da direcção do Automóvel Clube de Portugal, ao pessoal da conservação das estradas.

E' de grande interesse e da maior utilidade, não só para os cantoneiros, mas para toda a gente, aquela publicação, editada pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, do Ministério das Obras Publicas.

Dela respigamos algumas informações:

As estradas nacionais estabelecem a ligação dos centros urbanos mais importantes (cidades e vilas), entre si, e a destes com os portos e as saídas da fronteira, constituindo a rede principal do País. Dividem-se, por ordem de importancia, em três classes. As de 1.ª são numeradas de 1 a 100 nos itinerários principais e de 101 a 199 nos restantes; as de 2.ª são numeradas de 201 a 299 e as de 3.ª de 301 a 399. Nesta ultima classe são incluídos os ramais de todas elas, os quais são representados pelo numero da estrada de que são ramal, seguido do de ordem que têm na mesma estrada.

As estradas municipais são de interesse para um ou mais concelhos e ligam as diferentes freguesias e povoações entre si e estas com as estradas nacionais. São numeradas dentro de cada distrito, com um numero compreendido entre 500 e 700. Não estão divididas em classes.

Os caminhos municipais são caminhos publicos de interesse local que permitem o transito automóvel. Recebem um numero dentro de cada concelho, sempre superior a 1.000, e a sua designação abreviada é «C. M.», seguida do nome do concelho.

A Junta Autónoma das Estradas cuida das estradas nacionais, totalmente por conta do Estado. Em cada capital de distrito há uma Direcção de Estradas, que, sob a orientação dos órgãos superiores da Junta, superintende na rede distrital de estradas nacionais. Estas direcções distritais são dirigidas por um engenheiro, coadjuvado por pessoal técnico, administrativo e auxiliar.

As Camaras Municipais cuidam das estradas municipais e dos caminhos municipais dos respectivos concelhos, com o auxílio do Estado, prestado através da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, a qual dispõe também, em cada capital de distrito, de uma Direcção de Urbanização que dá assistência técnica ás Camaras, para efeito de construção, reparação e conservação das vias municipais.

A conservação e a polícia das estradas e a sua demarcação são reguladas pelo Estatuto das Estradas Nacionais, para as estradas em que superintende a Junta Autónoma e pelo Regulamento das Estradas e Caminhos Municipais para as vias de comunicação a cargo das Camaras.

Enquanto as Direcções de Estradas têm as estradas nacionais divididas, para efeitos de conservação e polícia, em cantões, esquadras, secções de conservação e zonas de conservação, as Camaras têm as comunicações rodoviárias divididas apenas em cantões e esquadras.

As esquadras nacionais são demarcadas por marcos miriamétricos (de 10 em 10 quilómetros), quilométricos, hectométricos, de limite de secção e de delimitação dos terrenos adjacentes que fazem parte delas. E as estradas e os caminhos municipais são demarcados, dentro de cada concelho, apenas por marcos quilométricos e hectométricos e de limite de cantão. E' este que dá o nome aos cantoneiros — esses simpáticos funcionários que tão grandes serviços, de toda a ordem, prestam arrostando, por vezes, com a intempérie.

Das obrigações do pessoal cantoneiro, constantes do referido «Manual», fazem parte as seguintes:

«O pessoal cantoneiro deve apresentar-se na estrada convenientemente uniformizado, de harmonia com o que está estabelecido, barbeado e de cabelo cortado, não esquecendo nunca que constitui um corpo de polícia das estradas e que, como autoridade, deve impor-se pela sua apresentação. Deve prestar a sua colaboração a outras autoridades: polícia de viação, guarda republicana e guarda fiscal».

«Os cantoneiros que residem em casa do Estado ou das Camaras Municipais, junto á estrada, devem prestar sempre o seu auxílio áqueles que, durante a noite, a eles recorram, devendo, logo que tenham conhecimento de que algum acidente se deu na estrada, tomar a iniciativa dos socorros a prestar».

«Os cabos e os cantoneiros, quando algum automóvel para junto do local onde se encontrem, devem dirigir-se imediatamente ás pessoas que o conduzem e, depois de fazerem o seu cumprimento, em rigorosa posição de respeito, perguntar-lhes se precisam de algum esclarecimento ou auxílio, e, com toda a solicitude e absoluto desinteresse, prestar os seus serviços ou procurar a intervenção de outrem que esteja em condições de o fazer».

"PRÍNCIPE REAL"
ESPUMANTE NATURAL DAS
Caves Império
IMPERIAL VINÍCOLA, L.da SANGALHOS

De superior classe!!
Agentes:
VINALDA, LIMITADA
R. Sousa Martins, 9-B—Telef. 54997
LISBOA

A nova geração pede
Saluzena

ONC 339
A FARINHA QUE OS MIÚDOS GOSTAM À GRANDE... ...E OS GRANDES GOSTAM COMO MIÚDOS!
Dá saúde aos filhos e prazer aos pais
Saluzena
UM PRODUTO DA «AMIDEX»

Queijo Roquefort
IMPORTAÇÃO DIRECTA DA
DESPENSA IDEAL
Preços especiais para revenda

VINHOS DO PORTO E BRANDIES
«ATKINSON»
Representantes:
Blandy Brother's & C.ª Ld.ª
RUA VICTOR CORDON, 31
Tels.: 26163 - 35142 - 26166

Externato Luís de Camões
(Antiga Escola Luís de Camões)
(Fundada em 1921)
CURSO COMPLETO DO LICEU EM AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — TRABALHOS PRÁTICOS DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS. ADMISSÃO AOS LICEUS
Avenida Almirante Reis, 27 Telefone 4 7803

AGUA DA BELA VISTA
a melhor água de mesa — Pedidos a: Artur Paiva, Ld.ª — Av. de Paris, 22-B — Lisboa — Tel. 727974.

DROGARIA DE

Viúva Coelho, L.da

(Antiga Casa Pimenta)

óleos, tintas, pinceis, gessos, vernizes, anilinas, petróleo, camurças, perfumarias e produtos químicos

38—E, Calçada do Combro, 38—F

TELEFONE 21168

António Brás, LIMITADA

Antiga Casa Brás & Silva

Louças, Vidros, Esmaltes e seus derivados, por atacado e a retalho

Rua da Palma, 252, 254-A

Armazem:
Rua do Benformoso, 133-B
Telefone 28961

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

João César Lda.

Encadernadores - Douradores Profissionais

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1901

Rua do Norte, 109, 1.º—Lisboa

Telefone 21541

Desejam Boas Festas e um Ano próspero aos seus Ex.mos Freguescs.

Moinho de Ouro

E

AFRICANISTA

DA

CASA DO CAFÉ, LDA.

Rua da Palma, 39-41—LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Amigos e Freguescs Festas Felizes e um Novo Ano com muitas prosperidades.

A NEGRITA, LDA.

Fábrica de Torrefacção e Moagem

Rua Maria Andrade, 18—Lisboa
Telefone 843653
Teleg.: TORREFACTOS

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Ano Novo.

Zacarias & Franco

CARIMBOS-GRAVURAS

Telefone 30956—6, Rua da Vitória, 6—(Junto á Rua dos Fanqueiros)—LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e Feliz Ano Novo.

25 de Dezembro de 1955 VICRILANA

UM NOME QUE DESIGNA O LAR DE V. Ex.ª

Talheres, Vidros, Cristais, Porcelanas, Esmaltes, Aluminiuns, Fogões e Banheiras.

197, RUA DA PALMA, 203

Deseja um Ano Feliz a todos os seus Ex.mos Clientes.

Tomé

Lanifícios

Casacos de senhora
Sobretudos — Gabardines

Rua dos Fanqueiros, 137-139
Telefone 26944 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Alegre e um Novo Ano cheio de prosperidades.

MAIS UM POSTO DE ABASTECIMENTO Sonap

AGORA, EM PORTO ALTO (ESTRADA DO CABO)

ONDE, COMO EM QUALQUER PARTE DO PAIS, ESTÁ AO DISPOR DE V. Exa. O COMPROVADO

Sonap MOTOR OIL

EXTRA T.T. E.-H.D.

O ÓLEO QUE MAIS POUPA O SEU MOTOR, TORNANDO ECONÓMICA A EXPLORAÇÃO.

VÁ PARA ONDE FÔR... COM Sonap VAI MELHOR!

55/129

Ch. Lorilleux S. A.

FABRICANTES ESPECIALIZADOS DE

TINTAS — VERNIZES — SECANTES

para todos os processos gráficos
Novas instalações em

CABO RUIVO — OLIVAIS — Telefone 399061

L I S B O A

137 anos ao serviço das Artes Gráficas

Tomás Martins, Lda.

RUA DOS CORREEIROS, 110-2.º-D. — Telefone 26786

Festas Felizes e um Novo Ano próspero desejam a todos os seus amigos e clientes.

LINHARES & SILVA, L.DA

OFICINA DE REPARAÇÕES ELECTRICAS E MECANICAS

REPARAÇÃO GERAL OU TRANSFORMAÇÃO DE

Transformadores, Alternadores, Dínamos e Motores Eléctricos. Construção de quadros eléctricos em todos os tipos. Estudos e montagens de Postos de Transformação. Instalações de Força Motriz e Luz. Montagem e reparação de Elevadores e Monta-Cargas.

SECÇÃO COMERCIAL PARA VENDA DE Motores, Postos de Soldadura, Transformadores, Material Eléctrico para Instalações.

APARELHAGEM DOMÉSTICA

(Plano de colaboração com as C. R. G. E.)

Rua de José Estêvão, 30-34-41-45 — Telef. 50754-50112 — LISBOA

Raúl Carnot de Castro & C.ª

Funileiro, Canalizador, Torneiro de Metais e Electricista
NIQUELAGEM E CROMAGEM

12-A, 12-B, Rua Edite Cavel, 14-A, 14-B — L I S B O A — Telef. 849425

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

Os proprietários

da CASA AFRICANA

Desejam aos seus Ex.mos Freguescs e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

RUA AUGUSTA, 161

Casa Hipólito, Lda.

TORRES VEDRAS

(Fundada em 1900)

Aos seus Amigos e Clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas Festas e feliz Ano Novo.

A COMPETIDORA

DE

JOSÉ PEDRO GOMES, LD.ª

—VIDROS, ESPELHOS E MOLDURAS —

161, Rua dos Correeiros, 181

LISBOA

Deseja Boas Festas aos seus Excelentissimos Clientes e Amigos um Novo Ano cheio de prosperidades.

Casa Travassos, Ltd.

RUA DA PALMA, 43 — ROSSIO, 42 e 43

Cumprimenta os seus numerosos Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

GALEÃO

Deseja Boas Festas a todas as suas clientes.

Rua Augusta, 190

HIGINO MENDES CASCALHO

CAMPO DAS CEBOLAS, 9-A — Telefone 24439

Residência: S. Pedro do Estoril — Telefone 068037

Vilhandra — Estaleiro de Construções Navais — Telef. 050005

FRAGATAS — BATELÕES — REBOCADORES

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano próspero.

JOAQUIM BRAZ

Telefone 21903 - LISBOA

Armazéns e Escritórios: Travessa Nova de S. Domingos, 42-2.º
Sucursais: P. da Figueira, 5 e 5-B — R. Prior do Crato, 64-66 — R. Campolide, 57-59 — R. dos Remédios, 7-9 — R. da Misericórdia, 105-107 — R. Edith Cawel, 5-7

Louças, Vidros, Metais, Porcelanas, Esmaltes, Talheres, Alumínios e Cristais

Aos Ex.mos Fregueses e Amigos, deseja Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

Garcia & Maia, Lda.

ALFAIATES

Rua da Madalena, 287-2.º **Telefone 2 5688**

Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos umas Festas Felizes e um Ano Novo cheio de prosperidades.

CASA TIROL

70, RUA DA PRATA, 72

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes festas felizes.

Dinheiro!!

Empresta-se, ao juro da lei, sobre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.

JOSÉ MAYER

Deseja boas festas aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

18, Rua do Loreto, 20—T. 22881

"Au Bon Marché"

ARTIGOS DE NOVIDADE

45—Rua da Assunção—47

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos B. F. e um Novo Ano muito feliz.

Custódio Cardoso Pereira & C.ª

Rua do Carmo, 9 a 13

LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, enviando-lhes Boas Festas e votos de um Novo Ano muito próspero.

A GERÊNCIA DO

Comptoir Français d'Acessoires

Rua das Pretas, 22-24

Deseja Boas Festas e um ano de prosperidades aos seus Ex.mos Freguescs e Amigos.

Sapataria Contente

CALÇADO DE LUXO

74—Rua do Carmo—74

88—R. de Santa Justa—100

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

VILARINHO & RICARDO L.da

RUA DA PRATA, 230-232

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito feliz.

Os Proprietários do

Restaurante Leão d'Ouro

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes felizes festas e um Ano Novo muito próspero.

Delmiro Adan Andion, L.da

Rua Eugénio dos Santos, 14

DEPÓSITO DE TABACOS

Deseja Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes.

ANTIGUIDADES CASA JESUS

DE

António de Jesus, L.da

Vem por este meio agradecer todas as gentilezas dispensadas pelos seus bons amigos e clientes desejando-lhes um Feliz Natal e um Ano Novo afortunado.

RUA ALVES CORREIA, 181—TELEF. 22744

D. J. SILVA, LTD.

VINHOS DE COLARES V. S. (VISCONDE DE SALREU)

Rua Barata Salgueiro, 15, 1.º

Deseja Boas Festas a todos os seus estimados Clientes e Amigos e um Novo Ano repleto de prosperidades.

GELOSIAS, L.da

ESTORES

DESEJA FESTAS FELIZES E UM ANO NOVO PRÓSPERO A TODOS OS SEUS AMIGOS E CLIENTES.

RUA MARIA ANDRADE, 11 **TELEFONE 46102**

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

SEDE EM LONDRES

Plantações de Açucar em Luabo e Marromeu, na Província de Moçambique

Delegação em Lisboa :

AVENIDA DA INDIA, 8

Prefiram sempre Conservas Tenório

ATUM TENÓRIO

à venda nos bons estabelecimentos

CASA RIBEIRO

SIRGUEIRIA

Guarnições para todo o género de decoração, Franjas, Bordas, Galões e Cordões

Rua Ivens, 48 — LISBOA — Telefone 2 7217

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Natal e um Ano Novo muito próspero.

JOALHARIA, OURIVESARIA E RELOJOARIA

CASA DAS BENGALAS

Sortido colossal de Taças para prémios desportivos. Preços sem competência. Grande sortido de joias, ouro, prata e relógios

Rua da Prata, 87 a 91 **Telefone 20256**

Marques, Sequeira, Lda.

ARMAZEM DE LANIFICIOS

Telefone 28851 **Praça da Figueira, 4-2.º**

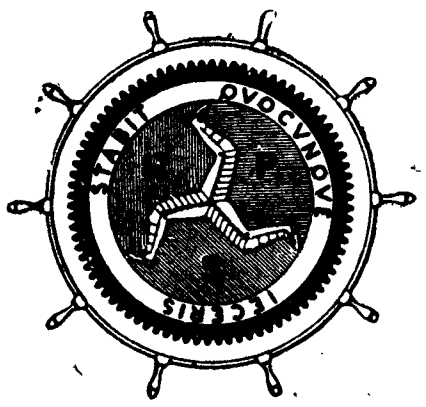
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

H. Parry & Son, L.DA

SEDE: 6, AVENIDA 24 DE JULHO—LISBOA

Telef.: 64187 (4 Linhas) 66065

Teleg.: NAVIOS-LISBOA



Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Estaleiros Navais de Viana do Castelo

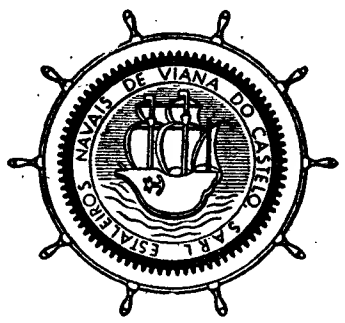
S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL REALIZADO: ESC. 37.250.000$00

SEDE: VIANA DO CASTELO — PORTUGAL

Telef.: 281-302

Teleg.: NAVAIS-VIANA DO CASTELO



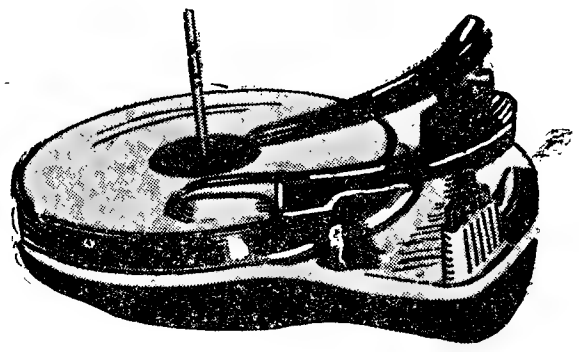
Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Torne mais feliz o seu Natal ouvindo a música de que gosta através dum



DISCOFONE

Modelos para todas as velocidades desde 750$00

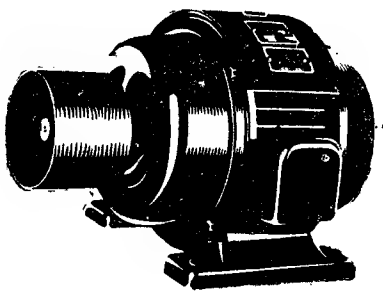
VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
95-R. NOVA DO ALMADA-99 • LISBOA

---

a SOCIEDADE PORTUGUESA DO ACUMULADOR

Tudor

Cumprimenta os seus prezados Clientes e Amigos e deseja-lhes um Feliz Natal e um Novo Ano muito próspero.



MOTORES ELÉCTRICOS
ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
DISJUNTORES, ARRANCADORES

SOC. LUSO ELÉCTRICA, LDA.
11 — CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES — 13
Telefone 668061 (5 linhas) LISBOA

Austria Email
PANELAS VERDES DE PRESSÃO

UM VALIOSO BRINDE

Com 80 % de economia fazem os cozinhados mais SAUDÁVEIS

A' venda em todas as boas casas

Distribuidores: Aparta.º 910

NA VANGUARDA DA INDUSTRIA ALEMÃ
REPRESENTANTES
ABREU JUNIOR E C.ª L.DA
PRAÇA DA ALEGRIA, 6-2 •
TELEF. 22508-LISBOA

A. J. COSTA

MALHAS AJOC

RUA MARIA ANDRADE, 43, 2.° – LISBOA
Telef. 849309

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando-lhes as maiores venturas e prosperidades no Novo Ano.

Manuel Maximiano Marques

SUCESSOR DE

Manuel Marques & Adrião

19 — Rua Nova do Desterro — 27

Deseja aos Ex.mos Fregueses e Amigos Boas Festas e um Novo Ano próspero

---

ANTONIO ALVOEIRO & C.ª

CALÇADA DO COMBRO, 34 e 36-A

Louças de aluminio e esmalte — Talheres e cutelaria — ARTIGOS DE MENAGE — Completo sortimento de escovas para fato, dentes, cabeça, etc. — Vassouras de diversos modelos em Palma, Piassaba, Junco, etc.

Tampico, Cairo, Junco, Piassaba e Palhinha para cadeiras

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos umas Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

Telefone 21585 End. Teleg. ALVOEIRO

NUNES & SANTOS L.DA

Postais ilustrados, Cromos, Oculos para sol, Boquilhas, Cachimbos, Pedras para isqueiros. Canetas de tinta permanente, Artigos escolares, etc. — Novidades Nacionais e Estrangeiras. Representantes e depositários de molduras de metal com vidros concavos M/L

Rua dos Correeiros, 174, 3.º, D. — LISBOA — Telefone 2 7788

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e Novo Ano muito feliz.

União Predial e Comercial

Direcção de J. Neves Balseira, Func.º Superior do Ultramar (Aposentado) — Compra, Venda, Hipoteca e Administração de propriedades — COBRANÇA DE RENDAS — TRESPASSES

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53 (elevador)
(Junto ao Correio) — Telefone 3 2902

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um feliz Ano Novo.

António de Sousa

ALFAIATE — Confecções para Homens e Senhoras
Telefone 2 5645 — Rua da Prata, 267, 1.º — LISBOA

Deseja a tdos os seus Clientes e Amigos muito Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Agência Comercial Sueca Lda.

CUMPRIMENTA TODOS OS SEUS EX.MOS CLIENTES
E COLABORADORES DESEJANDO-LHES UM

Feliz NATAL e próspero ANO NOVO

DEZEMBRO ✶ 1955

AGENCIA COLONIAL E COMERCIAL, L.DA

Rua do Comércio, 8 — LISBOA

Telefones: 20055 - 28840 - 23688 — End. teleg. OMNIA

Filiais em Luanda e no Lobito

Importação e exportação de todos os géneros coloniais

AGENTES DE NAVIOS

Saluzena —é a saúde!

Saluzena —é o vigor fisico!

Saluzena —é a boa disposição!

Saluzena —é a farinha ideal!

Um produto **AMIDEX**

A' venda em todo o País

Filmarte

F. COSTA, LDA.

249 — Rua Augusta — 251. — R. do Carmo, n.º 74, 3.º
LISBOA — Telef. 31243-33333

Artigos seleccionados para fotografia e cinema

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos desejando-lhes FESTAS FELIZES e um ANO NOVO muito próspero.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Leiam o «SEMPRE FIXE»

A
MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA
deseja Boas Festas
a todos os seus clientes, amigos e colaboradores que, dedicadamente, têm acompanhado o progressivo desenvolvimento desta indústria e contribuído para a expansão dos seus produtos, na Metrópole e no Ultramar

MABOR

SOCIEDADADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA LDA.

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 89 B/89 E — TEL. 52360-53135-55354 — LISBOA

Máquinas Agrícolas e Industriais

A todos os nossos Ex.mos Clientes e Amigos, apresentamos cumprimentos de Boas Festas e votos das maiores prosperidades do Novo Ano.

«Agricultural Summer»

AGRO, LDA.

71-A — RUA DE SÃO PAULO — 71-B

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

A. CONTREIRAS, L.da

R. Eugénio dos Santos, 112
AGENTES GERAIS DOS FAMOSOS
ÓLEOS PENNZOIL

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Novo Ano cheio de prosperidades

Santos & Nogueira, L.da

RELOJOEIROS-OURIVES
CAIXAS PARA RELÓGIOS — REPARAÇÕES — VIDROS DE FORMA — MOSTRADORES
PLAQUEADOS COM GARANTIA
Rua dos Correeiros, 101, 4.º D.º — LISBOA — Telefone: 26854

Cumprimentam os seus estimados Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano de prosperidades.

JOSÉ SANTOS

LIMITADA

Compra e venda de Propriedades
Empréstimos Hipotecários
Rua dos Correeiros, 101-1.º
Telefone 27616 LISBOA
Deseja Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Malhas Joaninha

Gerência de MÁRIO ALBERTO DE CARVALHO
Rua Eugénio dos Santos, 62-64 — Tel. 24506

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

ALFAIATES
LANIFÍCIOS
CONFECÇÕES

Borges & Sarava, L.da

Desejam a todos os clientes umas Festas Felizes.

203, Rua dos Fanqueiros, 205
Telefone 29000 — LISBOA

JOALHARIA, OURIVESARIA E RELOJOARIA

A. P. TEIXEIRA, LIMITADA

R. Barros Queirós, 68 — LISBOA — Telefone 35454

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos deseja Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

LOUREIRO & ANTUNES

LIMITADA

ALFAIATES — Civil e Militar
Largo da Anunciada, 19 s/loja
Telefone 27574 LISBOA
Cumprimenta todos os seus clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes.

TREZENTOS

RUA DO CARMO, 100

Cumprimentam os seus clientes e amigos com desejos de Boas Festas e Ano Novo muito Feliz.

Viuva José da Silva, L.da

SERRALHARIA MECANICA
156—Rua de S. Lázaro—158
Telef. 52666

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um ano feliz.

Sousa

Cumprimenta afectuosamente as suas excelentissimas clientes, desejando-lhes um Natal alegre e um Novo Ano muito próspero.

Chiado, 76-78 — LISBOA — Telefs. 29101-33439

Casa Chinesa

A Caféeira, L.da

CAFÉ RIBATEJANO

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, Colegas, Fornecedores e o Publico em geral, desejando-lhes um Novo Ano de prosperidades.

Rua Aurea, 274 a 278 — Telef. 23680
Rua dos Sapateiros, 213 e 215 — Telef. 28565
Escritório: Rua dos Anjos, 13-A, 13-C — Telef. 49661

J. V. Feijó, Limitada

Ourivesaria e relojoaria

Desejam festas muito felizes aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores e um Novo Ano muito próspero.

RUA DA PRATA, 299 a 303
PRAÇA DA FIGUEIRA, N.º 18-A
TELEFONE 21896 LISBOA

PASTELARIA BIJOU

ABILIO ALVES

84-88 — AVENIDA DA LIBERDADE — 87-89

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

Casa MAX

183-A — R. D. ESTEFANIA — 193-F
2-A — AV. PRAIA DA VITÓRIA — 2-D

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano feliz.

CASA *Gama* L.DA

LOTARIAS
RUA DO AMPARO, 1-B — LISBOA

Deseja Boas Festas e um Ano cheio de prosperidades aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

CASA "URANIA"

de ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA

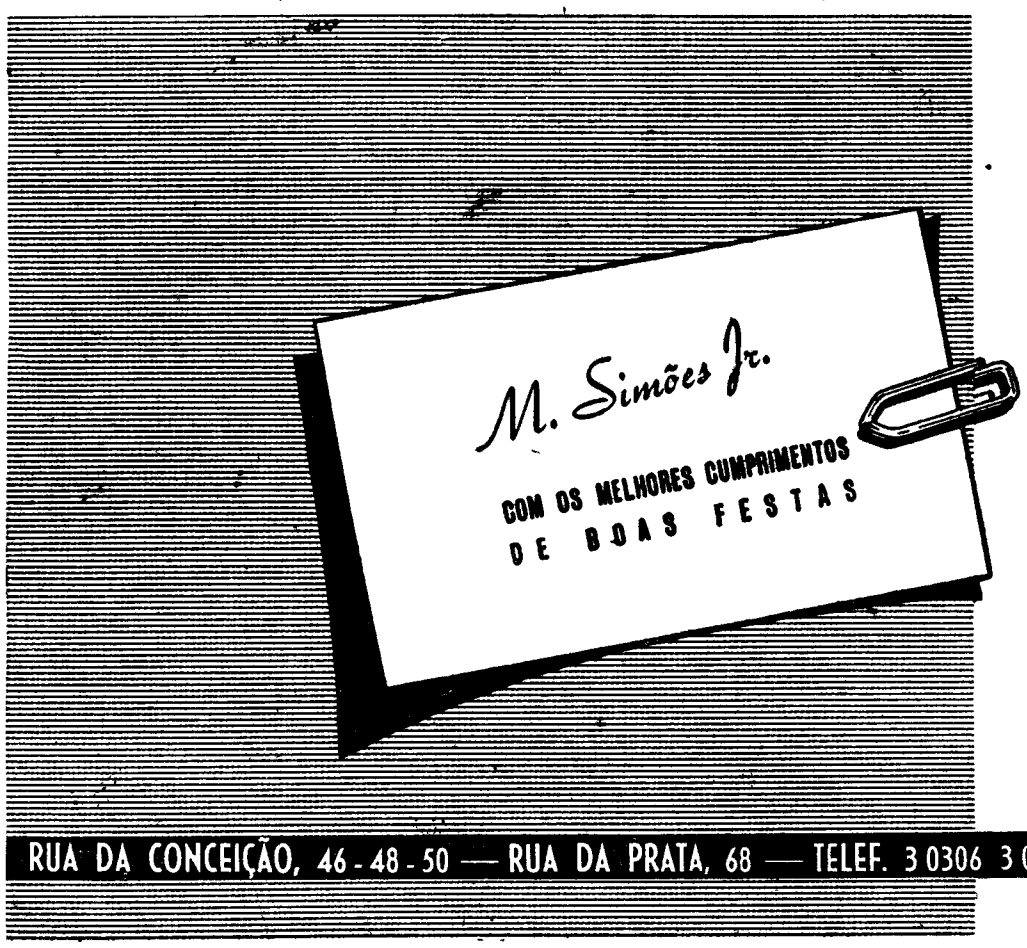
Representante da Industria de Tratamento de Aluminio
ROSSIO, 93, 2.º (Porta 37)

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Sapataria Versailles

RUA DE SANTA JUSTA, 96

Cumprimenta os seus amigos e clientes desejando-lhes um Novo Ano muito próspero.



MÁQUINAS DE ESCREVER
HERMES

*

DE SOMAR
BRUNSVIGA

*

DE FRANQUIAR
FRANCOTYP

*

DE CALCULAR
MADAS

*

DUPLICADORES
REX-ROTARY

*

BALANÇAS PARA O LAR
INCA

*

FERROS AUTOMATICOS
JURA

*

MATERIAL FOTOGRÁFICO
ILFORD

*

APARELHOS DE CINEMA
PAILLARD

*

CAMARAS FOTOGRAFICAS
EXAKTA

RUA DA CONCEIÇÃO, 46-48-50 — RUA DA PRATA, 68 — TELEF. 3 0306 3 0307 — LISBOA

Jesus Amoedo Garrido, Ld.ª

RUA DA MADALENA, 54
Telefone 29655

Com loja e armazens de sacaria, cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

ARMAZENS DE PARIS, L.da

R. dos Fanqueiros, 217—219

Telef. 24926

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Alipio Gouveia, L.da

ARMAZEM DE TAPEÇARIAS E DECORAÇÕES

Poço do Borratem, 33, 1.º
Telefone 3 2487 — LISBOA

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um feliz Ano Novo.

M. PRAXEDES SIMÕES & C.ª, F.ª
SUCESSOR

Jorge Simões

Encerados e lonas, impermeáveis
Largo de Santos, n.º 14-A

Deseja aos seus Ex.mos clientes um feliz Ano Novo.

A. M. SILVA

ARMEIRO

Cumprimenta, desejando aos seus amigos e clientes festas felizes e próspero Ano Novo.

Rua da Betesga, 1
L. Praça da Figueira, 17-2.º — LISBOA
Telefones 31313-31314

«OH» LACERDA

OS PROPRIETARIOS E FILHOS DO RESTAURANTE «OH» LACERDA, AVENIDA BERNA 36-A TELEFONE 774057, DESEJAM AS BOAS FESTAS AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AOS ESTRANGEIROS QUE RESIDEM EM PORTUGAL COM SUAS FAMILIAS E TAMBEM AOS QUE VIVEM NAS SUAS PATRIAS E QUE JÁ VISITARAM ESTE RESTAURANTE.

UM NATAL MUITO FELIZ — BOAS FESTAS

MENDES & CAEIRO, L.da

Máquinas de escrever ADLER e artigos de escritório Geha
2, Calçada do Ferregial, 4
Telefone 2 2422 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

A GERÊNCIA DA

Caixa de Crédito Caucionado, Lda.

Rua da Assunção, 88, 1.º — Telefone 25334

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

Artísticos ramos de noiva

Florista CHIC

SEMPRE AS MAIS LINDAS FLORES
POÇO DO BORRATEM, 16
Telefone 2 3217 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos clientes um Natal alegre e um Ano Novo cheio de prosperidades.

ARMAZEM DE FAZENDAS DE

Calado & Sequeira, Ld.ª

279, 281, Rua dos Fanqueiros, 283, 285
• Praça da Figueira, 14
Telefone 23826 LISBOA

Cumprimenta os seus clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

João Cândido da Silva-Cambista

104, R. DA PRATA, 106

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Almeida & Viana, L.da

(UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL)
DA MARCA **BIZERBA**
RUA DAS FLORES, 94-96

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes um Natal e Novo Ano feliz.

Sociedade Industrial de Luvas, L.da

Travessa Nova de S. Domingos, 42, 3.º, Esq.º
TELEF. 24754 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Abel Lopes Martins, Lda.

Imp.—Export.—Comércio geral
R. SAPATEIROS, 112, 1.º, Dt.º

Cumprimenta todos os seus clientes e amigos, desejando-lhes Festas Felizes.

Telefone 2 5477

OS PROPRIETARIOS DO

Suisso Atlantico Hotel

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos cumprimentos a quem desejam Boas Festas e as maiores venturas no Novo Ano.

LISBOA RUA DA GLÓRIA, 3 TELEF. 31713-7

CHAGAS

FABRICAÇÃO MANUAL DE BRINQUEDOS

Rua das Gáveas, 90, 2.º, D. — Telefone: 30837 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes e um NOVO ANO muito próspero.

Auto Cais Sodré

De MANUEL DUARTE LEÃO
Praça Duque da Terceira, 9
Telefone 2 6733

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

Loja da América

Meias — Malhas — Gabardines
RUA DO OURO, 208

Cumprimentam as suas Ex.mas Clientes, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano de prosperidades.

João Lopes, L.da
Mendes & Domingos L.da

Calçada do Duque, 31-43 — Telef. 2 6298
RELOJOARIA E OURIVESARIA

Deseja aos seus Amigos e Clientes, festas felizes e um Novo Ano próspero.

Grande Armazém de Víveres

de JERÓNIMO TAVARES DA SILVA

Cumprimenta todos os seus Excelentissimos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo feliz.

278, Rua da Prata, 288 (Esquina da Rua da Betesga)

Telefone 22345

Perola do Rossio

105—ROSSIO—105

Especialidades em chás e cafés

Deseja Boas Festas e um ano de muitas felicidades aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos.

A Pernambucana, Lda.

Importadores e Exportadores

— C A F É S —

Rua António Maria Cardoso, 1

Telef. 29981-25106

(Casa especializada em fornecimento para Cafés)

Os seus sócios **António Madeira Correia** e **Mário da Silva Bastos** felicitam os seus Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

MÓVEIS

Janel

165, R. da Palma **Tel. 2 7984**
76-A, R. Rodrigues Sampaio **Tel. 5 1695**

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal Feliz.

J. RICARDO DOMINGUES, L.DA

CAMBISTAS

R. AUREA, 85 — Telef. 24755
LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

Adão

CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Tel. 24064

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo.

VIOLANTES, Limitada

Fábrica de Sirgaria e Passamanaria
RUA DOS FANQUEIROS, 208-210

Desejam a todos os seus excelentissimos Clientes, Fornecedores e Amigos, muito boas festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

PARIS-CHIADO

A mais elegante casa de flores naturais, do Chiado

Apresenta boas festas aos seus Ex.mos Clientes.

R. Garrett, 62, 64—T. 26068

CASA DAS

GRAVATAS

RUA DO OURO, 121

Deseja Boas Festas e um novo ano feliz aos Ex.mos Clientes.

PINHEIRO & FILHOS, L.DA

RUA SERPA PINTO, 14-A

FABRICA DE PASSAMANARIA

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes.

Assis & C.a, Limitada

EMPRESA DAS AGUAS DE MOURA

BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO

Telef.: 2 6120 **RUA DOS SAPATEIROS, 26**
Telegr.: MOURAGUAS **LISBOA**

A. S. Baeta

OURIVES-JOALHEIRO
65—Rua do Ouro—67

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

AVENIDA RADIO

Av. Almirante Reis, 12-C. T. 46770
Rádios N I C E e frigoríficos A D M I R A L
todos acessórios para rádio

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e amigos festas felizes e novo ano próspero.

Frutaria Bristol

de MARIA LUIZA GOMES
—— Telefone 24637 ——
CASA ESPECIALIZADA EM FRUTAS VERDES E SECAS
Rua Eugénio dos Santos, 57 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e feliz Ano Novo.

OENOL — Sociedade Portuguesa de Enologia, Lda.

R. da Prata, 185, 2.º, D. LISBOA

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero a todos os seus estimados clientes e amigos.

O PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE E PASTELARIA

A CENTRAL DA BAIXA

R. AUREA, 94-98

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos e deseja Boas Festas e Feliz Ano Novo.

RÁDIO-LUX, L.DA

RÁDIO — LUZ FLORESCENTE

RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-1.º

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Santos, Catita, Limitada

OURIVESARIA - JOALHARIA
R. Eugénio dos Santos, 44

Desejam a todos os seus Ex.mos Fregueses e Amigos festas felizes e um ano de prosperidades.

Malhas Mac, L.da

e seus colaboradores, cumprimentam todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 45-1.º **Telef. 31036**

Perfumaria «Vogue»

RUA DO OURO, 254

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

A União

Fábrica de Espelhos de ANTÓNIO DA SILVA DORES, LD.a
R. Luz Soriano, 23-A

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos boas festas e um Novo Ano próspero.

EVARISTO DOMIMGUES, L.DA

AVENIDA D. CARLOS I, 75 e 77 — LISBOA

TELEFONE 662227 — Endereço telegráfico BACALHAU

Deseja Festas Felizes aos seus Ex.mos Clientes e Amigos e um Ano próspero.

SILVEIRA & MARQUES, L.DA

253, Rua do Ouro, 255 — Tel. 2 5664 — LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Lanifícios de Coimbra

LIMITADA

MATOS MENDES
Telefone 23738

Deseja muito Boas Festas e um ano feliz a todos os seus Ex.mos Fregueses e Amigos.

Rua dos Fanqueiros, 240-242 e mesma rua, 215

Agência de anúncios EVA, L.DA

Anuncios para todos os jornais do País, inclusivé *Diário do Governo* pelos preços da tabela dos jornais

GRANDE SECÇÃO DE VALORES SELADOS

Rua da Conceição, 147, 149 Telef. 22250 — LISBOA

Cumprimenta os seus prezados anunciantes e amigos desejando-lhes Festas muito felizes.

ROMÃO & COMP.ª
Fábrica de Balanças
LISBOA

Feliz Natal e próspero Ano Novo

AOS EX.mos CLIENTES E AMIGOS

QUIOSQUE TIVOLI

A mais popular casa de lotarias do País
com FILIAIS em LISBOA e PORTO

Cumprimentam os seus Excelentissimos Clientes, desejando-lhes muito BOAS FESTAS e um NOVO ANO muito feliz.

H. VAULTIER & C.ª

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

LOTARIA NACIONAL
VARETA

89 — RUA DO CARMO — 89

Deseja Boas-Festas aos seus Clientes e Amigos

A GERÊNCIA DAS

TINTURARIAS UNIDAS DE PORTUGAL

Sede: Rua Tomás da Anunciação, 38-A—Tel. 665567; com as suas sucursais na Rua Maestro António Taborda, 64, 64-A—Telef. 666435, e Rua Sant'Ana á Lapa, 158-B—Telef. 666995.

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

CASA DAS LIMONADAS

RUA DA CONCEIÇÃO, 120 e 122

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos e deseja Boas Festas e Feliz Ano Novo.

FRITZ CAMISEIRO

R. DA ASSUNÇÃO, 42

Deseja aos seus Amigos e Clientes Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

CARIMBOS DE BORRACHA E METAL — NU. MERADORES E DATADORES

A. S. MUSGUEIRA, L.da

R. Augusta, 108 — LISBOA
Telef. 26503

Deseja Boas-Festas aos Ex.mos Clientes.

Rosas & Carvalho
LIMITADA

«CASA RIO DE JANEIRO»
Camisaria—Malhas—Meias
264, Rua Augusta, 266
Telef. 22107

Desejam Boas Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

A CASA DA BORRACHA
DE
J. V. BAPTISTA

Apresenta as Boas Festas a todos os seus Clientes e Amigos.

RUA DA PRATA, 263

A DROGARIA
Marchal, L.da
20-D—Rua dos Bacalhoeiros
Telefone 2 5497

Vernizes, alvaiades, ácidos nítricos comerciais e puros Perfumarias, hervanária, etc.

Aos seus Clientes e Amigos, deseja Boas Festas e Ano Feliz.

Casa do Pão de Ló
FRANCISCO PINTO, LDA.
77, Rua da Prata, 79—LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos clientes, amigos e fornecedores, desejando-lhes Boas Festas.

Domingos Dias Júnior

Casa fundada há 100 anos
Calçada do Combro, 20 — LISBOA. Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojoaria, Aparelhos de precisão, Grafonolas, etc., etc.

Alfaiataria Paris
LEAL, LDA.
Rua de S. Nicolau, 106—LISBOA

Deseja Boas Festas e um Ano Feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

RUA DA PRATA, 75
L I S B O A
TELEF. 33804

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Metalúrgica Luso-Italiana, L.da

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

TRAVESSA DAS SALGADEIRAS, 7 **LISBOA**

Rolamentos e chumaceiras
STEYR
Representantes Exclusivos:
PARA PORTUGAL E COLÓNIAS
PRAZERES & GOMES
TELEFONE 660017
LISBOA — Rua da Boa Vista, 51-53

Desejam Boas Festas e um ano feliz a todos os seus clientes e amigos.

LARBELO, LDA.

195, RUA DA PRATA, 197 — Telefone 24042

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.

Moedas estrangeiras — Coupons — Papeis de Crédito — Ordens de Bolsa

Telefone 2 4755 **End. Tel. JODRACIR**
R U A A U R E A , 8 5

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

COSTA & DIOGO, L.DA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 4-A, 4-C—TELEFONE 43315
Depósito de Tabacos Nacionais e Estrangeiros
Sucursal—TABACARIA NINA—Avenida Almirante Reis, 2-G

Desejam Boas Festas e Ano próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

JOIAS ANTIGAS
BARRETO & GONÇALVES, LDA.

17 — RUA EUGÉNIO DOS SANTOS — 17
(Antigá RUA DE S. ANTÃO)

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam um feliz Ano Bom.

TINTURARIA PIRES BRANCO

FUNDADA EM 1835
45 — CALÇADA DO CARMO — 47
(ÀS ESCADINHAS DO DUQUE)
Telefone 2 1860

Deseja muito Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

SAPATARIA PRESIDENTE, LTD

Rua 1.º de Dezembro, 11 a 13 — LISBOA — Telef. 23770

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

NATAL!

Presença de Deus!

por GRACIETTE BRANCO

Evola-se do Infinito um halo divino, que representa uma benção para o Mundo!

Pelo menos, durante vinte e quatro horas, abre-se uma clareira de Paz, de perdão, de fraterna amizade, de amor universal, num grande e dulcíssimo abraço de concórdia.

Suspendem-se os ódios, os rancores, as invejas, as cubiças!

As almas reeditam, amorosamente, as suas primitivas ilusões e uma tranquilidade feita de idealismo e de esperanças, veste de quimeras de oiro os mais tristes destinos.

Volvem-se os olhares para além da fronteira da Vida, não com o pensamento na Morte, mas com a ansiedade de perscrutar o que é divino e eterno.

Pomos de parte preocupações terrenas, esquecemos decepções e remorsos, queixas, lamentações e desventuras—, para erguermos a fronte, espreitando no azul celestial o perfil do Sagrado Menino, que nasceu numas palhinhas e é o Rei Omnipotente do Mundo!

Maravilhoso Natal!

Seja-nos dado um pouco do teu calor para aqueêrmos as pobres quimeras que gelaram ao contacto cruel das realidades.

Seja-nos dada um pouco da tua Fé, para aniquilarmos as descrenças, nascidas de tanta maldade, injustiças, tormentas, inclemências.

Seja-nos dado presenciar e sentir a glória do teu milagre, para que o barco frágil das existências pereciveis naveguem ao rumo bonançoso da esperança e atinjam, sem procela, o porto definitivo da Eternidade.

Que o Natal, branco e sublime, seja a hóstia divina da Eucaristia, adoçando o amargor do paladar terreno e trazendo um vislumbre do Ceu aos corações cansados.

Que o Natal seja o hoje e o amanhã de uma esperança nascente, que nos suavize a descrença do ontem enganador e poluído de mentiras.

Que no canteiro das almas germinem as raízes de sempre novas ilusões, para que renasça a flor maravilhosa de um sonho a entretecer as horas de pequeninos desejos...

Desejos, que são promessas; promessas, que são mentiras; mentiras, que são quimeras; quimeras, que são a espuma das ondas, esvaindo-se no eterno vaivém dos desencantos—que têm o calor efémero de tudo o que é irreal e transitório—mas que embalarão a contagem monótona e fatigante dos minutos, nesta caminhada decepcional da Vida!

Amorosamente, as almas desejam e caminham para o Natal! O sopro anímico que se oculta na mais grosseira, positiva e material natureza humana, deseja e anseia —no profundo silêncio das grandes sinceridades—que o Natal lhe traga a doçura de uma recordação de criança, dos tempos em que a vida tinha o grato sabor de um rebuçado ou de um beijo de Mãe!

O Natal é a pureza, o berço, a infancia, a candura, a crença, a confiança, a Fé, os loiros caracois, o bibe branco, a paz, o lar, a toalha branca, o alvor dos lírios, o gesto do Perdão e do Amor! O Natal é o Ceu na Terra, é a presença de Deus, a esmola de Amor divino á pobre Humanidade miserável, é a certeza de que existe, para lá das estrelas e dos sóis, um grande coração que nos atende e nos espera, que sofre com os nossos ódios e se alegra com a segurança da nossa Fé.

Seja-nos dada a alegria de podermos erguer a nossa Árvore de Natal, com a tranquilidade de um sorriso, embora sabendo que, depois, o pinheirito será atirado fora, como mais uma quimera que ficou pelo caminho...

Que importa isso, porém, se o Natal nos trouxe um novo alento, para criarmos novas ilusões e eternas esperanças?!...

Agentes: VINALDA, LDA.
R. Sousa Martins, 9-B

As mulheres do Istiqlal chegaram ao palácio do Sultão ainda com o rosto velado...

4 milhões de marroquinas

deitaram abaixo o veu milenário

e mostraram à luz do Sol

o seu rosto moreno e espiritual

O pudor é um instinto que se desenvolve de maneiras diferentes, segundo as religiões e a tradição dos costumes. Enquanto as mulheres de África resumem o seu pudor a um mínimo essencial da indumentária, as Europeias e as mulheres do Novo Mundo são bastante mais delicadas, ao vestir-se mais ou menos totalmente. Mas a mulher asiática, ainda mesmo quando emigrou e se fixou noutros continentes, tinha do pudor um sentido ainda mais exigente e recatado. Tal como o resto do corpo, o seu rosto, a parte mais bela da criação humana, devia manter-se oculto, porque da sua beleza nasciam todas as grandes e baixas paixões. Com os séculos, naturalmente, o conceito do pudor evoluiu e a oriental foi revelando á luz do Sol e dos olhos do homem a graça do seu rosto, na certeza de que daí, afinal, não viria mal ao Mundo. As turcas foram das primeiras a ter licença de retirar o veu do rosto. As marroquinas dão agora a ultima palavra na matéria. Para muitas, sobretudo as das cidades, habituadas ao contacto das Europeias e á presença de jornais, revistas, teatro e cinema mundiais, a descida do veu não tem outro significado que não seja a libertação de um simbolo desnecessário. Nos campos e nas aldeias, porém, a Marroquina sofre agora, no seu pudor, um rude golpe. Para ela, sobretudo se é velha, é qualquer coisa como despojar-se das vestes.

A grande luta contra o pequeno veu que encobria o rosto moreno das Marroquinas—e quantas vezes não era uma preciosa obra de arte, esse veu!—foi iniciada por uma jovem esclarecida e poderosa, a princesa Lalla Aicha, filha mais velha do sultão Ben Yussef. Tem hoje 25 anos, e, aos 16, fez o primeiro discurso contra o veu usado pela mulher do seu país. Depois, o exilio do pai interrompeu essa campanha. E, agora, ao regressar a Marrocos, retomou-a. Ela que nunca usou veu, conseguiu que as suas compatriotas o descessem. Os dramas delicados do seu espírito permanecerão, em muitas, porém, durante longos séculos. Em 4 de Setembro findo, Marrocos deixou de valer o mistério das suas lindas mulheres, cujo rosto aflorava, apenas, na luz violenta dos seus olhos negros. É que, para lá desta imagem milenária para belas estampas, surgiu a força da vida moderna, com os seus graves e complexos problemas políticos. Por isso, o congresso do Partido Istiqlal aprovou, por unanimidade, que os veus descessem do rosto das mulheres, agora arrancadas á sua indiferença milenária. Enquanto os seus homens, pais, filhos ou maridos, tinham ficado longos tempos na prisão, elas vinham para a porta dos cárceres protestar, ouviam a rádio e enchiam as ruas, reclamando o regresso do sultão Ben Yussef. E Ben Yussef voltou. E, voltando, deu-lhes a emancipação e a luz do Sol para lhes iluminar o rosto de traços finos, morenos. Lalla, a princesa que nunca usou veu, sente-se agora grata a seu pai, em nome de muitas das mulheres do seu país. São, na verdade, 4 milhões de Marroquinas.

...e á saída mostraram pela primeira vez o rosto descoberto diante de uma pessoa estranha

Diz o médico...

(Contipuação da 17.ª página)

cularmente util no estudo da epilepsia.

A cura da sífilis e da tuberculose (estreptomicina de Vakman, idrazida, PAS) constituem outros grandes triunfos da medicina científica.

Selye e as doenças de adaptação, insuficiência e resistência, esgotamento e hiperfuncionamento, ACTH e cortisona, um mundo novo, uma teoria complexa que, na prática, tem dado resultados surpreendentes.

As novas conquistas da anestesia, a hibernação, a reanimação, a intervenção a baixa temperatura alargaram consideràvelmente o campo da cirurgia.

Depois, mais outro passo: J. E. Salk, de Pittsburgh, ensaia a vacina contra a «polio» e com ela vacina mais de um milhão de crianças, iniciando esta longa série com os seus próprios filhos.

A medicina psicossomática? O estudo das doenças hereditárias e a genética? O problema do cancro? Novas doenças?

Tenhamos todos confiança nos homens que todos os dias, a todas as horas, procuram descobrir a verdade, o grande mistério da vida e da morte do Homem...

A. d'E.

Velhas verdades

mais esquecidas do que sabidas...

A demasiada flexibilidade da espinha humana caracteriza o individuo como um ser mediocre ou, pelo menos, como pessoa desprezível.

Foi Lamartine que disse que a mais bela atitude de um homem livre é estar de pé e aprumado diante dos homens.

Bem longe vai, felizmente, a época em que o Corregedor de Santarém respondeu ao duque do Cadaval pela forma e desbragamento que, se muita ironia manifestou, não deixou, por isso, de ficar na história, como acto de irreverência exagerada.

Não são, pois, os actos arrogantes, ou as atitudes de rebeldia que impõem um nome á consideração da Sociedade, mas também não é a subserviência calculadamente estudada, nem a hipocrisia torpemente mascarada, que se devem considerar como verdadeiras qualidades de eleição.

Lemos, há tempos, nas colunas de um orgão da Imprensa da capital que «a vida está organizada de tal maneira que tudo o que não seja a supremacia do interesse imediato, da vaidade satisfeita, da instalação na vida prática, tem quase que pedir desculpa de existir».

«A bondade de muitos é uma máscara com que se pretende esconder o egoismo e a hipocrisia», disse, há precisamente dez anos, o bondoso padre Baltasar de Carvalho, que foi reverendo capelão de Caxias, quando testemunha num julgamento realizado em Val-de-Vez».

Tristes verdades estas que se verificam a cada instante e que muito concorrem, por serem esquecidas, para distanciar imenso as gerações presentes dos homens do pasado.

Corre como certo, e até se citavam nomes, que o principe de uma corte europeia atravessou uma tarde as ruas da capital do seu reino, sobre fogoso cavalo de raça, que, numa louca desfilada, pôs em sério risco a vida dos transeuntes. A Policia interveio, multou o cavaleiro e quando, declinada a identidade, ficou sabendo na presença de quem estava, não se intimidou. Levou o régio delinquente á esquadra policial mais próxima, onde se ajustaram contas e foi paga a despesa, exactamente como se se tratasse de qualquer subdito desconhecido.

Soube-se, depois e positivamente, que sobre o guarda não recaiu penalidade alguma, mas o que se pergunta é qual teria sido o acolhimento que teve em sua própria e real residência o cavaleiro imprudente...

Não decorreu ainda um carro de anos que, em um dos nosso estabelecimentos universitários, se desenrolou cena que algumas pessoas da época ainda recordam e por vezes referem.

Examinava um lente certo aluno com fama e proveito de ser muito talentoso — o falecido e mais tarte prof. Magalhães Colaço — quando a meio do acto do seu 5.º ano, se estabeleceu divergência e acalorada discussão, embora acabando por se dar o estudante por convencido, mas, no decorrer da mesma prova outra divergência se levanta sobre assunto relacionado com história antiga.

Não se desconcertou o moço e, muito senhor da sua razão, plenamente convencido dos seus profundos conhecimentos e alto valor, respeitosamente observou em termos que não admitiam réplica:

— Em Direito é V. Ex.ª quem dá cartas, como mestre proficiente que é. Cumpre-me acatar seus judiciosos modos de ver, bem mais autorizados do que os meus de principiante que sou; mas em História — há-de V. Ex.ª desculpar — não dou licença para que saiba mais do que eu.

Estes dois casos, entre tantos outros, em que o nosso passado é fértil, bem confirmam, demonstram exuberantemente e a todos devem convencer que a independência marca a personalidade que cada um deve ter, quer seja para orientar, comerciar, exercer o ensino, quer ainda para ajuizar, governar ou julgar.

E' que sem personalidade, personalidade definida, que seja o verdadeiro espelho de nós próprios, das nossas qualidades, ou defeitos, sem personalidade, o homem pouco mais vale do que a besta de carga, e menos valeria do que a simples máquina que fabrica objectos á medida que se lhe imprime esforço manual, ou se liga a corrente eléctrica, de maior ou menor voltagem.

O individuo que a troco de um prato de lentilhas, ou em presença de uma raza de loiras libras, vende independência, falseia seu intimo modo de pensar e dobra servilmente a espinha, bem merecia que fosse gravado seu nome na praça publica, mas seguido das conhecidas mazelas que lhe ensombram o caracter.

Para se subir na escala social, a primeira condição deve ser, ou deveria ser, posse de um elegante aprumo moral, necessário e comprovado equilibrio nos actos e atitudes, mãos limpas, limpissimas, convicção do valor próprio, próprio e real, sem arrogancias de balofa vaidade, mas também sem o excessivo acanhamento de uma parva modéstia.

Ser hoje exageradamente retrogado para amanhã aparecer apaixonadamente e deslavadamente modernista, ou vice-versa, consoante as necessidades do momento, interesses e lucros, é mal enojoso que se não deve perdoar, e, muito menos, se deverá consentir.

Pelas acções, pela educação, pensamentos firmes e indole benévola, o individuo é o retrato fiel das suas qualidades, ou defeitos, e neste caso é sincero e digno; ou tudo encobre e disfarça com a capa que esconde ambições desmedidas, prudente e engenhosamente estudadas, e não passa de um trafulha, autêntico charlatão, desmascarado trampolineiro,

Tudo isto são verdades bem sabidas e tão velhas como a existência do Mundo, porém acontece, e acontece frequentemente, serem levianamente esquecidas, muito lamentàvelmente esquecidas.

JOÃO IVO

FIDELIDADE 1835

Aos seus Ex.mos Segurados, Correspondentes, Colaboradores e Amigos, a COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE deseja um Natal muito feliz

A PRESTAÇOES

MODAS, LANIFICIOS, MALAS, MALHAS, GABARDINES

ALTA SAPATARIA

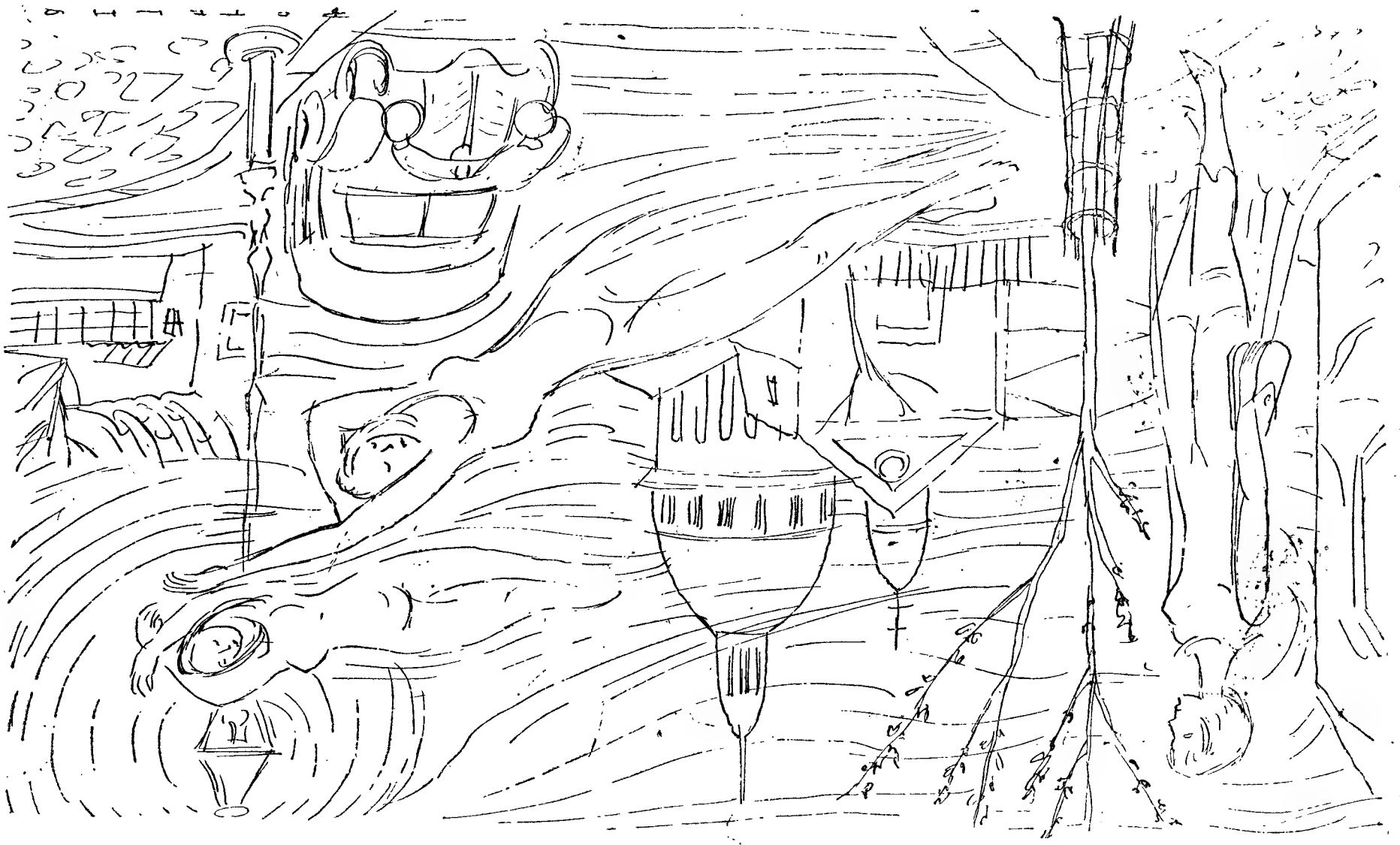
RELÓGIOS, OURO, PRATAS

CARPETES, LUSTRES, T. S. F. E MAQUINAS DE ESCREVER

2-C, Av. P. da Vitória, 2-D

AQUILINO RIBEIRO

OS OLHOS DESLUMBRADOS



sua atitude toda vibrátil e expansiva; apercebo-me da seriedade dos olhos dela e da retenção interior, quase trágica, da labareda que a queima. Aponto-os a Genoveva e tenho vontade de dizer em voz alta a inveja que me provoca aquele par em que a garra instintiva, latente, não destoa da pureza bucólica da Terra. Mas ela compreende-me, que eu vejo os cílios descerem-lhe sobre as pupilas trémulas e uma onda de lume vivo enrubescer-lhe a face. E baixinho, rezo mais do que pronuncio o verso de Sully Prudhomme:

Prends-moi sur ton coeur et fais signe à la Mort!

Um momento depois, quando, na vertigem do comboio, já se não avistaria, volvendo a cabeça, o lenço da manola a esvoaçar, Genoveva levanta os olhos para os meus: parecem asas que voltam cançadas de longe; fitam-me um instante para logo se perderem na revolta cinzenta dos montes. Ao cabo de curta pausa, ouço a sua voz doce, afoita, extática apenas, que me responde com o poeta:

La vie est bonne, on la bénit,
On rend justice à la nature!

E como ela hesite, ou se confine ali seu pensamento, ou seu remendar:

Jusqu'au rêve de faire un nid
On s'aventure...

Ouvindo os versos de tão arrulhadora meiguice, Genoveva baixá os olhos e cora de confusão. Pela primeira vez na vida, surpreeendo-me a bem-dizer as musas que adequaram ao meu sentimento uma expressão harmoniosa. Vou a tomar-lhe a mão, mas já ela, aprumando-se á janela e espraiando a vista, exclama em tom jovial:

—*Oh! c'est merveilleux! Il faudrait avoir des ailes comme les oiseaux; non, il suffirait d'être libre comme les oiseaux et pouvoir aller ou bon nous semble.*

—*Oh oui, rien de plus triste que l'homme prisonnier de l'homme!*

Tout au moins, quelle gêne! — tornou-me com uma bela afoiteza que lhe ignorava.

—*C'est un problème à nous...*

—*Très rarement...*

Desprevenidamente, ao fio dos versos de Prudhomme, continuamos a discorrer em francês, que foi — disse-me ela — a sua língua de berço. E no idioma do *franc-parler*, tão avesso ao esforço e ao constrangimento, apareceu-me Genoveva transfigurada. Até ali fora uma mulherzinha incerta, com raciocínios candidos e locução tímida, a fugir para o regaço da mamã. Queria parecer séria e era afectada; erguia-se em tacões de senhora e ficava pequenina no jeito e pueril no pensamento: revestia-se de modos largos de sociedade e era, sobretudo, colegial. Ainda que lhe desse o tratamento de dom, meus olhos teimavam em ver nela um deleitável *Chaperon Rouge*.

quando nelas anda a secar toda uma tulha de gordas e louras maçarocas. Águas, penedos, chaparrais cobrem-se de lhamas de oiro. Nas faldas da serra, o convento dos Premonstratenses, com a frontaria e as torres em ameias, parece aceso á glória do Criador. Altas pairam ali as preces como as águias. Sinto-me magnificado, a beatitude pagã do sol duplicada em mim da beatitude divina.

A Genoveva, que se levantara do recosto e me sorria, apontei a imponente fábrica e o desdobre da Terra. E as meninas dos seus olhos vi eu que se lavavam na luz e na beleza do mundo assoalhado, gratas e prazenteiras como pombas que soltam o voo depois de uma noite no pombal. E, de salto, no belo rosto os langores do sono e os enfados da viagem evaporaram-se; as próprias nódoas do fumo, sob onda vascular mais ágil, pareciam dissolver-se; ela toda readquiria a sua tão impressiva frecura de abrótano.

O papá, que agora estremunhou ao golfão de ar puro que arremete pela vidraça, mostra uma cara de convalescente, verde e amarfanhada. Como ele, os mais passageiros, a começar pelas damas de cabelo esbaforido e de caio emaçarocado a um lado, lambido a outro pelo suor, o roce dos abafos, a agitação automática do mau dormir. Envelheceram, perderam o aspecto convencional, e figuram pessoas de uma mesma familia, arrabenhadas por um imprevisto, ao saltar da cama. Seus esgares de espectros, ou de almas que acabaram de lutar com o pesadelo, documentariam a fábula de que o progresso é um atropelo das leis da harmonia, se me fosse possivel considerar outra coisa além de Genoveva.

Aqui vamos ambos, cabeça á viração, o corpo dela confiadamente encostado ao meu, subindo ambos as lombas pequeninas e ondulosas e os pináculos lanceolados de dois mil metros; acarinhando aquele jerico que, filosòficamente ocupado consigo, nem para nós fita as orelhas; sonhando com a casinha branca que além está entre árvores e nos conjura ao amor e á serenidade. Cotovias que se banham na labareda espacial do sol, de certo cantando, nebris que coroam os morros altos com o diadema fugaz dos seus voos, o meu olhar e o dela, entrançados, os estiveram prendendo.

Costeamos aldeias de cinquenta, de cem fogos, impregnadas de patriarcal suavidade. A nota particular da terra pirenaica lá está sempre: o torcícolo branco, argentino, de um rio de manso curso, deitado no valezinho estreito, ou a torrente que bravia e açodadamente desce a ladeira, quebrando-se em feixe de lanças, espumejando em mil rosas de neve, assoalhando, ao trasbordar das represas, o lume de um espelho descomunal. E é do levar destas águas e da sua limpidez imaculada que se difunde, mais que da revolta dos montes, sobre a Terra, um ritmo próprio, arterial, de pureza e alegria.

E prosseguimos, transportando para o panorama nosso mutuo embevecimento, jogando ás rebatinhas sobre os seres e as coisas braçadas de flores, que nossas almas são jardins onde desabrochou uma primavera miraculosa. Não trocámos ainda uma palavra de galanteio e, todavia, as nossas bocas têm já aquele indelével estigma de quem beijou e falou de amor. Bem o sinto na sua voz tão doce, ora reticente, ora múrmura, de uma inflexão em que soam os alaúdes do Paraíso. Pela carreteira real, que, tomada de desafio com a via férrea, ilharga contra ilharga, tem vindo apartando os montes e roçando a água fugitiva de um córrego, um par campesino entremostra-se, de mãos dadas, no enleio de quem se quer. Ela, com a ponta do lenço de ramagens a voejar, meneio lesto, cinta flexivel—promissora; ele, de alpargatas, blusa e boina á navarresa, passo seguro—dominioso. Quando o comboio rompe por eles, a um gesto do homem, estacam e quedam a observar-nos. Vejo os olhos dele risonhos e a

«OS OLHOS DESLUMBRADOS», NOVELA
DE AQUILINO RIBEIRO, FAZ PARTE DO
VOLUME «FILHAS DE BABILÓNIA»,
CUJA PRIMEIRA EDIÇÃO É DE 1914. O
TEXTO AQUI PUBLICADO — OFERECIDO
PELO «DIÁRIO DE LISBOA» AOS SEUS
LEITORES, COMO BRINDE DE NATAL E
INTEGRADO NO SEU NÚMERO 11.873,
DE 24 DE DEZEMBRO DE 1955, DE
ACORDO COM AQUILINO RIBEIRO E A
LIVRARIA BERTRAND — E O DA EDIÇÃO
DEFINITIVA, DADA Á LUME EM 1925,
COM UM PREFÁCIO-DEDICATÓRIA A
JOÃO DE BARROS

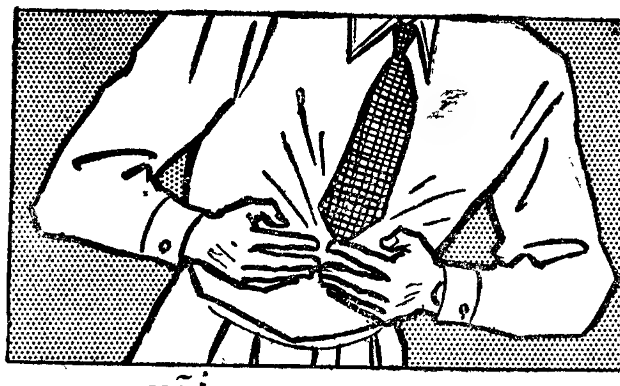
Nota do leitor

Mestre Aquilino Ribeiro deve ser um dos melhores presentes literários do Natal. Ei-lo, como brinde aos leitores, nesta admirável novela «Os Olhos Deslumbrados» extraída do seu famoso livro «As Filhas de Babilónia». Nada de rotineiro, corpos a enrodilharem-se, nas curvaturas macias do matrimonio, ou bocas capitosas a sorverem dos racimos obesos de seiva, a ambrosia dos deuses maticiosos, quando jogam com as paixões humanas — mas boa prosa lisiada, com tipos vigorosos, caracteristicos, arrancados á terra, de cerne duro, como os castanheiros da serra da Nave, berço fisico e literário do autor de «Malhadinhas», que servem de pára-raios das tempestades apocalípticas e de almedina das águias solitárias e orgulhosas, que cruzam, em grandes sombras a cordilheira heróica.

Muito da obra de mestre Aquilino é a aldeia rústica portuguesa: o timbre a crepitar na lareira, as saudades dos filhos que foram com carta de chamada para o Brasil, a neve juragueira a cair, branda e mansinha, com o seu sudário branco sobre a terra entanguida, os tipos fortes, abertos no granito da pedreira, com a marrã de ferro e a dinamite explosiva. Por vezes, na complexidade típica dos seus costumes, os seus amores rurais, os seus santinhos de devoção, as suas tragédias de honra, que só o sangue as lava, rosicleres de Primavera, com abolzes mas muitas para os pardais, e ainda o senhor abade, com o lenço vermelho tabaqueiro, e a «Celtidonia», arisca e saltitante, como uma corsa, ruiva e picada de bexigas, com duas cerejas rematinas nos lábios a pedirem quem as debique, e que afinal, o que há de mais belo, caprichoso e fascinante, no género humano.

Pois aqui tendes a novela «Os Olhos Deslumbrados», de Aquilino Ribeiro, oiro de lei da língua. Malhoa pintando os nossos costumes, tanto á brocha larga para as personagens toscas, arrancadas ao ethos, na originalidade da greda como com fino pincel de marta, para as veladuras das suas paixões e sentimentos — novela essa, porventura, a mais definidora da temática e do estilo do régio prosador português.

SOFRE DE INDIGESTÃO?



NÃO SOFRA MAIS!

Não há maneira mais rápida de pôr termo às dores de indigestão.
Os Pós Estomacais Maclean não perdem tempo! As dores, sempre incomodativas, desaparecem ràpidamente. A sensação de bem estar é profunda e permanente. Aprecie as refeições sem receio de incómodos e aproveite ao máximo um sono reparador sem o desconforto de indigestão.

Tenha um frasco sempre á mão—gose a vida alegre e despreocupado.

MACLEAN BRAND
STOMACH POWDER

O remédio de fama mundial no combate à indigestão.

OS OLHOS DESLUMBRADOS

I

Guarda ò Sophia, che il conoscerti causó in me amore et desiderio, perche il conoscimento ch'io hebbi tue amabili proprieta causó ch'io t'amassi, et lamarti m'invió á desiderarti.
Dialogi di Amore, Leone Hebreo.

«EM caminho de ferro, através da chã pasmada de Castela-a-Velha. Todas as tristezas do princípio de Outono, do entardecer e dos desertos, entraram para a carruagem, tomaram os lugares vazios, penduraram-se aos espaldares e ao nosso pescoço. Quase que se podem palpar; têm corporeidade de viajantas.

Ainda ouço e ainda vejo, ao longo do cais, os tamancos de Fregeneda, aqueles tamancos do cómodo e respeitável chefe que, de mãos encaixadas nas mangas do tabardo até os cotovelos, deixou que por cima de nós passasse uma lenta, bafienta eternidade. Eram de encouras, com testeiras de latão, e seu belo sonido de matraca rompia singular por entre o fragor metálico da manobra. Era a voz de presença da Espanha.

Há já uns bons quilómetros andados e, não obstante, as montanhas do Douro continuam a mover-se a Oeste, ronceiramente. Só infinitos rolando sobre infinitos têm aquela subtil cadência na mobilidade. Lá vão correndo, e afigura-se-me que o corvo, empoleirado além, naquele pinheiro solitário, está atento a vê-las correr. Não á enfiada de grandes ataudes sonoros que é o combóio, pois conserva o garbo castelhano — nem olhar á retaguarda, nem olhar em baixo.

A máquina esgalga-se pela planície fora, direita a um fugaz e parabólico horizonte. Surrada dos gados, com a sarna dos restolhos e da urze a grisalhar, parece que Deus nesta terra apenas semeou cinzas. Os próprios pássaros levantam da resteva, recuam e fogem de nós numa revoada irreal de fagulhas apagadas.

De largo em largo, ao sabor duma ondulação, aninha-se aldeia populosa. Casas baixas, da mesma cor unica, envolvente, ajoelham aos pés da paroquial, mole tôrva, gigantesca, mais desconforme que um elefante no meio dum redil de ovelhas. Nem uma árvore, ou tão raras que se somem á vista. Em Castela só á casa de Deus cabe dar sombra.

De largo em largo, lá se descobre ainda um homem de manta e chapelão de borla tangendo o azemel; em torno dele, a terra, pelo nu, pelo ar maldito, pelo vermelho imareável do almagre, lembra um calvário onde se vertesse tanto sangue que ficasse assinalado para todo o sempre.

para abalar. Os bandos de ibis, na hora crepuscular, ao despedir para as longas migrações, devem assim erguer, em roda, colos altos, secos e pensativos. Lembram-me também, pelo esgalgado, gigantes, que houvessem perdido a noite a bailar, no instante próprio de suspender a farândola. Mas têm todos um ar de majestade, um ar muito deles, que os distingue dos outros montes. A luz lá anda, dealbando-lhes a carantonha engelhada, aguçando-lhes as arnelas em lanceta, modelando lombas e encostas. De vê-los assim inacessíveis e em ruma, pergunta-se a gente por onde vai o comboio passar. Mas o comboio põe testa ao Norte e lenta, esforçadamente, rompe também em marcha a caravana ciclópica dos montes. E vejo-a deslizar, desaparecer á direita com o movimento, doce primeiro, depois célere e fantástico, de uma manada de reses grossas, abalando em massa.

Pela janela, virada ao Norte, quedo-me a ver a Terra colorir-se do primeiro sol como de escorralhas de azeite muito fino. E, possuida de uma alegria doce, mostra seus penhascos de tez sardenta, seus arbustos secos pela canicula, pássaros e mais pássaros, medrosos ou impassíveis á beira dos taludes, rebanhos nédios, a retoiçar pelo esteval, na rudez e sinceridade de um Presépio. A luz branda, etérea, suavíssima, tudo vai levando, até á própria água que não acaba de despenhar das ribanceiras sua scintila brava de cutelaria. Já os carvalhos, em hoste paralela conosco, correm nas escarpas, a grandes pernadas dos troncos robustos; já os pinhais se descobrem em sua bravura afrontadiça de guerrilha, pinchando de corcova para corcova, erectos sobre a rôcha, debruçados sobre o abismo, soberanos e esguedelhados. Uma casinha branca, entre choupos verdes e a chapinhar num córrego, figura-se-me a incarnação viva da felicidade; um miquelete, por aquêle nastro puído de carreiro, com a sua boina escarlate, dá mais alegria aos olhos que um papoulal em flor. O dilúculo varreu sombras, fealdades; é até a expressão de luta que se desprende da natureza pirenaica, conservando toda a magnitude, perdeu o ar trágico e doloroso.

Ao sabor da linha férrea, divisa-se uma peleja bruta de penedais, chamados desfiladeiro de Pancorbo. Na vertigem do expresso, mal se vê relampejar a «gare», que, alvadia e silenciosa, se ergue a breve trecho da garganta como pomba fascinada pelo olhar de um dragão. A locomotiva empenacha-se de um ondulante cocar de fumo e lança um silvo receoso. E lá vai, através de trincheiras cortadas na rocha viva, enfiando túneis e pontes, desafiando os precipícios do alto dos muros de suporte. Vai arfando, á cautela. A inscrição nas curvas apertadas, o reprimir dos freios a dentro da garganta, em que vêm articular-se, como tubos de órgão, côncavos, bossas e anfractuosidades da serrania, constrangem o comboio a uma variação musical não experimentada. E' um estreloiçar de pratos, arcadas ríspidas de violoncelo; grita de pretos e tinir de címbalos: o «jass-band». Voltou a meia-treva; o lanternim do tecto alumia novamente rostos tumidos e desfigurados.

Aproveito a passagem por este corredor de alta engenharia para ir tentar um arremedo de «toilette». Ao cabo de um quarto de hora, fresco, escanhoado—milagre da água e do ar—o espelho quase me quer persuadir que acabo de saltar da cama na minha casa da Beira. Sinto-me leve, remoçado; a par com os pulmões, enche-se-me o espírito de uma aura sadia.

Quando torno ao compartimento, com o baixar das trincheiras, vai a luz diurna crescendo; o seu bruxulear luta com o lampeão da Companhia, subjuga-o e, breve, ainda aquém de Bujedo, retoma a irradiação triunfal. Varada do sol bravo, a Terra semelha-se ás eiras em lájea viva,

Imprevistamente, só com falar em francês, a lingua breve, lucida, que coage o pensamento á rectidão e lhe empresta asas para voar, se guindava á maioridade com todas as ternuras, todas as malícias, todo o carácter da mulher. Já a sua palavra não era reticente, nem o seu espírito indeciso ou medroso. Dir-se-ia ter encontrado a neuma a cujo ritmo marchavam em forma impecável, nas Panateneas, as raparigas gregas.

Como uma roupagem larga, pesada, talar, assim a embaraçava a lingua portuguesa nos movimentos de sua alma bisonha. Feita por teólogos e pregadores, poetas melopaicos e homens rudes, devia tê-la eu já sentido a acalcanhar-lhe a personalidade, a obrigá-la, como censor ou aia devota entulhada de rapé, a permanecer de saia curta e cabelos em trança, em despeito do instinto, desperto ao turbilhão da vida.

Assim surpreendi em delito de carência a lingua que me deu primeiramente os sinais do mundo, embalada nas águas e cantada nos montes, devaneadora a mais, especulativa a menos, um pouco vulcanica, ainda a alancear mouros e a converter judeus. Nela a gentil adolescente ficava um botão de rosa, mal entreaberto e com um perfume leve, tenuíssimo. Na francesa, pelo contrário — inimiga do acanhamento pela impessoalidade que transmite á expressão oral, segura na polidez para recear o deslize de mau gosto, com uma probidade que guarda da hipocrisia e raro falha ao que se quere, civilizada, tão civilizada que atingiu o ponto morto do seu apogeu — Genoveva desabrochava mulher feita, dez vezes mais sedutora.

Já não tinha cobardia em ser coquete: já não hesitava nas passagens árduas da sinceridade; já toda a flexibilidade do seu espírito balouçava ao calor do meu espírito como vime ao vento. E era franca, sem descer a desenvolta; voluptuosa, sem deixar de ser casta; tinha sal, mas o sal moderado da Escritura. E agradeci ao *preux* e aos trovadores, ás peciosas e ás cortesãs, ao *faubourg* e ao palácio, aos Voltaire e aos Anatole ter criado por engenho e arte o instrumento maravilhoso através do qual a alma se filtra nua e clara como o sol por uma vidraça.

E, mediante a fala expedita, também eu me encontrei á vontade para desafogar do alvoroço que me tomara. Primeiro como galantaria, brincando, num simulacro de animo leve, como se a escolhesse para alvo numa batalha de flores. Depois, com seriedade, com ternura, com embevecimento, como se há meses e não horas nossos olhos se andassem falando. A minha voz era trémula, mas o meu espírito afoito, levado por vereda direita. E a divina adolescente, que de princípio me ouvia folgadamente, baixou os olhos e na purpura da sua face e nos monossilabos, quase murmuros, se me confessou rendida.

O je vous aime não veio aos meus lábios nem aos dela. O *je vous aime* ficaria para quando nossas bocas se unissem. Por agora ficava-nos uma certeza: nela, do meu amor intenso, inquebrantável; em mim, do seu seio desperto para o ritmo novo da emoção nova. E a sua mão aceitou a minha e, a furto, seus dedos se torceram contra os meus e falaram.

Desde aquêle instante, o mundo mudou para mim e eu com o mundo. Oh! *la vie était bonne*, e eu bem assente na vida, ditoso, forte, alheio aos negros pensamentos de minha suspeitada decrepitude!

A quebra que vem após a corrida para a felicidade, a beatitude absorta que sucede a um gozo espiritual, por muito tempo nos levou silenciosos, olhos perdidos ao longe, par a par, como dois noivos que, batendo a mesma pulsação, nada têm que se dizer.

Ladeiras de verde relva ou de rechinado restolho á sombra de altos pennascos, vão sempre perpassando. Aldeias de poucos fogos lançam-nos

seu sorriso pintalgado de entre hortas e pomares, onde a água, ora a borbotar nas aspas dum moinho velho, ora a esbracejar, de lima, num campo de pastagem, faísca branca e pura como freirinha atarefada. Ainda reluzem nos muros dos cômoros e nos mainéis dos alpendres os ventres róseos e lácteos das abóboras; ainda, num quintal soalheiro, duma haste longa e esfolhada de cucurbitácea, desabrocha a grande flor amarela, mais doirada e fantástica que o gral de Monserrate. Por sobre montes e terras de cultivo, casalejos e fábricas, a meus olhos deslumbrados, o Sol é mais que luz; tem personalidade táctil. Não o vejo na mesma plana que as mais coisas da criação; parece-me antes que essas coisas, essas serras, essas leiras e chãs foram feitas para o Sol passear, sentir, gozar, como domínio seu, apenas seu. E eu vejo o Sol em sua corporeidade adorável de *misser* com os olhos da cara como S. Francisco com os olhos da alma. Desce do céu? Sei que anda na terra. Está a ver-nos; está a ver que o observo. Leva as árvores no ar; sim, é ele que leva no ar, como andores, esses choupos esses salgueiros, todos os *verdes pinos*. E, voltado para nós, a sorrir como um grande e lampeiro sátiro, diz-nos também: Sejam felizes, seus namorados!

Em Zumárraga — gare branca atulhada dum mosqueiro de sotainas pretas — uma casa na colina atrai nosso pensamento ás doçuras presumíveis dos noivados. Os horizontes dilatam-se a perder de vista através de largos côncavos sinuosos. Desdobrando-se por eles fora, a floresta dá-lhes a aparência de lagos, em que as águas dormitam o sono morto, imperturbado. Lá longe, a onda vegetal desfaz-se em tufos, arraiais, procissões de árvores, contra o flanco duma das moles pirenaicas, enfarinhada pela poalha branca, que sobre ela vai joeirando uma nuvem vaporosa. Mas já a partir daquele côncavo as matas vão escalando umas após outras as ladeiras em anfiteatro, escuras aqui, baças além, até se esfumarem na distancia ao dobrar a corcova dos morros, para formarem novos degraus de outros novos anfiteatros. Por cima das imensas balsas, os oiteiros calvos, os vértices lanceolados, chispam uma luz crua de Sinai. Nas faldas cresce, pontuada de arbustos, uma erva verde, duma tinta tão fresca e mimosa que nem rodapé de veludo, acabado de tecer.

—Os horizontes de Roscesvales! — exclama uma voz á nossa espalda.

É o pai de Genoveva e a sua mão ergue-se a apontar os fuminhos longínquos que tremeluzem para lá da galopada dos montes.

Roldão, Angélica, Oliveiros e o Arcebispo, o desfiladeiro funesto onde *halt sunt li pui e tenebrus e grant, li val parfunt e les evves curanz*, pouco podem no êxtase visual em que se projecta e vagueia nossa alma incendida. Um bocejo mal sofreado, e o arquitecto fecha a sua Canção de Gesta para voltar á abstracta quietude da banqueta.

O comboio vai cauteloso por um troço da via em reparação, tropeando nos railhes com a ligeireza folgada dum menino a saltar de chulipa em chulipa. Como em todos os monstros da brusquidão, há também nele uma reserva de delicadeza. O penacho de fumo rasteja pelas rampas, esfarrapa-se nas urzes orvalhadas e fica a oscilar em flocos de algodão entre prender-se á Terra e subir ao Céu. Apita a locomotiva e os abetos e os piornos parecem escutar. Mas lá se passa a ravina, e esgalgando-se na recta, as cem rodas batem um compasso endiabrado. Cortamos em diagonal a chapada dum monte, no sopé do qual se avista um ribeiro correndo a bom correr, por entre alas de choupos para um valezinho, como prata de Delft, azul e esmaltado. Hortas, perfis acutangulos de casas, ruas em quincôncio. uma aldeia. Cabeças de mulher ás janelas, vultos moventes, bandos imóveis... e outra vez a serrania com bouças tapetadas dum verde muito terno e coscoros de rocha bruta.

V

Oh serra das estrelas tão vizinha.
Quem nunca de ti, Serra, se apartara!
Ou quando se partira esta alma minha
Da terra, nesta tua me enterrara!

Várias Poesias, Fr. Agostinho da Cruz

ALTURAS de Briviesca, o Céu parece-se com uma grande rosa barnca na brancura igual e mate. Acabaram de diluir-se os fominhos roxos da alba e só ao largo, ao rés dos montes, uma leve babugem de azul mascarra os bordos da copa celeste, deborcada sobre a Terra, ainda baça e adormecida. Não flutua na atmosfera quieta o nimbo mais ligeiro; a estrela de Vénus brilha nas maciezas lácteas dó Norte, como a cabeça dourada de um prego a segurar o dossel de uma tenda.

Na luz terna, quase tímida, as coisas guardam a morrinha que acompanha o espreguiçado momento de despertar. Pelos cerros, a meio dos restolhos rechinados, é mortiço o friorento o verde do arvoredo. Os penhascos têm o ar contraturado de quem olha. E a água, que vai correndo da ladeira e, nos saltos, espadana escuma e laminações de prata, inalterável, funde-se na dolente imobilidade da manhã.

No vale, mais abaixo da via, a névoa estende e coleia sua «écharpe» de gaza fluída. Tão leve é que se vê oscilar e se adivinha ser o hálito nocturno, imponderável, de um regatinho de veia pura. E copiando-lhe o ritmo e a cor, deitando-se-lhe no leito sem lhe torcer a linha de direcção, transfigurou-se num vasto e plácido rio, em cujas margens as moitas, meio embebidas, erguem uma flora irreal, só sonhada.

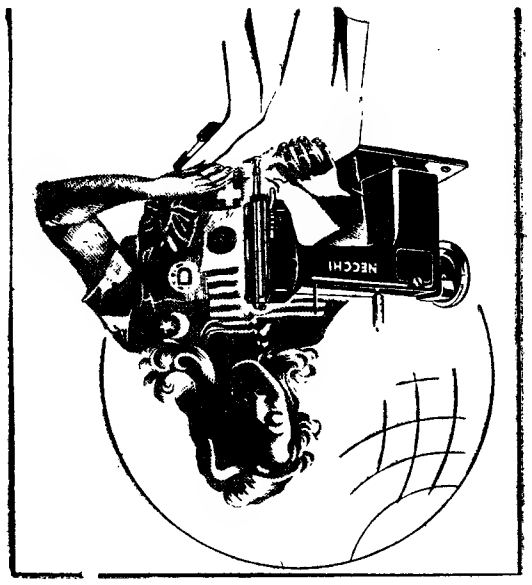
A locomotiva escarva e os rodados patinam no carril molhado do rócio da noite; azuleja-se mais o Céu e, lá para os Cantabros, a luz refracta do Nascente semeia uma poalha irisada de cor purpura e laranja. Subitamente, numa curva da via, majestosos e longínquos, deparam-se os Pirenéus. Não é uma cordilheira; é um arraial populoso de montes, que ali se erguem cristas esgrouviadas á espera do Sol.

Já a primeira labareda doura o coruto de uns, enquanto os flancos guardam o cendal violeta da sombra. Mar de vaga alterosa, têm um cariz sério, um cariz de imensidades que aguardam deliberadamente o dia alto

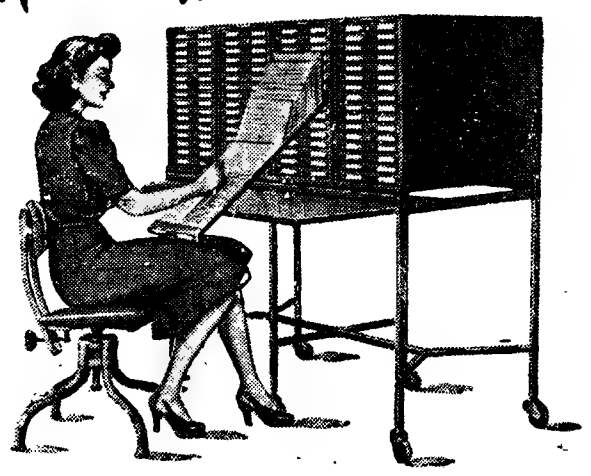
Representantes:
ESTABELECIMENTOS Sidul, LDA.
R. DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEFS. 33027-22564 • LISBOA

A MÁQUINA QUE COSE COM AS VANTAGENS E QUALIDADES MECÂNICAS QUE LHE DERAM FAMA EM TODO O MUNDO

NECCHI



Melhor organização? Maiores lucros!



SEELDEX
SISTEMA DE FICHAS VISÍVEIS

INDÚSTRIA NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

VENDAS • CRÉDITOS • COBRANÇAS • EXISTÊNCIAS • ASSINATURAS
PROPAGANDA • MÃO DE OBRA • PREÇOS DE CUSTO • ETC. • ETC

SERVIÇOS PÚBLICOS • COMÉRCIO • INDÚSTRIA • PROFISSÕES LIBERAIS

RESOLVAM OS PROBLEMAS QUE SE LHES DEPAREM
UTILIZANDO O SISTEMA VISÍVEL "SEELDEX"

CONSULTE

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, LDA.
LISBOA: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º — TELEFONE 2 4986
PORTO: A. LENCASTRE & SOUSA — RUA DE SANTO ANTÓNIO, 216-220

Sinto que os seus olhos me passeiam, procuram inteirar-se do meu *eu* social pelo trajo, a fronte em vasta meia lua, o jeito desarticulado que me deu o uso do florete e o abuso de viver. Como são inocentes, não há perigo que descubram os artifícios sob que a minha decrepitude se esconde: os cabelos grisalhos tingidos um a um, o rosto, como de romano, escanhoado até á altura das têmporas. Resta a descoberto o lábio grosso que tantas vezes me obriga a maldizer de quem inçou de borbulhante mulataria a nobre casa ariana — o navegante possesso da Vénus cafre e o berbere invasor.

A senhorita vai examinando; está agora no halo de características imateriais que de mim se desprendem como de todo o civilizado com célula nervosa. Baldado empenho, sou inconsútil como ovo de serpente, ou assim me considero. Forma, porém, a sua ideia e nunca há ilusão numa ideia que nasce para morrer.

Esta criaturinha é louçã, fresca como abrótano e curiosa, quanto me bastaria anos atrás para me mover em enamorado. Enamorado, mas dominando-me e conduzindo-me como gerifalte de afiados esporões. A mulher nunca foi para mim um prémio a levantar nas justas da galantaria. Cedo apurei que tanto o homem que adora como o homem adorável raramente são o adorado. *Mulier*—explicava certo mestre de latim—quere dizer *molis aer*, pois que fácilmente aquenta, resfria e embrandece como o ar. Que a sentença era mais certa que a etimologia demonstrou-mo o conhecimento que adquiri da mulher, sempre mais apta a impressionar-se que a sentir, mais propensa á curiosidade que á admiração, menos cativa duma certeza que dum porquê. O luxo de tagatés de ordem reflexa, pelo qual se traduz a concupiscência que os sexos, independente da vontade, transudam de poro a poro, o orgulho balofo com que, sem excepção na escala animal, se enfeita o macho, a sondagem de olhos nos olhos, a piegas e dengosa solicitude, as finezas reveladoras de simpatia, o «faire le beau», o dar nas vistas, são processos aceitáveis e, por vezes, eficazes num rapazola. Os meus, desde que me conheci, eram mais calculados e sinuosos que os dum caçador de gazelas. Por legítimos os tinha á face das leis da guerra que se vem travando entre os sexos, com beneplácito de Deus, desde que o mundo é mundo.

A fascinar a donazinha de pé pequenino, que vai aqui, nem Belial desejaria ser. Um jovem cura persuasivo, um poeta romantico ou colegial de buço a apontar, sim. Vem-me até o receio de que a assuste: mas, não, estou a sentir em minha pele, como raios nascentes dum sol claro, os raios do seu olhar.

Desvio dela toda a suspeita de atenção, em contra do instinto marrado nela como podengo ante caça de altanaria. Alheio-me até, e ouço a musica bárbara do comboio e em seu diabólico volume colho doces canções, vagabundas.

Com a ponta da braçadeira limpo a vidraça bucia, e avisto do lado de lá da via, desfilando para trás a grandes pernadas, com o seu vagalhão aéreo de trouxas verdes, um velho e extenso pinhal. Na erma planura este pinhal tem um ar estranho, ar de floresta que, por graça de Deus, foi capa dum Cid Campedor, numa cilada aos infieis. Entreabriu o Céu, e os troncos e as corutas da primeira fila recortam-se com uma nitidez de embutidos pretos no cobalto do Poente. E nunca o seu porte me apareceu mais soberbo, nem a sua distinção de todas as outras árvores mais funda. Agora á mata de pinheiros bravos sucede uma segunda de pinheiros mansos, depois magotes duns e doutros, espaçados. Os bravos recordam-me os mendigos gigantescos de Valle-Inclán, batalhadores e agrestes, comendo na terra com raiva, esbracejando com raiva a pedir ao Céu chuva e sol ao mesmo tempo; os mansos — extáticos colossos,

—É as praias, onde um badamoco acatitado lhe fará a corte?
—Resignar-me-ei.
—Então anda, mas não esqueças que polas sobre a fronte a coroa de espinhos do amor. Ela é moça, tu envelheces. Estas alianças quebram, as inais das vezes, por aí...
—A ventura!
—E Elsa? ¿Como te desligarias de Elsa?
—Como me desliguei de Leonor, de Marta, de tantas outras.
—Quem com ferro mata com ferro morre...
—A justiça é uma parábola celeste.
—Bem, anda lá, pobre, louco, velho, perverso...
—Queira ela! queira ela!...

Genoveva acabava de despertar e, sem se mover, meia estremunhada, eu via-lhe já as pupilas, vivas de lume, duma curiosidade de gatinho novo, madrugador, assestadas por entre o rebuço da mantilha sobre mim. Amanhecia. Uma neblina leve, quase irreal, trespassada da luz nascente, vestia os campos que pisou Cid el Campeador. Corriamos as portas de Burgos «a insigne cidade, mãe de reis, restauradora de reinos», Imóveis, as árvores pareciam dormir ainda, aconchegadas a mantéis gelados, diáfanos, da cor das cinzas voando. O arfar da locomotiva cortava mais ríspido, mais cru, o silencio da terra. Mas o fragor do comboio e o estrépito dos rodados, não os ouvia. A languidez imponderável da aurora, como a que prendia Genoveva na banqueta, enlicava tudo. Ela porém fitou-me e, só em fitá-la, lhe disse tudo o que me viera precupando, contei-lhe tudo, e a meus olhos sinceros seus olhos floridos conjuraram a não temer.

¡Como me seria agradável ter nascido, viver, morrer nestas paragens, dormir o sol fugidio, jogar a pelota, amar num *pueblo, allá, lejano*, uma Genoveva, para ver a qual fosse preciso vadear torrentes e geleiras e desafiar os ursos, se ursos magnificam ainda esta comarca assombrosa!

Comunico á joia das joias a aspiração de minha alma, enamorada dela e da natureza pirenaica, e ouço-lhe exclamar, alegre como a cotovia que além, se banha na morta chama do Sol:

—Também eu gostava!
—Mas eu só gostava contigo...

A sua boca não me responde, mas a mão aperta a minha, e diz-me que sim, que só comigo, de noite e de dia, na dor e na ventura... por todo o sempre!

—Seria o salto de um quinto andar. Dela só sabes que é bonita, tem o pé espiritual e o talhe voluptuoso. Imaginaste uma pilha de promitente sensualidade e por aí veio a atear-se o teu delírio. Não duvides, o amor chega nos deliciosos pela luxuria. O que sabes dela, se é o suficiente para uma amante de duas noites, é já escasso para uma amante de oito dias. Para esposa, nada. Ela pode-te ser diametralmente oposta, farfalhuda quando tu és taciturno, toleirona quando tu és um delicado, gostar de fadinhos quando tu não suportas um recital de órgão. Pode ter taras físicas, ter medo dos gatos que tu adoras, tocar boleros no piano que tu abor-reces, gostar de valsar o tango. A família, quem é? Na sua linhagem a matéria vibrátil, vinculável, pode tão bem derivar de um herói ou de um santo — atavismo á considerar — como de um salteador dos caminhos. Ou, deslumbrado por suas formas especiosas acaso pretendas que possui costado divino como Eneas? O que é indubitável é que terás de suportar a mediocridade do pai, afeiçoar-lhe, passo a passo, muletas para andar... Risonho, hein?

—E que mais?

—Dando de barato que nenhum destes contras exista, pensaste já no que seria esta almazinha inexperiente, ao pé da tua, monstruosa, insaciável de tudo, cansada de tudo? Pensa bem... aquilo é veio de poucas águas Em curtos dias, senão horas, esgotá-la-ias: sua jucundidade, seus meandros de sentimento e de sonho, seus transportes, sua compreensão e intuição das coisas. Devassarias a sua alma tão cedo como o seu corpo. E tu, porque és um voluptuoso, precisas, além dos braços que te apertem, de almas, de uma alma que se multiplique. Precisas da alma mil-almas. Breve a conhecerias como as tuas mãos, e ela não teria nada de novo a dar-te, porque se daria de um jacto e sua inflorescência não lhe permite, por ora, renovamentos. Com que havia de comprar-te, a pobre, pelos tempos fora, para lá da fácil lua de mel? Esta não te serve.

—Quem me serve? *Vilis Amythone, vilis mihi candida Cidno, Non oculis grata est Atthis ut ante meis!*

—Sim, sim... dessa espécie, dobradas de Corina.

—Estou farto de correr a aventura louca da insaciedade. Esta bastar-me-ia, formosa como é, tendo apenas a mais o chilrear simples dum pintassilgo.

—Bem, mas passando por sobre esses mil contraditórios, esta mocinha tem necessidade dum homem rico, terno, moço, sentimental, todo dela. Consumiste quase a paterna, a ponto que, se não fora a providência de teu irmão, irredutivelmente celibatário, terias de recorrer ao emprego publico; toda a tua preocupação — não obstante esse ar incrédulo que afivelas quando aludes á tua lavra de escritor — são os livros, o teatro, as criações que se agitam por vir á luz no teu cérebro febril. ¿Ternura, de pai com a nevrose do artista, tê-la-ás sempre?

—Não sei, nem me importa saber. ¿¡Que é o sentimento senão a mola oculta que nos empurra pela colina da vida, para cair ou nos exaltarmos mais, equivalentes, afinal, do mesmo transito irrefragável?! Obedecer é a nossa obrigação, a nossa melhor obrigação de superiores.

—¿Deixarias a Europa, o teu diabólicamente adorado Paris para morar na aldeia?

—Porque não?!

—Daí, quando o inverno aperte na Serra, ¿levarás tua mulher, que fatalmente tem apetites de sociedade, aos teatrelhos de Lisboa, ás exposições de arte rançosa, aos chás dos Ribalta e outras niquices enfadonhas?

—Resignar-me-ei.

um pouco fátuos, preocupados em ajustar a grimpa á doce e religiosa cuíva do hemisfério celeste. Mas lá vão sempre... e figura-se-me que passam de roldão coros de monges e hoúdas.

Desparece á retaguarda, definitivamente, o pinhal fantasmagórico. O Céu esurrecen e, através da vidraça, mal se distingue um sudário no horizonte. Depois, por fantasia ainda da retina, na vidraça, onde com a ponta da bragadeira descrevi um rosetão vertiginoso, e as gotas, esbagoando-se, riscaram delgados bambus, começa a debuxar-se uma flora caprichosa. São plantas oriçais, como há nos parques das cidades, com uma placa de esmalte a dizer-lhes o nome. E arbustos vivazes de forma especiosa, alinhando em alamedas regulares. No primeiro plano, de repente, depara-se-me um gigantão de perna de pau e barretina de cetlho, a tocar gaita de foles. Um homuncúlo dança e é o riso Marina. Depois o arvoredo dilata-se, alarga-se até o cansado estuminho dos longes, florido como se sobre ele pairasse um perpétuo e paradisíaco Maio. Velo magnólias de excelso porte, com grandes e claros cálices embocados e caídos como taças de bacanal, olaias estreladas de amethstas, laranjais com os frutos a luzir por entre a folhagem carnosa, semelhantes a pequenos sóis Minha pupila é uma feiticeira: a mágica enfada-me e tudo se esvai como as riquezas de Pedro Cem.

Onde terá os olhos a minha doce companheira? Onde deitará o pensamento? — perpassa-me na consciência, mais breve e brando que sombra de asa no voo.

Da alucinação óptica, descaio no jogo mecanico, racional, de que há de mais exitvo em mim, que é o cérebro. Ponho-me a submeter o comparlimento a cálculos aritmeticos. O tefadilho compõe-se de vinte e seis ripas ou vinte e sete, computo feito duma emenda. Não ostenta em seu verniz luxuoso bosques irreais, mas a um canto, lá descubro uma perfeita máscara de histrião. Os olhos são duas dedadas de lampianista, a boca uma junta que arreganhou com um presumível descarrilamento. Um, dois, três, nove letreiros inumeráveis letras, trinta aqui... vinte e quatro além... goras, anchas, escorregando nas paredes como lagartas em procissão Os cuidados que á Companhia merece meu esquelelo pereglinante desvanecem-me Fala nejes o estatuto e a fraternidade cristã. E, por detrás daquelas vozes gnómicas e instruções proveitosas, sinto a Espanha imperial e católica que, por cada soldado, aparelhava um pregador.

La desponta, segunda vez, do batuque raivoso do aço uma terna melodia errante. Concentro-me a dissocia-la da bulha horrisona das rodas: suspira, treme, e chorando se esvai para volver de novo flebil e magoada Parece a «Morte de Ase», cantada pelo mar.

Nas malas dos passageiros, as argolas, cravadas com seis pregos cada uma, mareiam com o suor das mãos. Num rótulo de despacho, a mais ventruda estadeia o nome de Coimbra. Coimbra, um estrelejar de cimbalos os meus dezanove anos, em volta dos quais o sol, a lua, os astros e as mulheres giravitavam.

Se «o estilo é o homem», a mala é o viajante. Das malas que aí se vêm, uma tem a «house» repontada a vermelho quando a cor é de acaríão. Por baixo, o cabedal engelhon e gastou-se com os baldões. Foram enovadas as «houses» e falam baixinho de medinla que têm vergonha de se mostrar. Entre a bagagem vai amolentada uma condessinha, em lamelas de verga de muitas cores. Talvez a tecesse um penitenciário... um honrado e barato cesteiro. Que importa? É o penhor duma familia simples e amorável, acomodaticia cpm os destinos, daquelas que celebram os aniversários com sonetos é pudim de gila e têm uma sala de receber fechada, reservada, com cadeirões e sofás envoltos

—Não sei... Tenho medo de não me enganar. Mas sossega-me, Deus do Céu, sossega-me.

Pus-me a amimá-la, passaritando-lhe a nuca de beijos:

—É's uma doidinha!

Ela escapuliu-se-me dos braços:

—Até os beijos são outros... São como os beijos que se mandam nas cartas ...que não sabem á boca. Não... não!...

—Amiguinha, — disse eu, com olhar simuladamente chocarreiro — não estou para aturar as tuas insensatas crises de nervos. Chega á cozinha e quebra dois pratos.

Elsa torceu a cabeça, os lábios, arqueou a omoplata direita, e vagarosamente volveu a penhear-se. Fingi enterrar-me nos lençois até as orelhas e reparei que as lágrimas lhe vinham aos olhos. Acometeu-me o desejo de sair da cama, cobri-la de carícias, pedir-lhe perdão do que maquinara contra ela, mas o orgulho — só o orgulho — deteve-me.

Chorosa, de mão subtil, Elsa ergueu finalmente a dobra da roupa e, humilde quase, murmurou:

—Já me não amas?

—Amo.

—E sempre?

—Sempre.

—Da raiz do coração?

—Da raiz do coração?

—Amas, como quê?

—Como quê? Como a absoluta, a incomparável.

—Tinhas uma imagem: com o amor do leopardo á leoparda.

—Com o amor do leopardo á leoparda

—Mas estou inquieta, não sei porquê. Ouve, meu amorzinho: o ano passado, sofrias vendo o meu grande apego ao teatro. Lembras-te? Foi na época em que desempenhava a *Casque d'or* na *Poudre d' Escampette*. Não havia modo de te resignares a ver-me sapatear de gaze na cinta e pernas e peito ao léu a *Bousse-bousse*. O belo escandalo que fizeste na *première*. Tinhas ciume de tudo, até mesmo da tua sombra. Não dizias que os olhares imundos da plateia eram mil farpas de besouros a ferrar-se em teu coração? Hoje, mal te falo em abandonar o teatro, indignas-te: digo-te que teus amigos me requestram, gracejas. Tenho ou não motivos para estar suspeitosa? Depois, sabes, quem ama dispõe da segunda vista, essa que lê nos corações amados através do tempo e do espaço. Teu coração engana-me... — dizendo o quê, alçou o dedo em blandicosa ameaça.

—Loucuras, Elsa. Sou o mesmo, o mesmo!

E, como continuasse a chorar, envolvi-a em meus braços, vencido, dominado por aquela tão bela fragilidade.

—Espera... — e, acabando de despir-se, jovialmente já, entrou na cama.

Ante aquele corpo tépido, amoroso, ligeiro, duma ternura não mentida, esquecendo tudo, cedi á vertigem que de muito longe me levava».

santemos roxos da jardineira. Eu corria e recorria o aposento, irritado.

—Que capricho... Consulta-te com alguém... ouve João Paulo...

—João Paulo!

—É um inteligente e leal amigo...

—... que na tua ausência me fez a corte.

—Ainda se faz a corte em Paris?

—Não te escandalizas? — interrogou ela num repelão, olhando-me em face.

— Não; conheço João Paulo como a bengala a que me encosto. É um excelente rapaz que deseja por ociosidade. Amador de almas, mais nada.

— E se te disser que fui sua amante?!

— Também me não espanta. O português gosta da mulher do próximo.

— Aceitasse eu! — e deixou-se cair no sofá, pensativa.

Continuei deambulando, cara estanhada, por uma reviravolta sobre mim mesmo com o pensamento em Genoveva, a enleada inocência. E, em meu êxtase interior, ouvi a voz teatral de Elsa:

—Onde está o ciumento com fígados de tigre?

A velha entrou, deu uma volta de mão ao quarto de dormir, outra á saleta.

—*Le petit déjeuner?* — interrogou ela.

—As nove horas em ponto — respondi eu.

—Estás doido. São quase quatro horas. As onze, M.me Caldaguès, ás onze — proferiu Elsa, indignada.

Passámos á alcova, alegre de todo um mobiliário simples e cómodo, á bávara, a chaminé e paredes aquecidas de bugigangas arrebanhadas por mão amorosa. O Cristo de Morales, á cabeceira da cama, falou-me com enternecimento do trajecto de Espanha e da inefável Genoveva.

Silenciosamente, procedi ás cerimónias do deitar. E, silencioso, acendi um cigarro e meti-me na cama. Recostei-me a pensar na outra e meus olhos poisaram sobre Elsa que se despia. Em silêncio, também, tirou ela a blusa, a saia, que lhe dava, em união com o corpete, a linha justa de campainha veneziana, e desatou os cabelos. Preguiçosamente lhe escorregaram pelas espáduas como uma chama ondulosa, muito rutila e aromática. Em calças de seda preta, meias duma transparência de teia de aranha sobre o sapato de fivela, uma fronte de neve pura, não era a actriz farçola do bulevar, mas um dos efebos que ás vezes vinham albergar-se em minha imaginação. Em suas formas seus membros enxutos de *fausse-maigre* não havia traço de libertinagem. Era rija, fresca, voluptuária, desta voluptuosidade que encerram as virgem na sazão de romper. Visto ao espelho, suavemente ordenando o penteado de noite, dir-se-ia uma mulherzita, uma carochinha de esposa que ainda dormisse nos primeiros lençois de noivado

Espiando-lhe os gestos, languidamente me iam penetrando os efluvios que derramava seu corpo luxurioso. Ela, apercebendo-se de que era observada, disse a rir:

—Estou uma velha...

—Se o estivesses, não o dizias — respondi eu, rindo também. — Vais entrar nos vinte e cinco, não?

—Upa, upa, vinte e sete! — e ficou a olhar-me muito parada, as mãos suspensas nos cabelos.

—Estás uma criança — tornei eu num trejeito, automáticamente.

—*Mon petit!* — exclamou ela, acercando-se. — Que tens tu? Tu não és o mesmo...

—Não sou o mesmo? E' boa!...

—Não és, estou a ler na tua alma; é outra; não é a minha alma.

—Que diz a intrusa?

em guarda-pós de lona como mumias reais num panteão. E se assim não é, devia ser.

Reflectindo, afinal, ser louca presunção supor que os olhos dela passeiam ainda sobre mim, considero que na cretone do encosto, por detrás do papá, há uma queimadura de cigarro ou de charuto, e vem-me o apetite de fumar. Chego a sacar da cigarreira, mas não me decido, teria de pedir-lhe licença, interromper com uma vénia banal a tessitura da rede que a seus sentidos meus sentidos vão lançando. Volto a doidejar com o pézinho que, inadvertido ou inocente, na perna cruzada, se mostra tão diabólicamente tentador. Deve ser um pé de neve com unha cor-de-rosa e veias de azul diluído em leite. É um pé que anda alto, duas polegadas acima da terra, e dá a seu torso a quebradura de Niobe espavorida. Os felinos inflectem assim no salto. É também a linha incidente da queda. Este tacão especioso apareceu tarde. Mediante ele, a batalha da Idade-Média, entre as diabruras do espírito e a divindade da carne, ganhá-la-ia a mulher.

O pé dela é rechonchudinho sem demais; cabe numa casca de laranja; quase o cobre um beijo. Se fosse a minha amante, os seus pantufos,, ao desnudar do corpo, bem sei quais seriam... as minhas mãos trémulas.

Fatigo-me de divagar. Meus olhos correm, afinal, afoitos a buscar os seus que fogem. A volupia de vê-la, ao menos, não ma pode ela tolher. Visualmente é minha; de sua pele, sua cor, seu modelado, seu talhe gozam-se estes que a terra há de tragar, tão real e perfeitamente como estando em meus braços. É uma posse e, nela, queira que não queira, perderá um pouco da sua pureza de líris.

Difícil de definir se é já mulher, se ainda criança. Tem a estatura feita, mas a expressão é a duma flor que amanhece. Mas não vale a pena rebusca; mais tenro que ela, para divino gozo, arrebatou a águia a Ganimedes.

A linha *mater* do seu rosto, candida e blandiciosa por igual, acorda em mim reminiscências... obstinadas e indefiníveis reminiscências, dum outro rosto de que meus olhos ainda guardam um revérbero de sedução. Sem duvida há nele, mais que os traços semelhantes, o não sei quê de divina harmonia, predestinado a meu gosto, que me trouxe cativo de mulher. Por muito tempo procuro na memória e, de salto, como no cotovelo dum caminho, aparece-me Maria Paula. Foi ela, a minha frágil e vaporosa pateguinha, ela que pôs a cantar em meu peito todos os alegres pássaros do mundo, quem para mim sagrou gentil e sempre amável o jogo de formas que é a fronte desta boneca. Foi ela, meu alvorecente amor, quem traçou o paradigma de beleza fora do qual os meus sentidos se não deixam comover! Eros poderoso, o princípio da nossa simpatia jámais será outro que o do primeiro estigma que o teu olhar inefável impôs em nossa alma confusa! Assim aconteceu a Descartes que tomando-se de paixão, na adolescêncita, por mulher que era zarga, não ás de lindos olhos mas ás olharapas ficou rendido a vida toda. Maria Paula era perfeita de feições e esbelta de talhe e, como a prímula dos montes, derramava de si a graça primaveril e a pureza da neve. Vejo-a, como se fosse há vinte anos, com lenço vermelho e chambre de riscado, presa do meu garbo de *estoira* e fidalguinho, passar e repasssar á porta de meus pais. Andávamos tontos um pelo outro, mas ela era pudibunda e eu ridiculamente tímido. No adro de S. João, uma noite, beijei-a na face que era para meus olhos o espelho do mundo todo. Recebeu submissa meus beijos e sua submissão, que me parecera triste e só era ditosa, me estorvou de ir mais longe. Parti, estudei, corri mundo, fui amado e tive amantes na minha terra e noutras terras. Quando tornei

Onde o sono me levaria, sei eu: ao detestado moço-velho que escondo em mim, amarrado ao pelourinho de trinta e oito anos, cheios e pesadões; insónias e noitadas escritas na face; o topete, rompendo o escantoado da fonte, penacho de gavião velho. Talvez o lábio, escorregando, se parecesse, em sua congestão de luxuria, com uma lesma engoiada; talvez da boca se escapulisse o hausto roufenho dos realejos que têm um século de peditório. Senão tudo isto, mais temível que ser surpreendido a bifar um lenço de assoar, pelo menos deixaria de ser o que vitrualmente sou. Seria eu mesmo, consoante a madre Natureza, e mais exacto, mais idóneo, sou o que por artifício me fiz, numa palavra, o que não sou. Aí cheguei por uma metamorfose infinitamente subtil, quase subconsciente, por isso mesmo incerta em teoria Que é moral, diz-mo a intuição que tenho de que Genoveva, ao surpreender-me em meu natural invólucro, sentiria pena, a hedionda, a abjecta pena de quem é para quem não é. Por isso me resguardo. E se houvesse alguma vez de repousar ao lado desta cabecinha deliciosa, antes que meus olhos se fechassem, havia de assegurar-me primeiro de seu sono solto. Ou teria uma torre com fechaduras de segredo para me encerrar e dormir o sono dos justos. Esses casais de burgueses que amam, dormem e acordam no mesmo leito de ferro, como eu lhes invejo a ingénua animalidade!

Não posso e não quero dormir Deixá-los voltejar bem vivos e aliciadores sobre a divina cabeça, os silfos alados do meu desejo. Em sono, abrandariam a farandola. Que bailem, que cabriolem, que quebrem e se requebrem até a embriagar, até a enlouquecer, até que arranquem á roda os génios voluptuosos que, tímidos ou dormentes, há no seio dela.

Ela dorme e é a sempre-mesma. Talvez um pouco mais anjo na imobilidade. Seria uma heresia procurar reversos. Nada de novo lhe encontram meus olhos, mas não meu sentimento, mais criador que o Padre. Passo a passo, aí descubro horas loucas e horas de remansado carinho, acolhidas ternas e adeuses suspirosos, enlevos do espírito e arrebatamentos dos corpos, tudo o que encerra um tronco vibrátil e um coração leal.

E quedo-me a sonhar, a sonhar conscientemente, enquanto os olhos divagam dentro dos quatro taipais que nos levam. Foi-se embora a *maja*, foi-se embora o estrangeiro incontemplativo. Quem vai connosco, não sei. Manchas esbranquiçadas, manchas baças, tremulantes — devem ser passageiros. Entre elas, só considero que o arquitecto vai tombado sobre a ilharga como a Torre de Pisa. O dispersivo morreu em mim, desde que os olhos de Genoveva começaram a falar para meus olhos.

Chamo-me a juízo proba e sinceramente, tanto mais que ninguém está no Pretório. Franco falar, o de meu irmão lavrador que tem a singeleza impressionante do rei Vamba.

—Doido varrido! Doido varrido! Cai em ti, consulta o entendimento, e hás-de soltar risadas malucas sobre esse disparatado sonhar.

— Aí vem o meu anjo da guarda... não, Catão. Mas disparatado, porquê?

—Porquê? vais a ludibriar-te e a ludibriar esta criaturinha. Tu és a volubilidade, ela a inocência desprevenida. Conquistá-la-ias hoje para a repudiares amanhã. Que se renda, e breve chorará o cativero.

—Não vejo, sequer, a possibilidade da entrega...

—Essa possibilidade desenha-se. O teu prestígio de homem de letras deslumbrou-a; a novidade do amor seduziu-a. Ela sonha contigo... contigo... contigo, talvez marido rico, artista, eternamente amante, gloriosa contigo glorioso.

—Prouvera a Deus!

—Mas é certo e sabe-lo bem. E, ouve, prender-te-ias a esta rapariga?

—Porque não?!

VI

Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejam de firmeza acompanhadas.
Rimas, Luís de Camões.

JÁ rolamos em terras de França. Há uma boa hora que lá vão os Pirenéus, damasquinados de Sol, e o meu louco sonho de ser um camponês basco, fanático de Deus e de D. Carlos, e alta noite, descarregada a mulinha do contrabando, vir de escopeta ao ombro abraçar Genoveva, trémula de frio e de receio ante a Virgem do Pilar. Já lá vão as garças reais, toucando de diademas fugitivos os morros altos, os arroios, lépidos a saltar os alcantis, os miqueletes de bóina vermelha, e a minha alegria, como tudo em volta, ágil e desassombrada. Há pouco, por alturas de Hendaia, á mesa do restaurante, diante de rapazes de vinte anos, sadios, vivos e tolos como novilhos, outra vez minha alma se turbou e descompôs. Um deles deitava a Genoveva um olhinho faceiro e contumaz; ela não se moveu, não pestanejou sequer, mas em seus requebros para comigo, um pouco estranhos, um nada mais animados, a senti grata ao meliante e desvanecida.

Bem sei que azares destes são fortuitos ao homem que acompanha mulher moça e formosa; bem sei que a irmã Eva, ainda a mais honesta, é sensível ao namoro, e que galaroz, mesmo de rijos esporões á vista, não afasta galaroz. Embora, aos meus trinta e oito anos aprouve ver ali o *mane, thecel, phares* duma serodia e incorrigível galantaria.

Vou triste e, de tempos em quando, os olhos de Genoveva levantam-se para os meus, perplexos e magoados. Ouço as vozes de todos os meus fantasmas, mais discrepantes que uma junta de doutores á cabeceira dum enfermo. A minha condição é pensar, meu pensar fugitivo e louco como galope do vento.

Entrámos nas landes; já os Pirenéus, ao longe, para lá da toalha de luz branca, não são mais que uma fieira de nuvens, dum azul ténue, esvaente. A floresta interminável de pinheiros dilata-se ás bandas com o incenso acre e a penumbra morta das catedrais. As ramas sobem ao Céu nas mil colunetas dos troncos negros, aproximam-se, deixam cair ao solo sobre as ervas loucas e as silvas um fantástico frouxel de sol e de sombra. Redobra de velocidade o comboio e os troncos rompem a formatura por um bailado vertical e acelerado. As copas inclinam-se um momento, e na meia mesura se somem umas á vista para aparecerem outras. E lá vão as milhentas pernas da floresta correndo sempre por entre bétulas e ervaçais, ao nosso lado.

Afogado no pasto, dispara um rebanho em monte, espavorido ao fragor do comboio: uma corrida em semicírculo e, de subito, as reses estacam e quedam a olhar para nós, de olhos embasbacados e timoratos. Barracas de resineiros, casas de guarda, pilhas de tábuas, e é tudo o que distrai a

á aldeia, acalentando ainda meu primeiro amor, a Maria Paula era uma pobre e santa mãe de filhos, com o homem, de sol a sol, atolado na glèba. Ainda corou quando me viu... virei os olhos á banda com dó do meu inéxtinto sonho.

Vinte anos dobados, a imagem enternecedora levanta-se ainda diante de mim a acusar o destino, a pedir que acusemos o destino. Uma a duas duzias de mulheres que amei, honestas e desonestas, outras tantas formosas e inacessiveis, que alvoraçaram a minha cobiça, todas eu daria por a haver contra o peito, tal qual era, fina de haste, grácil de meneio, lenço escarlate a esvoaçar, tamanquinha alviçareira pela rua fora. Todas... salvo a mocinha que vai a meu lado, pois se parece contigo e nela continuo a adorar-te, Maria Paula!

No parecer desta há uma promessa de vibrabilidade amorosa, apenas, que me parece faltar na outra. Por ventura que o que se revela agora á minha experiência existisse em Maria Paula e eu o encontrasse, sendo ousado com omanda a madre-natura naquela noite, á sombra propicia e fagueira do amantissimo S. João. Quem sabe? Na minha memória sensual, estas pálpebras, estes lábios, aquela garganta, as asas do nariz, evocam linhas que vai emaranhar-se, fundir-se e acender-se rente a meus olhos, em delirantes sinfonias plásticas. De quem? De Lecnor não, a quem o prazer compunha máscaras várias de tragédia. Tampouco de de Mina, que caia num espasmo tão profundo que tocava as raias da morte. Elsa chora e soluça. Ah! agora me lembra, é o ricto de Marta, *la petite alsacienne au cinema*. Dizia-me: *Tu me secoues comme un prunier*. Abanava-a, ela fazia-me tremer todo até ás raizes da vida, as mais remotas aquelas que andam tateando nas campas rasas de meus avós.

A feição virginal desta é a mesma de Maria Paula; a de Marta, quando executar a pantomima do deleite, aquela incomparável pantomima, branda, curva e meteórica como tudo o que há de grande no Universo, sujeito a formação e consumpção. Marta, porém, dava-se por natureza, sem medida; esta — diz-mo sua boca voluntariosa — deve pôr uma louca ordenação no amor.

De Maria e de Marta, da alma terna duma e do corpo musical da outra, é anastomose perfeita a rapariga de pé pequenino. Só assim, que não pela formosura, explico o poder que exerce sobre mim. Quem seja? Ignoro-o. O seu grau de feminilidade, tão vago como a pessoa social do papá, escapa-me. Já o vestido, curto por moda, me esconde a sazão em que vai levada. Traja simples, mas com graça; o turbante lilás, a esvoacar-lhe da cabeça para as espáduas, assenta-lhe sobre o rosto, mescla de cereja e cravos brancos, a matar. Será, não será, uma virgem sem história, ou para não ter história, nos horizontes dum honesto burguês, comerciante, burocrata, professor, marido a catar as espinhas da testa nos primeiros meses de noivado.

Também não identifico o papá. Não denota luxo, mas é avisado, o corte do vestuário. Pedra na gravata, botões de oiro falam de muita gente. Traz pera á passa-piolho, bem cuidada, mas sem o *quid* mefistofélico que dá este acessório, e dai inutil como o queixo varrido. Olhar lento a mover-se, abdómem escorreito, mãos muito brancas e asseadas, mas um asseado quase de manicuro ou de quem dispõe de tempo para se enlevar em seu amanho, nervosas mas sem o empalme que dá o volante, seguras mas sem a presa que dá o ouro, não está ali banqueiro nem capitalista, nem senhor de roça. Menos um principe. Aquelas numerosas malas falam de mediocracia. Ela, sim, podia ser uma princesinha, se não traisse já no olhar a sensibilidade pelo mundo de quem se sente baldeada nele.

— Oh, que vida abominável!... vais ouvir. O director queria obrigar-me a fazer a foca no *sketch* novo da revista o *Polo Arctico*. Recusei, e por um triz que não fui despedida. Sabes quem me valeu? o nosso amigo do *Gil-Blas*, que ameaçou Delmont de lhe pôr a careca á mostra. Só queria que tu ouvisses os impropérios que o estafermo vomitou contra mim, diante do pessoal todo! De galdéria para baixo, chamou-me tudo o que lhe veio á cabeça. As outras bem me diziam: Polaire fez de urso; Simonne de galinha; a divina Raquel fez um dia de pata. Não quis saber: são umas invejosas, umas intrigantes. Agora o brinquinho é a Roselinde Imagina tu a Roselinde com pantorrilhas de algodão e maneiras de criada de servir!.. Estou desgostosa do teatro, muito desgostosa...

— O director é um larvado.

— Um macacão... Se me deixasses sair destas galés?! Passaria a vida a amar-te de joelhos..

Não percebi aquela voz destrembelhada.

— Sim, se consentires que largue o teatro... — reiterou ela

— És uma criança! — respondi com o ar de mais piedoso desdem que me pôde subir ao rosto. E, tornando-lhe costas, pus-me a girar na salinha silenciosa. Assim andei uns minutos de catadura hostil, até que fui para ela, pregada imóvel contra a parede, e disse no mesmo tom despiciente — Lembras-te da trabalheira que houve para entrares no *Bouffes?*

— Deixá-lo! Estou farta. Todas as seducões da cena morreram para mim... — e, num gatimanho de galantaria, acrescentou

— Hoje só tenho uma, és tu.

— Bonito! Mas o teatro dá-te o que eu não possuo dois mil francos por mês...

— O teatro o dá, o teatro o leva. Vai-se tudo no trajar.. tudo. E para quê? Não me visto para mim, nem para ti; visto-me para a plateia, para que o *Bouffes* continue a ser o bordel mais chique do bulevar. Ainda ontem, o director dizia á Corália, tu sabes, o *maquereou* limpa-lhe tudo! Dizia-lhe: com saias dessa ordem, ó pequena, vai-se para o *Moncey* Bem sei que não és milionário, mas o que ganhas sobrar-nos-ia. — E em voz intercadente, num tonzinho cantado, bamboleando a cabeça: — E eu prometo ter muito juizo... fazer os vestidos por minha mão... Não rias, os meus dedos já não estranham a picada das agulhas. Antes de entrar para o teatro, a minha costureira era esta tua amiguinha. E não era menos bela!... Prometo ter muito juizo... faço eu as compras..

— Não sei se deva rir, se deva irritar-me — atalhei ásperamente — Anda ai meio milhar de raparigas a espojar-se nos lençois de todo o jornalista, de todo o senador, de todo o bicho careta que tenha dez reis de importancia, para se mostrar num teatrelho, bater a perna num *cabaret*, e tu querias desertar?! Não, tu não falas sério!... Pode lá ser... Tu zombas! Se não zombas, é porque estás com zelos da Roselinde, que aqui para nós é uma admirável artista. Não vejo outra explicação... Desertar de um lugar donde se vê Paris em baixo? És tola. Por causa de a outra ser o brinquinho? É o despeito que fala. Ou por causa de mim? Mas que sou eu? Minha menina, eu não tenho rendimentos. Portugal é uma vinha vindimada para escritores; Portugal lê hoje o que Paris cuspiu há vinte anos. Não há um Portugal do século XX, há um Portugal do tempo da casaca verde. Tôla!... tóla!...

— Não é por causa de Roselinde, não, juro-te pela luz dos meus olhos... É por causa de ti, só de ti. Queiras tu!

— E eu juro-te que não é por causa de mim! — exclamei com arrebatamento. — Mas que fosse, não queria, e seja dito uma vez para sempre! Irra, colaborar eu numa asneira de tal calibre?!

Elsa ficou de cabeça dobrada, silenciosa, os dedos trejeitando nos cri-

nossa vista, quebra a monotonia tufada e rectilinea desta página de antifonal.

Pouco a pouco invade-me não sei que moleza, quebranto comparável, talvez, ao mofo místico que, nas igrejas, torna as almas beatas permeáveis á iluminação. No eco do comboio, reflectido pelas arcarias da floresta, distingo a plangência arrastada dum órgão, a tocar distante num recesso que se não vê. Sem grande esforço da fantasia, percebo que é um oratório delicado de Palestrina. Vou até desenredar a letra: S. José e o menino derrubando o mais velho cedro para um tear de Maria. Ressoa a machada, Jesus canta a modinha que ouviu aos pescadores de Tiberiades.

Enfadado de mim, de Genoveva, de tudo, saio para o corredor, que é o bulevar do comboio. Deparam-se-me fisionomias por alguma particularidade fixadas atrás, no restaurante, no embarcadoiro das estações, umas que me são simpáticas, outras antipáticas, e gente que fuma, que palestra, que perora, que olha a paisagem, que sonha, que se aborrece. Até não falta uma ama a um canto, com seu ar de povo, bovino e resignado.

O vicio de observação, que me vem em linha direita da curiosidade de homem nado e criado nas serras, um pouco infantil e basbaque, a pontos de me surpreender, ás vezes, em meu foro intimo a admirar seres e coisas sem realce nenhum, liberta-me um momento de meu infernal tedio. Ai está junto de mim, bem digno de nota, esse francês de bigodinho em saca-rolhas, sobretudo de presilha, colete que dá a ilusão da camurça amarela, muito senhor de si, alheio aos outros, superior á cobiça que sua mulher ou amante, nada feia, género «pancada alta», anda despertando ao buscar olhos que a olhem.

Aquele estilo de homem que *se fiche de tout* diminui-me. Sinto-me na pele do galucho, boquiaberto diante do cavalo de bronze de D. José. Afinal de contas sou um tímido. As minhas audácias, os meus triunfos, os meus rasgos de superior, são o fruto paradoxal da timidez. Na aldeia creio-me civilizado, quer dizer, homem afeito ao remoinho das eventualidades, e no meio da civilização descubro-me camponês, com a alma metida dentro duma fatiota de burel. Devia cortar com a aldeia e tenho a superstição de que a aldeia é a minha fonte de Juventa. Vou lá para matar saudades, não do que ali há, mas do que fui, aspirar a seiva de que se nutriram as raizes tenras da minha vida, já que outra vez a não posso beber. Numa palavra, vou com a santa ilusão de que há bálsamos para todos os males na terra madre, e só trago um pouco de dinheiro, que outros para mim andaram cavando.

De raro em raro a aldeia, que, por virgem, é teatro de milagres, reserva-me uma surpresa deliciosa. Desta vez foi Matilde, adolescente rija e de pele dourada como bago de diagal, o manjar guloso que me esperava. Os meus joelhos conheciam já a sua turbulência alada de impúbere, com laçarotes vermelhos nas madeixas e saia pelos joelhos. Anos andados, fui encontrá-la menina do Conservatório, núbil, com um buçozinho no lábio carnoso, mais fragrante e apetitosa que uma talhada de melão para quem tem sede.

A audácia que as rapariguinhas põem no impudor trouxe-ma sem que fosse necessário grande pleito de requebros. Novamente os meus joelhos sentiram a sua graça leve, desta vez tremente e voluptuosa. E sua boca, sob a minha boca, ensinou-me que a beijar nada se aprende nem se repete.

Um driade não seria mais ladina e subtil a fugir de casa, entre árvores e searas, para os meus joelhos de fauno. Sabia iludir o dragão da tia, os criados, a própria luz do Sol. Era a mais adorável cabrita daquelas montanhas. Lá ficou á espera de mim, para o ano que vem, ou de atrevido que, antes, não hesite em colher o pomo a sazonar.

duma sensibilidade receptiva, uma aptidão ao arbitrio que é a alma: o aviador é o cérebro; um e um fazem um; esta simbiose coloca-se, na progressão da ciência, perto da Natureza. É um pássaro. Daí o ser o avião uma máquina inteligente, e o comboio parar na escala dos primitivos, como o rigido e interminável diplódoco que beatamente se deixou morrer em sua gigantaria. Tudo vai assim avançando ou recuando. Sobre o aeroplano tem o comboio, de privilégio, o desfruto racional dos panoramas, da terra e dos outros, e o aborrecimento que é o desfrute de nós mesmos. Já sobre o cómboio tinha a liteira o privilégio da eternidade, eternidade bastante, num percurso destes, a poder amar, noivar, esposar esta menina, aborrecê-la.. enviuvar.

Tempos hão-de vir em que, de asa hectométrica, com ronrom mais atroante que o Niágara, veiculos aéreos, enormes como *Potsdamer Bahnhof*, salvarão as latitudes, de continente para continente. Mais adiante ainda, viajarão os corpos, como hoje no céu as andorinhas, e as almas no Paraíso Dum quero, dum vou-me, pular-se-á a Sevilha, ao Cairo, a Tombuctu. Será cómodo e não haverá mais propriedade rustica e urbana indefensável a estes iões circulatórios. Eu, então, só conheceria uma janela, a janela do quarto onde dormisse Genoveva.

Entramos num tunel; parece que há uma exaltação de velocidade; o madeirame trepida; a bulha é horrisona, raspante, compacta, sincopada de estrépitos bárbaros, detonantes, e duma grita em oitava. Interrogo a imaginativa: é um colossal perna-de-pau, perseguido de mil demónios a uivar, que corre, que tamborila na calçada sua fuga célere, ciclópica. Rolamos numa nebulosa. Genoveva, esculpida pelo fumo em «ronde-bosse», lembra-me uma virgem de Della Robia, de face esmaltada e puríssima.

Devoro-a com o olhar, e de novo me vejo ir pela alameda outonal, que um vento de neve enche de ecos dolentes e folhas ressequidas. Quem me dera ver a imagem de minha pessoa, gravada nas meninas de seus olhos! Porventura um velho de farça. A jovens com dezoito, vinte anos, tomam-nos os da minha idade por crianças, e, todavia, são pessoas grandes e assim se julgam. A homens dos quarenta tomam-nos as crianças de vinte por velhos, ainda que o não queiram parecer. Quem deles se ilude mais?

— As mulheres — argumentam os quarentões — preferem aos mocinhos os homens feitos. Não que o gosto as determine — há lá nada mais fantástico que o gosto? — mas sim, o instinto, rendido á força máscula, no seu apogeu de geratriz.

— Sim, já Schopenhauer o disse — responde meu demónio experimentado. — Ora entremos naquela sala onde se encontra o homem feito de baralha com rapazes e raparigas. O homem feito tem tudo: nome, prestigio, elegancia, espirito... até dinheiro. O juvenco é estupido, canhestro, toleirão, sem graça nenhuma. Falta-lhe tudo.. menos mocidade. Em volta de quem borboloteiam as estouvadas?... Creio que houve um génio da espécie, cego e despótico, mas no tempo em que o homem andava em pêlo.

Assim vai voejando meu espirito enquanto, docemente, ela dorme. Dorme, parece-me bem, mas eu não posso dormir. A isso se opõe o meu estado de excitação e o imensurável respeito que tenho por mim. O sono é um ladrão, e eu não quero ser esbulhado do que granjeei por astucia, engenho e estudo próprio e dos outros. O que granjeei é este alinho imperturbável e ordenação complexa de homem que se sente e mantém superior, sobretudo esta máscara toda latina, levemente irónica para ofuscar, um quase nada sorridente para atrair, sempre espiritual, e onde as rugas nada têm que ver com o tempo, mas com a benignidade interior de que são as iniludíveis vibrações. Será a tabuleta duma casa em que se concerta a falência, talvez; por isso mesmo mais me ocupo dela.

latejava em mim, por muito tempo ri, entre Gina e Elsa, demónios adoráveis e zombeteiros, de mim, de Deus e do Mundo.

Quando largaram, a Rue de Caulaincourt dormia sob o sudário branco do gás. Da Place Clichy, pulmão de Montmartre, subia o rumor espaçado da festa nocturna. A Butte erguia na umbela fulva do revérbero suas empenas escalavradas, babilónicas, batidas pela asa de muitos séculos. Nos plainos rasos de S. Denis, as locomotivas apareciam e desapareciam, arrastando suas centopeias de fogo, na direcção da Alemanha, o país nebuloso da força...

Onde eu estava, onde eu estava, tão longe de Genoveva!

Enquanto Elsa dava uma breve mão aos aprestos de deitar, debrucei-me à janela a restituir a Paris aquelas semanas de ausência por minha terra descuidada. De horizonte a horizonte, a abóbada de cratera, raiada de negro sobre a Butte Chaumont e as colmeias densas de Grenelle e do Marais, muito ruiva sobre a Opera e o Panteon, colorida para o Sena, afogava os astros do Senhor naquela noite estrelada de Setembro. A cidade monstruosa avolumava ainda mais, áquela hora, com o insulamento repetido, a perder de vista, de massas negras encavaladas sobre massas negras, entre as torrentes de luz das avenidas e os mares deslumbrantes das praças. Lá em baixo, no rio, este rio que lavou o sangue das revoluções e cuja água é escura e espectral como a própria história, as luzes dançavam uma dança fantástica. Eram por miríades e, trémulas e liquescentes, chamas imóveis, das que só suspiram, e cachos de fogo, que se escanganham, correndo umas helicoidalmente, outras emergindo, mergulhando e farandolando, teciam ali uma noite prodigiosa de S. João.

Ao pé, o Louvre, cujos muros de seculos abrigam os destroços das civilizações naufragadas nos séculos, estendia seu volume de montanha. Fraldejavam os corutos dos Pavilhões de Flora e Mollien, delicados como rimas de François Villon, colossais como urcas normandas. Mais ao largo, em enovelamentos de sombras, as Tulherias branquejavam á minha representação, com deusas, ninfas e heroínas, erectas sobre a areia pálida das alamedas e nos encostos aparados da murta.. Ali amei e vadiei...

A Ópera, o bulevar mal rouquejavam, de brônquio fatigado. Mas ali de Montmartre subia o eco rijo da ribaldeira, gemidas lascivas de violinos, clangores de charamelas, um evoé estridente de vendaval humano em delírios sincopados. De toda a planície, sem termo, a pulsação sussurrante de um mar em modorra.

Pouco a pouco, vinham para mim e envolviam-me os tentáculos misteriosos da grande amante. Diante do pélago de ansias e entusiasmos que estuavam nas dobras da noite, eu sentia-me descer ao pélago. Mais uma vez minha alma se lançava fascinada no formidável almofariz de almas. E disso retirava a dolorosa voluptuosidade de um soberbo vencido.

Tanto de eterno que tinha ante os olhos e só efémero da minha vida compenetravam-se da inanidade dos esforços, e da embriaguez que produzem os abandonos sentia-me embriagado. Estava — é certo — de costas voltadas ao pano de céu que cobriria a doce Genoveva. Mas seu pensamento em meu pensamento começava já a toldar-se dos fumos azuis, muito ténues, de um doce sonho sonhado.

Elsa veio nas pontas dos pés, e enrolando-me os braços ao pescoço, poisou a face contra a minha.

— O meu lobinho está a cismar?!

— Que tens feito? — perguntei, depois de abanar os ombros em prova da futil cisma que me trabalhava.

— Que tenho feito? A mesma coisa de sempre: de casa para o teatro, do teatro para casa. Ui! fecha a janela! Está um frio!

— Aborreces-te menos que eu! — murmurei empurrando as vidraças.

Agora reparo, a fisionomia do papá ressume bondade, um pouco doce luaceiro de convalescente. Palpita-me ali um homem de profissão liberal, incompreendido ou incompetente, que não soube vencer. Esta ideia irrita-me, fica-me a martelar no cérebro, uma eternidade. Procuro-lhe uma categoria idónea, alta, por simpatia com ela, mas não a acho. Nem a de gramático lhe vai.

Anoiteceu; vamos a 700 metros de altitude na sala de bailar dos ventos que é a meseta castelhana. Pela charneca não bole sombra de árvore, nem cintila luzeiro. O compartimento fica isolado do comboio e do mundo. A janela é um olho vazado sobre o mundo que se não vê. Lá de quando em quando, o vapor da locomtiva e o fumo, concentrados no ar fresco, roçam-na com os seus dedos brancos, os seus bulcões de cinza, as suas pinceladas de cré. É o unico sinal de infinito que há para lá das quatro paredes que nos levam. Consigo, afinal, diante daquele homem, furtar-me á ideia mortificadora do seu anonimato. Entrego-me a ela e, sujeito, meu pensamento é como água de represa em que a divina adolescência se deixa ir flutuando.

Mas lá está ela que me fita, me fita porfiadamente, com decisão. O seu olhar — diz-mo a ciência dos pressentimentos — repreende-me; são mil setas mansas, suavíssimas, contra o céptico que invadiu meu foro e vinha rabugento e cabisbaixo. Bem as sinto e, ó minha virgem louca, eu prometo matar esse céptico e crer em ti, em mim e na supervivência do amor ao tempo cinerário. E, perante o teu olhar magoado, ajoelho em acto de adoração plena, adoração retirada de tudo o que amei e venha a amar por tantas quantas faculdades afectivas, do berço á cova, em mim surgiram e hão-de surgir. Eu prometo, também, que o olhar que te retribuo se prolongará até o último lampejo de meus olhos, guardando-te assim doce, assim jovem, assim amável, qual hoje te vejo. De teus membros iestos e tua pele rósea varro para sempre a ideia ascética da «formosa Houlmière» com a pele cortada de gelhas para passeadouro dos vermes. E ficarás, assim, a papoila imperecedora de meu instinto, inquebrantável Asmodeu.

Se viria a amá-la? Sei lá... O amor chega em mim pela sensualidade. — Se viria a amar-me? Talvez... O amor apodera-se delas pela imaginação. E destas possibilidades construo pensamentos, confusos como florestas de noite, mais loucos que Roma a arder, cheios de sons, de cores, com borbotões efémeros de desespero e de confiança. E, tal um mar onduloso, embalam-me, vão-me embalando, longa, perdidamente... enquanto perpassa muito escoteira, a musica das cem rodas. Passa, como que á marge n do meu cérebro, escoteira, bem acesa, porém, de acento triunfal. E o meu cérebro trabalha, trabalha automática e vadiamente.

Sem embargo da grande exaltação, começo a sentir a tortura da jornada, morde-me já essa tarantula dos viajantes que lhes não consente estarem quietos no lugar. Era propósito meu esperar o «Sud-Express» em San Esteban. Genoveva riscou no meu programa, tão fácil como na areia do seu jardim.

Em verdade é horrivel este meio de transporte. O ser publico, condenar o homem á imobilidade, á promiscuidade, á postiça circunspecção, bem definem a sua fase primária. Que o comboio tenha uma estrutura maravilhosa, cabeça, pulmões, nervos, coluna dorsal, membros ágeis, quem nega!? Enquanto houver jumentos de moleiros claudicando pelos caminhos, há-de se lhe admirar a potência; enquanto se não iludir avantajadamente a resistência da matéria, há-de se admirar seu fôlego gigantesco. Seu passo rompante tem mesmo majestade. Agora lá vai ele por uma recta levemente inclinada e fugidia. Sinto-o na trepidação toda longitudinal, de vante á ré. Chega a dar uma sensação de voo ou de ensaiar-se para voar. Toda a sua glória, com um século de ciência, explende. Gemem os moentes dos eixos e os balanceiros sob as longarinas, e das molas de suspensão escapam-se ronquidos breves, um «anh», quase animal, de besta de carga. No balastro o ar, em tromba, assobia. Os freios fremem, e o aço rascanha no aço. É um tufão vinculado a um canal.

A planicie deve estremecer alucinada sob o fragor da ardente centopeia. Deve estremecer tudo o que há de estático na Natureza e no homem ante o monstro novo que engole as distancias com impetuosa ira. O romano, que se descobria ao desfile cadenciado das legiões triunfantes, soltaria o seu «io». É certo, reune os primores de uma bela máquina, subtileza, energia, rigor e isso que choca em todas as obras-primas do aço e nas finas estampas do reino animal: brusquidão. Falta-lhe, porém, um quase nada ou um quase tudo — alma. Neste particular é quase tão inferior como um pião. O pião vai onde o manda a baraça, o comboio o seu piso inalterável. Esta rectibilidade é o sinal da sua bruteza. Tem um só trilhar e já no protozoário desponta a faculdade de direcção. É forte e é estupido o comboio. O aeroplano, na sua fase ainda embrionária, dispõe

Matilde não se embaraçou com os meus trinta e oito anos nem me deu azo a fazer meditações cronológicas. O isolamento, a minha arte de seduzir, a falta de concorrentes entregaram-ma de olhos cegos em seu instinto recém-desperto á sensualidade. É a hora perigosa da mulher, e dessa hora, com Matilde, talvez eu fosse, talvez eu seja o unico feliz beneficiário. É a hora perigosa de Genoveva, mas diz-me o conhecimento que tenho da criatura humana, que possui esta mocinha outras defesas e é formado seu espiritual dum quilate mais fino. Por isso mesmo, talvez, eu a amo e me confranjo todo em minha carcaça avelhentada. Quem sabe!... Mas lá torno eu a ouvir o adágio de Palestrina, e a canção dos barqueiros de Tiberíades.

Um *pardon m'sieur* e o cavalheiro de bigode retorcido que, debruçando-se, me toma as vistas da janela, desviam-me de meu romanciado sonhar para esta fraternal terra da guilhotina. A França é isto um pouco, este tipo que com todo o desplante, cônscio do direito, me roubou a comodidade. A mulher, loura, afável e liberal a prometer, queda para compensação.

Fico a cogitar porque adoro eu omnimodamente este país extraordinário. E' certo que o adoro. Para cá trouxe um cérebro rude e um coração de cera; estes predicados cambiaram de expoente. O cérebro tornou-se maleável e do coração, que no triste Portugal sofria as torpezas todas do Mundo, o parvo, só sei que é agora mais duro que um cão de porta. O mal humano, hoje, faz-me rir ou não bole mais comigo que a um penedo o furacão. Por outra, o meu *eu* tornou-se cispado como claustro de beneditinos, fabricantes de licores. Se me deixo visitar é pelas mulheres.

Vivendo, amando, queimando meus dinheiros em Paris, civilizei-me; ali aprendi que não há a virtude local mas a virtude pressuposta: que a palavra só é mentida na boca dos asnos. O meio deu-me toda uma ciência social muito subtil, tão subtil que apenas há memória de ser praticada pelos fariseus, que a Bíblia apresenta como sofistas espertos, consumados no trato e furta-cores para o estrangeiro. Cria eu que tal gente só existisse — e ainda com uma existência problemática — nas Santas Escrituras; engano, o meu *concierge*, o merceeiro, o amante da minha amante, o deputado socialista do bairro, o professor da Sorbona são-no. Não atino ao certo com quem o não seja... a população é densa.

Que é esta a raça mais inteligente, diz-mo a arte com que se faz acreditar. É um dogma que a França é o Cristo da humanidade, o eterno crucificado da pobre, da dolorida Humanidade. Nenhum francês, pelo menos, será capaz de pensar o contrário, nem tão-pouco eu que não quero ser o centurião da lançada.

Que é o povo mais espiritual, provam-mo sua máscara democrática e seu interior merovingiano. Sabe carminar-se como todo o ente que se preza: ninguém pode levar a mal, mormente quem se barbeie e enfeite.

Que é a gente mais amável, proclama-o a voluptuosidade dos abraços, que sentirei até a hora da morte, de suas mulheres, e as forças misteriosas que me chamam a Paris. Paris!... só o trocarei por Genoveva, cuja alma tem as afinidades latentes da grande alma. Por ela e com ela, sim, iria sem necessidade de coragem morar fosse onde fosse, mesmo na Arábia Deserta com o mester, até, de acometer de rife as caravanas. Iria fechar-me na minha quintarola do Paiva, lá para o calcanhar do Mundo.

Essa quinta já a visitou Genoveva na fotografia que o dr. Aniceto tirou, quando da pesca do açude, com sua mulher no primeiro plano, um pouco derramada a meu lado. Achou-a adorável com os cómoros de milharal, uma moita de carvalhos a subir o outeiro e o rio aos pés, muito manso, não-te-rales. Fruteiras ajoujadas de pomos, olhos pasmados de labregos, faltavam-lhe só pombas brancas a voar.

Na residência, em pedra de fiada por mor dos invernos, mostrei-lhe uma janela aberta.

—É o meu quarto — disse-lhe eu, e ela corou.

—Estas árvores? — perguntou ela, depois dum segundo de recobramento.

—São olmos; plantou-os meu avô, que era legitimista, quando por lá passou com D. Miguel. No Verão cobrem-se de passaredo; é ali uma missa cantada todas as manhãs.

—Tem graça!

Genoveva agradou-se de tudo, o que via e o que pressentia, as vacas ratinhas que pastavam no prado, o meu galgo Melquesideque, a parreira de malvasia a pedir uns dedos de veludo. E minha beatitude só podia ser comparável á de Salomão, mostrando á rainha de Sabá o seu palácio do mais sábio e mais delicioso dos homens.

O bom papá, ao lado, sorria. E, de salto, apontando a vareda branca que trepa para a mata por entre culturas verdejantes, proferiu galhofeiro:

—É uma bela vivenda, não há duvida; mas falta aqui um garotinho a correr de perna ao léu, e ali, áquela janela, uma cabeça apreensiva da mamã á espreitar o traquinas.

—Falta! — respondi eu, e quedei silencioso, de olhos baixos, na cobardia de trair em seu lume meu jubilo recatado.

Falta lá isso — considerei depois, ainda que já incerto se meu pensamento saíra logrado na hipótese do seu pensamento — je tu, velho salafrário de arquitecto, lá em baixo no rio, sentado numa pedra e com chapelão de palha, a pescar á linha!

Vou agora reconstituindo o episódio encantador, sucedido ao entrar em França, e novamente me delicio na vermelhidão ditosa da face de Genoveva e em seu trejeito confuso. E revivendo o instante fugaz, sinto que dá entrada em meu ser uma alma optimista. Torno ao outro *eu* e assim me vem surpreender Genoveva, que avança para mim tímida e vacilante. Folgados e sem nuvens a acolhem meus olhos e toda a sua preocupação se desvanece.

Somos felizes e a felicidade leva-me a abstrair da viagem, do comboio, dos nomes sonoros, carregados de história, que, de longe em longe, pregoeiros de *gare* vão gritando. Os olhos da loura que de começo me tentavam, de desdenhados, já nem se lembram dos meus. Não sei quem vai connosco, nem onde vou. Perante ela multiplico-me, sinto-me magnificado pela força que cachoa em mim, dispenso no palestrar belezas que nunca gastei com minhas personagens, galas, a acudir á dição, mais solertes que aias duma Salomé. E, com o prazer supremo dos triunfadores, vejo-a moldada ao meu pensar, ao meu desejo, ao meu sentimento, como se fosse a parte necessária, predestinada pelo eterno concerto das cousas, á minha hipóstase de humano.

Numa estação de entroncamento, fervedoiro de vozes, de pressas, de turba-multa, voltamos á recamara como processo mais simples de defender o nosso lugar daqueles que o não têm. Está uma tarde mansíssima, da doçura imponderável dos dias de páscoa, a nossa carruagem deitou além das *marquises*, e com o papá, que acordou ao extinguir-se o embalo das cem rodas, debruçamo-nos á janela a espairecer pelo chão radiado de aço, pela campina, pelo burgo, envolto além num lençol rútilo de luz, do pesadume da jornada. A céu descoberto, a locomotiva arfa brandamente; aplicaram-lhe ao flanco a boca da mangueira e, numa febre quase animal, sorve água do reservatório — enorme e bojuda caçarola, em cima de trempe pernalta. Descem a linha de resguardo, sem homem nem máquina, num rodar surdo, quase sonambulo, vagões vazios, com as letras gordas, os letreiros a giz, os numeros da tara apregoando de longe a força

IV

En estas y otras imaginaciones me cogió el dia, porque a quien ama en lugar de reposo le sirven las noches de cansacio al vago entendimiento.

Esperança Engañada, (2.ª P.ª) Manuel Fernandez Raya Luzitano.

POR muito tempo, ao compasso de cem rodas saltando de carril em carril, meu pensamento tresvariou. Pesaroso, umas vezes, como jogador que deixou sorver sua fazenda, despejado e alvar, outras, como grilheta para o qual não há apelo nem remissão.

«Genoveva — dizia ele — quando na gaveta de minha cómoda se baralharem com as cartas de amor hediondas receitas de botica, amara e será amada. Talvez seja noiva e seu cérebro mais lúbrico que o templo de Astarte, em Babilónia. A natureza humana é assim! Mas não será menos virgem, nem sua boca menos candida. O arminho só é imaculado na roupagem; em sua vida animal não é diferente de qualquer outro varrasco. Em deleitação amorosa, acolherá Genoveva em seus braços os cavaleiros de baile e aquele moço que tem fama de devasso e, um dia, ao cortar o angulo de seu piso, lhe lançou tão turva mirada. Acolherá, porventura, o cocheiro da casa, o jovem prior de que ouve missa, e quem mênos deve acolher é seu noivo ou seu marido. O silêncio e a noite levarão ainda á sua cama um cortejo interminável de sátiros. E o seu pensamento dar-lhes-á dormida; porque o pensamento, a noite, e o silêncio são os três conjurados contra a castidade.

Se cruzasse comigo quando os dedos reboludos das maçagistas ainda me não tamborilavam na pele, talvez dormisse comigo. Talvez dormissemos em realidade, traindo ela um marido, que poderá ser jogador e frequentar mulheres de má nota, e rendendo eu tributo, com meu coração inconstante, á sua formosura liberal a dar-se; o tributo de um coração inconstante é mais agradável ao amor que o de um coração fiel. A variedade em que se move a Natureza só permite á nossa sinceridade uma homenagem passageira.

Trairiamos o burguês e eu seria, o que está na dinamica do meu temperamento, impetuoso e dominador. Nunca pratiquei o amor mavioso como os rondós de Gluck, nem Genoveva iria buscar este fora do leito legal. Esse tal que não passa de gatinho doméstico repugna-me. Garra recolhida, blandiciosa, no galanteio, garra desembainhada, ardida, no empalme foram o segredo de meus sucessos.

Assim seria de verdade, se eu pudesse, como nas romanças, dizer ao tempo, que em fogoso galope me leva: eh! torna atrás, ó meu corcel! Deixá-lo... alguns anos mais, quando eu recorrer ás perrucas, sua cinta maternal será um autêntico saco pele de crocodilo, nanja essa esgalgada anfora que fará tontas as mãos que a toquem, e secará de sede os lábios que a beijem. E com este blasfemar das leis da vida, me reconforto.

— Bem me queria parecer. Você é português de mais para fazer contas... para descartar-se de uma mulher só porque se aruine.

— Realmente.

— Outra mulher?

— Talvez.

— Bonita?

— De enlouquecer...

— Jovem?

— Um botão de rosa...

— Rica?

— Não sei, palavra...

— É doido! É doido! — e, depois de mostrar uma admiração muito irónica, quedou-se pensativo.

Eu ia trazer ali meu romance de dois dias — sem mêdo do vitupério, por coacção da alma hipertrofiada, e necessidade de desafogar minha imensa ternura — e, ante o jeito mordaz, acanhei-me. Senti-me, ao mesmo tempo, escorregar para dentro de mim do êxodo delirante que me tomara. Genoveva, não obstante, que comigo andava, comigo veio. Aquela hora estaria ela, talvez, descalçando o pé pequenino que tão afoitamente se conjugou com o trilho de minha planta de batedor; afagando os seios que arfavam por mim; bejando meu nome no livro que lhe dei. Que eu morava nela era mais certo que um Deus reger as almas dos vivos e dos mortos. Ela também morava em mim... morará ora e sempre...

Elsa, de mão arteira e lenta, percorria a face com a «borla» do pó de arroz á cata do tom que lhe dava uma singeleza transparente de impuberdade; e, operação feita, mirando-se e remirando-se, com o *bâton* arqueou mais os olhos, deteve-se a avivar-lhes a expressão admirativa, muito celeste, onde a inocência de uma gota azul nadava em alvaiade puro.

Eu seguia-lhe os movimentos com os olhos enfadados, enquanto, inquieto, o espírito ia da outra, a infiável, para esta, a feiticeira. Entrementes. Paulo puxava-me pelo botão do colete, chasqueador:

— Escute: para que foi desinquietar a rapariga? Deixasse-a. O fabricante dava-lhe aderecos de cinquenta mil francos, você já lhe deu sopapos.

— É falso!

— Não é falso, não. Você é um galantim espartilhado em homem de letras.

Eu via crescer para mim, sarcástico, mas ameaçador, aquele banalho com moral.

— Você queria desatar sem remorsos, com elegancia! — vociferava ele. — A necessidade das consciências lavadas!... Mas há um meio, um único meio, faça-se detestar, torne-se nauseabundo por fora, como qualquer homem honrado por dentro. Olhe... — e ajuntou a um alvitre obsceno uma horripilante gargalhada.

O chá apareceu neste momento, fumegando, tocando de nêvoa as figurinhas de talso china na bandeja bem provida de guloseria; e logo Paulo, com uma semi-eerimónia de *atelier*, se lançou sobre os pastos *la Reine* que a velha Caldagues descera a comprar na confeitaria de Cluchy, aberta pelas horas tresnoitadas a galdérias e rufiões.

— Que novidades nos trazes do teu país? — interrogou Elsa, vindo tomar a sua chicara.

— No meu país não há novidades; há uvas, há sol, e não estou bem certo se há homens — respondi eu, á ideia fixa sucedendo-se, como era constitucional em meu temperamento, um escabelar de espumas.

Paulo deglutia com voracidade e, sob a força violenta de difusão que

— Eu?! Deite-a ao Sena, homem!

— Aí vem você! Se conhecesse a minha situação não mangava.

— Que se passa?

— Que se passa? Olhe, vejo-me á beira da ruina, sem apelo nem remédio... Pode crer!

Ficou a olhar para mim, eu a olhar para ele e, estribado em meu propósito, posto que sem movimento interior, acrescentei:

— Elsa custa-me os olhos da cara...

— A literatura?... Falhou?

— Não falemos nisso. Portugal está cada vez mais bêbado de política e com menos gosto de leitura. Nas horas vãs joga o dominó ou valsa. A população que lê satisfaz-se indiferentemente com Montépin ou Daudet. Como há-de, pois, medrar ali arte que baste áquele que a cultiva?

— Escreva fados para guitarra.

— Em suma, a prosa que manipulo não dá para os alfinetes de Elsa.

— Pobrezinho! Porque não compõe em francês? Experimente...

— Soubesse eu! Mas não sei; herda-se uma língua como uma gêba de nosso pai.

— Julguei que Elsa estivesse bem escriturada...

— Está, mas nada lhe chega; é uma pródiga; gasta mais que a amante de um banqueiro judeu.

— Para que voltou?

— Pergunte-me, antes, o que fui fazer ao meu país. Sabe o quê? Vender uma das terras que herdei, espremer a têta da vaquinha, como diz um irmão que lá tenho. A expressão é ridícula, mas traduz com felicidade o meu património, malbaratado por França e Aragança, bem magro, bem português. Aí tem!

— Pois se não pode, diga-o sem rebuço a Elsa. Que compre um vestido a menos

— Impossível. Ná, não quero abrir-me como uma cancela a mulher nenhuma. Porquê? — dirá você. Porquê? porque as mulheres só nos respeitam enquanto nos não conhecem. Depois é um crime, crime imperdoável, sobretudo para uma amante, não ter dinheiro.

— É uma verdade onde cabem mil mentiras. Mas, ouça, há um remédio, case. O casamento — diga-se em abono do estupor — é vantajoso em casos extremos.

— Com quem? diga-me onde há uma «burra» que queira casar.

— Não me percebeu. Você está entradote para cavalarias altas. Além disso brilha pelas qualidades negativas que fazem viver e morrer um homem desapercebido das mulheres. Não é atleta, nem nenhum Adónis, nunca foi herói ou mártir, que eu saiba. O seu nome de escritor é pouco. Só com viuva que recite Musset...

— Graceje

— Nada disso. Quando lhe dizia de casar, era com Elsa. A pobre rapariga, que tem por você fatacaz maluco, aceitaria ás mãos ambas. O amigo ganharia assim a diferença que vai de amante a esposa.

— Não compreendo.

— É fácil, eu lhe mostro. Um amante tem apenas deveres, um marido direitos, não? Elsa ganha obra de dois mil francos; você torna-se *ipso facto* administrador de vinte e quatro mil francos ao ano. Não é má pechincha. Com pessoa integrada bem no século, uma esposa destas poderia ser uma mina.

— Vá para o diabo! Mais de vinte e quatro mil francos gasta ela só em pó de arroz!

— De onde vem o Pactolo?... Fale uma vez verdade; não há outras razões que o forcem a tão singular projecto?

— É possível.

II

Estúvela mirando, y estúvose queda;
bien conoció mi cuidado...
Guzman de Alfarache, Mateo Aleman.

MUITAS estações, muitas léguas dobaram umas após outras e nada ma roubou ou nada me roubou a ela. Em Bogajo, já se cerrara a noite, uma noite tão negra e pávida que os lampiões da «gare» pareciam alumiar no fundo dum subterraneo. entram passageiros: três senhoras um eclesiástico. A mais nova instala-se a meu lado, tão rente a mim que os sentidos se me levantam como a um toque de alvorada. Presa pelo pente de tartaruga, de imponente fábrica, desce-lhe da nuca a mantilha especiosa tem as mãos pequeninas e inquietas. mãos de raça que deixou há séculos de fiar o linho. Exala um perfume de alfazema, ténue, duma tenuidade que lembra aroma ambiente que de passagem se lhe apegasse á pele mimosa. Em homem seria o perfume dum beijo, trocado de afogadilho. Logo que entrou apercebi-me do seu olhar que derramava languidez e sombra de mancenilheira, e da sua estatura sólida, sobre meã, duma frescura intacta, ou mal tocada. Como só por torsão posso vê-la e os olhos que brincam como estorninhos me estão, em face, a cometer, sem esforço a lanço fora do sentido.

As outras duas donas, atulhadas de anos e certamente de padre-nossos, com um ar convicto de açafatas. breve as anulo, lhes risco toda a existência do livro dos vivos e dos mortos Uma tirou o rosário; e sem rebuço, para que se saiba, os dedos magros, lentos e pacientes como formigas, vão rolando as contas puídas de azeviche, deixando-as cair com um frémito perceptível dos lábios aos pés do Deus poderoso que fez a Espanha e levou o estandarte dos leões afrontados por toda a terra de infiéis.

A outra, pela chama de ternura que lhe irradia dos olhos, de entre os bandós esfipados, deve ser a mamã da donzela que vai à minha esquerda. Tem o ar atormentado, engelhado. das oliveiras, em volta de cujos frutos há todavia uma atmosfera quente, satisfeita, que parece penetrá-las de bondade. Ambas se parecem, a final de contas, com as imagens de xilogravura, em velho papel, que nas galerias se mostram esmorecentes por detrás dum vidro empoeirado. E passam.

Apoiado ao frontal do corredor, o cura cisma; cisma com o bispo, as ementas, se não peleja, quem sabe, com o delicioso pecado duma jovem confessada. Em suas pupilas chispa o fulgor dum santo de Zurbarán, mas no queixo nédio, nos beiços grossos e rubicundos dorme um picaro de mestre Vicente Espinel. Pela aparência de pouco equilíbrio, nem ascética, nem fraldeira, còmodamente abstraio dele.

Viajo só com ela, convertida esta carruagem de toda a gente numa discreta limusina que voa, voa mal arranhando as sombras e o silêncio dos caminhos. Os dedos da sua mão enclavinham-se contra os meus e, voluptuosamente, descai-lhe a espádua sobre a minha. Passam nuvens brancas no Céu azul, cortejam-nos árvores, postes, oiteiros embasbacados, cavaleiros arredam-se para a valeta caracolando, e estacam, a ver-

de seus arcabolços e os quatro pontos da França. Ao fundo, no colo da *gare,* divisa-se, de escorso, o tabuleiro dum viaduto, os banzos e as aspas de ferro a recortar-se na brancura da tarde como renda num estendedoiro. E ali em face, as locomotivas perfilam-se no «hangar» em rotunda, com os seus cabegotes orlados de vira de cobre, a sua massa negra, dividida por uma barra encarnada, majestosas e respirando força como corcéis de guerra.

Os fios eléctricos que riscam o céu; a teia de «rails» que sulcam o solo em lentas e doces curvas; as placas giratórias que, ao pôr-se-lhes pé, toam como mil rabecões; o fumos das oficinas a desprender-se em rolos da chaminé cor-de-rosa e a espraiar-se, depois, num penacho imenso para o azul purissimo; a silhueta sempre pitoresca de um chefe empertigado; as alavancas, os sinais, a manobra e os homens da manobra; o próprio leito da gare, coberto de escórias e de areia negra — exalam uma bárbara mas empolgante poesia.

E tanto essas coisas como «as enormes couraças de tartaruga», dormentes ou rolando de seu molde pelos carris abaixo, os vagões abertos á descarga, as cabreas musculosas e esgrouviadas executando gestos seguros, perdem na luz suave os contornos de febre e de vertigem, para compor, ao gosto futurista, uma aturente e estática paisagem.

Digo isto a Genoveva e é o pai que me responde, desviando a vista do velho burgo, a que, além na colina, o Sol incendeia as vidraças de frestas e varandas:

— Uma estação de caminho de ferro e coisa inteligente e, de certo, admirável. Passaram por ela algumas gerações, e continua a ser uma novidade para nossas almas velhas. Mas, repare! as leis da harmonia e da proporção não sabe o que sejam. Tudo é tosco, rude, quase infantil no risco; tudo entre si é díspar, quer dizer, arbitrário de forma. Compreende-se: a estação de caminho de ferro é uma obra de necessidade. Os engenheiros encontraram-se diante da descoberta de Stephenson como, um dia, os Holandeses diante do mar. Foi preciso fazer sólido, utilitário, depressa. Tal critério não podia deixar de ser nocivo á arte e salu o que se vê...

— Sim... concordo que há muito de desconforme, de brutal, de desgraçoso, mas não tosco, nesta grandja de ferro, se a comparasse, por exemplo, com um claustro do século XIII ou um pátio do Renascimento. Longe de mim tal dislate. O nosso tempo não é o da cadeirinha nem da cabeleira encanudada. A beleza a procurar tinha necessàriamente que ser de outra índole, e ela aí está: leveza e arrojo de linhas, incomparável robustez no breve e delicado, economia de volumes, lanqaturas nunca entrevistas pelos mestres da pedra.

— Assim será, mas ora diga-me: não haveria meio de temperar essas virtudes de sete fólegos com uma pitadinha de bom gosto? aquele bom gosto tão predilecto dos antigos?

— O bom gosto é, acima de tudo, um caso de retina. O meu eminente amigo, como arquitecto, esquece que chegámos a uma época em que a pedra, porque não se curva, não se funde, não se doma com suficiente presteza á vontade do homem, passou para um segundo plano e acabará banida. — A pedra há-de povoar de cidades e monumentos grandiosos, por muito tempo ainda, a superfície da Terra!

— Por muito, muito tempo, duvido. Bem certo que o amigo há-de executar as suas várias e bellíssimas plantas na pedra que lhe apetecer: lioz, mármore ou granito. Outros, que lhe sucederem, gozarão dessa facuidade. Agora, deixe dobar um, dois séculos, e será o destino da pedra murar quintais e fornecer de mausoléus os cemitérios. Cumprin a sua missão... entra na semiobscuridade como o bronze.

— Não diga isso de matéria tão nobre e insubstituível. Enquanto houver

gente no Mundo, edificar-se-á com ela. Se assim não fosse, teria de acreditar que é condição do progresso a fealdade. Já lhe aconteceu reparar num bocado de pedra quando se fragmenta? Não é exacto que tem uma finura molecular, a que a nossa simpatia empresta uma quase sensibilidade de tactura só comparável á do miolo de pão?

— E que monta, se, frágil por um lado, é rude por outro de obrar? A própria química mal se avem com ela.

— A pedra tem os seus estilos e estilos inigualáveis...

— Teve... teve os seus estilos. O ferro criará por ventura o seu. Por agora vai forrageando nos existentes. Se continuar á solta, bruto, indisciplinado, sempre valoroso, acabará mesmo assim por impor uma escola. Submeter-se na infancia a uma tutela, seria pear-se. De resto a arquitectura não tem feito mais que repetir-se. Cansou a inspiração e, do gótico em diante, anda e tresanda á roda de moldes conhecidos. Por agora o ferro possui uma técnica poderosa, que é o principal em nossa época de transformação. Esta técnica, adaptando linhas e ornatos dos estilos mortos, realizou já obras que os séculos futuros hão-de admirar tanto como nós hoje a Basílica de S. Pedro ou a Giralda. Haja em vista as inumeras pontes pênseis dos Estados Unidos, a torre Eiffel, o *Potsdamer Bahnof* «debaixo do qual podem bailar catedrais».

— A ermidinha romanica mais humilde, como beleza, deixa essas bisarmas a perder de vista, A pedra é eterna...

— A pedra é eterna... nas pedreiras. Aplicada, deu o que tinha a dar, e vá, que a sua floração foi imensa e magnífica: dólmenes, castros, piramides, muralhas, calçadas, templos, fortalezas, catedrais. Agora, no tempo do rádio e da electricidade, seria irrisório construir disso. As necessidades são outras. A edificação moderna em ferro e cimento armado não tem beleza?! Oh! se tem! O futuro fará justiça a essas carapaças imensas das estações, aéreas e leves como teias de aranha, a esses viadutos por onde poderiam passar a um tempo todos os carros de guerra de um Faraó, a esses rascanha-céus, obliteradores da torre de Babel. No grandioso, o ferro superou a arquitectura passada. Mas até no delicado vai deixando obrinhas dignas de reverência. Diga-me: aquele elevador de Santa Justa, em Lisboa, não é quase encantador a nossos olhos, afeitos ainda á seara de pedra lavrada? Assim o acho e estou em crer que os portugueses de amanhã hão-de olhá-lo com aquela devoção e ternura com que hoje olham a torre de Belém.

— Que heresia, pai da vida!

O comboio entretanto, começara a deslizar e, com os saltos estrepitosos das placas e agulhas, apagava a voz, sempre surda e comedida, do meu interlocutor. Depois, molemente, num balanço suave de onda, distendeu-se e lançou-se com trovoada rompante no viaduto.

Um sorriso de Genoveva e o semblante amuado do papá levam-me a temperar meus conceitos temerários com o devido elogio da arte de Vitruvio e dos estilos mortos. E ei-lo que animosamente enceta a censura dos meus «paradoxos» no tom didáctivo de um mestre de cátedra. Imponho-me a obrigação de não discordar, e a sua face exulta como a de um vencedor de sabatina. Não renegaria eu todas as verdades, todas as religiões, quanto mais a frioleira dumas teorias, para que nem sequer uma sombra se atravessasse entre mim e ela?

Rompe o comboio por vinhedos extensissimos, com umas cepas despidas, desfraldando outras uma folhagem morta, onde brilha todo o colorido do Outono, desde o rubro do empaste de sangue ao roxo do aço destemperado pela chama. Depois a campiña mostra-se plaina, fugidia, interminável, só as árvores perfiladas na meta do horizonte dando ideia da sua imensidade. O comboio voa, enraivece a correr e, quando cruza com outro, desse

nesse desespero tão patético. Como sempre, sátiro ladino, afias as unhas. Possas tu cair sobre a frangainha!

— Não! Não! Bem sei quanto um propósito mental é pouco, em par com o vício ou sentimento desenfreado. Bem sei que o instinto dispõe duma força irreprimível e a razão é uma folha no oceano interior que o homem traz consigo. Concentrando todo o meu diabólico querer, talvez orientasse — ou desorientasse — até mim esta criança, deslumbrada no limiar da vida. Mas não quero, porque de ora-avante desejo moer até o derradeiro minuto em aborrecimento, e quem diz aborrecimento diz paz, os dias que me restam de vida.

— Que esforço de imaginação! Quando a levas ao tálamo, glorioso bandalho? Quero encomendar uma orquestra real.

— Maldito sejas!

— Genoveva está-te nas garras; está nas garras do moço-velho que não larga a presa, não perdoa. Repara como o olhar dela se espenuja! Imaginas tu que seus sentidos ainda não penetraram a traça em que a vais emaranhando? Ela adivinha-te e rende-se. Está rendida; observa...

A locomotiva silvou; os semáforos duma «gare» imensa fustigaram a semi-obscuridade do vagão. O jogo das bielas amolecia. Ergui-me da banqueta em que as minhas duas personalidades, uma correcta e sentimental de cidadão comum, outra luxuriosa e cínica de incorrigível doido, disputavam ao ritmo do aço rolando no aço. Genoveva sorria-me,

-nos irrecamponeses de olhos de moiro. Os lábios da minha amante, a tantos beijos que lhe dou, mostram o agravo das camélias mordidas por um bravo sol. Não falamos; da própria teologia não consta que os bem-aventurados conservem a voz do Paraíso. Nossas mãos, sim, mantêm, cortados de breves síncopes, longos colóquios de amor. E seguimos sempre, casais, ermos, campos em fora na carreira arrastando uma aragem em que vêm langar-se, puro nosso regalo, os voláteis incensos dos bosques.

Dobrada a meia manhã, avistamos ao longe, para lá de árvores assombradas de sua própria sombra, a carapaça verde-limosa duma igreja. Cintila, á esguelha do monte, a fita preguiçosa dum ribeiro de pouca água. Entramos na sombra humilde de casas de adobe, tresmalhadas ao longo da *carretera*. Dois *charros* cruzam connosco, em suas facas trolerias; garrotes de dentes e olhos a luzir; mulheres aos postigos; rua com escudos heráldicos e rolhos de farrapos nas vidraças; o Sol a derreter as pedras: um *pueblo* de Castela-a-Velha a viver na lei e graça do Senhor.

E domingo, o prior rezou a missa, casou uns noivos, bate no largo um tandango, ao som do pandeiro infernal. Do balcão da pousada, rescende de cravos, debruçamo-nos ambos par a par. As cores, as dangas e o Sol vão na mesma refega; a alma ibérica, feita de brio e de tumulto, estua em nossas almas, e bebemos o vinho da terra, grosso como sangue de boi, e nossas bocas dão mil beijos e nossos bragos mil abragos. O continente, o finito desvanecêram-se em volta de nós e dentro de nós, como sombras ilimitadas.

Assim a transporto comigo na bulha dum comboio aceso, repleto de gente, batendo o ralhe com furor. Apitos, luzes, estalos de aço, vultos... Fuente de San Esteban.

Lá dentro um homem em sapatos que rugem, mala de coiro sangrento em riste. Não é dos que hesita as portas, mas vai direito ao lugar com a segurança de quem sabe que é dele, ali está para seu cómodo por um preestabelecimento concatenado, vindo do fundo dos tempos. Abanca e, desaboroando o jaquetão e palpando a carteira, queda a olhar as damas sorumbáticas. Mas olha-as em laiso, sem conexão mental, e não repara na moça de mantilha de rendas, nem sequer, na minha dona de pé pequenino. Tamanha indiferença dentro daquele casacão, a grossas leivas verdes e vermelhas, de cor de carne podre não podia deixar de me ser antipática. Tudo nele assanha meu ódio: a cachaceira sanguínea, o ar de nenhuma antecipação, o descuido, quase mecanico, de si e do Universo. Por isso mesmo não posso desfazer-me dele. E entre mim e ela atrancam-se um corpo, uma afronta, este inexplicável de volume, de cor ou de som que faz arrancar um bezerro e ganir os perus.

Não é um peninsular, vê-se-lhe na pelagem do queixo, ruiva e tala como erva de Verão sobre um rochedo. Sinto ganas de lhe perguntar quem é, e para que vem perturbar meu embevecimento de amor. Lá compõe o bonê de quadradinhos e mostra o occiput calvo dentro de um aro de mechas íncolores, assim como a imagem geométrica de Saturno, o astro esbandalhado. Farejo all um inglês, um americano, destes que acabam poderes de ricos a explorar as terras pobrinhas do Sul. Quero que o seja e basta.

O comboio abalou, tão subtil no rodar que, a menos das casas, das lezes, das bisarmas, condensadas na treva, que lá fora recuam docemente, se não daria conta. A locomotiva escarra *chê-chê, chê-chê,* e, após uma estrabelada de saltos, lá voltam as cem rodas ao passo ternário da sua bela e desafinada mazurca.

Torno a observar o inglês e o meu cérebro reage em simultaneidade, a perder de vista. De certo que não carrega, pesada como eu a levo, a tara original da luxuria. Outro céu, outro sangue, outra moral, uma religião menos satanica em face do problema, predispuseram os sentidos deste animal á util e inteligente inocuidade. Agora que estou a pender para a

Io vo, misero, ohimè!

Rime, Michelangelo Buonarroti.

AUSENTE com a ausente, eu ouvia, sem espécie alguma de relação, o trote salmodiado do cavalinho que, lesto, arrastava o carro pelas ruas de madeira fora. Paulo e Gina discorriam — parece-me bem — sobre o crime de saltriase praticado a beira do Sena, que ensanguentava os jornais. E, pelo assunto palpitante, me deixavam a sós com Genoveva.

Todo eu fluituava sobre a grande emoção como uma folha sobre as ondas. O que ia ali era, certo, o meu corpo, mas sem o sentido conexo de presença. Minha amante, meus amigos, boqueiróes de ruas, esplanadas batidas de luz eléctrica, vultos, eram imagens despidas de cór e de som em minha consciência entregue a um automatismo sem frelo. Eram como uma representação fátua ante minha alma embriagada. Encontrava-me concestionado de um gozo inefável, de uma volupia suprema, como inflorescência, porém, de um *en* que não ia ali, que pairava longe de mim. Era *ela*, a sua imensidade que enchia «este meu vago e infinito primeiro dia de criação».

Mal cheguei a casa, o meu espírito, um louco espírito dissociado em muito da personalidade, tremia á força intensata de difundir para lá de sanção e medida. Parece que já não era bem esta cabeça que me assentava sobre os ombros, mas a cabeça de um outro, afim apenas em corporeidade.

De olho desabusado, pus-me a seguir Elsa, que tirara a estola de lontra e o chapéu pampa para cima do sofá e correra ao toucador. Pela porta entreaberta, via-a em seu talhe fino de criptogâmica concertando as melenas, aparadas em crina sobre os olhos consoante a moda, mas via-a por incidência apenas do olhar ocioso. Gina fora após ela e, por detrás, á distancia a que atingia o lume do espelho, dava dedadas furtivas ao penteado.

— Amigo Paulo, — disse eu abruptamente, na ligeireza de um impulso — venho decidido a romper com Elsa.

— Elm ?

— Venho decidido a romper com Elsa — repiti. — Decidido... mas tenho receio e um grande pesar antecipado.

— Então?

— Você sabe, não se cortam sem terro as raízes que uma árvore ou um coração detiam em alguns anos.

— Puh!

— O João Paulo, que tem sido em mais de um passo o meu Conselho de Estado, podia ajudar-me...

tal categórico. Desde o primeiro cabelo branco comecei a encarar com reverência o calendário. Foi há quatro para cinco anos. A flora grisalha desenvolveu-se a pontos que um boçal, um alvar caseiro me dizia:

— O senhor compadre também já vai estando entrado...

Sorri, de bom aspeito, mas se ao alcance dos dedos tivesse o botão da campainha que mata o mandarim, para me desfazer daquele labrego, o cura da minha serra tinha mais um bem de alma a esfolar.

Dos vitupérios contra a velhice, que Cicero, sempre amável, repreende: empachar o governo das cousas materiais, tornar o corpo pesado e enfermiço, aproximar a morte, tolher o homem de deleites — nenhum como este ultimo despertou em mim brados de temor e angustia. Debalde a sua voz toma os meigos e harmoniosos acentos de uma flauta tocando á entrada do templo de Dionisio. Debalde, não confiado em sua dialéctica, a dialética do mais sagaz e persuasivo dos académicos, chama em socorro Arquitas, sábio preclaríssimo de Tarento, e nos conjura a ouvi-lo. Diz o homem venerável pela boca ilustre:

«Não há na Natureza flagelo mais devassador que a deleitação dos sentidos. Por mor dela, os homens se travam das piores rixas e se lançam ás mais desmarcadas insanias; vende-se a pátria e deita-se a perder a república; soldados e capitães chegam á fala e secreta inteligência com o inimigo, desertando a bandeira do principe. Por mor dela o esturpo, o adultério, toda a acasta de abominações conspurcam a face da terra; enfim, por mor dela não há tranquilidade qeu se não pratique, nem torpeza que se não invente. Sabeis qual é o contrário mais assinalado do entendimento, esse precioso e primeiro bem que a natureza ou a divindade concedeu ao homem? Ainda e sempre a deleitação. Que domine, e é inútil procurar á sua volta a temperança, nem em seu reino e senhorio a virtude. Imaginai um homem inflamado na volúpia e dizei-me se é licito duvidar que tal homem se acha incapaz de conceber e tentar qualquer empresa com consciência e discernimento?! Nada existe mais túrbido e pernicioso que a voluptuosidade, a qual, quanto mais intensa e demorada é, mais fácil apaga a luz da razão».

Assim será, mas a moral não tem presa sobre a minha alma descontente e muito menos sobre a minha carne insubmissa. Tomara eu que Mefistófeles me reservasse para os dias melancólicos a divina beberagem do rejuvenescimento. Emborcá-la-ia sem um gesto; que me importava não dispor da divina faculdade da ilusão, contanto que continuasse a reflectir-se em meus olhos o jogo risonho e passageiro das aparências?! Emborcá-la-ia já agora, para me realçar aos olhos de Genoveva. Os engodos da sensualidade! Se as lágrimas voluptuárias que tenho chorado, eu as pudesse amassar numa única lágrima; se o amor que malbaratei, o pudesse concentrar numa só e inefável emoção; se os gozos que virei a sentir, pudesse descontá-los ao tempo num hausto — apenas desta forma, assim monstruoso e somado, me encontraria satisfeito no render tributo a ésta jovem deusa, tão cheia de graça e cometedora.

— Que ardor! — dizia meu anjo cinico.

— Debaixo de neve — respondia-lhe meu anjo leal. — Do que penso, ver-se-iam tantas vergonhas em minha alma como de ruças tenho no cabelo, se aquela fora campo descoberto. Já não posso ter esperança; não posso, não quero, não devo iludir-me! Sou curioso de tudo o que tem curiosidade, lá isso sou; gostaria de perceber o interior desta criança, tatear, gozar o maquinismo oculto da sua personalidade, assim como um relojoeiro; mais que isso não. Há um fundo de equilíbrio em mim, uma voz prudente que se poria a gritar, se eu fosse palerma: És um triste lobo a ladrar á madrugada.

— Causas-me hilaridade — tornava a metade satanica do meu *eu* —

que passa, mal se tem o sentimento de um madeiro escuro, uivador, disparado com uma rapidez meteórica.

De belas artes derivamos para mil coisas e loisas, comentadas, desfiadas a per der de vista, e sem apego de opinião, como á lareira, em familia. Entretanto baixa a noite, uma noite temporã de Outono, humida da planura fértil de França, com um crescente no céu, fino e recurvo como foice de segador. Estrelas lucidas e brancas despontam aqui e ali no firmamento, e a atmosfera enche-se de uma luz azulada, de um azul mais fluido que a água-tinta de uma porcelana Ming. Neste ar de iluminura, o fumo da locomotiva é um dragão disforme que ora rasteja e caracoleia pela terra, ora agatanha nas barreiras e nos vidros da carruagem. Pouco a pouco a planicie soçobra no mar de anil. Ao largo tudo é indeciso e flutuante; a fantasia pode talhar ai o seu mundo prodigioso de seres e de coisas, dar-lhes corpo, movimento, e com um pestanejo reduzir esses seres e essas coisas ao fumaréu esbranquiçado de uma vela que se apaga. A vista tacteia, mas não apreende; tudo se reduz a escorregadio, a formas veladas, bulcões confusos, um caos que docemente penetra outro caos. Mais perto, sim, distinguem-se vultos coniformes, que o comboio dobra e empolga na marcha, e são as árvores que se erguem nos taludes da linha.

De tempos a tempos a luz fulminante dos semáforos entorna de um jacto o mar de anil: uma rosácea de verde e oiro, para voltarmos na seda vaporosa do céu ao jogo de fantasmas — fumo, névoa, imaginação.

O papá fala; parece uma fonte melopaica á beira de um caminho. Fala-me da sua arte,d a sua fazenda, das suas relações. Fazendo simulacro de o ouvir, entrego-me a Genoveva.

Por frases colhidas capacito-me que se impôs a tarefa de vincular-me á sua estima; todo o seu esforço é vão; rendi-me. E' o bom homem que farejei no principio da viagem, e toda a sua simplez vem revestida de uma ternura paternal, mais suave que veludo. Por aqui lhe perdo-o a pouquidade.

Conhecêmo-nos desde ontem e já a nossa confiança avançou anos. Quanto a Genoveva e á minha pessoa, devemos andar há muito a procurar-nos: eu, sempre insatisfeito, a desejá-la; ela, a sonhar, ansiosa por me descobrir.

Está ajustado: nunca mais nos perderemos. Eles virão á minha quinta do rio Paiva, mais garrido que a farda das trutas que nele se criam para regalo nosso; eu irei á sua casa, empoleirada sobre o Leça. Para já, aprazamos horas, muitas horas comuns em Paris e Montmorency.

As *midinettes*, nas lojas de modas da Rue de la Paix, hão-de murmurar:

— *Les jeunes fiancés...*

—Oxalá vos não enganeis, arvéloas louquinhas do *boulevard*, oxalá vossas mãos de fada talhem o vestido branco, pudibundo, com que, a par da minha casaca preta, babosa, este sonho de algumas horas se torne a realidade que só vá consumir-se na consumpção eterna.

velhice e diante de mim se ergue, a cada passo, o fantasma de Osvaldo, tenho-lhe uma fervorosa inveja. Bem sei que o mal vem de matriz, com o Oriente, os trópicos, o impaludismo, o frade asnático e a negra cachonda, um Céu brando e um Deus hipócrita, apostado tudo em gerar este meu tipo de civilizado que corrompe no próprio esterco como o jumento da Escritura.

Não derivei da regra. Os meus trinta e oito anos seguem a fêmea como trinta e oito tigres esfomeados a uma corça. Verdade, que vou passando o terrível vau do meio-dia. Embora, o homem que há pouco entrou e roça pela minha idade, ante a espanholita deliciosa, ante a pequena tão galante que por ela se arrasaria Tróia, se Tróia e Gregos houvesse e a sua fronte cingisse o condigno diadema, mostra uma impassibilidade de misógino que me confunde. Por isto, mais que pelo resto, concita a minha franca animadversão. Chego a odiá-lo, o que equivale a dizer que o considero. De facto, ainda que sem nenhuma espécie de estima, admiro estes cavaleiros do progresso, eu o pródigo que derreti a paterna tão inconsideradamente como o viajante que meteu um pedaço de gelo nos alforjes da jornada. Perante eles sinto, num misto de prazer capitoso o trágico, o sortilégio do imenso, do divino *arithmos*, capaz de condicionar meus actos e estorcegar-me no grilhão implacável das suas cifras. A minha imaginativa vê-os como vivos demónios, incarnações vivas do numero. A humanidade é a lousa em que operam e nada mais soberano que a mão crispada sobre o Mundo imprimir direcções ao Mundo. Que venham, porém, do Norte, é á bruta que exploram em sua doce imprevidência os povos da latinidade; que venham dos novos países utilitários, a grosseria deles é larga e rugedora como as botas. Uns e outros, fleugmaticamente, calcam usos, costumes, tendências despertas ou adormecidas, abastardando o que estava e valia a luz eléctrica e o bife a escorrer sangue. Por isso os detesto.

Eu seja embora criatura amorável e revoltada, preso a tradição como um bramane. Sofro de paixões histéricas por uma página de arte perdida numa ruína ou num cunhal de cidade morta. Deleitam-me os velhíssimos beirais vermelhos povoados de ninhos e os vasos de manjericão medrando sobre o encosto duma varanda. E nunca faltei com o *salve-o Deus* ao lavrador que, conduzindo a rabiça do celta, pragueja atrás dos bois. Tudo isto porque meu sentimento teima em venerar nestas frioleiras a procissão interminável dos mortos que me geraram.

Lá vai o homem meditando, desfiando talvez algarismos. À luz, porém, de minhas considerações, sua personalidade de mero produto quantitativo esvai-se, e eu torno à suave companheira pela posse da qual daria todas as minas, todo o aço, todas as montanhas de dólares das Américas, se não a civilização de meus avós.

Mais um arranco vindicativo da latinidade e acabo de riscar de meu espirito a aventesma. Concentro-me todo nela. Só aqui, à minha espádua, a espanholita, sonolenta, desvirtua um pouco a minha entrega. Nas oscilações da marcha, a sua perna toca ao de leve a minha perna. São titilações macias, deleitáveis, e por aí se escoa um sopro de minha voluptuosidade. Um quase nada que não consigo vedar, para me dar a hipóstase absoluta com ela. Mas forço a representação e, sentando-a a meu lado, não é à outra, é ao corpo dela que meu corpo se encosta. E ondas de deleite sobem em meus nervos, umas após outras, cálidas e suaves, e meu cérebro é um receptor embriagado. Mas o comboio penetra no torvelim duma estação, fogos, choques bárbaros, árvores de ferro, discos coloridos. O pregoeiro clama:

—Salamanca!

Salamanca!... Comprei aí, uma vez, na Plaza del Corrillo, um Cristo dulcissimo de Morales. Elsa pendurou-o à cabeceira de nossa cama, propi-

ciatório. E lá está, de olhos tristes, macerados, a presenciar nossas pelejas humanas de amor e tédio.

Entorpeceu o comboio e os minutos decorrem longos como dias de calabouço, caem do relógio ventrudo da *gare*, com uma lentidão peganhosa de gotas meladas.

No cais, em contra dos vultos errantes, só a luz eléctrica dá uma impressão de presença, de estranha personalidade objectiva. Parece que exerce ali o papel animoso de preenchimento. Contra o muro, caras de mulheres serranas vendem pasmo; e, pelo asfalto espelhento das chuvas, um cura desliza manso como palmípede preto num charco. Outros viageiros... mas eu mal me apercebo de seus vultos graves. Sons, vozes de cantina, é como se partissem do cabo do Mundo. Não se sente o pulsar da locomotiva, o nosso pulsar difuso de viajantes. É a imponderabilidade.

A sineta tange afinal, e entro em assonancia com «o de fora». A fonda começou a revessar seu mundo, os malteses de pau e manta que adoram o Menino nos quadros de Ribera, os marchantes de borla no *sombrero*, os carabineiros de filhos à trela. Uma chica passa a cantarolar *El alma de Diós*. Como lesma sobre uma abóbora, o ponteiro negro avança no mostrador branco.

— Não sentes frio, Genoveva? — indaga da damazinha o papá.

— Não; tenho sede.

— O comboio está a partir... Não é sede que mate?

Graciosamente, fazendo acreditar meus bons ofícios, proponho-me ir à cata debebida; e, sem pompa em minha diligência, consigo guiar até ela provida bandeja de águas. Não sei o que murmura sua voz enleada; só lhe fixo o timbre, a musica com que desejaria sair os umbrais desta vida, para eterno gozo da alma. E' a voz pura de uma criança, destas que, em sonhos, ouço a negacear minha mocidade moribunda. Sou assim monstruoso: desperto trago um arrraial comigo, dormindo escuto e vejo os paraisos que se me vão fechando.

Já a sineta deu o segundo sinal, e, no cais, a turbamulta ordena-se. Os sacos de chita subiram já os estribos sujos das terceiras; um harmónio chora. Famulo, seminarista, ou simplesmente menino de coro, um mocinho dirige-se muito desenganado ao cura:

— *El señor obispo no viene...*

O cura abre os braços na mesura larga do *orate fratres* e lento, com esta suavidade oleosa própria de eclesiásticos, desaparece.

Clareia novamente a *gare*. Perante as cabeças broncas de «adoração», as serranas erguem um olhar de lágrimas. O chefe dá dois passos á frente; lá longe, na noite, a locomotiva arqueja, cospe vapor e chama, e a hulha exala o odor acre de vertigem. Um matulão atira a ultima bolsa do correio; no movimento inclinado de alcançar, uma senhora, seguida de dois bébés, acorre.

Terceiro replique: *adiós! id com la Virgen!* e o comboio, estirando os tendões, desamarra. Recuos elásticos das vigas de ferro e dos letreiros, saltos ásperos de placas, a confusão, os fogos todos da cidade cortejando-nos.

Rolamos. Eu fito-a; ela fita-me...

A dama retardatária anda em busca de lugar. Vejo, pelo corredor fora, sua bela cabeça loura sondando os compartimentos, temperando o seu rasgo dum sorriso amável. Atrás, os meninos bocas-abertas e esgrouviados.

Ainda ali há dois lugares devolutos, mas Deus a guie para longe. Gosto de crianças, gosto, muito embora levem meu doido entendimento a reportar-se à coincidência temerosa de sua puberdade em flor com a minha gelada velhice. esta ocasião, porém, detestaria essas crianças alvas, pernaltas, fugidas dum retábulo real de Velasquez, se poisassem entre nós. Quero ir só com *ela*, sem anjos que me aborreçam.

Mas a bela mamã passa adiante.

— Ó papá, porque não apeamos nós também na gare de Austerlitz? O atraso não é grande...

— Ó filha, temos as malas despachadas para o «Quai d'Orsay»...

— E amorável, depois duma pausa: — Logo... amanhã, tornamos a juntar-nos... descansa.

Bom homem, pobre pai, não sonhaste sequer o grilhão que a tua frase despreocupada veio lançar á minha alma erradia. Fosse eu príncipe e terias a filha princesa; pobre, gasto, sem confiança em mim próprio, serei o seu escravo.

O combóio vai saltando, saltando, *rá, rá, rá,* como a cega-rega nas feiras dum batuque negro. Muda agora para o passo pesadão, de urso... penetra num mar de claridade... Austerlitz!

Empunho a maleta de mão e despeço-me; não encontro a emoção que temia e desejava. Apartando os passageiros, aglomerados no corredor, vem Genoveva comigo até a portinhola.

— Adeus! — murmuro.

— Adeus! — soluça ela.

A sua mão crava-se na minha. Que garra de amor! Inesperada, rápidamente, apresenta-me a boca. Beijo-a; nesse beijo dá-me a alma, leva-me a alma.

— Até quando? — pergunta-me, já o combóio abalava.

— Até já... e para sempre! Para sempre!

A sua mão custa a despegar-se da minha; seus olhos fundem-se nos meus. É toda a sua vida em suspensão.

— E para sempre! Para sempre! — torno a dizer, já o combóio despedia.

Lá vai, santo Deus, lá vai, a unica, a inefável!

que poeta. Quanto a mim não me consolo de haver perdido já o melhor da juventude. Era a minha unica opulência; estou quase tão pobre como Job arruinado.

Amei a trouche-mouche mulheres honradas, de nome honrado, e sem honra nenhuma. Tantas, já — loiras, morenas, ruivas; esposas, solteiras, amanceebadas — que, se trouxessem os amantes e os maridos, e estes, por sua vez, as concubinas, provoar-se-iam os lugares publicos duma nova Babilónia. Delas, Maria Paula é a intemerata saudade, Angela meu remorso de egoista. Esta não foi minha amante pelo contra pelo, boca contra boca. Era filha-familia, bonita, rica e prendada. Nas sombras fagueiras do seu jardim antigo, com renques de buxo, altos, uma vara acima de nossas cabeças, o silêncio e os estos da terra luxuriante a incitar-nos ao amor, não cometemos pecado além do venial. Estava eu na sazão em que a meia caricia não basta. Não teve segurança em ousar e enfadou-me; não pude vencer meu enfado e perdi-a. Casou com um bacharel de mãos peludas e legitimista e deve ser feliz. Com ela poderia ter-se desviado o curso do meu destino para a cómoda e branda quietude burguesa. Não que fosse tendência sua: montava a cavalo como uma amazona e regia um carro como aurига do tempo de Perícles, descobrado de lançador de disco. É de crer, porém, que os pantufos familiares me criassem hábitos regrados, de ciumento, bronquitico e sedentário.

Estive tentado em Agosto a fazer-me encontrado com Angela. Um luscio de esperança na minha alma impenitente de D. João; desisti, porque aconteceu ver-me ao espelho quando assim conspirava. Adeus, de tudo tenho feito grande desbarato, menos da loucura, que, graças a uma doce e misteriosa providência, não é cabedal dissipável. Deixei de ser marido modelo, papá de louras crianças, *gentleman-fármer* a experimentar processos estupefacientes de supercultura; fiquei homem livre, nos parênteses da preguiça escrevendo novelas verosimeis e teatro serio para os menos serios que eu. É um exercício penitencial com que hei-de justificar o meu direito ao Paraíso. E lá vou sob o sestro impedoso do «Demónio do meio-dia», hoje com Elsa, amanhã — sabe-se lá com quem? — até a dor de ser um caminhante sem rumo se extinguir na bem-aventurança do imperturbável e imóvel nada. Mas não me resigno a envelhecer, em despeito de copiosa leitura que pratico dos teólogos, que assentaram o pensar de infolio para infolio, e dos filósofos de bom conselho. Cicero, Séneca, Boécio, comigo pregam ao vento! Mais forte que a sua sabedoria é a minha humanidade. Eu sinto, sinto o desespero, para eles miserável, daquele atleta caduco de Crotona, que nas Olimpíadas, de uma punhada com braço nu, abatera um toiro e o levara às costas, sem fadiga, pelo espaço dum estádio; admiro até as vozes lamentosas que costumava soltar ante os moços ágeis que no campo se exercitavam ao disco e ao dardo:

— Braços meus, morrestes!

Também em mim dobra a finados; começa-se a morrer não desde o dia em que se nasce — como rezam os Santos Padres — mas desde o dia em que na nossa cabeleira desponta a primeira ruga. É a hora de entrar para o claustro quem tenha pachorra disso e votar a alma a Deus. Eu sou pagão e iconoclasta, com pena de não poder ser relapso até fim às leis divinas e humanas, e está-me vedada tal sombra.

A tragédia da primeira branca! A noção do tempo trouxe-me ela. Eu sabia lá, apartе a explicação cosmológica, o que era o tempo, embora, em menino, a fábula me houvesse dito que tinha a sua imagem num velho correndo, descalço, pelo fio aguçado duma navalha de barba! Nem as festas de anos, nem a declaração de idade exigida a cada cotovelo da vida civil, nem os horários dos combolos, nem as letras a vencer ou os prazos dados das mulheres me incutiram a noção trivial, a noção útil de

Mas não me estará também mentindo o meu demónio familiar? O interesse sexual não basta para explicar o alvoroço profundo que esta rapariga causou em mim. Voluptuosas e cheias de graça como ela tenho visto muitas... e passei. Não, Genoveva é a mulher que me está destinada pelo concerto profético das coisas, a que não posso renunciar á divina harmonia do Universo!

Mentirei, sim, afoitamente, conscientemente, já que assim é preciso na nossa felicidade. A minha mentira não é para ela, mas contra o meu passado, conduzido por lôbregos caminhos. Dir-lhe-ei que apeio em Austerlitz porque me espera lá... quem? Quem há de ser? Um escritor de nome... um deputado... um médico de Salpetrière... um moribundo? Quinze, vinte minutos mais da sua companhia valem a vida dum homem, a importancia dum deputado, e ela deve sabê-lo. Que motivo supremo posso invocar? Busco, mas não encontro; a minha imaginação é mais estéril que um campo onde correu a lava. No cérebro, nos olhos, na espinha passa-me a onda tépida dum quebranto, levemente doloroso. Amoleço... amoleço e invade-me numa sonolência inquieta.

Comigo fica Genoveva, mas nada de Paris, do mundo. Vago acima das realidades. Aparta-se a doce amiguinha também de mim e, correndo, correndo-lhe no encalço, posto que meus calcanhares tenham a agilidade de Aquiles, não a alcanço. Ás vezes vou a colhê-la e dilui-se num luaceiro menos claro que o sorriso que de quando em quando me lança. É fugitiva como a miragem... Desespero-me, fecho os olhos a correr e, quando os levanto do chão, não a vejo mais. Mas no meu angulo passam vultos ligeiros, com idas e vindas de parada. Têm o passo lépido, o meneio ágil e, como se nêles ou em meus olhos batesse um clarão, reconheço-os. É Maria Paula, meu primeiro, meu grande amor! É Mina a russinha, que com braços rijos algemava meus rins á sua cintura de neve! Espera! aquela é Leonor, que tão bem chorava e parecia o anjo da suavidade! Marta, beberagem letal que trago no sangue, Evelina, loira, de colo de garça, para que vindes aqui? E tu, quem és... que fazes aqui? Reconheço-te, mas nem te sei o nome, ó mocinha das serras, que um dia endoidei no arraial, ao clarão dos balões venezianos e das árvores de fogo preso. Tu deste-me, no dia em que fui procurar-te ao teu povo, uma lição sobre a vaidade das coisas, como nunca sonharam os ascetas nem o «De contemptu mundi». Descias o caminho das hortas, e com uma enxada apanhavas para a cesta que trazias no braço o estrabo dos animais. Se tivesse alma de D. Juan, ficava saturado de mulher. Não fujas, cachopinha que fazias naturalmente, para benefício do teu quintal, o que S. João de Deus fazia para ganhar o Céu. Porque me fugis? Estou velho, bem sei, mas vossas imagens estão na minha alma, imperecedoras e eternas como ex-votos de bronze. Ludibriei-vos? Tudo na vida é ludíbrio, tudo! Mas onde estou eu? No combóio, um combóio que corre como o vento, que não descarrila, prestes a chegar ao porto. Ah, é preciso dizer-lhe que nos separamos em Austerlitz...

— Desço em Austerlitz — pronuncio num murmurio que parece o eco duma voz forte e imperiosa.

— Sai em Austerlitz?... — balbucia ela numa voz branca enquanto seus olhos doloridos me perguntam porquê.

— É forçoso... Compromisso tomado...

Noite picada de luzes... ruidos ásperos... sereias — é o arrabalde de Paris que vai desfilando. A locomotiva assobia fina e prolongadamente. Combóios que cruzam connosco são bólides a uivar.

Genoveva vai de olhos no chão, a face muito afogueada. Subitamente, ouço-lhe dizer voltando-se para o pai:

— Temos, então, o prazer de viajar com um patrício? — pergunta-me à queima-roupa o papá, atirando a gazeta que estava lendo.

Declino uns breves dados sobre a minha caderneta civil e torna ele:

— Reside em Portugal?

— Passo lá uns meses, na quadra da caça e do mosto. A maior parte do ano, como sou livre como um pássaro, vivo ao acaso da inspiração, em Paris, em Berlim, em Veneza... onde calha.

O viajante contempla-me com circunspecto parecer e profere:

— Nós somos dos arredores do Porto e vamos a Montmorency, terra de minha mulher.

Estabelece-se, a certa altura, uma intimidade muito ampla, posto que artificial, entre passageiros. A vertigem — dir-se-ia — provoca a descongelação de preconceitos e reservas que o homem civilizado nutre para com o homem civilizado. Nestas tumbas volantes há que ser, por instinto, solidário e social. Sob a alçada desta lei se achava de certo o papá quando, por veredas quase rectilíneas, quebrou o anonimato comigo. Era arquitecto, e alardeou um papel armoriado dos Ribadalta ventilando o trasteio duma sala de estar em sua vivenda de Verão. Eu ignorava-lhe a existência e tampouco lhe vira o nome nas gazetas, o que é o cumulo a dentro duma profissão liberal na nossa terra de soalheiro.

Arquitecto ignorado ou ignorante, tinha ali uma obra-prima e, admirado eu dela, não podia abtrair de todo dele.

Mas bem me quisera parecer, é uma boa pessoa, noutros termos, um pobre homem. Deve ter as bondades éticas recomendáveis ao homem, mas não aquelas especiais que fazem um homem. Vou jurá-lo: é destes que passam sem deixar sombra; e, sendo desses, e arquitecto, é quase paradoxal.

Divagámos, eu sei lá por onde, da Catedral de Colónia á Ponte sobre o Tejo. Eu falava para ela e, em arte e em beleza, era um arauto da feminilidade. Entretanto estudava-o, como subsidiário da psicologia que sobre a cabeça loura de sua filha ia edificando. Só uma vez, durante a viagem, lhe vi desafivelar a máscara de bondade que me incutia uma dor absurda. Foi quando puxou da carta dos Ribadalta. A mobilidade do rosto parou-lhe no rito dum simples. Mostrou os dentes, sem riso; as gorovinhas da face repuxaram-lhe os lábios; dilataram-se-lhe as narinas. Era uma pobre alma às escancaras, desvanecida.

Em hora normal, detestaria esta criatura. Nunca fui síndico de falências, nem de casas, nem de homens. Temo estes contactos. Como sou supersticioso, julgo-os pelo fenómeno da atracção simpática e fico a duvidar de mim. A minha piedade, aqui, é de fariseu.

Falando-me, não tinha a noção do categórico que existe no monossílabo; contestava-me transigindo; negava-me por uma longa curva de afirmativas; o sim e o não eram equivalentes na sua linguagem. E com o seu «é verdade» «todavia» desarmava-se. Dava-me a ideia dos Horácios que fugiam para acometer. Mas aqui por frouxidão de temperamento e não delicadeza ou subtileza de animo.

Oh! Mas quanto à filha, enlevo era vê-la, deleite da imaginação cobiçá-la. Pela posse de seus lábios, jogaria a vida; para a ter deitada em meus braços jogaria o nome. Como não havia de perdoar ao pobre arquitecto de tanto divino? E entreguei-me todo com lisura, com verdade, que eu, quando me dou, não é mais inocente um cordeirinho de mama.

Trocámos os cartões e ele, lendo o meu, num esforço remissivo de memória declarou:

— Este nome não me é de todo estranho, mas donde...?

Genoveva, para quem o bilhete se encontrava no raio visual, exclamou:

— Oh papá, não te lembras da peça a que nos levou Joaninha? Era deste senhor...

Era o grito de surpresa duma criança contente.

devem-na cobrir até os pés; todavia, na raiz da fronte uma leve penugem infantil branqueija ainda. Que idade tem? doze, quinze, dezassete anos? Impossível atinar; são assim as madonas de Mainardi em que é tão temerário assegurar a criança como entrever a mulher. E' uma criança nos anos, mulher, parece-me bem, no desejo de ser mulher. E que é a vida senão vontade?

Em tão verdes anos, era eu um candido e bisonho donzel, incapaz de jogar um galanteio à rapariga mais confiada. A língua emperrava-me como se tivesse de me exprimir noutro idioma e os meus ademanes eram ridículos e contrafeitos a trair a alma tímida e selvagem que os esculpia. No entanto, em meu instinto experimentava o empuxão misterioso dos sexos. Ante as risadas alacres e os requebros airosos da Eva de saias curtas, a sarça interior da luxuria começava a ardem em mim e milagre era que se lhe não visse fumo nem chama. A moral severa em que me creei operava em minha natureza apaixonada uma retenção que me foi nefasta. A mamã, com grande desvanecimento da sua alma cristã, supunha-me ignorante das leis e processos em que assenta a perpetuação das espécies e daí acuar-me a uma hipocrisia que só não marcou meu animo por uma predisposição forte à direitura o defender de tal lepra. Quando veio a saber que os meus sentidos não eram menos apreensores qu os dos demais mancebos da minha idade, chorou as lágrimas amargas de Santa Mónica ante o filho extraviado. Perdurei, porém, casto, continente, até já tarde, quando o buço me começava a pintar. Depois — ainda a santa criatura teria muitos Invernos a viver — galopei à doida na intemperança mais desenfreada a ponto de vir disparar com trinta e oito anos no cairel da velhice.

Trinta e oito anos a completar para o S. Barnabé, no mês arquijuvenil das cerejas e da passarinhada nova! Espraio olhos, às vezes, pelo porvir, e ante esse lanço outonal da alameda, que me resta a percorrer, batido por um vento de neve, com o pego, no tope, de dois côvados, dentro do qual adquirem o mesmo quilate a voluptuosidade mais canalha e a pureza mais diáfana, minha alma enche-se de terror.

O *De Senectute* de Cícero, que tenho lido e relido a preceito, não me varreu do espírito uma só dessas molestas sombras, como maçagens e unguentos não me atrasaram um só minuto o dealbar dos cabelos na cabeça. Falta-me, de certo, a doutrina estóica e a virtude para trilhar, a passo firme e conformado, a gélica vereda. E' contrária ao curso da Natureza esta náusea, bem o sei; mas como no Dr. Fausto, ao meu génio repugnam as vicissitudes da bela matéria humana.

Acaso seja esta rebeldia um testemunho de mocidade. Porque não? Aristóteles, que aprendeu com Hermia os segredos do amor, estabelecia como idade do perfeito matrimónio vinte anos a mais no homem que na mulher. Podia assim esta donazinha louçã ser a esposa ditosa do churro galaroz que eu sou, consoante as regras da madre filosofia. E consoante as regras da Santa Madre Igreja, a qual, no que respeita à fisiologia do *magno sacramento,* se quarentena novos não aposenta velhos. Podia, se eu, além das brancas que andam a florir meus cabelos castanhos, não sentisse já a borra que o tempo vai exsudando do plasma, uma quebra na elasticidade dos tendões, um vigor prestes quebrantável, e o alfinete artrítico, de quando em vez, mais penetrante que o pior remorso. Lutar com o tempo seria como reacender a peleja dos gigantes com os deuses.

Convenho, ó Marco Tulio Cícero, filho mimoso de Minerva, que as querelas contra a velhice derivam dos maus costumes e não da idade. Mas o homem viveu, não pode refazer a existência como lavrador a uma geira mal lavrada; raros poderão, também, esperar o ocaso com a plácida compostura e gentil indiferença de Fábio Máximo, opulento, virtuoso e respeitado. E eu creio, ó Énio, que, ao comparares o teu descanso glorioso de ancião ao de um cavalo que correu e venceu em Olímpia, não foste mais

VII

Elle s'en va de moy la mieux aimée,
Elle s'en va (certes) et si demeure
Dedans mon coeur tellement imprimée,
Qu'elle y sera jusques à ce qu'il meure.
Oeuvres, Clément Marot.

TODOS três vamos cismando. Às vezes quebramos a cisma por uma pergunta, um nada, lançado por um de nós, sem rebuço e com familiar sem-cerimónia. Entre mim e ela o entendimento — entendimento misterioso e sorvedor com a força louca de mil almas — não pode ser mais profundo. Acanhadas, nossas bocas observam as convenções, não nossas mentes. Candida, habituou-se já a que a beije e a enlace; vergonhosa ainda, já sabe rolar em torno do meu pescoço os braços rijos. Esta certeza vem-me de seu cérebro para meu cérebro como a luz de seus olhos para meus olhos.

Entretanto, perpassa-me na consciência que tenho de quebrar com Elsa, a minha ultima amante, e despedir-me de Paris, a minha grande amante. Tem de ser, será. Ao azar, a primeira resolução, dum olhar de Genoveva a segunda. Por agora, não penso na materialidade estupida desses passos.

O papá vai meditabundo, mas de prazenteiro parecer. O arquitecto ignorado lisonjeia-se da possível associação com o escritor que tem nome. À minha sombra poderá edificar bons ou maus prédios, obter o prémio Valmor, vir a ser célebre, finalidade esta de todo o sujeito que se doutorou em artes. Antevê, talvez, essa aura, ou lê nas gazetas o relato do auspicioso enlace de mademoiselle Genoveva «filha do ilustre arquitecto» com o distinto escritor. Saboreia os nomes dos paraninfos, provávelmente os Ribadalta a uma banda, o Presidente da Republica, com um jogo de escovas de prata em estojo forrado a seda, a outra. Aqui, porém, te enganas tu, papá venerável. Meus padrinhos seriam, serão aquele meu caseiro de quem, em todas as loucuras, ouço, com mágoa, a voz esforçada: «Ei lá, moirisco, ei!» e a velha ama que me criou.

Singelo, crê em meu entusiasmo, na dignidade de meus pensamentos e faz-me justiça. O Sardanapalo que bole em mim cobiça Genoveva legalmente.

Genoveva, mesmo quando poisa nos meus os olhos lentos, divaga. Divaga no paraíso terreal a que a levei, e é tão ditosa hoje como dificilmente poderá sê-lo amanhã, ainda que eu alcatife de flores o seu caminho. Todos os génios benignos voltejam em torno da sua fronte em fogo; há sol na terra e musica nos céus. Sua alma é uma epifania.

Eu deliro e reflexiono consoante a deixa fortuita que me vem ao espírito. Acabou-se, mando bugiar Paris e Elsa e, na montanha, com a

Quedou-se ele um momento silencioso a buscar equilibrio para aquela circunstancia e disse, batendo na testa:

— *Á Ponte do Fumo*... agora me lembro! Senhor, admiro-o. Tenho muita honra em conhecê-lo.

Ela sorria-me; com ênfase, proferi:

— O teatro é uma arte fácil, minha senhora. Quatro pessoas, uma corda que as ate, um tombo ao mar; umas que nadam, outras que não sabem nadar... Aí está o teatro de tese... o meu.

Genoveva era minha leitora; conhecia a meia duzia de trabalhos publicados, romances sem viscondessas, contos sem padres-curas. Ignorava, porém, o livro mais recente, e mais inofensivo: *O Pavão é o rei dos animais*. Rasgadamente fui à mala e ofereci-lhe o exemplar que levava para Elsa.

Depois o silêncio poisou entre nós, remoendo eu e ela nosso conhecimento de longe. O comboio devorava... devorava o railhe. Saltos, balanços, o rangido rispido dos rodados ao inscrever-se nas curvas estreitas despertaram a espanholita à minha banda. Um momento saboreei seu desprevenido alvorocer: imarcessivel frescura, langor e os poros carregados duma eléctrica voluptuosidade. Um momento, para logo repor a solidão em volta de mim e da dulcissima criança. O seu semblante afável dizia-me: «Ora quem o senhor é! Um homem celebrado. Mas tem o ar melancólico... Não terá sido feliz?».

Vaidoso e infatuado como lord Byron, tive a veleidade de descobrir isto e considerei:

«Almazinha que fiz vibrar e amar com as figuras que desdobrei de minha alma monstruosa, onde irás tu? Os nossos destinos têm já muitos pontos de intersecção; quem sabe?! Velho fauno incorrigivel — advertiu voz sensata — tu vais no pendor quando ela começa a subir a colina da vida. Nem te alcança, nem a podes esperar. Só uma *Ponte do Fumo*, em que escurecesse vossa razão e vosso passo, vos poderia levar um ao outro!»

ciosa de doce apreensão, em sapatinhos brancos que minha pressa não deixou descalçar, meter para a alcova branca. Não terei vergonha de gozar a sua jucunda vergonha. Desabotoá-la-ei eu próprio, começando pelos chapins, de joelhos ao pé pequenino que primeiro me sugestionou no percurso de Espanha. Esse pé que a trouxe até mim receberá a primeira oração de graças. Em seguida, caberá aos seios carícia tão suave como a do violinista mais divino ao mais estranho estradivário. A boca, confrangida de enleio, será roçada pela asa branda de alguns beijos. Para logo, o vigor de quem mata a sede. Pedirei ás suas mãos que não cubram os olhos e aos olhos que dêem aos meus a paga de ver. Beijarei mais, com ardor, onde for mester ardor, com brandura onde se requer leveza. Deixar-lhe-ei desatar os cabelos, pelo amor que tenho aos braços erguidos em asa, dando á euritmia do tronco o esgalgado das anforas de Micenas. E, na brenha fragrante, serei o raposo esfomeado triturando a tenra pombinha maviosa.

Assim será... assim será!

Neste enlevo se passam horas e horas. Não sei se durmo, se vou acordado. Subitamente o papá anuncia-me á queima-roupa:

— Vamos no vale do Loire.

Ah! Elsa virá «Quai d'Orsay» e, chamando «petit coco», tapar-me-á a boca com beijos desenvergonhados. Sinto as torturas do pobre homem que, por caminho infestado de quadrilhas, vai carregando um tesouro. Salteia-me o pavor do ridiculo e do afrontoso que poderão sobrevir em tal passo. Entretanto, Genoveva não pára de me dizer com vozes e olhares de anjo todos os amáveis nadas da ternura. Vou assim embalado, entre atribulação e amor, e o ritmo das cem rodas torna-se o ritmo da dualidade que me disputa.

De repente ocorre-me: porque não desço eu em Austerlitz? Sim, em Austerlitz, onde o combóio tem a paragem de um minuto, a tempo, se saltar para um automóvel, de colher Elsa no «Quai d'Orsay», donde só há de sair quando tiverem desarvorado todos os passageiros, estou a vê-la, como uma bicha rabiosa. É um estratagema prático, fácil de mascarar, tanto para Genoveva como para Elsa, com os pretestos mais razoáveis deste mundo. Não é mau o expediente, mas custa-me passar a esta doce criança a esponja odiosa da mentira.

Não sei que faça, e neste lance voltam novamente a assaltar-me todas as alcateias da duvida. Repugna-me empregar a mentira, e que sou eu, afinal, em face dela, senão mentira? Mentira este verdor que aparento e é um inverno envergonhado. Mentira a firmeza que atribu-o a uma paixão, igual na força e na sinceridade a tantas outras que fui deixando na esteira da minha sentimental vagabundagem. Mentira ainda que esta rapariga — flor na primeira madrugada — possa amar perduràvelmente ,com dignidade do pensamento e dos sentidos, o velho que está dentro de mim e, mais dia menos dia, não tardará em vir á praça. Imagino amá-la de verdade e o que esta mocinha desperta em mim é puro apetite sensual. A minha paixão é satiriase, a satiriase que bole no meu sangue de moiro, e rasteja, enternece-se, suspira, orna-se de santidade e delicadeza, até alcançar. Depois, o nómada de hábitos e de sentimento reage, e a mulher fica o peso morto, a coisa enfadonha que não valeu as ansias e o labor da conquista como tudo uma vez conquistado. Eu e todos os da minha raça, ainda os mais espirituais, não compreendemos a mulher senão como objecto de gozo. A sua alma, o mimo da sua brandura, o perfume do seu espírito, os encantos da sua fragilidade são coisas mortas para nós. Só a sua carne nos interessa. Daqui a raça triste, feia de alma e de corpo, que envilece a mais bela faixa de terra debaixo do mais belo sol.

Genovevasinha a costurar bibes de meninos, comporei romancitos para lerem angelicais donzelas e pudibundas mamãs, de óculos ferrados na ponta do nariz. «La Ville Lumière» será relegada a teatro exclusivo de nossas estroinices intercorrentes. Podarei as vinhas, plantarei árvores, baterei as lebres, velarei por agros e pomares. Remoçado, á noite na alcova, rescenderei os másculos perfumes da Natureza, nossa mãe. E serei um Hércules de amor.

O combóio galga, abreviando de horas esse destino. Outra vez ouço a orquestra ciclópica do aço. Estes vagões de França enrouquecem a cantar; os de Alemanha são surdos como canoas nas águas mortas dum lago. A maldita ária, por associação de ideias, leva-me ao pensamento que me minava na planura castelhana. Com amargor me choro de não ter um corpo ágil e fresco e menos anos sobre as espáduas para, sem sombra de pusilanimidade, poder amá-la e chamar-lhe minha. E logo um dos meus anjos custódios — não sei se o bom se o mau — me fala:

— Tão depressa desejas como aborreces. Deixa esta criança, outro tem direito a ela.

Punge-me uma dor profunda e, entontecido, largo para o corredor a fugir da presença que me torna, ao mesmo tempo, feliz e desgraçado. Encosto a fronte ao vidro da janela como refrigério á febre que me abrasa. O corredor está deserto. A noite é enovelada e negra, enovelada e negra como minha alma pávida e ansiosa ante o cálix de amor. Apagaram-se as estrelas, o crescente lunar, e sinto um ritmo misterioso ligando o meu pesadume ao da treva. Não se descobre um atalho, a mais fugaz direcção. Desapareceram as formas, fundidas no negrume. Como o ar sobre o voo da andorinha, a noite fecha-se sobre o fogaréu da fornalha, trémulo, lá adiante, nas curvas, e sobre a vaga espectral, rompente, do combóio e das espaldeiras marginais. Assim será do destino sobre esta correria dementada do meu desejo, em-pós de Genoveva. Mas ela vem ter comigo e diz-me:

— Vai triste... Em que pensa?

— Em si, Genoveva.

— E sou eu a causa da sua triteza?

— Desconfio da minha grande ventura...

— Não fale assim que me magoa. Olhe, — tornou depois dum pequeno silêncio em que os seus olhos banharam os meus de suavidade — antes de partir encontrei no jardim o trevo das quatro folhas. Não significa ventura?

— Dizem que sim. Guardou-o?

— Tenho-o aqui. — E, tirando-o do vão do relógio e dando-me acrescentou com uma vózinha cantada de meiguice, acentuadamente infantil: — Então já vê que pode estar descansado.

Beijei-o e á mão de neve que mo oferecera. Quase desmaiei de inebriado. Este beijo, aceite sem temor, abalou minha alma e minha carne, deixá-la-á abalada para todo o sempre, até o meu frémito derradeiro.

Sou feliz, feliz, feliz, e minha alma delira dentro do mais gazozo paraiso que Deus e os homens inventaram.

A perspectiva do matrimónio até agora execrável, consumado perante o camarada da rapioca universitária, o gordo e florido dr. Acácio, oficial do registo na minha serra, antolha-se?me sem náusea. Um mês antes e depois falarão as meninas da Beira. Meu irmão envergará a labita que, para me visitar em Lisboa, mandou talhar há dez anos. Rapazes e moças da aldeia — como nas operetas — dançarão em roda.

Entrevejo, sobretudo, a hora suprema, quando ela rosada e silen-

III

> Intimamos à los viejos por fuerça, à los podridos y no maduros... — Que no puedan enamorarse, y mucho menos dario à entender, ni assentar plaça de galanes, en pera de risa de todos; podràn empero passear los cimenterios, donde embiò à uno cierta gentil dama, como apalabrado con la muerte.
>
> *El Criticon*, Lorenzo Gracian.

LUMINOSAS, as pupilas de Genoveva fitavam-me. E não me pude tolher de assestar sobre elas um olhar terno, olhar de genuflexão perante tão subida mercê, e de agradecimento à beleza universal que semeia flores na vereda das feras, e faces pulquérrimas no trajecto hostil de Castela. E, novamente doido-varrido, o meu espirito interrogou: «Qual será a rota desta almazinha? Qual será, entre os mais felizes dos homens, o primeiro a beber em lábios tão amáveis?».

Oh! não seria eu, homem amolentado a desejar e a possuir, para quem os trinta e oito anos começavam a pesar como outros tantos robles vindos de Noé. Não, não podia ser eu! No meu peito havia ainda fogo para seduzir uma viuva alegre, mais nada. Mas embora, ao sentir aqueles olhos limpidos debruçados sobre mim, uma ternura nova pairava acima do meu pensamento crapuloso como sol sobre água choça.

A locomotiva esfalfava-se na campina coberta de breu, por um lado, meu espirito a correr à rédea solta, por outro, meu ouvido a distinguir no rumor bárbaro do comboio uma melodia larga e majestosa. Nela se aliava ao eco dos espaços, batidos pelo vento, o esbravejar das forças reprimidas como corcéis de guerra. E era mais soberana que a voz do mar, em que mal tremeluz uma nota à glorificação do homem. Depois, variações sinfónicas, duma opulência vagneriana, desenharam-se a meus ouvidos. Coros reais, orquestrações de alta dinamica, as gamas todas do aço cantando inspiradamente. Porque não há artista que traduza as melodias estranhas dum comboio projectado em bólide, aquele *leitmotiv* tão dominador da corrida, todo o batuque ciclópico do monstro?

Genoveva! Chama-se Genoveva esta criança que diante de mim quer ter a compostura de mulher afeita ao turbilhão das cousas. O nome é perfumado como as amendoeiras em flor. Que idade terá? As espáduas são de mulher, os olhos, porém, conservam toda a mobilidade inestilizável das crianças. São quentes, mas não seguros. Não me fitam com demora e morrem pela curiosidade de se banhar nos meus. Seduz-me diabolicamente, porquê?

Inegavelmente porque estou gasto e ela é um botão de rosa; porque sou depravado e ela é pura. Eu sou um abrir de Inverno. O queixo dela é, ao contrário do pai, um queixo de vontade. Os cabelos, enrolados à Greuze,